

Discipulado como processo de formação espiritual na juventude: Ferramentas e métodos utilizados na evangelização e discipulado com jovens

**Discipleship as a Process of Spiritual Formation in Youth: Tools and
Methods Used in Evangelization and Discipleship with Young People**

Marcus Vinícius de Lima Brelaz¹
Janaine Vasconcelos²

RESUMO

O discipulado como parte importante no processo de Formação Espiritual na Juventude é um assunto pertinente, onde há possibilidade de explorar e agregar valores aos jovens nesta era contemporânea. Este artigo científico busca investigar as ferramentas e métodos utilizados na evangelização e discipulado com jovens, com o objetivo de identificar estratégias eficazes para a formação espiritual nessa faixa etária. No entanto, os jovens enfrentam desafios e riscos significativos, como pressão social, influência das redes sociais, problemas de saúde mental e desafios espirituais. Para superar esses desafios, estratégias eficazes incluem abordagem personalizada, foco na relação, ensino bíblico contextualizado e encorajamento à comunidade. Optou-se por ser utilizado a metodologia bibliográfica para a construção do artigo científico, com autores que destacadamente tem domínio sobre o assunto, como o teólogo e pastor europeu Dietrich Bonhoeffer, o teólogo e pastor brasileiro Diogo Carvalho e o teólogo e pastor norte americano Mark Dever.

Palavras-chaves: Discipulado, Métodos, Juventude.

ABSTRACT

Discipleship as an essential part of the spiritual formation process among young people is a highly relevant topic, offering opportunities to engage and instill values in youth in today's contemporary world. This academic article aims to explore the tools and methods employed in youth evangelism and discipleship, with the goal of identifying effective strategies for spiritual development in this age group. However, young people today face significant challenges and risks, such as social pressure, the influence of social media, mental health issues, and spiritual struggles. To address these issues, effective strategies include a personalized approach, relationship-centered engagement, contextualized biblical teaching, and encouragement of community involvement. This article is based on bibliographic research, drawing upon the works of renowned scholars and practitioners in the field, such as the European theologian and pastor Dietrich Bonhoeffer, the Brazilian theologian and pastor Diogo Carvalho, and the American theologian and pastor Mark Dever.

¹ Graduando em Teologia pela (FABAT); Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UNIMETRO).

² Mestranda em Cognição e Linguagem (UENF); Pós-graduada em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão (FABAT); Graduada em Teologia (FABAT).

Keywords: Discipleship, Methods, Youth.

INTRODUÇÃO

A construção espiritual de uma juventude nos dias de hoje é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas igrejas cristãs tradicionais e contemporâneas. Estamos vivendo hoje em uma era que evolui constantemente e passa por rápidas transformações culturais, sociais e tecnológicas, isto têm gerado impactos diretos e significativos na construção da identidade, caráter e dos valores dos jovens. A juventude é uma fase crucial para a construção de valores, crenças e práticas que influenciarão a vida adulta.

Diante deste contexto, o discipulado cristão surge como uma alternativa essencial para o desenvolvimento emocional, amadurecimento espiritual e o fortalecimento da fé em meio às turbulências do mundo moderno. Bonhoeffer³ afirma que: A prática do discipulado, quando verdadeiramente fundamentada nos ensinamentos de Jesus Cristo e no Relacionamento Discipulador, é apontada por diversos estudiosos como um caminho eficiente de crescimento espiritual.

Em muitos contextos, a abordagem ao discipulado ainda é restringida a métodos tradicionais e pouco atrativos para a nova geração, o que certamente compromete seu objetivo e efeito. Isso levanta a seguinte questão-problema: de que forma o discipulado pode ser compreendido e aplicado como um processo de formação espiritual relevante e transformador na vida dos jovens cristãos?

Estudos recentes têm evidenciado a necessidade de uma abordagem mais contextualizada e relacional do discipulado juvenil. De acordo com o grupo Barna⁴, em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, mostrou que apenas 15% dos jovens cristãos consideram a fé como uma prioridade em suas vidas. Porém, grande parte dos que se afastam dos caminhos de fé tomam essa decisão por não encontrarem espaços significativos de inclusão e discipulado em suas comunidades. Diante dessas evidências, claramente existe uma circunstância significativa na maneira como o discipulado é abordado entre grupo.

Este trabalho tem como objetivo estudar e aplicar o relacionamento discipulador

³ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Editora Mundo Cristão, 2016.

⁴ BARNA GROUP. **The State of Youth Ministry: How Churches Reach Today's Teens - and What Parents Thinks About It**. Editora Barna Group, 2016.

como parte importante no processo de formação espiritual da juventude, buscando compreender seus fundamentos bíblicos e teológicos, identificar os principais desafios de sua prática nas igrejas locais e propor caminhos que tornem o discipulado mais eficaz na formação de jovens discípulos de Cristo Jesus. Justifica-se esta pesquisa pela urgência de oferecer subsídios teóricos e práticos que auxiliem líderes, pastores e educadores cristãos a implementar processos de discipulado que realmente impactem a vida dos jovens, fortalecendo sua fé e compromisso com o Evangelho em meio aos desafios do mundo atual.

1. DEFINIÇÃO DE DISCIPULADO

O conceito de discipulado, conforme apresentado nas Escrituras Sagradas, vai além de um simples ensino religioso. Discipular é um chamado de Cristo à formação de vidas moldadas segundo os seus ensinamentos e exemplo. No novo testamento, o termo "discípulo" (do grego *mathētēs*) refere-se àquele que aprende, segue e imita o mestre. Jesus, ao iniciar seu ministério, convocou pessoas comuns para o seguir, vivendo com Ele, ouvindo Seus ensinamentos e participando ativamente de Sua missão, acompanhando-o, negando a si mesmo, tomando a sua cruz e seguindo os seus passos (Lc 9:23).

A Bíblia apresenta o discipulado como um processo de transformação que visa tornar os discípulos mais semelhantes a Cristo. Essa chamada implica uma mudança radical na vida dos discípulos, que devem deixar tudo para seguir a Jesus, como afirma Bonhoeffer:

No Discipulado, o ser humano deixa o duro jugo de suas próprias leis e vai para o jugo suave de Jesus Cristo. (...) O mandamento de Jesus é duro, implacavelmente duro para quem se opõe a ele. Porém, o mandamento de Jesus é suave e leve para aquele que se lhe submete de bom grado. (...) Seu mandamento não visa jamais destruir a vida, mas conservá-la, fortalecê-la e curá-la.⁵

O discipulado bíblico envolve não apenas transmissão de conhecimento, mas transformação de caráter. Trata-se de um processo relacional e espiritual que busca conformar o discípulo à imagem de Cristo (Rm 8:29). Carvalho⁶ enfatiza que: “Todos

⁵ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Editora Mundo Cristão, 2016, p.13.

⁶ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 15.

sabemos que o nosso chamado primordial é fazer discípulos (Mt 28:18-20). Mas entre saber e fazer há uma enorme distância. Poucos membros de nossas igrejas podem dizer que já produziram um novo discípulo ou que atualmente estão no processo de produzir um". Nesse sentido, o discipulado não pode ser reduzido a um programa ou evento, mas deve ser entendido como um estilo de vida cristão comprometido com o crescimento espiritual e a maturidade na fé.

Para os jovens, essa prática tem uma importância ainda mais significativa. A fase da juventude é marcada por questionamentos, construção de identidade e busca por propósito. "Como pode um cristão mais jovem lidar com o desânimo e a dúvida quando um amigo se afasta da fé? Por meio do apoio e do conselho da igreja", assim como disse Dever:

É assim que qualquer conversa acerca de como discipular outras pessoas devem começar: lembrando do significado de seguir Jesus. Discipular significa ajudar o próximo a seguir Jesus. Fazer discípulos é um relacionamento em que se procura exercer uma boa influência espiritual sobre alguém ao tomar a iniciativa, ensinar, corrigir, servir de modelo, amar, ser humilde, aconselhar e inspirar.⁷

Pode-se observar que no presente século, a juventude tem se perdido em meio a facilidade das informações e o quanto ela o prejudica, adentrando ao conformismo de propostas seculares e grupos de um mesmo pensamento social.

O conhecimento malicioso quando buscado e experimentado pelo jovem, logo se torna difícil de o reverter, pois interfere na maneira em que se deve pensar, agir, pertencer e agradar a si mesmo e ao próximo. Uma vez perdido em paradigmas, dúvidas e más conselhos, a juventude tende a se perder de tudo o que a bíblia define como verdade, no seu caráter, sua cultura, convicção e fé.

Segundo Hull, o discipulado é definido como: "Um processo de formação espiritual que visa transformar a vida dos discípulos, tornando-os mais semelhantes a Cristo"⁸, é sobre ser reconhecido como um pequeno Cristo, não no sentido de assumir sua glória, mas de viver seus ensinamentos sobre ser uma representante do reino de Deus no mundo. Nesse sentido, o discipulado não é apenas uma questão de transmitir

⁷ DEVER, Mark. **Discipulado**: Como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. Editora Vida Nova, 2016, p. 66-67

⁸ HULL, Bill. **Conversão e Discipulado**: Você não pode ter um sem o outro. Editora Thomas Nelson, 2022.

informações, mas sim, de ajudar os discípulos a desenvolver uma fé profunda e duradoura, é também se preocupar em como transformar o mundo com bons princípios, bom caráter e integridade, como Bonhoeffer afirma:

Cristianismo sem Jesus Cristo vivo permanece um cristianismo sem discipulado, e cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Jesus Cristo; é apenas uma ideia, um mito. Um cristianismo em que exista apenas Deus Pai, mas não Cristo como seu Filho vivo, anula por completo o discipulado; nele existe a fé em Deus, mas não o discipulado. Somente porque o Filho de Deus se fez humano, e por ser Mediador, é que o discipulado se torna o relacionamento correto com ele. O discipulado está comprometido com o Mediador e, onde quer que se fale adequadamente do discipulado, fala-se do Mediador Jesus Cristo, o Filho de Deus. Somente o Mediador, Deus que se fez humano, pode chamar ao discipulado.⁹

O discipulado também pode ser compreendido como uma mudança e adaptação pedagógica e espiritual contínua, no qual a fé é vivida e transmitida por meio de relacionamentos intencionais. Ele se baseia na dinâmica de vida compartilhada, na vida na vida, onde quem discipula, não se dispõe a somente ensinar, corrigir, aconselhar, mas se coloca a disposição de caminhar, chorar e se alegrar junto, viver de forma intencional em sua rotina, com o propósito e objetivo de permitir que o discípulo ao caminhar junto, aprenda de forma prática e dinâmica por meio de seu exemplo, o seu bom testemunho e a como ser diferente em sua convivência diária, seja em seu círculo familiar, seu círculo educacional, como também em alguns casos, seu convívio profissional.

Mediante esta perspectiva, discipular é formar por meio da presença e do envolvimento, valorizando o acompanhamento pessoal como meio de crescimento e amadurecimento na fé cristã. Assim, o discipulado resgata a dimensão comunitária do Evangelho, rompendo com a ideia de uma espiritualidade individualista, mas sempre pensando no bem comum, em uma sociedade melhor, em uma mudança plural a partir de sua vida e exemplo, a todos aqueles que estão ao seu redor, como Carvalho enfatiza:

Precisamos fazer discípulos de Jesus, sim, no sentido de levar pessoas ao arrependimento e à fé nele a fim de que sejam salvas, mas também precisamos fazer discípulos de nós, o que significa desenvolver com elas relacionamentos de cuidado, ensino e aperfeiçoamento, para que também essas pessoas sejam levadas à multiplicação. Isso é o que chamamos de

⁹ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Editora Mundo Cristão, 2016, p. 34.

relacionamento discipulador. Não poderemos desenvolver esse tipo de relacionamento se não estivermos abertos a ter discípulos.¹⁰

Em outra perspectiva relevante, observa-se a questão do discipulado como parte de um processo missionário. Isso vai significar que o verdadeiro discípulo não apenas aprende e cresce espiritualmente, mas entende o seu verdadeiro significado, sua identidade em Cristo e é também impulsionado a fazer discípulos semelhantes a ele, cumprindo assim a Grande Comissão de Jesus (Mt 28:19-20). O discipulado, portanto, é cíclico e multiplicador, quem é discipulado, discipula outros, quem em um momento recebeu a mensagem, passa a ser um mensageiro. Dessa forma, ele contribui para a expansão do Reino de Deus, formando cristãos ativos, engajados e conscientes de sua vocação. Na vida dos jovens, isso assume um caráter ainda mais desafiante e transformador, pois o discipulado os convida não apenas a receber, mas a participar ativamente da missão de Deus no mundo, encontrando propósito, identidade e pertencimento.

2. FERRAMENTAS E MÉTODOS

A evangelização e o discipulado de adolescentes e jovens exigem uma atenção detalhada e integrada, deve ser considerado as suas necessidades espirituais, emocionais, físicas e sociais. A falta de interesse dos jovens pela igreja se deve à sensação de não terem um espaço real, sendo vistos apenas como espectadores. Eles se sentem julgados e ignorados, e suas dúvidas não são ouvidas, fazendo com que a fé se torne uma mera performance sem significado.

2.1 Uma abordagem flexível

Uma abordagem eficaz ao discipulado de jovens deve ser flexível e adaptável aos seus interesses e necessidades em constante mudança. Muitos líderes focam apenas no batismo, negligenciando a importância do acompanhamento contínuo. É nesse período pós-batismo que surgem dúvidas e desafios. A falta de acompanhamento individualizado pode levar os jovens a perder o interesse na fé cristã, no compromisso com a cruz e na graça recebida, Bonhoeffer explica que:

Sim, ele gostaria de fazer algo extraordinário, e não poder fazê-lo é, sem dúvida, muito difícil para ele, tendo de continuar a viver no mundo real.

¹⁰ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 33.

Contudo, ele tem de aceitar viver desse modo, abrindo mão de sua vontade, renunciando viver de modo diferente dos demais. Tem de deixar a graça ser simplesmente graça, (...) A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesiástica, é a comunhão sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado.¹¹

É fundamental avaliar e ajustar constantemente as estratégias de evangelização e discipulado para jovens. Os líderes devem analisar a eficácia de suas abordagens e adaptá-las para garantir um discipulado efetivo. Uma vida de oração, estudo bíblico e comunhão entre os irmãos serve como exemplo e testemunho, ensinando os jovens a seguir a Cristo e a praticar seus ensinamentos, Carvalho enfatiza:

"Olhe para Cristo e não para mim" é o que costumamos dizer. É claro que Cristo é o nosso modelo maior, o nosso alvo. Porém, algumas vezes usamos essa frase só para nos esquivar de discipular alguém que provavelmente quer ver em nós um exemplo do que é ser um verdadeiro discípulo. Até estranhemos as reivindicações paulinas de que os irmãos deveriam ser seus imitadores.¹ Ficamos a ponto de considerá-las arrogantes.¹²

2.3 Estudos bíblicos, oração e mentoria

Os estudos bíblicos desempenham um papel fundamental na formação de um jovem, pois certamente oferecem uma base sólida de valores que direcionam suas convicções e escolhas em meio a um mundo cada vez mais instável. Em um aspecto social, a Palavra de Deus ensina sobre o respeito ao próximo, a empatia, a misericórdia, a humildade e o amor ao semelhante, contribuindo e formando jovens mais conscientes, solidários e preparados para viver em comunidade, como conceitua Dever:

A relação cristã de discipulado e o ato de discipular giram em torno de amara Deus com nossa mente. Devemos desejar conhecê-lo e ajudar os outros a conhecê-lo da forma que ele se revelou na Palavra.¹³

A oração e o estudo bíblico certamente agregam benefícios espirituais e

¹¹ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Editora Mundo Cristão, 2016, p. 20.

¹² CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 33.

¹³ DEVER, Mark. **Discipulado**: Como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. Editora Vida Nova, 2016, p. 78.

emocionais. O relacionamento íntimo com Deus fortalece a fé, direciona a vida e oferece consolo em momentos de dificuldade. A oração e a Palavra funcionam como âncora, revelando ao jovem que ele não está sozinho e que sua vida tem propósito dentro do plano divino de amor e salvação.

A mentoria também é uma ferramenta indispensável na construção de um jovem segundo o coração de Deus, pois na mentoria se abrangem o direcionamento, o apoio e os conselhos de sabedoria durante os momentos decisivos da vida. O mentor se torna uma referência positiva, um bom exemplo, alguém que inspira e encoraja, ajudando o jovem a observar caminhos que talvez não poderia enxergar sozinho. A Bíblia nos mostra esse princípio na relação entre Paulo e Timóteo.

A mentoria fortalece a fé do jovem ao oferecer um espaço seguro para crescimento espiritual, orientação e prestação de contas. O mentor compartilha experiências e verdades bíblicas, ajudando o jovem a entender a vontade de Deus. Emocionalmente, a mentoria proporciona acolhimento e segurança, contribuindo para a construção da identidade e o fortalecimento emocional, especialmente em momentos de crise.

3. DESAFIOS E RISCOS

Jovens enfrentam uma enorme variedade de desafios, propostas e riscos que podem afetar sua conduta espiritual, a formação de caráter e pensamento e sua relação com Deus. Esses desafios e riscos podem ser internos ou externos, e podem ser diferentes dependendo do contexto e da cultura em que os jovens estão inseridos. É fundamental que o discipulador esteja consciente desses desafios e riscos e desenvolvam estratégias para alcançar e ajudar os jovens a superá-los. Isso pode incluir a criação de um ambiente seguro e de apoio por meio de programas e projetos, a oferta de orientação e aconselhamento em grupos de apoio, e a promoção de práticas espirituais saudáveis por meio do discipulado e do bom testemunho.

Os desafios e riscos que os jovens enfrentam podem ter consequências significativas para sua saúde mental, emocional e espiritual. Portanto, é importante que os discipuladores sejam proativos em abordar esses desafios e riscos e em oferecer apoio e orientação aos jovens. É importante lembrar que cada jovem é único e pode enfrentar desafios e riscos específicos.

3.1 Pressão social

A pressão social é um dos desafios mais enfrentados por jovens, atualmente vivemos em uma sociedade que valoriza aparências, status, aceitação e engajamento a qualquer custo. Para a construção do pensamento social de um jovem, essa pressão pode o levar a tomar decisões contrárias aos seus princípios, sua convicção, sua fé, apenas para se encaixar em determinados grupos, resultando em perda de identidade, relacionamentos tóxicos e comportamentos prejudiciais, que em sua grande maioria acabam sendo mais dinâmicos e satisfatórios.

A busca constante por aprovação externa enfraquece a autoconfiança e alimenta sentimentos de inferioridade. A Bíblia nos alerta sobre isso em Romanos 12:2: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento...”¹⁴, foi recebido um chamado para resistir à pressão de ser igual aos outros e viver com propósito e convicção, com uma certa facilidade a juventude tende a explorar mais as propostas do mundo, e essa busca acaba puxando outra busca, e ao final de tudo, só o que se encontra é frustração, arrependimento e ansiedade, por não se encaixar em nada, por nunca se estar satisfeito e por querer impressionar os outros, assim como expressa Dever:

Vivemos como estrangeiros e forasteiros em um mundo antagônico, sempre enfrentando a pressão para o conformismo. A Bíblia, porém, nos manda resistir a essa pressão. Devemos ser “inculpáveis e inocentes, filhos de Deus sem mancha em meio a uma geração corrupta e perversa, em meio à qual resplandeceis como luzes no mundo” (Fp 2:15). Por isso os cristãos sempre precisam ter exemplos melhores de piedade diante de si: “Irmãos, sede meus imitadores e mantende os olhos em quem anda de acordo com o exemplo que tendes em nós” (Fp 3:17).¹⁵

A pressão social pode afastar o jovem de sua fé e convicção, fazendo com que ele menospreze sua vida com Deus para priorizar seu relacionamento para com os outros. Muitos abandonam a oração, a leitura da Palavra e até a comunhão na igreja por medo de serem rejeitados ou julgados, que acaba resultando no esfriamento espiritual. Isso gera um vazio interior e afeta diretamente a saúde emocional, resultando em ansiedade, culpa e até depressão, por nunca ser correspondido. A comparação constante

¹⁴ BIBLIA, NVI. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

¹⁵ DEVER, Mark. **Discipulado**: Como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. Editora Vida Nova, 2016, p. 74.

e o medo de não ser “suficiente” destroem a autoestima e obscurecem a verdadeira identidade em Cristo. Por isso, é essencial fortalecer os jovens com valores firmes, comunhão com Deus e ambientes saudáveis, onde possam ser quem são, sem a necessidade de se moldar à pressão do mundo

3.2 Redes sociais

As redes sociais exercem uma influência negativa significativa na vida dos jovens, levando a distorções da realidade, comparações constantes e sentimentos de inadequação. A busca por aprovação online afeta as relações reais e a comunicação autêntica. O uso excessivo das redes sociais pode enfraquecer a fé, substituindo atividades espirituais por consumo de conteúdo superficial e potencialmente prejudicial, desviando os jovens dos princípios cristãos, podemos ver estatisticamente pela Pesquisa Brasileira de Mídia:

Num recente levantamento sobre os hábitos de informação dos brasileiros, a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015)¹⁶ chegou à conclusão de que 48% dos brasileiros usam a internet, 26% dos quais todos os dias. Esses usuários ficam conectados, em média, 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos fins de semana. Entre os com ensino superior, a média diária sobe para 5h41, de segunda a sexta-feira. Segundo a pesquisa, 92% dos internautas estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o Whatsapp (58%) e o Youtube (17%).

A juventude passa a viver em função de criar uma boa imagem, um estereótipo, se valorizando e esquecendo de quem realmente é em Cristo, sua convicção, sua identidade e propósito. Desafios espirituais enfrentados pelos jovens também são reais e muitas vezes silenciosos, mas com efeitos profundos em todas as áreas da vida, e podem se manifestar de duas formas, como afirma Contaifer:

A batalha espiritual apresenta-se de duas formas mais comuns: o confronto dramático e explícito - como em um caso de possessão demoníaca, por exemplo - e a luta interior do crente contra impulsos carnis que precisam ser vencidos.¹⁷

3.3 Espiritualidade ameaçada

¹⁶ <http://blog.planalto.gov.br/brasileiros-ficam-mais-tempos-conectados-que-assistindo-tv-confirma-pesquisa-de-midia-da-secom/>. Pesquisa realizada em 13/09/15.

¹⁷ CONTAIFER, Valdeir. **Fazendo Discípulos no mundo em trevas**: como vencer a batalha espiritual na missão. Editora JMN, 2017, p. 24.

Em uma fase marcada por questionamentos, mudanças e busca por identidade, o jovem pode ser facilmente influenciado e atacado por dúvidas, crises de fé e tentações que abalam sua caminhada com Deus. Espiritualmente, isso enfraquece sua comunhão, o afasta da oração, da Palavra e do propósito que Deus tem para sua vida. Essa distância gera um vazio que nada neste mundo consegue preencher, Contaifer ainda afirma:

Estamos envolvidos numa batalha contra o príncipe das trevas deste século e buscamos trazer as pessoas das trevas e do poder de Satanás para a luz de Deus. Quando as trevas espirituais dominam uma pessoa, ela não sabe mais para onde ir e fica perigosamente acomodada na sombra da morte. Se havia alguma luz antes no seu íntimo, ela acaba escurecida. Por isso, é imprescindível que se levantem discipuladores para ajudar e abençoar essas vidas com a oração e o testemunho de Cristo.¹⁸

Esse enfraquecimento espiritual também afeta o jovem social e emocionalmente. Ao perder o senso de direção espiritual, ele pode se sentir perdido, inseguro e vulnerável à pressão de grupos ou ambientes que não contribuem para seu crescimento. As escolhas erradas se tornam mais frequentes, e os relacionamentos podem se tornar fontes de dor ao invés de apoio. Emocionalmente, a ausência de um relacionamento verdadeiro com Deus pode gerar culpa, ansiedade e solidão, pois o jovem tenta preencher com o mundo aquilo que só o Senhor pode suprir. É fundamental que o discipulador, líder e mentor esteja ciente desses desafios e desenvolvam estratégias para ajudar os jovens a superá-los.

4. ESTRATÉGIAS EFICAZES

Ao falar sobre Estratégias eficazes, entende-se o quão fundamental é munir o jovem para que enfrente os desafios da vida com sabedoria. Dentro do aspecto de sociedade, o fato de se investir em hábitos como o autoconhecimento, acerca de saber qual o limite, o que causa mais distração, aquilo que o faz perder o foco, o cultivo de amizades saudáveis, amizades estas que tendem a agregar conceitos bons, exemplos de caráter, honestidade e aqueles que incentivam com suas vidas a estar mais perto de Cristo e o desenvolvimento de habilidades interpessoais, como promover atividades, programações treinamentos e capacitações afim de preparar e contribuir para uma convivência mais harmoniosa e consciente em seu círculo de relacionamentos, Carvalho

¹⁸ CONTAIFER, Valdeir. **Fazendo Discípulos no mundo em trevas**: como vencer a batalha espiritual na missão. Editora JMN, 2017, p. 82.

pontua que:

Grande parte dos problemas que temos enfrentado hoje com o discipulado é justamente por falta de nos espelharmos no modo como Jesus fez discípulos. Não associamos a ordem ao exemplo. Como perdemos ao deixar de aprender com o maior discipulador que já existiu! Queremos cumprir a ordem de Jesus, Porém ignorando o seu jeito de fazer. Conceituamos e praticamos o discipulado de inúmeras formas, mas deixamos de lado justamente o relacionamento intencional exemplificado por Jesus.¹⁹

4.1 Rotinas saudáveis

Para fortalecer a fé e a vida espiritual dos jovens, é essencial manter uma rotina de oração, estudo bíblico e participação em pequenos grupos. Essas práticas promovem confiança, clareza nas decisões e maturidade diante dos desafios. O cuidado próximo e o discipulado específico, que consideram as necessidades específicas de cada jovem, são fundamentais para promover o crescimento integral, abrindo espaço para diálogo, relacionamento e transformação. Como destaca Augusto Cury²⁰, em *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, “cada ser humano é um universo único, com dores, sonhos e formas próprias de ver o mundo; é preciso entrar nesse universo com sensibilidade e respeito para fazer a diferença”.

É difícil precisar por que e quando deixamos a maneira do Mestre e inventamos nosso próprio jeito de fazer discípulos. Contudo, devido ao modelo predominante em nossos dias, de igrejas voltadas unicamente para estruturas e programas que têm lugar no templo e no domingo, somado à cultura de consumismo e ativismo religioso, a realidade é que nós temos estado ocupados demais para voltar atrás e imitar o ministério discipular de Jesus.²¹

4.2 Agregar com disposição

As ferramentas e métodos utilizados na evangelização e discipulado com jovens são fundamentais para alcançar e transformar a vida deles, porém é necessário ter empatia e disposição para sentar-se, ouvir, aconselhar e apoiar. É importante o uso de ferramentas e formas para se alcançar jovens interessados, como podemos destacar ao

¹⁹ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 26.

²⁰ CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Editora Sextante, 2018.

²¹ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 27.

procurar um lugar onde o mesmo possa se encaixar, ter importância e assim desenvolver a comunhão, bons hábitos, uma abordagem mais específica com materiais de estudo bíblico e apoio emocional e espiritual, estratégias para jovens que estão dando oportunidades para que, de forma eficiente desenvolver uma compreensão profunda da fé cristã, Carvalho comenta que:

Nosso atual curso de ação de curto alcance na maioria das vezes gera um senso de frustração e fadiga espiritual na vida dos obreiros cristãos fiéis. Devido à falta de uma estratégia de longo-alcance, muitos pastores e líderes se encontram totalmente absorvidos em uma multidão de boas atividades que os afastam das melhores atividades. (...) Nós precisamos compreender o fato de que o Senhor revelou seu padrão pessoal de ministério por meio de investir o máximo de seu tempo na vida daqueles que se encarregariam da máxima responsabilidade no futuro ministério da igreja.²²

4.3 Tradições contextualizadas

Adotar uma estratégia personalizada também favorece o fortalecimento da identidade, o senso de pertencimento e o crescimento espiritual do jovem. Em contextos de orientação cristã, por exemplo, adaptar a linguagem, os métodos e os conteúdos às realidades de cada jovem potencializam a transmissão do evangelho e o discipulado. Isso demonstra que, ao compreender a singularidade do jovem, é possível gerar impacto duradouro, despertando nele o desejo de crescer, servir e caminhar com propósito. Portanto, a abordagem personalizada não é apenas uma preferência metodológica, mas uma necessidade prática para alcançar corações, transformar realidades e formar uma geração mais consciente de ser parte da grande comissão, madura na palavra e ensino e firme em seus valores cristãos, para que haja multiplicação e alcance a outros jovens e a próxima geração, como afirma Carvalho:

A Grande Comissão é algo que se implementa via relacionamentos. Ela acontece pela influência de um discípulo em outro, pessoa a pessoa, geração a geração, até chegar a todas as nações. Quanto à salvação, o discípulo é de Cristo, pois quem salva é Ele.²³

Diferente de abordagens tradicionais e abstratas, a apresentação das Escrituras de forma contextualizada a jovens, busca aplicar os princípios bíblicos às realidades,

²² CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 27.

²³ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 34.

dúvidas, linguagens e desafios que os jovens enfrentam diariamente, é transmitir que os mesmos desafios que cada um em sua realidade enfrenta, muitos outros enfrentaram em seu período. Essa adaptação não compromete a essência da mensagem bíblica, mas potencializa sua compreensão e aplicação prática. Conforme defende Howard Hendricks²⁴ em *Ensinando para Transformar Vidas*, “ensinar sem aplicar é como apontar o caminho sem andar com o aluno”. Quando são oferecidos estudos bíblicos que dialogam com temas como identidade, ideologia, propósito, vocação, relacionamentos, imoralidade, ansiedade e uso das redes sociais, o jovem percebe que a Bíblia é viva, atual e capaz de responder às questões do seu cotidiano, Carvalho afirma também que:

A comunicação do evangelho aliada ao relacionamento discipulador é o que chamamos de Evangelização Discipuladora, um dos princípios de Igreja Multiplicadora extraídos do Novo Testamento. A ideia é que a proclamação (evangelização) e o cuidado pessoal (discipulado) devem andar de mãos dadas para o cumprimento da nossa missão. Ainda que a Grande Comissão tenha começado a se expressar por meio de sermões públicos, os apóstolos logo entenderam a necessidade de integrar os que criam e ensinar-lhes a obedecer ao que Cristo ensinou. Por isso, os discípulos sempre acolhiam em torno de si as pessoas receptivas ao evangelho.²⁵

4.4 Estudos bíblicos acessíveis

Além disso, os estudos bíblicos que apresentam o evangelho de forma simples, acessível e prática promovem também benefícios emocionais e sociais, pois ajudam o jovem a desenvolver um senso crítico fundamentado na fé, fortalecendo sua autoestima e incentivando a tomar escolhas éticas em meio às pressões do mundo, como afirma Bonhoeffer:

Porque nenhum coração humano conhece a si mesmo e porque Jesus nunca chamaria seus discípulos ao desconhecido, mas apenas à certeza suprema, essa advertência de Jesus não pode levar os discípulos a outra coisa que não à obediência à palavra.²⁶

Assim, o estudo bíblico deixa de ser uma obrigação e passa a ser uma jornada transformadora, onde o jovem encontra direção, consolo e identidade, onde o jovem entende que ao obedecer a palavra, o indivíduo se torna discípulo, por ser cuidado por

²⁴ HENDRICKS, Howard. **Ensinando para Transformar Vidas**. Editora Betânia, 2022.

²⁵ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador: Uma teologia da vida discipular**. Editora JMN, 2016, p. 41.

²⁶ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Editora Mundo Cristão, 2016, pg. 169.

um líder e mentor e que futuramente será ele quem discipulará o seu próximo. A contextualização, portanto, é uma ponte entre o texto sagrado e o coração do jovem, conduzindo-o a uma fé madura e prática.

4.5 Evangelho na prática

Ao compreender a raiz do estudo bíblico o jovem é estimulado a se engajar ativamente em sua comunidade e na sociedade. Servir é uma estratégia essencial para seu desenvolvimento integral, promovendo uma postura sadia que contribuirá ativamente a sociedade. A participação comunitária contribui para que o jovem desenvolva o seu senso de pertencimento, responsabilidade social e compaixão. Quando envolvido em ações coletivas, ele compreende que é parte ativa da transformação ao seu redor, o jovem aprende que seu crescimento está ligado à vivência coletiva e à construção conjunta do bem comum. Esse tipo de envolvimento desperta no jovem valores como solidariedade, justiça e compromisso ético, assim como enfatiza Carvalho:

Enquanto Jesus ensinava a multidão, os discípulos estavam ao seu lado, agindo como validadores, isto é, como quem confirmava o seu valor diante das pessoas. Ficava claro que acreditavam nele e na sua causa, pois era preciso assumir o Mestre publicamente. A simples atitude de estar com um mestre já testemunhava perante o povo que ele era digno de ser seguido. (...) Quando começamos a discipular de verdade, nossos discípulos vão querer trazer mais pessoas para perto e isso será um indicativo de que o discipulado os tem abençoado.²⁷

Além dos ganhos sociais, o encorajamento à ação comunitária impacta profundamente a vida espiritual e emocional dos jovens, em Jesus pode-se ver um exemplo de ação comunitária, cujo incentivava seus discípulos e seguidores, que antes apenas observavam, e outrora, colocariam em prática os seus ensinamentos. Cristo chamava para ser seu seguidor e o preparava para levar adiante o entendimento da missão, e logo seus discípulos atraíam outros discípulos, e muitos seriam alcançados por esta ferramenta, entre os jovens o alcance é maior ainda, ao aplicar o discipulado com um jovem e com êxito o alcançar, este pontará o caminho para outro com sua necessidade parecida ou diferente, porém que em ambos os casos, necessitarão de suporte e discipulado.

²⁷ CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador**: Uma teologia da vida discipular. Editora JMN, 2016, p. 50.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, concluiu-se que para discipular jovens, necessariamente será preciso um estudo aprofundado das ferramentas e como aplicar em variados contextos e situações, encarar desafios e riscos, porém com empenho vislumbrar o resultado final de uma discipulado eficaz, definindo então estratégias que possam combater possíveis problemas e também estimular o jovem a prosseguir firme, afim de atingir a maturidade em todos os aspectos do cotidiano humano, espiritual, emocional, social e físico.

Exercer uma abordagem personalizada, acolhedora, intencional, foco no relacionamento discipulador, ensino bíblico contextualizado, prático, conciso e o encorajamento ao retorno e enfrentamento à comunidade. O uso destas estratégias contribuirá para que líderes e mentores desenvolvam planos de discipulado que sejam relevantes e aplicáveis à vida dos jovens e posteriormente líderes em potencial, que se libertarão das propostas do mundo atual e serão jovens que vão impactar a sua geração.

Durante muito tempo o discipulado não recebeu a atenção devida, porém no atual cenário do mundo, não substitui como método, uma abordagem tão crucial e correta, dentro de um processo de transformação da juventude, pois se, não houver acompanhamento, haverá esfriamento. Enquanto Igrejas grandes ainda dão prioridade ao evangelismo para o bom resultado na quantidade, como sendo a principal obrigação cristã, poucos líderes que entendem a missão se levantam e investem naqueles que passam despercebidos, sem oportunidades nas igrejas, discipulam e os tornam, futuros líderes, pastores, conselheiros, discipuladores, afim de expandir o reino de Deus na terra, Stott afirma que:

Se pudermos aceitar este conceito mais amplo de missão como serviço cristão no mundo, abrangendo tanto o evangelismo como a ação social, um conceito que nos é apresentado pelo modelo de missão do nosso Salvador no mundo, então, os cristãos poderiam, sob a direção de Deus, fazer um impacto muito maior na sociedade; um impacto proporcional à nossa força numérica e às demandas radicais da comissão de Cristo.²⁸

Enquanto priorizarmos programações, atividades, estética, aparências, performances, contribuiremos para a sentença final de muitos jovens que precipitadamente escolhem sua forma de viver, sem avaliar as consequências em uma eternidade próxima, em nossas mãos estão as ferramentas necessárias para ganharmos

²⁸ STOTT, John. **A Missão Cristã no Mundo Moderno**. Editora Ultimato, 2010, p. 41.

jovens para Cristo, se abirmos a mente, coração e olhos, enxergaremos que ao nosso lado, muitos estão se perdendo, porém estes muitos, ainda podem ser alcançados e transformados pelo evangelho, pela palavra, pelo nosso testemunho e dedicação para alcança-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNA GROUP. **The State of Youth Ministry: How Churches Reach Today's Teens - and What Parents Thinks About It.** Editora Barna Group, 2016.

BIBLIA, NVI. 1. Ed. – **Rio de Janeiro:** Editora Thomas Nelson Brasil, 2017.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado.** Editora Mundo Cristão, 2016.

CARVALHO, Diogo. **Relacionamento Discipulador: Uma teologia da vida discipular.** Editora JMN, 2016.

CONTAIFER, Valdeir. **Fazendo Discípulos no mundo em trevas: como vencer a batalha espiritual na missão.** Editora JMN, 2017.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes.** Editora Sextante, 2018.

DEVER, Mark. **Discipulado: Como ajudar outras pessoas a seguir Jesus.**

Editora Vida Nova, 2016.

HENDRICKS, Howard. **Ensinando para Transformar Vidas.** Editora Betânia, 2022.

HULL, Bill. **Conversão e Discipulado: Você não pode ter um sem o outro.**

Editora Thomas Nelson, 2022.

Pesquisa Brasileira de Mídia. Disponível em: <http://blog.planalto.gov.br/brasileiros-ficam-mais-tempos-conectados-que-assistindo-tv-confirma-pesquisa-de-midia-da-secom/>.

STOTT, John. **A Missão Cristã no Mundo Moderno.** Editora Ultimato, 2010..

A acomodação da linguagem humana na descrição dos decretos de Deus feitos na eternidade

The Accommodation of Human Language in the Description of God's
Decrees Made in Eternity

Saulo Pimentel Wulhynek¹
Juan de Paula Santos Siqueira²

RESUMO

Este artigo aborda sobre as dificuldades inerentes à tentativa humana de descrever, por meio da linguagem, os decretos eternos de Deus. O estudo parte do pressuposto teológico de que Deus é atemporal, enquanto o ser humano está condicionado ao tempo e à linguagem que reflete essa limitação. A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica de autores como Grudem, Calvino e Agostinho, explora como a linguagem, especialmente os verbos e expressões temporais, é insuficiente para expressar realidades que transcendem o tempo, como a eternidade de Deus e seus decretos. O estudo analisa exemplos bíblicos e demonstra que expressões como “de eternidade em eternidade” ou “antes da fundação do mundo” são tentativas humanas de traduzir conceitos atemporais para um paradigma compreensível, ainda que impreciso. O conceito de “acomodação da linguagem”, segundo Calvino, é central para entender como as Escrituras comunicam verdades divinas em termos acessíveis à mente humana. O artigo conclui que a limitação linguística impacta a formulação de doutrinas e sugere que a compreensão da atemporalidade divina pode oferecer novas perspectivas para debates teológicos, como os que envolvem eleição e predestinação, propondo investigações futuras sobre a relação entre tempo, linguagem e revelação bíblica.

Palavras-chaves: Linguagem, Eternidade de Deus, Tempo.

ABSTRACT

This article investigates the inherent difficulties of the human attempt to describe, through language, the eternal decrees of God. The study is based on the theological premise that God is timeless, while human beings are conditioned by time and by a language that reflects this limitation. The research, grounded in a bibliographic review of authors such as Grudem, Calvin, and Augustine, explores how language—especially verbs and temporal expressions—is insufficient to express realities that transcend time, such as the eternity of God and His decrees. The study analyzes biblical examples and demonstrates that expressions like “from eternity to eternity” or “before the foundation

¹ Graduando em Teologia – FABAT; Mestre em Engenharia Elétrica – IME/2003; Engenheiro Eletrônico – IME/1996.

² Mestrando profissional em Teologia – FABAPAR; Especialista em Teologia e Ministério Pastoral – ULBRA/2021; Bacharel em Teologia – STBSB/2006.

of the world” are human attempts to translate atemporal concepts into a comprehensible, albeit imprecise, paradigm. The concept of “accommodation of language,” according to Calvin, is central to understanding how Scripture communicates divine truths in terms accessible to the human mind. The article concludes that linguistic limitation impacts the formulation of doctrines and suggests that understanding divine timelessness can offer new perspectives for theological debates, such as those involving election and predestination, proposing future investigations into the relationship between time, language, and biblical revelation.

Keywords: Language, Eternity of God, Time.

INTRODUÇÃO

A Teologia Sistemática é o ramo da Teologia que busca organizar os temas abordados na Bíblia por tópicos, objetivando apresentar a doutrina de forma mais didática. Dentre tais temas encontram-se os atributos de Deus, divididos nesta disciplina em atributos comunicáveis e atributos incommunicáveis.

A *eternidade* é um desses atributos incommunicáveis, que o Dr. Wayne Grudem (2022) define assim: “Deus não tem princípio, nem fim, nem sucessão de momentos em seu próprio ser e percebe todo o tempo com igual realismo; ele, porém, percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo.”³ Mais adiante, ele ainda acrescenta que, antes da criação, “Deus existia de modo atemporal. A eternidade/existência atemporal de Deus tem sido a visão dominante da ortodoxia cristã ao longo da história da igreja”.⁴

Por outro lado, o tempo foi criado por Deus e nós, seres humanos, sua criação, estamos limitados a ele. Chama tanto a atenção, que muitos filmes de ficção científica abordam o tema “viagem no tempo”, tentando apresentar a possibilidade de se deslocar pelo tempo, seja para o futuro, seja para o passado ou, no que se imagina, estando em realidades paralelas. Porém, poucos são os filmes que buscam ilustrar o ser humano fora do seu contexto temporal, uma vez que imaginar tal situação é extremamente difícil para a mente humana.

Além disso, por ser uma criatura limitada, o homem tem dificuldades de entender Deus, como afirma Grudem (2022): “Como Deus é infinito, e nós, finitos e

³ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3.

⁴ *Ibid.* Cap 11, B 3 b

limitados, jamais poderemos compreender plenamente a Deus"⁵ e, ainda, "Se pretendemos conhecer a Deus, é necessário que ele se revele a nós".⁶ Citando Irineu no Livro IV de *Contra as Heresias*, Calvino (2022) escreve: "Nesse sentido escreve Irineu que o Pai, que é Infinito, é finito no Filho, porquanto se acomodou à nossa pouca medida, para que nossa mente não seja absorvida na imensidade de sua glória".⁷ Assim, o que entendemos de Deus é apenas uma amostra do que Ele é e o que conseguimos compreender disso.

Para além da limitação do entendimento, está a limitação na expressão de formulação de conceitos a respeito de Deus. Como exemplo, o dicionário Michaelis (2009) online define *eternidade* como algo de "duração sem princípio nem fim".⁸ Porém, as definições teológicas da eternidade de Deus são diferentes como apresentado anteriormente. Agostinho (2015) reforça esse pensamento: "Esforça-se por saborear as coisas eternas, mas o seu pensamento ainda volta ao redor das ideias, ideias da sucessão dos tempos passados e futuros e, por isso, tudo o que excogita é vão".⁹

Sobre essa dificuldade de por meio da linguagem expressarem-se as características de Deus, Calvino (2022) usa a expressão "*acomodar*"¹⁰, afirmando: "Por isso, formas de expressão como essas não exprimem, de maneira clara e precisa, o que Deus é, mas acomodam o conhecimento que temos dele à pobreza de nossa compreensão."¹¹

Um outro ponto a perceber é que toda a linguagem humana é baseada em uma classe de palavras chamada verbo, que define uma ação, um estado ou um fenômeno. Em português, quando um verbo está nos tempos presente do indicativo, imperativo e infinitivo ele pode ser considerado atemporal. Mesmo nessa forma, define um fato que,

⁵ *Ibid.* Cap 10, B

⁶ *Ibid.* Cap 10, A

⁷ *apud.* CALVINO, João. **As institutas**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap VI.

⁸ MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

⁹ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. p. 301

¹⁰ No Glossário do livro Teologia Sistemática do Dr Wayne Grudem está a definição "acomodação: A teoria de que às vezes os autores bíblicos casualmente afirmaram inverdades criadas pelas pessoas de sua época para não obscurecer ideias mais amplas que estavam tentando transmitir." (Wayne Grudem, Teologia sistemática: completa e atual, 5B.4). Este trabalho não empregará este significado. O significado aqui utilizado é o de Calvino, na obra citada, buscando se referir a máxima capacidade que a língua humana consegue alcançar.

¹¹ CALVINO, João. **As institutas**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap XIII 1.

quando for levado a cabo, ocorrerá dentro de um contexto temporal.

Esses aspectos relacionados à eternidade de Deus – limitação humana no tempo, dificuldade de entender, formular e expressar conceitos a respeito de Deus – levam a alguns questionamentos: Dado que o tempo faz parte da criação de Deus e, portanto, Deus não está preso a ele, como o ser humano consegue perceber a sua atuação além da linha do tempo? Além disso, visto que a linguagem humana é baseada em verbos que descrevem ações que são, na sua essência, movimentos feitos no tempo, como os decretos de Deus feitos na sua atemporalidade são descritos pela linguagem humana? Qual o grau de precisão de tais descrições?

A justificativa da importância da presente discussão fica evidenciada em alguns debates doutrinários que não cessam no seio da Igreja Batista, como a antiga polarização entre Calvinismo e Arminianismo, em que um dos tópicos debatidos é a doutrina da eleição. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira explica essa doutrina à luz da onisciência de Deus. No entanto, ao estudar o tema eternidade de Deus no contexto da disciplina de Teologia Sistemática, percebe-se que o tempo foi criado por Deus e, por isso, Ele não está preso ao tempo. Assim, perde o sentido afirmar que Deus determinou uma coisa antes de outra, pois não precisa tomar decisões limitadas pelo tempo. Essas afirmações se mostram óbvias, mas apontam para uma nova variável que precisa ser considerada no momento de avaliar essa doutrina, qual seja, a atemporalidade de Deus.

As consequências desse conceito vão, muitas vezes, além da compreensão humana e se torna difícil, para o homem, perceber se um decreto de Deus foi feito no tempo ou fora dele. No que tange à linguagem humana, como é baseada em verbos que expressam ações e movimentos no tempo, ela se torna muitas vezes ineficiente e imprecisa para descrever com exatidão os decretos de Deus feitos na eternidade. A essa imprecisão, o teólogo João Calvino chama de acomodação da linguagem, como já descrito acima.

Assim, o objetivo do trabalho é evidenciar a dificuldade do ser humano em entender a relação da eternidade de Deus com o tempo e identificar as limitações da linguagem humana em expressar isso, sobretudo nos textos bíblicos referentes aos decretos de Deus.

O presente trabalho explora, por meio de uma revisão bibliográfica, os conceitos de tempo para o homem, eternidade para Deus, o relacionamento de Deus com o tempo e a limitação da linguagem humana. A partir daí, analisa alguns textos bíblicos que apresentam decretos de Deus feitos no seu contexto atemporal, ou seja, na sua eternidade. À luz da dificuldade da linguagem humana para expressar conceitos a respeito de Deus, evidencia como a linguagem foi acomodada pelos autores bíblicos para expressar e transmitir tais decretos.

1. O HOMEM E O TEMPO

Ao longo da história, o homem tem procurado entender e definir o que é o tempo. Ele sempre foi algo intrigante e difícil de ser explicado. Desde as mais antigas civilizações, até os filósofos e físicos do nosso tempo, diferentes grupos tiveram diversas percepções a respeito dele. Agostinho (2015) expressa esta dificuldade em elaborar um conceito sintético e conciso sobre o tempo em sua obra *Confissões*: “Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreendê-lo, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito?”.¹²

Os fenômenos da natureza foram os primeiros marcos para a percepção e contagem do tempo. Gênesis 1.5 apresenta umas das primeiras medidas de tempo: o dia. “Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia”.¹³ Assim como o dia, as fases da lua e as estações do ano formaram indicações claras da sucessão de momentos ou períodos.

Uma tentativa de explicar o tempo foi através dos mitos. Mitos eram lendas e histórias que buscavam explicar fenômenos da natureza que as pessoas não podiam compreender.¹⁴ Assim, na mitologia Grega por exemplo, Cronos era o deus que representava o tempo. Saturno era o seu correspondente na mitologia Romana. Da mesma forma, nos mais diversos povos antigos, existiam deidades que representavam o tempo.¹⁵

¹² AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. E-book. p. 303.

¹³ BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gn 1.5.

¹⁴ BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. 26ª Edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 355.

¹⁵ *Ibid.* p. 353.

É importante olhar de forma um pouco mais detalhada as concepções de tempo de três antigos povos: os egípcios, os gregos e os judeus. Seus conceitos são importantes para este estudo, uma vez que a Bíblia veio do povo judeu, que foi influenciado pelos gregos, sobretudo no período interbíblico e porque Abraão, logo no início de sua peregrinação pela terra de Canaã, precisou ir para o Egito para se alimentar, devido a fome na terra.

No que tange aos egípcios, Sales (2006) apresenta que aquela cultura possuía, pelo menos, três concepções a respeito do tempo e que, tais concepções variavam de acordo com o referencial.¹⁶

A primeira, chamada “*neheh*” é uma concepção Cíclica do tempo “derivava da repetição periódica (desejada eternamente periódica) de uma série de ritmos naturais, externos ao homem, imprescindíveis para a boa ordem (*maet*) do universo e da sociedade”.¹⁷ Sales (2006) ainda detalha que esses ritmos se referem a eventos da natureza que podem ser observados de forma palpável e objetiva, sendo bem similar às características de uma observação científica. Ele apresenta três marcas dessa cadência natural do tempo: a sucessão ou alternância entre noite e dia, a alternância entre as estações do ano e o fenômeno de inundação anual do rio Nilo, importante fator de riqueza do Egito, pela fertilidade que trazia à terra. Cabe ressaltar que os fatores fenomenológicos observados vinham acompanhados de uma explicação mítica.

A segunda concepção de tempo do antigo Egito era a Linear, chamada de “*djet*”, que é aplicada ao cosmos e ao indivíduo. Com relação ao cosmos, refere-se a ideia de que cada dia é uma repetição do primeiro dia da criação.

A criação do mundo, ao instituir a Ordem e as suas potências ... relegou as forças do Caos para segundo plano. A partir de então, essas forças e os seus agentes passaram a espreitar continuamente a organização do universo, tentando interromper/romper com a *maet* estabelecida.¹⁸

Aplicada ao indivíduo, refere-se à duração da existência humana na Terra e, depois, à sua existência na eternidade.

Já a terceira concepção de tempo é a Concepção Imóvel ou Estacionária. Para a

¹⁶ SALES, J. C. **Concepção e percepção de tempo e de temporalidade no Egito Antigo**. Cultura, v. 23, 2006.

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.*

antiga civilização egípcia, “no Além, não há passado, nem futuro. Só eternidade, infinito, eterno presente...”.¹⁹ Ou seja, uma concepção atemporal da eternidade para o ser humano. Para eles, o homem na eternidade “está fora do tempo, visto que este não contribui para a sua existência nem para a sua organização”.²⁰

Em seu livro intitulado *Cristo e o Tempo*, Cullmann (2003) dá uma breve descrição dos conceitos de tempo dos gregos e judeus. O objetivo do autor é provar que a história da salvação ocorre na linha do tempo e, por este motivo, ele estuda o conceito de tempo desses dois povos, pelas razões apresentadas acima.

Assim, com relação aos gregos, Cullmann (2003) explicita que, o helenismo tem uma concepção cíclica do tempo.²¹ Além disso, acrescenta que essa concepção é puramente uma especulação filosófica.²² No pensamento grego, “o tempo se desenvolve segundo um ciclo eterno onde todas as coisas tornam a acontecer”.²³ Isso implica que a “submissão do homem ao tempo ... será necessariamente experimentada como uma escravidão ou uma maldição”.²⁴ Nessa senda, por conseguinte, a felicidade consistia na libertação desse ciclo eterno e se daria em uma realidade além, onde não existiria tempo, presente, passado e futuro.

Cullmann (2003) ainda indica que no judaísmo bíblico o tempo é entendido como uma linha ascendente infinita.²⁵ No calendário judaico, atribui-se o ano I ao início da criação, e a contagem segue a partir deste ponto.²⁶ Assim, essa ascendência se revela na progressiva realização do cumprimento do plano divino, em direção ao alvo situado na parte superior dessa linha, constituindo na totalidade da história.²⁷ Além disso, para os cristãos primitivos, essa noção de tempo como uma linha infinita também é uma verdade fundamental²⁸ de tal forma que “o caráter nitidamente temporal de todas as afirmações de fé no Novo Testamento está ligado a importância relacionada ao tempo

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Ibid.*

²¹ CULLMANN, Oscar. **Cristo e o Tempo**. São Paulo: Custom, 2003. p. 90.

²² *Ibid.* p. 89.

²³ *Ibid.* p. 90.

²⁴ *Ibid.* p. 90.

²⁵ *Ibid.* p. 89.

²⁶ *Ibid.* p. 55

²⁷ *Ibid.* p. 92

²⁸ *Ibid.* p. 89

pelo pensamento judaico".²⁹

Além desses povos antigos, várias outras formulações foram elaboradas acerca do tempo. No campo da filosofia, pode-se começar a citar a definição de Aristóteles, que diz que o “tempo é o número do movimento em relação ao antes e depois”.³⁰ Paiva (2021) chama essa definição de canônica e ressalta que Aristóteles emprega termos como “movimento”, “número”, “antes” e “depois” na busca por uma definição mais científica e menos mítica.³¹ Por outro lado, para Platão, o tempo é “certa imitação móvel da eternidade ... que progride segundo a lei dos números”.³² Martins (2004) explica que, para Platão, o tempo é associado a ideia de mudança, enquanto a eternidade, à ideia de imutabilidade e atemporalidade; o autor expõe também que enquanto para Aristóteles o tempo é infinito nos dois sentidos, passado e futuro, para Platão, o tempo foi criado por Deus, sendo finito no seu início.³³

Por seu turno, Agostinho (2015) dedica o Livro XI das suas *Confissões* para discutir sobre “O Homem e o Tempo”. Ele expõe a sua dificuldade em expressar a sua definição de tempo, e contesta a existência de passado e futuro, visto que o primeiro já não existe mais e o segundo ainda não veio a existir.

É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.³⁴

Ele entende que intervalos de tempos podem ser medidos e comparados, mas também estão sujeitos à percepção humana.³⁵ Contesta a definição de tempo baseada no movimento dos astros e argumenta: “Ninguém me diga, portanto, que o tempo é o

²⁹ *Ibid.* p. 79

³⁰ *Apud* PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filôgenese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. p. 111.

³¹ PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filôgenese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. p. 113.

³² *Apud* MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo**: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard. 2004. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 92.

³³ MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo**: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard. 2004. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 92.

³⁴ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. E-book. p. 310.

³⁵ *Ibid.* p. 304

movimento dos corpos celestes. Quando com a oração de Josué o sol parou, a fim de concluir vitoriosamente o combate, o sol estava parado, mas o tempo caminhava”.³⁶ Agostinho conclui que o tempo é uma “distensão”³⁷, termo usado por Plotino, na forma grega *diástasis*, no sentido de dilatação.³⁸

Podemos ainda citar os físicos da ciência moderna, tais como Galileu Galilei, que abordou o tempo como “uma quantidade mensurável no estudo dos movimentos”³⁹ e sua representação gráfica do tempo com um segmento de reta, René Descartes com “o tempo como número e medida”⁴⁰ e Isaac Newton, que elevou “o tempo à categoria de um absoluto, separando-o de sua medida” e a sua “analogia

entre o tempo e uma linha reta geométrica”.⁴¹

Mesmo sem aprofundar muito no contexto, é importante destacar que Teoria da Relatividade de Einstein “prevê uma dilatação de tempo na presença de um campo gravitacional” e que as teorias da mecânica quântica relacionadas à noção de tempo, fizeram surgir ideias tais como “tempo imaginário” do físico Stephen Hawking e de “viagem no tempo” cabíveis dentro da teoria da relatividade em geral.⁴²

Assim, como descrito, são diversas as noções a respeito do tempo e não há uma certeza na sua definição. O homem convive com essas ideias e, por vezes, se vê fascinado, por exemplo, com a possibilidade de se livrar do jugo do tempo expresso pelo conceito dos gregos por meio de uma viagem no tempo.

2. O HOMEM E SUA LINGUAGEM

Os decretos de Deus, motivações da presente pesquisa, chegaram até a atualidade pela transmissão oral e escrita através dos tempos, pois o homem se expressa por meio de linguagem falada e grafada. Esta última, tem os seus registros mais antigos através de desenhos encontrados em cavernas. A partir da invenção da escrita, passou a

³⁶ *Ibid.* p. 314

³⁷ *Ibid.* p. 317

³⁸ *Ibid.* p. 420

³⁹ PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filogênese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. p. 69.

⁴⁰ *Ibid.* p. 70.

⁴¹ *Ibid.* p. 70.

⁴² *Ibid.* p. 83.

registrar fatos de uma forma mais detalhada, de acordo com as diversas línguas dos diferentes lugares, dentro das várias culturas. No contexto do presente trabalho, importa analisar o grego koiné e o hebraico, línguas que foram utilizadas para registrar os escritos bíblicos. Além disto, os decretos citados serão analisados a luz do conceito de eternidade, assunto a ser abordado na próxima seção. Assim, esta seção vai relacionar a linguagem escrita com o tempo cronológico.

De forma geral, as linguagens escritas são compostas por diversas partes, o que, no Português, chamamos de palavras. Algumas dessas palavras têm relação com o tempo. Quanto a isso, Freitag (2005) traz uma importante contribuição, informando que “a expressão linguística do tempo é a manifestação de uma característica cognitiva universal: todas as línguas têm em sua gramática um componente responsável pela codificação do tempo cronológico”.⁴³ Seu trabalho aborda teorias que visam “explicar como o tempo cronológico passa ao tempo gramatical nas línguas”⁴⁴ traduzindo-se na formação dos tempos verbais.

As ideias, em linguagem, são transmitidas por frases. “Frase é toda unidade linguística (com ou sem verbo) por meio da qual transmitimos, pela fala ou pela escrita, as nossas ideias.” As frases sem verbo são chamadas de frases nominais e transmitem ideias simples tais como: “Feliz aniversário!”, “Atenção!” ou “Cuidado!”. Tais frases não transmitem ideia de ação e não têm a indicação do tempo em que deve ocorrer. Já as frases que possuem verbos são chamadas de frases verbais. Nelas, o verbo é o núcleo da ideia.⁴⁵

Quanto ao verbo, Patrocínio (2015) explica que “é a palavra mais importante do idioma porque funciona, quase sempre, como elemento nuclear dos atos de comunicação. Em torno do verbo se agregam outras palavras para constituir a estrutura dos enunciados”⁴⁶, e ainda define que “verbo é a palavra que, por si só, exprime um fato (em geral, uma ação, um estado ou um fenômeno) e que pode variar sua forma para

⁴³ FREITAG, Raquel Meister Ko. As teorias de Reichenbach e de Rojo e Veiga: tempo na frase e tempo no texto. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 2, p. 389-413, jan./jun. 2005. p. 389.

⁴⁴ *Ibid.* p. 390.

⁴⁵ PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar gramática**. 4. ed. São Paulo: FTD, 2015. 192 p. 439.

⁴⁶ *Ibid.* p. 340

situar esse fato no tempo”.⁴⁷ O autor esclarece que essa é uma definição simplificada porque um verbo pode exprimir um outro fato que não seja necessariamente uma ação, assim como palavras de outra classe gramatical podem também expressar fatos. Porém ele completa, afirmando que “o verbo é o único tipo de palavra que dispõe de flexões [variações de forma] por meio das quais é possível indicar, no tempo, o fato que ele expressa.”.⁴⁸

Cabe ressaltar que, embora o verbo possa ser flexionado para indicar o tempo em que ação ocorre, existe em linguística o conceito de verbo atemporal. Almeida (2021) exemplifica com a frase “Joana não fuma”, explicando que o verbo está no presente do indicativo, mas a oração não indica que a ação está ocorrendo no presente, e sim que é um registro atemporal, “uma vez que ele expressa uma predisposição, e não uma ação que ocorre no momento da fala, como encontrado nas definições correntes para esse tempo” verbal.⁴⁹ Da mesma forma, os tempos verbais do infinitivo e imperativo, podem ser aplicados nesta forma atemporal.

Existe, ainda, uma outra classe de palavras que ajuda a localizar o fato (ação, estado ou fenômeno) no tempo. É o advérbio. Patrocínio (2015) o define como “uma palavra invariável que se associa essencialmente ao verbo para indicar diferentes circunstâncias (de tempo, de modo, de intensidade, de lugar, etc.) relativas ao fato verbal.”⁵⁰ No caso em tela, a localização do fato verbal no tempo, aplicam-se os advérbios de tempo, tais como: antes, depois, agora, sempre, nunca, etc.

Por fim, *decreto*, segundo o dicionário Michaelis (2009) online, “é uma determinação escrita por autoridade superior; ato da autoridade eclesiástica; e ato de vontade; desígnio, intenção”.⁵¹ Como ordens que são, eles são expressos por verbos e advérbios.

⁴⁷ *Ibid.* p. 341.

⁴⁸ *Ibid.* p. 341.

⁴⁹ ALMEIDA, Regislene Dias de. Os usos do presente do indicativo: reflexões teóricas e proposta didática para um estudo contemporâneo da linguagem. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, p. 10-23, abr. 2021. p. 16.

⁵⁰ PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar gramática**. 4. ed. São Paulo: FTD, 2015. 192 p. p. 401.

⁵¹ MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

3. A ETERNIDADE DE DEUS

Um dos tópicos esquematizados pela Teologia Sistemática é o estudo sobre Deus e seu caráter. Deus tem muitas características importantes e especiais descritas ao longo da Bíblia. Assim, de forma a tornar didática e sistemática a enumeração e definição de tais características, emprega-se algum tipo de classificação, elaborada a partir de método selecionado, como meio de agrupá-las.

Uma das classificações mais difundidas é a divisão bipartida em atributos comunicáveis e incommunicáveis. Atributos comunicáveis são aqueles que Deus compartilha conosco, “comunica” a nós ou ainda aqueles que podemos e devemos imitar, tais como amor, bondade, misericórdia, conhecimento etc. Já os atributos incommunicáveis são aqueles que Deus não compartilha com outros, ou não “comunica” ou ainda não conseguimos imitar. Trata-se de atributos como onipotência, onisciência, onipresença, eternidade etc. Esta classificação é muito intuitiva, pois qualquer leitor não técnico pode entender, por exemplo, que Deus comunica a nós a sua bondade, mas não a sua onisciência.⁵²

Dentre os atributos de Deus, aquele que interessa ao presente estudo é a eternidade. De forma sintética, Berkhof (2012) define eternidade como “a infinidade de Deus em relação ao tempo”.⁵³ Infinitude é uma característica comum de vários atributos incommunicáveis de Deus. Além disso, na língua Portuguesa, eternidade é definida como “duração sem princípio nem fim; qualidade ou característica do que é eterno; tempo muito longo, duração prolongada (no sentido figurado) ou vida eterna; imortalidade”.⁵⁴ Assim, a definição da palavra “eternidade” em português tende a corroborar com a definição desse autor, porém denota o tempo como um padrão para medir a eternidade de Deus.

Neste sentido, Agostinho (2015) declara em suas *Confissões* que “O tempo não pode medir a eternidade”⁵⁵ e elabora declarando que, apesar do pensamento humano se esforçar em imaginar coisas eternas, volta o seu pensamento a uma sucessão de

⁵² GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, A 1.

⁵³ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book. Cap VI, C 2.

⁵⁴ MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

⁵⁵ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. p. 301.

momentos e continua:

Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido de um passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam daquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo nem passado nem futuro? Poderá, porventura, a minha mão que escreve explicar isto? Poderá a atividade da minha língua conseguir pela palavra realizar empresa tão grandiosa?⁵⁶

Berkhof (2012) oferece uma explicação:

A forma em que a Bíblia apresenta a eternidade de Deus é simplesmente a de duração pelos séculos sem fim, Sl 90.2; 102.12; Ef 3.21. Devemos lembrar, porém, que ao falar como fala, a Bíblia emprega linguagem popular, e não a linguagem da filosofia. Geralmente pensamos na eternidade de Deus da mesma maneira, a saber, como duração infinitamente prolongada, para trás e para diante. Mas esse é apenas um modo popular e simbólico de representar aquilo que, na realidade, transcende o tempo e dele difere essencialmente. A eternidade, no sentido estrito da palavra, é adstrita àquilo que transcende todas as limitações temporais.⁵⁷

O Dicionário Bíblico Wycliffe detalha um pouco a respeito da linguagem bíblica referente a eternidade. Explica que, ao contrário do pensamento filosófico, tanto antigo como moderno, o conceito na Bíblia, sempre está ligado ao tempo, seja uma época específica, ou um período de tempo desconhecido e indivisível. Informa também que “o AT usa a palavra hebraica ‘*olam*’; o NT emprega o termo *aion*. Estas palavras podem referir-se a períodos exatos, como também a durações indefinidas e incalculáveis.” E acrescenta: “O NT grego frequentemente emprega o plural *eis tous aionas*, “pelos séculos,” ou *eis tous aionas ton aionon*, “pelos séculos dos séculos,” para expressar a ideia de eternidade ou para sempre (por exemplo, Rm 1.25; 9.5; 11.36; 16.27)”.⁵⁸

No intuito de esclarecer o conceito e evitar a confusão acima, Grudem (2022) elabora, então, uma definição mais detalhada da eternidade de Deus: “Deus não tem princípio, nem fim, nem sucessão de momentos em seu próprio ser e percebe todo o tempo com igual realismo; ele, porém, percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo”.⁵⁹ O autor prossegue apoiando-se na doutrina da imutabilidade de Deus para dizer que o tempo não o muda e não tem qualquer influência sobre Ele, que Deus não

⁵⁶ *Ibid.* p. 301.

⁵⁷ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book. Cap VI, C 2.

⁵⁸ PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 707.

⁵⁹ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: completa e atual**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3.

aprende coisas novas, ou ainda, “que o tempo não impõe limites a Deus”.⁶⁰ Para detalhar mais a ideia de eternidade, Grudem (2022) explana esta definição por partes, o que será feito a seguir.

A primeira parte afirma que “Deus é eterno em seu próprio ser”.⁶¹ Esta assertiva indica que a sua eternidade não depende de fatores externos. A explicação está nem versículos que expressam a eternidade de Deus sempre existindo, tais como “Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.”⁶² (Salmos 90.2); na explanação de Eliú em Jó 36.26 apontando que “o número dos seus anos não se pode calcular”⁶³ ou ainda no decreto de Deus sobre si mesmo “Eu Sou o Que Sou”⁶⁴ em Êxodo 3.14 citado por Jesus em João 8.58: “antes que Abraão existisse, Eu Sou.”⁶⁵ Esses textos expressam uma eternidade imanente de Deus. Observe a linguagem popular citada por Berkhof nos textos apresentados.

A segunda ideia apresentada por Grudem (2022) é que “Deus percebe todo o tempo com igual realismo”.⁶⁶ Talvez essa seja uma afirmação de compreensão mais intuitiva, se considerados os atributos de onisciência e onipresença. Salmos 90.4 diz: “Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite”.⁶⁷ Este trecho apresenta três comparações que buscam atingir o entendimento humano.

A primeira comparação se refere à questão da memória. O homem ainda pode lembrar das coisas que aconteceu no dia anterior com certa clareza, mas com o passar do tempo os detalhes vão se apagando. Para Deus isso não ocorre, pois sua memória é vívida como o presente.

A segunda comparação contida nesse versículo se refere à percepção da duração do tempo por Deus. Quando o salmista firma que mil anos são como a vigília da noite,

⁶⁰ *Ibid.* Cap 11, B 3.

⁶¹ *Ibid.* Cap 11, B 3 a.

⁶² BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Sl 90.2.

⁶³ *Ibid.* Jó 36.26.

⁶⁴ *Ibid.* Ex 3.14.

⁶⁵ *Ibid.* Jo 8.58.

⁶⁶ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 b.

⁶⁷ BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Sl 90.4.

refere-se a um período curto de três ou quatro horas pelas quais a sentinela deveria ficar atenta e todos os acontecimentos poderiam ser lembrados e narrados.⁶⁸ E, por último, a terceira comparação refere-se a forma como Deus enxerga os acontecimentos dentro da história humana. Na expressão “como o dia de ontem que se foi” indica que Deus entende que o passado ocorreu no passado na história humana e não está ocorrendo no presente. Além disso, Pedro amplia este conceito quando afirma que “para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.”⁶⁹ (2Pe 3.8). A segunda parte desse versículo é repetição do texto de Salmos 90.4, supracitado e explicado, mas a primeira parte introduz a ideia de um dia com comprimento interminável. “Assim, Deus enxerga e conhece todos os acontecimentos passados, presentes e futuros com igual realismo”.⁷⁰

A relação entre Deus e o tempo é algo que o ser humano não pode experimentar. Grudem (2022) explica que “Ele tem uma vivência qualitativamente diferente do tempo do que a nossa. Isso é compatível com a ideia de que, em seu próprio ser, Deus é atemporal”⁷¹, explica “Deus de algum modo permanece acima do tempo e é capaz de enxergá-lo no seu todo nitidamente em sua consciência”⁷² e acrescenta “a eternidade/existência atemporal de Deus tem sido a visão dominante da ortodoxia cristã ao longo da história da igreja”.⁷³ Esta ideia soa estranha, uma vez que o homem está preso ao tempo. Uma sugestão é estender o conceito de onisciência – Deus sabe todas as coisas – e onipresença – Deus está em todos os lugares – e pensar na eternidade como Deus em todos os tempos e fora do tempo, ao mesmo tempo.

Na terceira parte da definição, Grudem (2022) expressa que Deus “percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo”.⁷⁴ Paulo afirma aos Gálatas que “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de

⁶⁸ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 b.

⁶⁹ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 2Pe 3.8.

⁷⁰ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 b.

⁷¹ *Ibid.* Cap 11, B 3 b

⁷² *Ibid.* Cap 11, B 3 b

⁷³ *Ibid.* Cap 11, B 3 b

⁷⁴ *Ibid.* Cap 11, B 3 c.

filhos.”⁷⁵ (Gálatas 4:4-5). O texto evidencia que Deus tinha consciência dos acontecimentos históricos no decorrer do tempo e, no momento oportuno, enviou seu Filho ao mundo, ou seja, agiu no tempo. De forma semelhante, Paulo afirma em Atenas: “... não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou ...”⁷⁶ (Atos 17.30-31). Esta passagem explicita diferentes ações de Deus em tempos distintos de forma peculiar.

Para além da definição da eternidade de Deus, Grudem (2022) busca definir a eternidade no aspecto humano. Ele afirma que “sempre existiremos no tempo”.⁷⁷ Para justificar sua afirmação, lança mão de versículos do livro do Apocalipse, tais como Apocalipse 22.5 que afirmam que “não haverá noite ... porque o Senhor Deus brilhará sobre eles”⁷⁸ também afirmado em Apocalipse 21.23,25. Ele argumenta ainda com fatos narrados na visão de João, tais como “E lhe trarão a glória e a honra das nações”⁷⁹ (Apocalipse 21.26), “As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.”⁸⁰ (Apocalipse 21.24), “... os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono ...”⁸¹ (Apocalipse 4.10) e “...a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês...”⁸² (Apocalipse 22.2), todas cenas ocorrendo dentro de um paradigma temporal.

Por fim, cabe ressaltar que o relacionamento entre Deus e o tempo será abordado de forma mais detalhada na próxima seção. Porém, era necessário definir bem o conceito de eternidade, o que não poderia ser feito sem que o tempo fosse considerado.

⁷⁵ BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gl 4.4-5.

⁷⁶ *Ibid.* At 17.30-31.

⁷⁷ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 d.

⁷⁸ BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Ap 22.5.

⁷⁹ *Ibid.* Ap 21.26.

⁸⁰ *Ibid.* Ap 21.24.

⁸¹ *Ibid.* Ap 4.10.

⁸² *Ibid.* Ap 22.2.

4. DEUS E O TEMPO

Enquanto o objetivo da seção anterior foi definir a eternidade de Deus, o objetivo da presente seção é explorar o relacionamento de Deus com o tempo. Em parte, isso já começou a ser realizado na seção anterior quando descrito, por exemplo, como Ele age no tempo. Ficou evidente que é quase impossível falar da eternidade de Deus sem citar o tempo, mesmo que este não seja um padrão para medir aquela. Também ficou evidente da seção anterior que o relacionamento de Deus com o tempo é algo difícil para o ser humano entender. Isso não significa que sejam conceitos impossíveis, uma vez que Deus é ilimitado e nós extremamente limitados.

Um fato importante a ser ressaltado é que o tempo é criação de Deus.⁸³ Grudem (2022) argumenta que “antes que Deus fizesse o universo, não havia matéria, mas então ele criou todas as coisas (Gn 1.1; Jo 1.3; 1Co 8.6; Cl 1.16; Hb 1.2)”.⁸⁴ Pelas teorias da Física moderna, sabemos que “o espaço é um componente da existência material e o tempo, a sequência das transformações da matéria. Assim, o espaço e o tempo passam a ser concepções indissociáveis”.⁸⁵ Talvez seja por esse motivo que o ser humano, desde a criação, conta o tempo pelo movimento dos astros como está em Gênesis 1.5 “Houve tarde e manhã, o primeiro dia”.⁸⁶

Diante do exposto, se Deus criou toda a matéria, Ele também criou o tempo, mesmo que a Bíblia não diga isso literalmente. Grudem (2022) continua “No princípio” (Gn 1.1) então não aponta somente para o tempo em que Deus criou o universo, mas também para o início do tempo”⁸⁷ e conclui que “quando Deus começou a criar o universo, o tempo começou, e começou a haver uma sucessão de momentos e acontecimentos um após o outro”.⁸⁸

Por outro lado, Grudem (2022) também argumenta que não é necessária a teoria da Física para chegar à conclusão acima, pois “intérpretes renomados das Escrituras

⁸³ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a.

⁸⁴ *Ibid.* Cap 11, B 3 a.

⁸⁵ VIEIRA, Paulo Freire. O tempo-espaço: ficção, teoria e sociedade. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2003.

⁸⁶ BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Gn 1.5.

⁸⁷ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a.

⁸⁸ *Ibid.* Cap 11, B 3 a.

entenderam as primeiras palavras da Bíblia, “No princípio”, como referência ao início do tempo em si”.⁸⁹ Um outro aspecto importante, e que corrobora com a ideia da atemporalidade de Deus, é que antes “de haver um universo, e antes de haver o tempo, Deus sempre existiu, sem início e sem ser influenciado pelo tempo”.⁹⁰

A questão que surge é se faz sentido falar de antes do tempo existir. “Antes” é um advérbio de tempo e a expressão está indicando algo que ocorreu em um momento anterior. Mas se esse momento não existiu pois não existiu tempo, trata-se de algo a ser imaginado em um tempo não real, pela incapacidade da linguagem em expressar tal fato. Nesse sentido, Grudem (2022) também afirma que “as Escrituras falam de acontecimentos “antes do tempo””⁹¹ e aponta a objeção do filósofo cristão, William Craig, com argumentação semelhante, para quem “a palavra “antes” é incompatível com o estado da atemporalidade”.⁹² Grudem (2022) considera “dizer que a Bíblia em si usa esse tipo de linguagem para nos informar coisas que se aplicavam a Deus “antes” da criação e mesmo antes do tempo”.⁹³ Tal pensamento corrobora com a informação de Berkhof (2012) sobre a linguagem popular⁹⁴ usada na Bíblia e, na mesma senda, com a ideia de acomodação da linguagem de Calvino (2022).⁹⁵

Como exemplos de textos bíblicos que falam de Deus antes da criação temos Judas 1.25 que diz “ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos.”⁹⁶; Paulo escreve a Timóteo falando sobre como Deus “nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos”⁹⁷ (2 Timóteo 1.9) e ainda, escrevendo a Tito, fala na sua saudação da “esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos”⁹⁸ (Tito 1.2).

⁸⁹ *Ibid.* Cap 11, B 3 a.

⁹⁰ *Ibid.* Cap 11, B 3 a.

⁹¹ *Ibid.* Cap 11, B 3 a.

⁹² *Apud.* GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a.

⁹³ GRUDEM, Wayne. *Op.cit.* Cap 11, B 3 a.

⁹⁴ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book. Cap VI, C 2.

⁹⁵ CALVINO, João. **As instituições**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap XIII 1.

⁹⁶ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Jd 1.25.

⁹⁷ *Ibid.* 2Tm 1.9.

⁹⁸ *Ibid.* Tt 1.2.

Apesar da expressão “tempo antes dos tempos” não ter um sentido lógico, é usada para dizer que “Deus sempre existiu antes que houvesse tempo”.⁹⁹

5. EXEMPLOS DE ACOMODAÇÃO DA LINGUAGEM

Ao longo do estudo, os conceitos de tempo, linguagem e eternidade com relação da Deus e ao homem foram trabalhados. Cumpre agora apresentar exemplos nas escrituras sagradas que apontem para a insuficiência da linguagem humana na expressão da identidade de Deus ou seus decretos feitos na eternidade, ou seja, no seu paradigma atemporal.

Um primeiro exemplo a ser citado é a expressão “de eternidade em eternidade”. Tal expressão aparece em muitos textos sagrados, tais como Salmos 41.13; 90.2; 103.17; 106.48; Daniel 2:20; 7.18; Neemias 9.5 e 1 Crônicas 16.36; 29.10. Muitos desses textos estão em linguagem poética, como no caso dos Salmos, ou simbólica, no caso de Daniel. Se a eternidade para nós será um tempo infinito para frente e para Deus denomina uma situação atemporal, essa expressão deseja acomodar das duas ideias.

No mesmo sentido, um segundo exemplo é a expressão já citada “pelos séculos dos séculos”, em Gálatas 1.5; 1 Timóteo 1.17; 2 Timóteo 4:18; Filipenses 4.20; Romanos 16.27; 1 Pedro 4.11; 5.11; Apocalipse 1.6,18; 4.9-10; 5.13; 7.12; 10.6; 11.15; 14.11; 15.7; 19.3; 20.10; 22.5, que busca expressar um tempo infinito.

O terceiro exemplo é o uso da construção “desde a eternidade”, que aparece, por exemplo, em Provérbios 8.22–23 e Salmos 25.6; 55.19; 93.2, apontando para a eternidade atemporal de Deus. Em especial, dois textos chamam a atenção. O primeiro está em 1Coríntios 2.7, no qual Paulo fala da “sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória;”¹⁰⁰, ou seja, ele cita uma característica de Deus existente em seu ser na sua atemporalidade. O outro texto está em Miquéias 5.2 e trata da profecia do Messias: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”.¹⁰¹

⁹⁹ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: completa e atual. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Cap 11, B 3 a.

¹⁰⁰ BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 1Co 2.7.

¹⁰¹ *Ibid.* Mq 5.2.

Em especial significado, expressa o plano de salvação determinado por Deus em seu próprio paradigma.

O quarto exemplo refere-se à declaração de Deus sobre si mesmo. Em Êxodo 3.14, Deus se identifica a Moisés dizendo “Eu Sou o Que Sou”.¹⁰² Mais tarde, Jesus diz sobre si mesmo que “antes que Abraão existisse, Eu Sou”¹⁰³ (João 8.58). Este segundo texto é uma clara referência ao decreto de Deus sobre si mesmo feito na eternidade. Repare que o tempo verbal usado no Português está na primeira pessoa do presente do indicativo que, conforme descrito em seção anterior, tem um caráter atemporal por não determinar em qual tempo a ação será executada. Neste caso, porém, quando Jesus cita o tempo antes de Abraão, ele faz referência a atemporalidade de Deus.

No texto de Judas 1.25 aparece mais uma forma de referência a eternidade de Deus: “antes de todas as eras”.¹⁰⁴ Uma forma semelhante a essa é “antes dos tempos eternos”¹⁰⁵ que aparece em 2Timóteo 1.9 e Tito 1.2. Os dois versículos tratam de um tema importante no contexto da atemporalidade de Deus: o plano de salvação. Em 2Timóteo 1.9, Paulo diz que Deus “nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos”¹⁰⁶ e em Tito 1.2, diz que a “vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos”.¹⁰⁷

Por último, citam-se dois textos, relacionados à eleição e predestinação, temas que têm alimentado muitas discussões no meio teológico. O primeiro está em Romanos 8.29-30, que diz: “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou ... E aos que predestinou, a esses também chamou; ...”.¹⁰⁸ Este texto usa os verbos predestinar e escolher no passado, ou seja, dando a entender que foi algo que ocorreu na linha do tempo. Porém, o mesmo autor, Paulo, escrevendo aos Efésios diz: “assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de

¹⁰² *Ibid.* Ex 3.14.

¹⁰³ *Ibid.* Jo 8.58.

¹⁰⁴ *Ibid.* Jd 1.25

¹⁰⁵ *Ibid.* Tt 1.2.

¹⁰⁶ *Ibid.* 2Tm 1.9.

¹⁰⁷ *Ibid.* Tt 1.2.

¹⁰⁸ *Ibid.* Rm 8.29-30.

Jesus Cristo...”¹⁰⁹ (Efésios 1.4-5). Aqui Paulo não deixa dúvida que a escolha e predestinação não ocorre na linha do tempo e sim na atemporalidade de Deus, uma vez que, como já exposto, o tempo foi criado por Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo evidencia-se que o ser humano tem muita dificuldade de entender profundamente que Deus não está preso ao tempo. Isso é devido a própria natureza humana criada no contexto temporal. Ao perceber Deus, o homem elabora descrições temporais de seus decretos e atos, pois a linguagem humana é incapaz de expressar com exatidão decretos feitos por Deus no seu paradigma atemporal. Por isso são usadas expressões poéticas como “de eternidade em eternidade” ou referências a um tempo em que não existia tempo, como em “antes da criação do mundo”. Tal linguagem é imprecisa e aponta para a necessidade de avaliar o impacto desta linguagem popular, com a qual a Bíblia foi escrita, na formulação de doutrinas bíblicas.

Os resultados da pesquisa ampliam o conhecimento e fornecem novas ferramentas para a Teologia Sistemática. Assim, por exemplo, se a doutrina da eleição e a predestinação costumam ser harmonizadas com o livre arbítrio usando a onisciência de Deus, este trabalho oferece uma nova forma de harmonia, pois o livre- arbítrio do homem ocorre no tempo e a escolha de Deus fora dele.

Dessa forma, a pesquisa sugere investigações futuras em temas ainda em discussão no campo Teologia Sistemática, que possam ser avaliados dentro e fora do paradigma temporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2015. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- ALMEIDA, Regislene Dias de. Os usos do presente do indicativo: reflexões teóricas e proposta didática para um estudo contemporâneo da linguagem. **Estudos Linguísticos**, v. 50, n. 1, p. 10-23, abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/2899/1938/12187>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. E-book.

¹⁰⁹ *Ibid.* Ef 1.4-5.

Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2025.

BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia.** 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CALVINO, João. **As institutas.** 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022. Cap XIII 1.

CRAIG, William L., “A critique of Grudem’s formulation & defense of the doctrine of eternity”, **Philosophia Christi** 19, n. 1 (Spring 1996): 33-8.

CULLMANN, Oscar. **Cristo e o Tempo.** São Paulo: Custom, 2003. 288 p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko. As teorias de Reichenbach e de Rojo e Veiga: tempo na frase e tempo no texto. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 2, p. 389-413, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/f4yCHfjQhJ7TzpPd6bfnWrx/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2025.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: completa e atual.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard.** 2004. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30112004-183841/pt-br.php>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PAIVA, Mikhael Lemos. Aristóteles e o tempo: a tríade relacional entre número, movimento e o agora. **Filogênese**, Marília: UNESP, v. 13, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/aristoteles-e-o-tempo-a-triade-relacional-entre.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.

PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar gramática.** 4. ed. São Paulo:

FTD, 2015. 192 p.

PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 707

PLATÃO **Timeu e Crítias ou A Atlântida**. Trad. Noberto de Paula Lima, São Paulo, Hemus.1981.

SALES, J. C. Conceção e percepção de tempo e de temporalidade no Egito Antigo. **Cultura**, v. 23, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/1282>. Acesso em: 5 mar. 2025.

VIEIRA, Paulo Freire. O tempo-espaço: ficção, teoria e sociedade. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/ZWtXgf3cBtTbzJBRHFrX4BN/>. Acesso em: 1 mai. 2025.

***Missio dei: Um paralelo entre a missão no primeiro século
d.C. e a missão no século XIX d.C.***

*Missio Dei: A Parallel Between Mission in the First Century A.D. and
Mission in the Nineteenth Century A.D.*

Rubens Fabiano dos Santos Ramos¹
Vitor Emanuel Correa de Mesquita²

RESUMO

O presente artigo, tem o objetivo de analisar de forma comparativa a missão da igreja em dois recortes históricos, a saber, o século I e o século XIX. A igreja do I século d.C., herda a missão de Deus, *missio dei*. Ela inaugura uma nova aliança, possuindo uma teologia missionária com uma mensagem centrada em Cristo, propagada por meio da proclamação. Eles prepararam novos missionários, por meio do discipulado. Neste contexto, surgem as comunidades cristãs, que também tiveram grande importância no cumprimento da missão. O século I, foi um período de construção de identidade e de grande avanço na missão. No século XIX, a igreja enfrentou vários desafios como, a relação entre a missão e colonização, que deixou grandes cicatrizes na história da missão; a resistência cultural, advinda das mudanças causadas pelo iluminismo; e os impactos causados pela modernidade. Foram desafios que causaram enormes prejuízos a missão, e que levou a igreja a buscar novas respostas para os novos problemas sociais, e, a reafirmação da fé. Por meio da proposta metodológica comparativa, características da missão como mensagem, ação missionária e barreiras culturais, foram comparadas nos dois recortes históricos, o séc. I e o séc. XIX, chegando à conclusão, de que não havia apenas diferenças, mas semelhanças entre os períodos analisados.

Palavras-chaves: *Missio Dei*, A missão no I século d.C., A missão no século XIX d.C.

ABSTRACT

This article aims to analyze in a comparative way the mission of the church in two historical cuts, namely, the first century and the nineteenth century. The church of the first century A.D. inherits God's mission, *missio dei*. It inaugurates a new covenant, possessing a missionary theology with a Christ-centered message, propagated through proclamation. They prepared new missionaries through discipleship. In this context, Christian communities emerged, which also had great importance in the fulfillment of the mission. The first century was a period of identity construction and great progress in the mission. In the nineteenth century, the church faced several challenges such as the

¹ Teologia em andamento na Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Missionário.

² Mestrado em andamento em Ciências da religião pela UMESP. Pós-graduado em história do Cristianismo pela FABAT. Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela UNINTER. Formado em Teologia pela UNESA.

relationship between mission and colonization, which left great scars in the history of mission; cultural resistance, arising from the changes caused by the Enlightenment; and the impacts caused by modernity. These were challenges that caused enormous damage to the mission, and that led the church to seek new answers to new social problems, and the reaffirmation of faith. Through the comparative methodological proposal, characteristics of the mission as a message, missionary action and cultural barriers, were compared in the two historical cuts, the I century. and the century. Reaching the conclusion that there were not only differences but also similarities between the periods analyzed.

Keywords: *Missio Dei*, The mission in the first century A.D., The mission in the nineteenth century A.D.

INTRODUÇÃO

A *Missio Dei* (Missão de Deus) é um tema central nas Escrituras Sagradas abordado pela missiologia. González e Orlandi³ descrevem a missiologia como sendo “a disciplina que estuda, de forma sistemática e coerente, tudo o que for relacionado à missão de Deus e à da comunidade de fé.”⁴

O conceito parte da premissa de que, a missão de reconciliar a humanidade perdida, devido ao pecado, com seu criador, parte do próprio Deus. Ele planejou e atuou como “missionário” em toda a história. Neste contexto, a igreja cristã herda a missão, por meio do próprio Deus encarnado, Jesus Cristo, mas essa missão tinha parâmetros, uma mensagem, alvos e etapas a serem cumpridas como: Evangelização, discipulado, plantação de igrejas, formação de liderança e envio de missionários. A missão herdada pela Igreja no primeiro século cumpre sua tarefa, embora tenha enfrentado vários obstáculos. Com o passar dos séculos a igreja enfrentou vários desvios, a exemplo do processo de colonização no século XIX, que se confundiu com evangelização, pois ambos andavam de mãos dadas, deixando cicatrizes históricas. O impacto da era moderna sobre a missão no século XIX bem como as barreiras culturais foram desafios a serem vencidos.

Utilizando-se do método comparativo⁵, torna-se possível analisar a igreja primitiva do século I d.C. e a igreja do século XIX d.C., em relação a missão. Gil

³ GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. **História do movimento missionário**. 1ª ed. São Paulo. Hagnos, 2010.

⁴ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op. cit.* p. 23.

⁵ RODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Emani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

comenta que o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e as similaridades entre eles.⁶

A justificativa da pesquisa é aprofundar o conhecimento teórico, para um melhor desenvolvimento de cristãos comprometidos com a obra missionária e com estudo teológico, trazendo informações sobre períodos distintos, separados por XVIII séculos, com o objetivo de analisar como a *missio dei* foi influenciada pelos fatores como, cultura, sociedade, desenvolvimento social, aceitação ou rejeição da mensagem do evangelho, contribuições, e se nesse salto histórico, do século I para o XIX, houve uma mudança de paradigma do que foi a *missio dei* no I século. Dentro desse contexto, a pesquisa contribui não apenas para o ramo da missiologia, mas também para o estudo da história da igreja e seus desdobramentos.

1. CONCEITO DE *MISSIO DEI*

Em termos etimológicos práticos, as palavras *Missio Dei* têm os seguintes significados: “*Missio*” = missão, “*Dei*” = Deus, logo, *Missio Dei* significa missão de Deus, a obra, tarefa, encargo ou responsabilidade em cumprir algo pelo próprio Senhor.

Parafraseando Brandão em seu livro, *Igreja multiplicadora, cinco princípios bíblicos para crescimento*, o termo *Missio Dei*, que significa Missão de Deus, expressa o entendimento de que a missão é de Deus.⁷ Ele planejou desde a queda do homem (Gn 3) um plano, uma missão de resgate, a fim de reconciliar e salvar a sua criação. A Bíblia de estudo King James 1611, estudo Holman⁸, diz que, a referência em Gênesis 3.15, é conhecida na cristandade como protoevangelho, ou “as primeiras boas novas,” porquanto é a primeira predição do evangelho de Jesus Cristo.⁹ A missão não tem início na igreja, mas em Deus, desde o início da história em seu declínio até a consumação dos séculos, descritos desde o livro de Gênesis até o de Apocalipse.

Gonzáles e Orlandi¹⁰ afirmam que “a igreja, como povo de Deus, surge dessa missão e participa dela. A igreja é o resultado e a coprotagonista da missão de Deus. A igreja nasce, mantém-se e transforma-se pela missão de Deus”.

⁶ GIL *apud* PRODANOV; FREITAS, p. 38.

⁷ BRANDÃO, *op. cit.* p. 160.

⁸ **Bíblia. Bíblia de estudo King James 1611.** Estudo Holman, 1ª ed. Rio de Janeiro : BV Books, 2018.

⁹ BÍBLIA, *op.cit.* p. 13.

¹⁰ GONZÁLES; ORLANDI, *op.cit.*

Para Brandão (2014), a missão que é de Deus, foi transferida para a igreja por Jesus, para que dessem continuidade, mas dependente da obra e revestimento do poder do Espírito Santo. Os discípulos receberam a mensagem, a capacitação, o alvo e o propósito da missão.

No evangelho de Mateus, especificamente no capítulo 28 e versículos 19 ao 20, onde está escrito:

πορευθέντες οὖν μαθητεύσατε πάντα τὰ ἔθνη, βαπτίζοντες αὐτοὺς εἰς τὸ ὄνομα τοῦ Πατρὸς καὶ τοῦ Υἱοῦ καὶ τοῦ Ἁγίου Πνεύματος, διδάσκοντες αὐτοὺς τηρεῖν πάντα ὅσα ἐνετειλάμην ὑμῖν· καὶ ἰδοὺ ἐγὼ μεθ' ὑμῶν εἰμι πάσας τὰς ἡμέρας ἕως τῆς συντελείας τοῦ αἰῶνος.¹¹

É possível observar Jesus convocando seus seguidores para o cumprimento da grande missão, o que seria cumprido, a partir, principalmente, dos eventos descritos no livro dos Atos dos Apóstolos, como, o derramamento do Espírito Santo, a formação das comunidades cristãs e as viagens missionárias. A Bíblia de estudo King James, estudo Holman (2018), faz a seguinte abordagem sobre a grande comissão:

A ordem de estender a missão deles pelo mundo inteiro leva ao clímax o repetido tema de Mateus da participação gentílica na salvação de Deus. A inclusão de quatro mulheres gentias na genealogia de Jesus preanunciou a missão dos discípulos de fazer discípulos de todas as nações.¹²

Jesus ordenou que a igreja pregasse a todas as pessoas, independente da etnia, nação ou status social, todos precisavam ouvir a mensagem para que tivessem a oportunidade da salvação. Para Green (2020)¹³, “não havia dúvidas de que a salvação veio dos judeus, que sua origem veio de um homem nascido sob a lei, mas ela está destinada ao mundo todo.”¹⁴

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas abordam a grande comissão, mas em nenhum outro livro na Bíblia no Novo Testamento, relata a atuação missionária da igreja de forma tão intensa, quanto o livro de Atos dos Apóstolos, dando-nos uma ideia

¹¹ ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ²⁰ ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. Bíblia Almeida Revista e Atualizada Disponível em: <https://bibliaportugues.com/text/matthew/28-19.htm>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

¹² BÍBLIA, *op.cit.* p.1601

¹³ GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

¹⁴ GREEN, *op.cit.* p. 148.

da proporção do que viria a seguir e seus possíveis desdobramentos, no que diz respeito à atuação da igreja como instrumento de Deus para o cumprimento de seu propósito.

2. TEOLOGIA MISSIONÁRIA NO I SÉCULO D.C.

Durante o primeiro século, principalmente no período em que a igreja era apenas vista como o movimento de Jesus, muitos dos escribas e fariseus, tinham o entendimento de que o messias e as Escrituras Sagradas beneficiavam em especial a nação judaica, havia equívocos interpretativos.¹⁵ Segundo Shelley (2018), “O encontro com Jesus levou os cristãos primitivos a examinarem novamente o Antigo Testamento”.¹⁶ Não é que eles se voltaram ao Antigo Testamento como se o novo já estivesse concluído, na verdade, eles reinterpretaram o Antigo Testamento a partir das novas experiências que vivenciaram, e, através dessa releitura, compreendem o aparecimento do Messias e o foco expansivo da missão.

2.1 Centralidade de Cristo

Com base na leitura no evangelho de Mateus no capítulo 28, sobre a grande comissão, momento em que Jesus envia os seus apóstolos; eles deveriam anunciar uma mensagem a todas as nações, mas, que mensagem? Qual o conteúdo dessa mensagem?

Antes de sua morte, durante a celebração da páscoa, Jesus declara que os seus seguidores viveriam sobre uma nova aliança, e que, essa nova aliança seria formalizada pelo seu sacrifício, momento que seria simbolicamente lembrado no partir do pão e no beber do vinho em uma ceia (texto descrito no evangelho de Mateus 26.17-31). Shelley (2018), “o tempo da nova aliança, Jesus disse, havia chegado. A existência de um novo povo de Deus, desfrutando do perdão dos pecados, era agora possível por meio do derramamento de seu próprio sangue.”

Nessa nova configuração, os enviados, deveriam anunciar a chegada do reino de Deus, e a necessidade humana de salvação, enfatizando que, Jesus foi o meio pelo qual Deus iria resgatar a “humanidade” perdida. Jesus se torna o centro da mensagem, a boa notícia de uma salvação por meio da graça. Millard (2015, p. 775), argumenta que:

¹⁵ SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 29.

¹⁶ SHELLEY, *op.cit*, p. 29.

“Jesus veio com o propósito de oferecer vida como um resgate, um meio de libertar as pessoas que estavam escravizadas ao pecado”. Green (2020), relata que as boas notícias messiânicas começaram em João Batista, pois o profeta pregava as boas novas, a necessidade de arrependimento e a chegada do Reino de Deus.¹⁷ Shelley (2018), enfatiza que os apóstolos pregaram a ressurreição de Jesus desde o início como sendo um propósito divino, comprovando pela exposição das Escrituras. Qualquer tema estava interligado a Jesus, fosse, graça, arrependimento ou vinda do Reino de Deus, Ele era o centro da mensagem.

Green (2020), ao falar sobre as boas novas no livro escrito por Marcos, ele diz que o autor do texto bíblico teve o cuidado de manter Jesus no centro das boas novas.¹⁸

2.2 Evangelismo por meio da proclamação

Como já citado nesse artigo, eles tinham uma mensagem centrada em Cristo, mas, essa mensagem precisava ser divulgada, e foi uma ordem expressa do mestre para o seu grupo de discípulos.

Essa missão já havia sido ensinada aos discípulos; eles, por mandato de Jesus, proclamavam as boas novas entre o povo judeu, que foi a prioridade durante os três anos do ministério do Messias, segundo o relato no livro de Mateus 15.24, o comentário bíblico Beacon¹⁹ (p.114), relata que Cristo informou que Ele havia sido enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel. Primeiro com o seu silêncio e depois com uma afirmação direta. Porém, essa mensagem deveria tomar outras proporções pós ressurreição, com base nas profecias messiânicas, a exemplo da que Abraão recebeu. “em ti serão benditas todas as nações da terra” (Livro do Genesis 12.3).

“Não havia dúvidas quanto a isso na igreja primitiva, apesar de muitas vezes terem surgido problemas em relação a até que ponto os convertidos não judeus deveriam adaptar-se ao ritual, à lei e aos externos de Israel”.²⁰

O livro de Atos também traz essa informação ainda mais clara, quando Jesus dá a instrução quanto à onde proclamar, destacando Jerusalém, Judeia, Samaria e até os

¹⁷ GREEN, *op.cit.* p. 72.

¹⁸ GREEN, *op.cit.* p. 75.

¹⁹ EARLE, *op.cit.* p. 114.

²⁰ GREEN, *op.cit.* p.148.

confins do mundo (Atos 1.8). Segundo o comentário histórico-cultural da Bíblia, Novo Testamento (2017),

Textos antigos referiam-se a diferentes lugares com a expressão “confins da terra”. A referência mais comum era à Etiópia (At 8.15; cf. Lc 11.31), mas, em Atos, o alvo estratégico de curto prazo é Roma [...] para causar um impacto imediato no império. Porém, de uma perspectiva de amplo alcance, todos os povos estão incluídos.²¹

Levando em consideração as limitações do período em questão, não havia muitas opções para espalhar a mensagem, portanto, o evangelismo pessoal foi o melhor método para se realizar essa tarefa. Na visão de Green (2020), o evangelismo nas casas foi um dos métodos mais eficazes e mais importantes na expansão do cristianismo no primeiro século.²²

As ações missionárias também foram importantíssimas para a proclamação e cumprimento da missão, e nesse contexto, muitos indivíduos se destacaram positivamente, dentre esses, o apóstolo Paulo. Segundo Shelley, (2018), “Com exceção de Jesus, ninguém fez mais pela fé cristã e moldou o cristianismo quanto o apóstolo Paulo, mesmo sendo o mais improvável”.²³ Aquele que dantes perseguia a igreja, agora passa a proclamar a mensagem que esta divulgava, passando a partilhar das suas adversidades e perseguições. Sua dupla cidadania lhe possibilitava transitar entre os judeus e romanos, sendo que, entre os gentios ele teve mais destaque.²⁴ Segundo Shelley (2018), O título de enviado não poderia ser mais apropriado para o apóstolo dos gentios ou povos que não eram de origem judaica, ele declara que:

O título *apóstolo*, ou *enviado*, não poderia ser mais apropriado. Paulo fez uma série de viagens por toda Ásia Menor (atual Turquia) e a Grécia pregando Jesus como o Cristo e plantando igrejas de cristãos gentios.

Os grupos de Paulo formavam um grupo heterogêneo. Alguns tinham antecedentes respeitáveis, mas a maioria era pagã com um passado sórdido. Em muitas cartas, Paulo lembra os leitores da antiga vida que levavam: eram sexualmente imorais, idólatras, adúlteros, homossexuais, ladrões; avarentos, alcoólatras, caluniadores e trapaceiros. Todavia, diz ele, “você foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome de Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus (1Coríntios 6.11).²⁵

É importante ressaltar ainda que, a atuação do Espírito Santo foi de extrema

²¹ EARLE *op.cit.* p. 379.

²² GREEN, *op.cit.* p. 24.

²³ SHELLEY, *op.cit.* p. 34-35.

²⁴ SHELLEY, *op.cit.* p. 35.

²⁵ SHELLEY, *op.cit.* p. 35.

importância nesse processo. Para Richard (2024),²⁶ “A vinda do Espírito Santo, inaugura a igreja; sua presença vitaliza o povo de Cristo; seu derramamento os capacita ao ministério”.²⁷ A igreja foi capacitada pelo Espírito para realizar a missão, os sinais que dantes eram vistos sendo feitos pelo mestre em maior proporção, passaram a ser realizados com mais frequência por seus discípulos. Richard (2024), declara que: “Os sinais visíveis que acompanharam a vinda do Espírito, atraíram uma multidão e forneceram a oportunidade para a primeira mensagem do evangelho na história”.²⁸ Os métodos utilizados pelos seguidores do cristianismo bem como a ação do Espírito Santo, proporcionou um grande avanço na missão. Nas palavras de Carriker (2018),²⁹ “A porcentagem de crescimento no número de cristãos era de 40% por década, chegando a um número surpreendente de 6 milhões de cristãos no terceiro século”.³⁰ Esse número surpreendente, se deu pelo grande comprometimento dos seguidores do Messias, aliados à atuação do Espírito Santo e pela motivação da volta iminente do seu Mestre. Havia uma expectativa de que Jesus voltaria logo.³¹

2.3 Discipulado

Considerando o fato, de que a missão tinha como objetivo anunciar para todos os povos e em todos os lugares da terra, a missão não seria realizada rapidamente, muito menos em um curto prazo, e Jesus sabia disso. Quando Ele escolheu doze homens para ser seus discípulos e conviver com ele durante três anos, ele tinha em mente que o projeto deveria ter continuidade, ele passaria essa responsabilidade aos doze, pois sabia que o prazo seria longo. Essa ideia fica óbvia quando ele disse: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês...” (Mateus 28.19-20).³² Eram discípulos fazendo discípulos. Segundo Brandão (2014):

Discípulos (*mathetes*, no grego) quer dizer aluno, aprendiz, aquele que

²⁶ RICHARDS, Lawrence. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. 2ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2024.

²⁷ RICHARD, *op.cit.* p. 251.

²⁸ RICHARD, *op.cit.* p. 251.

²⁹ CARRIKER, Timóteo. **O que é igreja missional: Modelo e vocação da Igreja no Novo Testamento**. 1ª Ed. Viçosa-Mg. Ultimato, 2018.

³⁰ CARRIKER, *op.cit.* p. 27.

³¹ GREEN, *op.cit.* p. 330.

³² BÍBLIA. **Bíblia Leitura Perfeita: Evangelismo** — 1ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

aprende o ensino de alguém, aquele que se assenta aos pés de um mestre para aprender com ele”.³³

Arêa (2023)³⁴, vai além, e diz que “a palavra traduzida na Bíblia por “discípulo” transmite a ideia de seguir, juntar-se, imitar”.³⁵ Eles deveriam imitar o seu mestre, que veio com uma missão e a compartilhou.

Os discípulos treinados por Jesus, tinham uma árdua missão, levar a mensagem que aprendera estando aos pés do Mestre para todas as pessoas em todo o planeta, algo que, em uma geração eles não conseguiriam, então, seria necessário passar um legado, sempre deixando para a próxima geração a incumbência de testemunhar o evangelho.

2.4 Comunidades cristãs

Com a inauguração da igreja na festa do Pentecostes³⁶, surgiram comunidades cristãs, que a princípio eram em sua maioria compostas por Judeus, principalmente por algumas mulheres, a exemplo de Maria, e composta pelos discípulos e parentes.³⁷ Eles se autodenominavam de “O Caminho” e não se viam como uma nova religião, pelo contrário, eles estavam sempre no templo e nas sinagogas e até cumpriam rituais do judaísmo.³⁸ O que os diferenciavam era a mensagem sobre o Messias, que eles acreditavam ser Jesus, e as ordenanças deixadas por Jesus, o batismo e a ceia. Ainda nesse formato, a missão teve grande avanço chegando a milhares de seguidores em dois anos.³⁹

Com o crescimento da igreja, muitos helenistas (judeus e outros povos que foram imergidos na cultura grega) foram sendo alcançados. Esse fato é destacado em muitas passagens no livro de atos, uma delas, é quando foram instituídos os homens que serviriam as mesas, os diáconos, porque os judeus de fala grega estavam sendo esquecidos na distribuição diária do alimento, descrito em Atos 6. Nas palavras de Shelley,

³³ BRANDÃO, *op.cit.* p. 55.

³⁴ ARÊA, André Luiz Bento. **Ensinado a guardar todas as coisas que o Senhor Jesus tem ordenado em Mateus 28.20**: mobilizando a igreja ao ministério eficiente através do discipulado. 2023.

³⁵ ARÊA, *op.cit.* p.10.

³⁶ A palavra “Pentecostes” vem do grego. Ela significa “quinquagésimo” e concluía o período de sete shabats (sábados) iniciado na Páscoa. BÍBLIA, 2018, *op.cit.* p. 210.

³⁷ SHELLEY, *op.cit.* 32.

³⁸ SHELLEY, *op.cit.* p. 32

³⁹ *Ibid.*, p. 32-33.

O número de gentios cresceu tanto no mundo helênico que a igreja de Jerusalém precisou enviar missionários para estabelecer laços com os novos centros do cristianismo.⁴⁰

Um desses novos centros compostos por sua grande maioria de habitantes não judeus, se destaca no processo para cumprimento da missão, a cidade de Antioquia. Nela, os discípulos foram chamados pela primeira vez de cristãos; a cidade se tornou um centro de iniciativas missionárias, equiparando-se a Jerusalém. Aquela comunidade exerceu grande influência na propagação da fé cristã dando um gigantesco passo na evangelização dos povos gentílicos.⁴¹ A igreja estava criando sua própria identidade enquanto se envolvia na missão; o movimento que era chamado de o Caminho, agora tem outra designação.

Segundo Keener (2017)⁴², o termo cristão só aparece em At 11.27 e em 1Pedro 4.16, sendo que em Atos, é como um apelido pejorativo, e em 1Pedro, como uma espécie de acusação legal.⁴³ A zombaria que era típica da cidade de Antioquia, deu o nome aos seguidores de Jesus, que aceitaram de bom grado a designação cristãos.

3. DESAFIOS DA MISSÃO NO SÉCULO XIX D.C.

Durante o século XIX d.C., a igreja continuou com a missão de proclamar as boas novas, no entanto, ela precisou enfrentar novos desafios que foram grandes obstáculos para o avanço da igreja cristã.

González e Orlandi, destacam os desafios da missão no séc. XIX da seguinte forma:

o século XIX apresentou para as missões cristãs o maior desafio e uma ampla oportunidade. As novas condições do mundo eram tais que poderiam se supor que o impulso missionário do cristianismo, unido como estava a algumas das velhas condições, não conseguiria sobreviver. No final do século XVIII e no começo do século XIX, apareceu na história do Ocidente uma série de movimentos que tendiam a debilitar o apoio que, desde a época de Constantino, o Estado havia prestado a igreja.⁴⁴

Desafios como a influência do movimento iluminista na sociedade, a resistência

⁴⁰ *Ibid.*, p. 36.

⁴¹ *Bíblia*, 2018, *op.cit.* p.34.

⁴² KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. 1ª ed. São Paulo. Vida Nova, 2017.

⁴³ *Ibid.*, p. 421-422.

⁴⁴ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 227.

cultural, o impacto da modernidade e a relação entre missão e colonização, foram barreiras do século XIX que a igreja teve de enfrentar, em um processo que proporcionou prejuízos e avanços.

3.1 Relação entre missão e colonização

Durante alguns séculos a missão (evangelização) e a colonização eram vistos como interdependentes, uma estava ligada a outra. “O bordão da época se tornou: Colonizar é missionar”⁴⁵ (Nascimento, 2015, p.86). O surgimento do movimento iluminista⁴⁶ promoveu um sentimento de superioridade aos povos “civilizados”, como se autodenominavam os europeus e os norte-americanos; contribuindo para o surgimento de ideologias. Nascimento (2015), diz que, os norte-americanos, movidos pelo Iluminismo e o forte nacionalismo, criaram o “Destino Manifesto”⁴⁷, e nesse período o colonialismo teve o seu apogeu. Os americanos acreditavam que, por suas qualidades, Deus os havia escolhido para representar os povos.⁴⁸

Esse comportamento de superioridade, não apenas entre os americanos, mas também entre os europeus, desencadeou, um dos períodos, mas vergonhosos na história da igreja. Segundo Nascimento (2015), “os conquistados sofreram barbarismos e espoliações, por parte de conquistadores que se autodenominavam cristãos”.⁴⁹ Esquecendo-se de sua missão, a igreja não apenas se deixou contaminar, mas também fez parceria com movimentos imperialistas.⁵⁰ A missão de alcançar os povos por meio da pregação do evangelho, passa a ter uma característica de imposição da fé e domínio, quando deveria ser simplesmente uma proposta a fé. Segundo Nascimento (2015),

⁴⁵ NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização? O risco de fazer Missão sem se importar com o outro.** 1ª Ed. Viçosa-Mg – Editora: Ultimato, 2015. p. 86.

⁴⁶ O pensamento iluminista tem como fundamentos a crença no poder da razão humana de compreender nossa verdadeira natureza e de ser consciente de nossas circunstâncias. O homem, então, cria ser o detentor de seu próprio destino, formulando o racionalismo e contrariando as imposições de caráter religioso, sua “razão” divina de existir, e os privilégios dados à nobreza e ao clero – ainda predominantes à época (séculos XVII e XVIII). Conferir: S. DE MELO, Vico Denis; A. DONATO, Manuella Riane. **O Pensamento Iluminista e o Desencantamento do Mundo:** Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. Revista Crítica Histórica, [S. l.], v. 2, n. 4, 2011. DOI: 10.28998/rchv12n04.2011.0012.

⁴⁷ Essa Doutrina defendia que Deus estava do lado da nação norte-americana, e que era direito dela expandir-se além de suas fronteiras. Conferir: OHARA, Danielle Souza et al. **O Destino manifesto nos discursos oficiais dos Estados Unidos:** do 11 de setembro à invasão do Iraque (2003). 2013.

⁴⁸ NASCIMENTO, *op.cit.* p. 27.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 33.

⁵⁰

“provavelmente, muitos nativos aderiram ao cristianismo com medo de represálias e castigos”.⁵¹

Embora o conceito de missão, seja o ato de Deus por meio da igreja em levar a mensagem cristocêntrica de resgate e reconciliação para a humanidade perdida, e o conceito de colonizar, segundo o dicionário, é “fazer com que seja transformado em colônia; modo de habitação de colono; tomar conta de; propagar-se ou invadir,”⁵² separar os dois conceitos, missão e colonização, no início do século XIX não era tarefa fácil, visto que o “conceito” era paradoxal para muitos. A igreja estava com um grande desafio a ser vencido.

Muitos cristãos não compactuavam com esse sistema de domínio, e “coisificação” do outro, dentre eles, William Wilberforce (1759-1833), líder da comunidade denominada Clapham, na Inglaterra, lutou incansavelmente pelo fim do comércio escravagista, discursando no parlamento inglês e criando opinião pública para levar a pressão dessa opinião ao governo. Em 23 de fevereiro de 1807 ele venceu a oposição, dando fim ao comércio de escravos na Inglaterra, no entanto os escravos tinham continuado presos. Em 25 de julho de 1833 a sua luta foi coroada com a libertação dos escravos, embora Wilberforce, por motivo de saúde tivesse se afastado do caso.⁵³

Seu empenho na luta pela libertação dos escravos e principalmente pelo testemunho cristão, são descritos em um de seus discursos, quando ainda ansiava cumprir tal meta:

Nunca, nunca, disse ele, desistiremos, até que tenhamos limpadado esse escândalo do nome cristão, libertando-nos do peso da culpa e extinguindo todo resquício desse tráfico sanguinário.⁵⁴

Embora a relação entre a missão e colonização tenha sido danosa em alguns aspectos, não se pode negar que a igreja nesse período, século XIX, tenha chegado a lugares até então desconhecidos, demonstrando um grande avanço na obra missionária. Mas será que esse “avanço” teve efeito?

⁵¹ *Ibid.*, p. 33.

⁵² DICIO. **dicionário online de português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 06 de junho de 2025.

⁵³ SHELLEY, *op.cit.* p. 396,397.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 306.

Segundo González e Orlandi,

Em termos gerais, pode-se afirmar que o século XIX é o século da expansão protestante euro-atlântica. Tanto a igreja católica romana quanto a ortodoxa russa continuaram seu trabalho missionário.⁵⁵

3.2 Resistência cultural

Influenciados pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa do século XVIII, o século XIX viveu grandes mudanças culturais que não favoreciam muito o cumprimento da missão cristã de anunciar o evangelho. Com o pensamento racionalista, fruto do Iluminismo, a igreja precisava responder aos questionamentos feitos contra algumas posições teológicas. A visão de mundo estava sendo influenciada pelos novos descobrimentos históricos, biológicos e astronômicos.⁵⁶

Para González e Orlandi,

A história da criação do Gênesis parecia estar desmentida pela teoria da evolução. Toda cosmologia bíblica ficava em suspeita ante as novas teorias astronômicas”. O mundo estava mudando e buscava respostas baseadas na ciência, e a igreja precisava enfrentar esse desafio de responder a um mundo onde o “homem estava no centro dele”.⁵⁷

Ainda nas palavras de González e Orlandi,

as perguntas que o século XIX propôs sobre a veracidade da Bíblia e do cristianismo serviram para que os próprios cristãos propusessem novas perguntas fundamentais sobre o caráter de fé, e assim se lançaram por novos caminhos de obediência a Deus.⁵⁸

Outra característica que se deve destacar sobre o Iluminismo, é que, ele influenciou o pensamento cristão da época, inculcando-lhes a ideia de que a cultura Ocidental era a ideal e superior as demais culturas, que segundo eles, precisavam tornar-se civilizadas. Segundo Nascimento (2015), “os norte-americanos concordavam que era preciso, primeiro civilizar para depois evangelizar, comprometidos com a cultura do Ocidente, propagando-a com vigor idêntico”.⁵⁹

A cultura do outro era desprezada, a identidade Ocidental era “impressa” aos demais povos, resultado não apenas do pensamento iluminista, mas também da ação colonialista. De acordo com Stott⁶⁰, é preciso aprender distinguir entre Escritura e

⁵⁵ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 229.

⁵⁶ *Ibid.*, p.227.

⁵⁷ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 227-228.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 229.

⁵⁹ NASCIMENTO, *op.cit.* p. 85.

⁶⁰ STOTT, John R. W. **A missão cristã no mundo**. 2ª ed. São Paulo. Editora Candeia, 2008.

cultura, conservando o que é bom e renunciando as coisas que são más, por amor a Cristo.⁶¹ Infelizmente, a igreja falhou bastante neste quesito, faltou sensibilidade e entendimento sobre esse tema.

Baseado no fato de que a igreja tinha um pensamento ocidental supra cultural e um envolvimento com o imperialismo, os povos não viam a igreja como apenas pregadores de boas novas, mas como dominadores, o que naturalmente causava aversão.

3.3 Impactos da modernidade

Com a queda do Antigo Regime absolutista monárquico e a tradicional sociedade feudal representada pela Igreja Católica, causada pela Revolução Francesa, a base do pensamento popular do século XIX era a doutrina do progresso humano.⁶² “Os protestantes sentiram o impacto, mas foi a igreja Católica romana, com sua ligação de longa data com o Antigo Regime, que viu muito de seus tesouros serem varridos violentamente pelos ventos dos tempos modernos”.⁶³

Shelley (2018), diz que as correntes que dominaram o século XIX causaram dificuldades aos cristãos, a tal ponto de, em muitos momentos, não encontrar o caminho correto. O pensamento moderno glorificava ao homem e não à Deus, algo que se tornou mais perceptível por parte da igreja de Roma do que pela maioria dos protestantes.

A Igreja de Roma teve dificuldades em entender e aceitar que o mundo estava mudando e tentou estacionar no tempo em um mundo que vislumbrava o progresso e buscava viver sobre novas perspectivas.⁶⁴

Por outro lado, o protestantismo, que tinha uma relação direta com os países europeus que se levantavam como novas potências mundiais, conseguiu se adaptar melhor as novas circunstâncias ocasionadas pelas mudanças políticas e econômicas.⁶⁵

A modernidade não trouxe apenas desafios externos, mas também internos. Dentro da igreja cristã havia divisões que fragilizavam a missão; essas divisões eram causadas pelas discussões sobre como a igreja deveria ver os novos descobrimentos e as

⁶¹ STOTT, *op.cit.* p. 119.

⁶² SHELLEY, *op.cit.* p. 382.

⁶³ *Ibid.*, p. 382.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 382.

⁶⁵ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 229.

novas teorias científicas.⁶⁶

Entre o final do século XVIII e o início do Século XXI, surgiu o movimento teológico denominado “Liberalismo Teológico”.⁶⁷ Esse movimento colocou em dúvida a autoridade da Bíblia Sagrada, relativizando tal autoridade (Leite, 2022, p.31).⁶⁸

O Liberalismo, movido pelo pensamento racionalista, atacou bases da fé cristã, negando não apenas a autoridade da Bíblia, mas também a historicidade e milagres de Jesus. Schleiermacher, teólogo liberal, atacou todas as doutrinas bíblicas e defendeu o sentimento humano, ou um relacionamento com Deus, como sendo o suficiente para a salvação da alma.⁶⁹

O teólogo Albrecht Ritschl pregava que Jesus não era o filho de Deus, era apenas um gênio, e que o ingresso no Reino era obtido pela boa fé e comunhão entre as pessoas; a fé em Cristo se tornara desnecessária.⁷⁰

A modernidade com suas descobertas, impactou a igreja, fazendo-a voltar-se para a defesa da fé, fé que estava sobre ataque constante por parte de grandes filósofos e teólogos liberais como: Schleiermacher, Hegel, Nietzsche, Strauss, Baur, Ritschl e Harnack.

“O Iluminismo foi anunciado como a “Era da Razão”, em oposição a “Era da Fé”. O liberalismo teológico era simplesmente o Iluminismo aplicado a teologia, portanto, era o filho obvio do Iluminismo”.⁷¹

Nesse contexto, o fundamentalismo, ou movimento dos conservadores, ressurgiu para reafirmar as doutrinas bíblicas, por meio de conferências. Leite diz que:

Foi em 1883, que aconteceu a primeira reunião no Queens Royal Hotel, para a conferência bíblica de Niágara, onde se reuniu todos os anos de 1883 a 1897 (com exceção de 1884). A primeira série de conferência foi em torno de postulados que contestavam, de frente, as interpretações advindas da crítica histórica aplicada à Bíblia.⁷²

Em 1895, princípios como, infalibilidade das Escrituras, divindade de Cristo,

⁶⁶ *Ibid.*, p. 228.

⁶⁷ LEITE, Fúlvio Anderson Pereira. **Fundamentalismo cristão e liberalismo teológico: Uma análise histórica e teológica**. Centro Presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, São Paulo, p. 31, 2022.

⁶⁸ LEITE, *op.cit.* p. 31.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 31.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 32.

⁷¹ *Ibid.*, p. 36.

⁷² *Ibid.*, p. 41.

nascimento virginal, sacrifício expiatório na cruz em substituição pelos pecados humanos e Ressurreição física e logo retorno, foram defendidos em Niagara.⁷³ A missão sobreviveu em meio a mudança histórica com os desafios que lhe seguiam, mas precisou se adaptar como as demais instituições ao longo dessas mudanças. É observável que a missão em qualquer século enfrentou desafios, e o século XIX não foi uma exceção para os discípulos de Jesus em sua tarefa.

4 PROPOSTA METODOLOGICA COMPARATIVA DA MISSÃO DEI NO SÉCULO I E NO SÉCULO XIX D.C.

“Centrado em estudar, semelhanças e diferenças. Esse método realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências”.⁷⁴ O método comparativo “analisa os dados concretos e com base neles se deduz elementos abstratos e genéricos. Podendo ser utilizado em todas as fases e níveis que estejam sendo realizadas as investigações.”⁷⁵

Desde o século XIX, os sociólogos (como Marx) usavam o método comparativo para produzir conhecimento. Marx, em particular, fazia isso ao comparar diferentes situações históricas concretas, o que o ajudava a desenvolver explicações mais amplas sobre o funcionamento da sociedade.⁷⁶

4.1 Mensagem

Analisando a missão no I século e a sua mensagem, Green (2020, p.71), diz que, “a mensagem da igreja primitiva denominou-se boas novas porque ela revelava “o anúncio jubiloso da salvação messiânica longamente esperada”.⁷⁷ A igreja pregava motivada pela confirmação das profecias que haviam se cumprido em Jesus. A ressurreição era uma prova de que Jesus era o servo sofredor, e eles precisavam espalhar isso para o mundo.⁷⁸

Jesus era o centro da mensagem, a mensagem, tecnicamente falando, era

⁷³ *Ibid.*, p. 41.

⁷⁴ PRODANOVI; FREITAS. *op. cit.* p. 38.

⁷⁵ ARAGÃO, José; NETA, Maria. **Metodologia científica.**

⁷⁶ SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. **O uso do método comparativo nas Ciências Sociais.** Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998-p.2.

⁷⁷ GREEN, *op.cit.* p. 71.

⁷⁸ *Ibid.*, p.72.

cristocêntrica.⁷⁹ Jesus, afirmavam eles, era o messias, o servo sofredor, descrito pelo profeta Isaías, Jesus era o filho de Deus, ele veio salvar a humanidade (judeus e gentios).⁸⁰ Green (2020), relata que, muitas vezes o evangelho até era chamado simplesmente de Jesus Cristo: Ihe anunciou Jesus (At 8.35;5.42;28.31).⁸¹ Sobre fortes influências das mudanças sociais causadas pelo movimento iluminista e pela Revolução Francesa e o desenvolvimento da ciência, a sociedade do séc. XIX respirava novos conceitos e havia um forte desprezo as interpretações clássicas sobre o texto bíblico. A teologia fora infectada pelo racionalismo, e acreditar em milagres, não cabia mais na era da razão.⁸² A mensagem passava por fortes ataques do liberalismo. Shelley (2018) diz que,

Antes de 1880, a maioria dos ministros da Nova Inglaterra defendia a soberania de Deus; a depravação inata da raça humana (resultado do pecado do primeiro homem); a expiação de Jesus Cristo, base do perdão dos pecados humanos; o papel essencial do Espírito Santo na conversão; e a eterna separação dos salvos no céu e no inferno. Após 1880, cada uma dessas crenças foi posta à prova pelos liberais, [...]”.⁸³

Foi preciso uma reafirmação das bases bíblicas neste período, pois a mensagem foi diluída pelo racionalismo e sofria fortes ataques constantemente. A mensagem cristocêntrica não era vista como sendo necessária para uma classe de teólogos liberais que propagavam suas ideias.⁸⁴

Conclui-se que, no primeiro século a mensagem da missão era pregada com entusiasmo e motivação, pelo cumprimento das profecias, fortalecidas pela ressurreição de Jesus, afirmando, que esse era de fato o Messias, e que a mensagem estava centrada nele. Enquanto, no século XIX, esse pensamento de centralidade de Cristo perdeu força devido a influência dos movimentos racionalistas, oriundo do Iluminismo, que centralizam o homem.⁸⁵ A missão precisou se adaptar as mudanças e manter um diálogo com a época, era notório a necessidade de um avivamento da missão que se tornara fragilizada.⁸⁶ O Iluminismo também causou nos ocidentais, um idealismo de cultura superior, que impregnou a igreja e a sua missão. Ocidentalizar se confundia com

⁷⁹ *Ibid.*, p.197.

⁸⁰ *Ibid.*, p.47-76.

⁸¹ GREEN, *op.cit.* p. 197.

⁸² GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p.227-229.

⁸³ SHELLEY, *op.cit.* p. 431.

⁸⁴ LEITE, *op.cit.* p. 38.

⁸⁵ *Ibid.*, p 19.

⁸⁶ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p.228.

conversão, toda cultura não ocidental era desprezada e considerada não civilizada.⁸⁷ A missão do século XIX foi muito comprometida pela influência dos movimentos de sua época, ouve então divergência entre a mensagem da missão do século I em relação a do século XIX, muito por conta da transformação social, política e filosófica da era moderna.

4.2 Ação missionária

A igreja primitiva utilizou de vários métodos missionários para que o evangelho a ela confiado fosse divulgado, entretanto, vale ressaltar que esses métodos não eram nos mesmos padrões da contemporaneidade, eram métodos simples, mas muito eficazes. Um desses métodos, era a pregação nas sinagogas, que era um local ideal para se comunicar a mensagem pelos seguintes aspectos: Era o local onde os judeus frequentavam semanalmente; elas atraíam gentios tementes; era um local onde também se fazia estudo; qualquer membro poderia ser convocado para ler as Escrituras e explaná-la.⁸⁸ Eram características apropriadas para os missionários. Green, destaca que "os missionários cristãos aceitavam com gratidão essa oportunidade de falar a Israel, especialmente nas três primeiras décadas decisivas antes que as portas das sinagogas lhes fossem fechadas".⁸⁹ As sinagogas foram de grande importância para a ação missionária.

Uma outra prática muito comum para o mundo da época, foi a pregação ao ar livre. Que não era algo inovador para os judeus e que os cínicos itinerantes também faziam uso. Os cristãos aproveitando-se deste artifício pregavam em vários lugares, a exemplo de campos abertos, à beira de rios e nas praças de mercados.⁹⁰

Os lares foram entre os meios para comunicação do evangelho, um dos mais relevantes. Por ser um ambiente informal e concentrar famílias inteiras; se tornava um ambiente sólido excelente para se difundir as Boas Novas, onde não havia as preocupações que de se tinha em ambientes formais, pelo contrário, promoviam momentos de hospitalidade e descontração.⁹¹

⁸⁷ NASCIMENTO, *op.cit.* p.85.

⁸⁸ GREEN, *op. cit.* p.272.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 272.

⁹⁰ *Ibid.*, p.274.

⁹¹ *Ibid.*, p.286.

As viagens missionárias atingiram outro patamar no avanço da missão. Pode-se destacar a igreja de Antioquia, como a igreja que teve uma participação de destaque nessas viagens. Foi ela que enviou uma equipe de missionários, onde um deles se tornaria o mais influente e renomado; Paulo, o apóstolo dos gentios.⁹² Sobre as viagens feitas pelo apóstolo Paulo, González e Orlandi falam que,

sua tendência de viajar rapidamente de um lugar a outro, deixando pequenos núcleos de discípulos em cada cidade, não se devia tanto a uma suposta estratégia missionária, segundo a qual esses discípulos logo levariam o evangelho para as comarcas mais distantes da região, devia-se antes ao conceito que Paulo tinha de sua missão, e que o levava a não pensar tanto em termos individuais, mas de nação. Uma vez que o evangelho havia sido semeado em uma nação, sua tarefa era a de continuar até outro lugar.⁹³

Segundo González e Orlandi, mesmo sem um plano ou estratégia missionária, havia cristãos em todas as principais regiões do nordeste do Mediterrâneo no final do século I.⁹⁴ As barreiras geográficas e culturais foram cruzadas.

Concernente ao século XIX, o cristianismo no começo deste, praticamente não existia fora da Europa e América, e a Ásia era praticamente intocada. Havia se passado dezoito séculos e o cristianismo ainda estava longe de se tornar uma religião mundial.⁹⁵

No final do século XVIII, nasce aquele que seria o pai das missões modernas, e que atuaria como propagador da fé, significativamente no século XIX, o missionário William Carey. Indo contra o pensamento calvinista, que considerava a pregação vigorosa e os apelos à conversão inconsistentes com a eleição divina, Carey se pronunciou contrário a todas as justificativas que usavam para não evangelizar.⁹⁶

Em 1792, Carey e doze colegas fundaram a Sociedade Missionária Batista e, dentro de um ano, Carey e sua família estavam a caminho da Índia.⁹⁷ Ele se dedicou ao estudo das línguas dos povos orientais, e ao conhecimento do pensamento hindu. Em 1824, ele já dispunha de seis traduções completas e 24 parciais da Bíblia, além de gramáticas e dicionários.⁹⁸

⁹² GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit*, p.48.

⁹³ *Ibid.*, p. 48.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 49.

⁹⁵ SHELLEY, *op.cit*. p.401.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 402-403.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 403.

⁹⁸ *Ibid.*, *op.cit*. p.404.

Nas décadas de 1820 e 1830, as igrejas britânicas tiveram interesse generalizado pelas missões além-mar. Havia um otimismo inspirado pelas pregações de Jonathan Edwards, que dizia que o conhecimento do Senhor traria o reino de Deus, e pela mescla do movimento missionário com o otimismo do progresso.⁹⁹

Na rota do continente africano, estava David Livingstone (1813-1873), ele foi missionário e explorador na África. Pensava em abrir caminho comercial no continente, com o objetivo de que os nativos comercializassem produtos que possuíam de seus campos e florestas com o homem branco, visando acabar com o comércio escravagista cruel. Sobre ele, Shelley diz que “Livingstone serviu por dez anos, a partir de 1841, na rotina comum de uma obra missionária, mas ele não era o tipo de pessoa que costumava permanecer muito tempo em um lugar”.¹⁰⁰ Ele ansiava alcançar vilarejos que nunca haviam visto um missionário.

As semelhanças das viagens missionárias bem como a sua expansão entre o séc. I e o XIX são inquestionáveis. Houve grande avanço nos dois recortes históricos, no entanto, a igreja do século XIX, tinha muitos traços do colonialismo e um entendimento de cultura superior, fruto do iluminismo. Mas é possível afirmar que em ambos os períodos em questão houve avanços extraordinários.

4.2 Barreiras culturais

Sobre o domínio de Roma, a igreja do primeiro século enfrentou diversas barreiras, uma delas era no campo religioso. Os romanos eram politeístas, ao contrário dos cristãos, que adoravam um único Deus como a religião judaica. Essa diferença, no entanto, não foi o problema, pois “os romanos demonstravam um profundo respeito pelas religiões de outros povos”.¹⁰¹ O problema é que o cristianismo não era considerado uma religião oficial para Roma, nem era considerada religião, mas superstições.¹⁰² Eles toleravam essas classes desde que não fossem antissociais ou criminosos.¹⁰³ Esses dois requisitos foram cruciais para que os cristãos fossem vistos com maus olhos. Nas palavras de Green os cristãos agiam da seguinte maneira:

⁹⁹ SHELLEY, *op. cit.* p. 405-406.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 406.

¹⁰¹ GREEN, *op. cit.* p. 53.

¹⁰² *Ibid.*, p. 54.

¹⁰³ *Ibid.*, p.55.

Não podiam se alistar no serviço militar, porque poderiam ser obrigados a obedecer a ordens conflitantes com seus padrões e com sua lealdade a Jesus Cristo. Não podiam ser pintores ou escultores, porque isto seria concordar com a idolatria. Não podiam ser professores, porque inevitavelmente teriam de contar as histórias imorais dos deuses pagãos. Eles tinham de evitar contratos comerciais, pois estes exigiam juramentos, que os cristãos não podiam fazer. Tinham de ficar longe de cargos públicos, por causa da idolatria vigente...e assim por diante. Assim, não chega a ser surpreendente que os cristãos, tendo padrões como esse, fossem considerados unidos pelo ódio à raça humana.¹⁰⁴

Além desses fatores considerados antissociais, pesava sobre os cristãos as falsas acusações de crimes de canibalismo e as reuniões em segredo.¹⁰⁵ Havia forte rejeição e desprezo aos cristãos, que eram vistos como inferiores culturalmente. Foi um grande desafio para igreja primitiva cumprir a missão sobre tais circunstâncias.

No século XIX, a igreja que havia ganhado grande status, se tornando um grande poder em todas as esferas da sociedade, viu seu poder sucumbir diante das transformações e avanço da ciência. A Revolução Francesa, lutou pela destituição do poder absolutista e a tradicional sociedade feudal representada pela igreja católica, causando mudanças como, a separação entre igreja e estado no século XIX.¹⁰⁶

Com o surgimento da teoria da evolução, feita por Charles Darwin, e publicada em seu livro *A origem das espécies*, a fé cristã precisou debater sobre o novo conceito da origem da humanidade. Darwin afirmava que o homem evoluiu e não havia sido criado, diferente da visão bíblica. Alguns cristãos rejeitaram totalmente essa teoria, enquanto outros, conciliaram as visões, afirmando que a teoria darwiniana suplementava a bíblica.¹⁰⁷

A Revolução Industrial mudou a vida em sociedade. Pessoas que viviam nos campos, migraram para as cidades, onde começaram a surgir grandes aglomerações, e conseqüentemente, vários problemas. As indústrias não proporcionavam segurança e havia muita pobreza na cidade.¹⁰⁸ Shelley relata que “o sol de Deus foi tapado pela fumaça e substituído pelo apito da fábrica: um símbolo do tempo do homem, não de Deus”.¹⁰⁹

¹⁰⁴ GREEN, *op. cit.* p. 60-61.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p.59.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.382.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p.426.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 434-435.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 434.

A igreja não tinha poder estatal para intervir, mas também não buscou as respostas para os muitos desafios que a Revolução Industrial trouxe. Sobre esse fato Shelley argumenta:

Homens dentro e fora das igrejas passaram a considerar o cristianismo em termos cada vez mais limitados, e praticamente tudo o que não fosse “espiritual” estava livre de críticas. Assim, um grupo crescente de trabalhadores industriais passou a considerar igrejas e mensagem cristãs irrelevantes ou impotentes para abordar as dificuldades sofridas na era das máquinas.¹¹⁰

Essas revoluções, seguidas pelo conhecimento científico, trouxeram novos moldes culturais ao homem do século XIX, trazendo uma grande barreira para o cumprimento da missão.

Analisando de forma comparativa os desafios culturais da missão entre o século I e o século XIX, nota-se que, enquanto no Primeiro século, a igreja estava ainda encontrando espaço na sociedade, e neste processo era muito discriminada e “informal”, no século XIX ela estava perdendo seu status adquirido e se tornando irrelevante aos desafios de seu tempo. A igreja do primeiro século, precisou enfrentar a cultura já existente em sua época, enquanto a do XIX, precisou enfrentar as grandes mudanças culturais de seu tempo para cumprir a missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado por meio do método comparativo, que teve como objeto de estudo a *missio dei* (missão de Deus), em dois períodos distintos, a saber, o I século e o século XIX d.C. conclui que, em ambos os períodos houve semelhanças no tocante ao alcance de novas regiões e ou povos alcançados, por meio das viagens missionárias. No I séc. Paulo se destaca como o grande missionário, enquanto no séc. XIX, William Carey torna-se o pai das missões modernas. Outra similaridade entre os recortes históricos, está no fato, de que em ambos houve desafios a serem vencidos. A igreja primitiva enfrentou a cultura existente da época, tanto romana como judaica, aspectos sociais e religiosos, foram uma barreira que a igreja precisou enfrentar enquanto se ocupava na missão; havia perseguição e desprezo. No séc. XIX, a “missão” enfrentou as mudanças culturais que o mundo vinha enfrentando ocasionadas por movimentos como o iluminismo, o pensamento supra cultural, que via as outras culturas inferiores e o

¹¹⁰ SHELLEY, *op. cit.* p. 436.

surgimento do darwinismo, que confrontava a “teoria” criacionista. Todas essas barreiras causaram grandes prejuízos a igreja da era moderna.

A pesquisa também chegou à conclusão de que houve divergências entre os séculos analisados. Uma delas diz respeito a mensagem da missão; enquanto na igreja primitiva a mensagem continha o Cristo no centro, e os missionários se contextualizavam a cultura do outro, no século XIX, a mensagem havia sido “corrompida,” muitos, colocaram a sua cultura como parte da mensagem, a mensagem teve um tom de imposição, principalmente por estar entrelaçada ao colonialismo. A igreja da missão no primeiro século estava ganhando identidade, enquanto a do século XIX, estava perdendo o status e notoriedade.

Os resultados obtidos são significativos, pois expõe fatos influenciadores e inegáveis entre dois períodos, que foram determinantes para se conceituar o *modus operandi* da igreja em missão em cada recorte histórico em questão. Assim, a pesquisa demonstra a importância de uma avaliação comparativa, visando compreender os resultados adquiridos, e em sentido prático, fazer uma reflexão para o nosso contexto contemporâneo; qual tem sido a realidade da missão no século XXI em comparação aos anteriores?

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, José; NETA, Maria. *Metodologia científica*. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017.

ARÊA, André Luiz Bento. *Ensinado a guardar todas as coisas que o Senhor Jesus tem ordenado em Mateus 28.20: mobilizando a igreja ao ministério eficiente através do discipulado*. 2023, f. 25-26. Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

BÍBLIA. *Bíblia de estudo King James 1611*: estudo Holman, 1ª ed. Rio de Janeiro: BV Books, 2018.

BÍBLIA. *Bíblia versão NVI, Leitura Perfeita: Evangelismo* — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

BRANDÃO, Fernando. *Igreja multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento*. 4ª ed. Rio de Janeiro. Editora: Convicção. 2016.

CARRIKER, Timóteo. *O que é igreja missional: Modelo e vocação da Igreja no Novo*

Testamento. 1ª Ed. Viçosa-Mg. Ultimato, 2018.

DICIO. *Dicionário online de português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>> Acesso em 06 de junho de 2025.

EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHILDERS, Charles L. *Comentário Bíblico Beacon*. Livro 6 Mateus e Lucas - Edição: 1ª, Rio de Janeiro, Brasil - CPAD, 2016.

ERIKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. 1ª ed. São Paulo. Vida Nova, 2015.

GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do movimento missionário*. 1ª ed. São Paulo. Hagnos, 2010.

GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. 1ª ed. São Paulo. Vida Nova, 2017.

LEITE, Fúlvio Anderson Pereira. *Fundamentalismo cristão e liberalismo teológico: Uma análise histórica e teológica*. São Paulo: Centro Presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/31188> Acesso em 19 de maio de 2025.

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou colonização? O risco de fazer Missão sem se importar com o outro*. 1ª Ed. Viçosa-Mg – Editora: Ultimato, 2015.

OHARA, Danielle Souza et al. *O Destino manifesto nos discursos oficiais dos Estados Unidos: do 11 de setembro à invasão do Iraque (2003)*. Monografia – Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/3892> Acesso em: 06 de junho de 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RICHARDS, Lawrence. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2024.

S. DE MELO, Vico Denis; A. DONATO, Manuella Riane. *O Pensamento Iluminista e o Desencantamento do Mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático*. Revista Crítica Histórica, [S. l.], v. 2, n. 4, 2011. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2776>>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. *O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998 Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32826981/uso_do_metodo_comparativolibre.pdf?1390501857=&response-content- Acesso em 07 de junho de 2025.

SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo*: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2018.

STOTT, John R. W. *A missão cristã no mundo*. 2ª ed. São Paulo. Editora Candeia, 2008..

As controvérsias da carta de Tiago: Um estudo sobre a autoria, canonicidade e a divergência entre fé e obras na epístola de Tiago

The Controversies of the Epistle of James: A Study on Authorship, Canonicity, and the Divergence Between Faith and Works in the Epistle of James

Victor Cavallari Monteiro¹
Janaine Vasconcelos²

RESUMO

A carta de Tiago, apesar de ser amplamente aceita no cânon bíblico, enfrentou diversas controvérsias ao longo da história. Serão trabalhadas três controvérsias apontadas pela literatura: autoria, aceitação no cânon e a questão de aparentes diferenças no debate sobre fé e obras. Inicialmente, examina-se a disputa em torno da autoria da carta, com ênfase na argumentação que favorece Tiago, o meio-irmão de Jesus, como autor. Em seguida, são abordadas as razões que levaram à inclusão da carta no cânon bíblico, apesar das dúvidas iniciais de alguns pais apostólicos da igreja e da crítica de figuras como Martinho Lutero durante a Reforma Protestante. Por fim, analisa-se a relação entre a mensagem de Tiago e as cartas paulinas, analisando o contexto e como este interferiu na abordagem de Tiago ao lidar com a questão da justificação pela fé. Este artigo visa fornecer uma visão abrangente e contextualizada da carta de Tiago, contribuindo para uma melhor compreensão de sua relevância teológica e sua posição no cânon bíblico.

Palavras-chaves: Tiago, Debate, Autoria, Cânon, Soteriologia, Fé, Obras.

ABSTRACT

The letter of James, despite being widely accepted in the biblical canon, has faced several controversies throughout history. Three controversies highlighted in the literature will be addressed: authorship, acceptance in the canon and the issue of apparent differences in the debate about faith and works. Initially, the dispute surrounding the authorship of the letter is examined, with emphasis on the argument that favors James, Jesus' half-brother, as the author. Next, the reasons that led to the inclusion of the letter in the biblical canon are addressed, despite the initial doubts of some apostolic fathers of the church and the criticism of figures such as Martin Luther

¹ Graduando em Teologia – FABAT. Graduado em Psicologia (Uni7), Pós-graduado em Exposição e Ensino da Bíblia (FBTSP) e Pós-Graduando em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão (FABAT).

² Mestre em Cognição e Linguagem, Bacharel em Teologia e Graduanda em Licenciatura em História Pela FABAT.

during the Protestant Reformation. Finally, the relationship between James' message and the Pauline letters is analyzed, analyzing the context and how it interfered with James' approach when faced with the issue of justification by faith. This article aims to provide a comprehensive and contextualized overview of the letter of James, contributing to a better understanding of its theological relevance and its position in the biblical canon.

Keywords: James, Discussion, Authorship, Canon, Soteriology, Faith, Wors.

INTRODUÇÃO

A carta de Tiago é um texto crucial para a igreja moderna, equiparado ao impacto do Sermão da Montanha³, por oferecer princípios práticos e diretos que abordam os temas fundamentais da vida cristã com clareza e riqueza, enfatizando a importância da prática da fé e da ação. No verdadeiro espírito da literatura da Sabedoria, Tiago aborda uma vasta gama de assuntos, apresentando-os em parágrafos concisos e muitas vezes distintos, o que confere à epístola uma estrutura singular, comparável a um "colar de pérolas", onde cada ensinamento brilha por si mesmo.⁴ Contudo, esta mesma epístola figura entre as cartas mais controversas do Novo Testamento. Desde os primórdios do cristianismo, tem sido objeto de debate e especulação, tanto em relação à sua autoria quanto à sua inclusão no cânon bíblico.⁵ Apesar de Tiago, o meio-irmão de Jesus, ser tradicionalmente considerado o autor, contestações históricas sobre sua origem e autenticidade persistem, assim como discussões sobre a aparente divergência entre fé e obras.⁶

Diante dessas complexidades e da necessidade de uma compreensão contextualizada e precisa de sua relevância teológica e sua posição nas Escrituras, o presente artigo propõe-se a explorar as diversas facetas da carta de Tiago. Inicialmente, examinará as controvérsias em torno da autoria, analisando as evidências que sustentam a atribuição a Tiago, o meio-irmão de Jesus. Em seguida, abordará os desafios históricos e teológicos que a epístola enfrentou para ser aceita no cânon bíblico, incluindo a resistência de figuras proeminentes como Martinho Lutero durante a Reforma

³ LOPES, Hernandes Dias. **Tiago**: Transformando Provas em triunfo. São Paulo: Hagnos, 2006. p.9.

⁴ PFEIFFER, Charles.; HARRISON, Everett. **Comentário Bíblico Moody**. Tradução de vários. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2001. 5 v. p.2.

⁵ BARCLAY, William. **As Cartas de Tiago e Pedro**. Tradução de Carlos Biagini. [S.l.]: [s.n.], 2009. 155 p. (O Novo Testamento Comentado por William Barclay, v. 14). Arquivo PDF.p.2.

⁶ Idem.

Protestante. Além disso, este artigo explorará o contexto em que a carta foi escrita, destacando as dificuldades enfrentadas pela comunidade cristã de Jerusalém, e analisará a relação entre a mensagem de Tiago e as cartas paulinas, com foco na questão da justificação pela fé.

1. PRIMEIRA CONTROVÉRSIA: A AUTORIA

Assim como a maioria dos livros bíblicos, a autoria da Carta de Tiago no Novo Testamento tem sido tema de debate entre os estudiosos, devido à ausência de detalhes específicos sobre a identidade do autor.⁷ A carta declara apenas ter sido escrita por Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo.⁸ Pelo menos quatro possíveis autores são apontados: Tiago, meio-irmão de Jesus; Tiago, filho de Zebedeu; Tiago, filho de Alfeu; e Tiago, pai de Judas Tadeu^{9, 10} Todavia, mesmo com essa gama de possibilidades para a autoria da carta, há um consenso entre a maioria dos estudiosos que aponta a autoria da carta para Tiago, meio-irmão do Senhor Jesus.

Carson, Moo e Morris¹¹ apresentam alguns argumentos contrários à autoria de Tiago, meio-irmão de Jesus. Contudo, em sua análise, esses argumentos não são decisivos para desacreditar tal autoria. Em um movimento inverso, Barclay¹² aponta pelo menos quatro motivos para a autoria do meio-irmão de Jesus que serão apresentados a seguir.

1.1 Líder da Igreja em Jerusalém

Tiago emergiu como líder proeminente da igreja cristã em Jerusalém, como evidenciado em Atos 12:17; 15:13; 21:18 e Gálatas 1:19. Sua posição de liderança e autoridade na comunidade cristã judaica lhe confere a credibilidade necessária para escrever uma epístola com um forte tom de exortação. O tom autoritário desta epístola condiz bem com a posição de primazia atribuída a ele.¹³ Como líder reconhecido, Tiago

⁷ CARSON, Donald Arthur.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2020. p.454.

⁸ Bíblia Sagrada, **Tiago** 1:1.

⁹ CARSON, Donald Arthur.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 454.

¹⁰ Barclay, William. **As Cartas de Tiago e Pedro**. p.12.

¹¹ Carson, Donald Arthur.; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p.454.

¹² Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p. 13.

¹³ DAVIDSON, F. (Org.). **O Novo Comentário Da Bíblia**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.

tinha a responsabilidade de orientar e instruir os crentes em sua congregação, tornando-o um candidato adequado para a autoria da carta.¹⁴

Tiago, pai de Judas Tadeu, e Tiago, filho de Alfeu, têm uma presença relativamente obscura no Novo Testamento em comparação com outros líderes cristãos proeminentes da época, como Pedro, Paulo e João. Essa falta de destaque pode sugerir que esses "Tiagos" não seriam tão prontamente reconhecidos pelos destinatários da carta, especialmente se eles não tivessem uma autoridade estabelecida na comunidade cristã primitiva.¹⁵

Além disso, a saudação inicial da carta às "doze tribos da dispersão" sugere uma audiência judaica. O fato de Tiago, o meio-irmão de Jesus, ter se tornado líder da igreja em Jerusalém — predominantemente judaica — fortalece a possibilidade de sua autoria. Sua posição de liderança na igreja primitiva e seu conhecimento íntimo da cultura e práticas judaicas o qualificam como um candidato plausível para escrever uma carta direcionada especificamente às comunidades judaicas dispersas.¹⁶

1.2 Morte Prematura de Tiago filho de Zebedeu

Apenas Tiago, filho de Zebedeu, parece ter tido uma atuação e relevância para a comunidade cristã primitiva semelhante à de Tiago, meio-irmão de Jesus¹⁷, elevando-o para um possível autor da carta. Entretanto, a morte de Tiago, filho de Zebedeu, ocorreu cedo demais para que ele pudesse ser o autor da carta de Tiago. Sua execução, narrada em Atos 12 e estimada no ano 44 d.C., limitaria grandemente sua capacidade de escrever uma epístola que, de acordo com a tradição e evidências históricas, foi composta posteriormente.¹⁸ Além disso, a carta carece de menções à vida de Jesus, o que seria esperado de um texto redigido por um de seus seguidores.¹⁹

¹⁴ DIAS, Marcelo. **Questões Introdutórias de Tiago**. 2012. Disponível em: https://exegesent.files.wordpress.com/2013/11/questoes-introdutorias-de-tg-2_14-19.. Acesso em: 1 fev. 2025.

¹⁵ Carson, Donald Arthur.; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 454.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.13.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Malzoni, Cláudio Vianney. "O lugar da Carta de Tiago no Cânon Bíblico." **Fronteiras: Revista de Teologia da UNICAP**, vol. 6, no. 1, 2023, p. 126.

1.3 Estilo Linguístico

A análise do estilo grego encontrado na epístola de Tiago revela semelhanças notáveis com o discurso atribuído a Tiago em Atos 15:13-21. Barclay²⁰ explica um pouco mais ao apontar algumas semelhanças notáveis entre essa carta e a carta do Concílio de Jerusalém às Igrejas gentias, conforme destacado no texto fornecido. Primeiramente, ambas as cartas começam com a palavra "Saúde", em grego "*cairein*", uma forma comum de iniciar uma carta na época, mas pouco utilizada no Novo Testamento, exceto nestes dois documentos.²¹ A singularidade dessa forma de saudação, compartilhada apenas por esses dois documentos, é sugestiva de uma conexão entre eles, especialmente considerando o papel proeminente de Tiago no Concílio de Jerusalém.²²

Em segundo lugar, há uma frase específica utilizada na carta do Concílio de Jerusalém que também aparece na Carta de Tiago, embora com traduções ligeiramente diferentes. Essa coincidência linguística reforça a possível ligação entre as duas cartas e sugere que Tiago pode ter sido o autor de ambas. Essa consistência linguística sugere que ambas as obras foram escritas pela mesma pessoa, reforçando a atribuição da autoria a Tiago, o meio-irmão de Jesus.²³

1.4 Consistência da Tradição

A autoria da Epístola de Tiago é amplamente aceita pela maioria dos comentaristas e estudiosos bíblicos ao longo da história, que a atribuem a Tiago, o meio-irmão de Jesus.²⁴ Essa consistência na tradição e interpretação reforça a confiança na autenticidade e autoridade da epístola. Além disso, a posição de Tiago como uma das "colunas" da igreja primitiva se alinha perfeitamente com a questão da apostolicidade, conferindo peso à sua autoria dentro do cânon.²⁵

²⁰ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.13.

²¹ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.27-31.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p.458.

²⁵ Foord, Martin. The "Epistle of Straw": Reflections on Luther and the Epistle of James. **Themelios**, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 291-298, ago. 2020. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/the-epistle-of-straw-reflections-on-luther-and-the-epistle-of-james/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

2. SEGUNDA CONTROVÉRSIA: A ACEITAÇÃO NO CÂNON

O Livro de Tiago é um dos livros mais controversos a serem incluídos no Novo Testamento. E mesmo depois de ser considerado parte da Bíblia, ainda era citado com algumas reservas e dúvidas.²⁶

As dúvidas sobre a canonicidade da carta de Tiago surgiram durante os primeiros séculos da era cristã, refletindo-se nas discussões e decisões dos pais apostólicos da Igreja. A aceitação da Epístola de Tiago no cânon variou ao longo do tempo. Inicialmente, seu reconhecimento foi mais notável no Egito. No entanto, em algumas regiões, como o Norte da África, a carta não era amplamente conhecida, e em outras, como na Síria, sua autenticidade foi questionada. Somente no final do século IV é que a epístola obteve aceitação universal em toda a Igreja.²⁷

Uma das principais fontes de incerteza foi o Cânon Muratori, um antigo documento datado do final do segundo século ou início do terceiro século, que apresenta uma lista dos livros aceitos como autoridade nas comunidades cristãs da época. Notavelmente, o Cânon Muratori não inclui a carta de Tiago em sua lista, o que levantou questionamentos sobre sua autenticidade e autoridade entre alguns dos líderes cristãos primitivos.²⁸

Um fato notável na história da Epístola de Tiago é a ausência de sua menção em obras de influentes teólogos do terceiro século, como Tertuliano, Cipriano, Irineu e Hipólito. Apesar de Tertuliano, por exemplo, ter feito inúmeras citações do Novo Testamento em seus escritos, a omissão de Tiago por figuras tão proeminentes levantou questões sobre o reconhecimento e a circulação inicial da carta no cânon das Escrituras.²⁹

Contudo, a carta de Tiago exerceu uma influência perceptível sobre algumas obras do final do século I, como o Pastor de Hermas e a primeira carta de Clemente.³⁰ Há registros indicando que Clemente de Alexandria teria escrito um comentário sobre

²⁶ Barclay, William. *As Cartas De Tiago E Pedro*. p. 6-11.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Mayor apud Carson; Moo; Morris, 2020. *Introdução ao Novo Testamento*. p. 463.

Tiago, embora tal documento não tenha chegado até os dias atuais.³¹ Foi apenas no século III que a carta de Tiago começou a ser reconhecida e citada mais explicitamente como parte das Escrituras Sagradas.³² Orígenes é creditado como o primeiro a citar a carta de Tiago como Escritura, e obras subsequentes do terceiro século demonstram uma crescente familiaridade com o conteúdo da carta. Eusébio, em seus escritos, não apenas cita a carta de Tiago com frequência, mas também lhe atribui canonicidade. No entanto, ele revela que, em seu tempo, havia controvérsias quanto à aceitação da carta, especialmente entre algumas comunidades cristãs na Síria.³³

A aceitação da carta de Tiago como parte do cânon do Novo Testamento começou a solidificar-se com as defesas proeminentes de figuras como Agostinho, um dos mais importantes teólogos da igreja ocidental. Agostinho defendeu vigorosamente a canonicidade da carta de Tiago e a autoria atribuída a Tiago, meio-irmão de Jesus, contribuindo significativamente para sua aceitação entre os cristãos.³⁴ A aceitação plena da carta de Tiago na igreja ocidental foi impulsionada pela adesão incondicional ao livro por parte de Jerônimo.³⁵

Assim, ao longo do tempo, a carta de Tiago foi reconhecida como canônica em todos os segmentos da igreja antiga. Embora tenha havido hesitação por parte de alguns, nenhum rejeitou totalmente o livro.³⁶ A hesitação inicial pode ser atribuída, em parte, à incerteza sobre a identidade do autor e ao fato de que a carta, por sua natureza prática e contexto judaico, não era frequentemente usada nas disputas doutrinárias da igreja primitiva.³⁷

Na igreja primitiva, o valor teológico e pastoral da Epístola de Tiago nunca foi amplamente questionado.³⁸ O que enfrentou resistência foi a sua aceitação formal como parte do cânon do Novo Testamento. A carta teve uma introdução tardia em algumas

³¹ Westecost apud Carson; Moo; Morris, 2020. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 463.

³² Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 463.

³³ Idem.

³⁴ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p 6-11.

³⁵ Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 463.

³⁶ Idem.

³⁷ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.6-11.

³⁸ Idem.

regiões da igreja, passando por períodos de questionamento e debate quanto à sua inclusão definitiva nas Escrituras.³⁹ No entanto, sua gradual aceitação e posterior reconhecimento como texto inspirado evidenciam sua relevância e autoridade dentro da tradição cristã.

3. TERCEIRA CONTROVÉRSIA: FÉ X OBRAS

A Epístola de Tiago sempre representou um desafio significativo para a aceitação canônica, não apenas por seu aparecimento tardio, mas principalmente pela aparente contradição com os escritos do apóstolo Paulo.⁴⁰ Essa tensão tornou-se particularmente evidente durante a Reforma Protestante. Reformadores como Martinho Lutero expressaram forte ressalvas. Em seu comentário do Novo Testamento de 1522, Lutero rotulou a carta de Tiago como uma "simples epístola de palha".⁴¹ Sua crítica baseava-se na percepção de que Tiago não era uma carta "cristológica" no mesmo sentido que outras epístolas do Novo Testamento, com pouquíssimas menções ao sofrimento, ressurreição ou ao Espírito de Cristo.⁴² Além disso, Lutero criticava o fato de que a carta era frequentemente utilizada pelos "papistas" (católico-romanos) para sustentar a justificação pelas obras, o que ia contra sua doutrina central da justificação pela fé.⁴³

Essa aparente ausência de cristologia levou alguns a sugerir que a Epístola de Tiago poderia ter sido, em sua essência, um sermão de Tiago, posteriormente registrado, traduzido para o grego, e expandido antes de ser divulgado. Essa hipótese justificaria sua estrutura e estilo, bem como a falta de referências explícitas a Jesus, sua ressurreição e messianismo, dado que o foco principal do sermão seria nos deveres morais, não necessariamente em questões teológicas.⁴⁴

No entanto, a maior problemática da carta reside na aparente contradição

³⁹ Carson, Donald Arthur.; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 463.

⁴⁰ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.9-11.

⁴¹ Foord, Martin. **Themelios**, v. 45, n. 2, p. 291-298.

⁴² Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p. 9-11.

⁴³ Foord, Martin. **Themelios**, v. 45, n. 2, p. 291-298.

⁴⁴ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.35.

soteriológica.⁴⁵ A justificação pela graça mediante a fé foi a pedra angular dos movimentos da Reforma do século XVI.⁴⁶ Lutero e outros reformadores encontravam grande conforto em passagens como Romanos 1:17 e o capítulo 4 da mesma carta, que enfaticamente destacam a justificação pela fé. Em contraste, Tiago 2:24 afirma a justificação pelas obras e não somente pela fé, gerando uma considerável tensão intelectual para esses teólogos.⁴⁷

Essa controvérsia foi um dos focos da Reforma. Enquanto teólogos católico-romanos usavam Tiago para refutar a doutrina protestante da justificação pela fé, alguns protestantes, como Richard Hooker, buscaram ativamente harmonizar Tiago com suas próprias doutrinas.⁴⁸ É importante notar que, apesar de suas críticas veementes, Lutero não advogou pela exclusão de Tiago do cânon bíblico. Embora a tenha rotulado como "epístola de palha", uma designação que ele eventualmente removeu em edições posteriores de sua Bíblia. As acusações de que Lutero desejava remover Tiago das Escrituras são simplistas⁴⁹, pois ele a manteve no Novo Testamento e a citou favoravelmente em diversas ocasiões, como em sua afirmação:

Embora esta epístola de São Tiago tenha sido rejeitada pelos antigos, eu a elogio e a considero um bom livro, porque não estabelece doutrinas de homens, mas promulga vigorosamente a lei de Deus.⁵⁰

Diante disso, surge a pergunta: estaria Tiago realmente em contradição com Paulo? Ou a tensão entre fé e obras resulta de uma leitura descontextualizada de ambos os autores? Para responder a essas questões, é necessário aprofundar a análise, considerando o contexto histórico, o propósito pastoral de Tiago e a forma como sua carta se relaciona com o ensino paulino sobre a justificação.⁵¹

3.1 Contexto da Carta

⁴⁵ Bruno, Chris. **Paulo x Tiago**: Como conciliar suas (aparentes) diferenças no debate sobre fé e obras. Tradução de Claudia Santana Martins. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

⁴⁶ Pelikan, Jaroslav. **A Tradição Cristã**: Uma História do Desenvolvimento da Doutrina. São Paulo: Vida Nova, 2018. v. 4.

⁴⁷ Rios, César Motta. Richard Hooker e a Epístola de Tiago reconciliada com a justificação pela fé no século XVI. **Protestantismo em Revista**, 44(1), 223-237, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em: 1 fev. 2025.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Foord, Martin. **Themelios**, v. 45, n. 2, p. 291-298.

⁵⁰ Lutero apud Foord, Martin. **Themelios**, v. 45, n. 2, 2020, p. 292.

⁵¹ Bruno, Chris. **Paulo x Tiago** p.10.

A maioria dos estudiosos atribui a autoria da Epístola de Tiago ao meio-irmão de Jesus, que assumiu a liderança da igreja em Jerusalém.⁵² Considerando essa autoria, é provável que a carta tenha sido escrita na própria cidade de Jerusalém. Embora a datação não seja consenso absoluto no meio acadêmico, muitos especialistas situam sua redação no final da década de 40 d.C., mais especificamente por volta do ano 49 d.C., o que a coloca entre os escritos mais antigos do Novo Testamento.⁵³ Essa datação precoce também se baseia no fato de que Tiago foi martirizado por volta do ano 62 d.C.⁵⁴

O contexto da igreja de Jerusalém nesse período era marcado por intensa perseguição. A cidade foi palco de episódios trágicos para os primeiros cristãos: foi em Jerusalém que Estevão foi apedrejado (Atos 7), Tiago, irmão de João, foi executado por decapitação (Atos 12), e Pedro só escapou da morte graças à intervenção miraculosa de um anjo (Atos 12). A gravidade dessa perseguição fica evidente no relato de Lucas, que registra que, após a morte de Estevão, houve uma grande dispersão dos cristãos de Jerusalém, forçando muitos a fugir para outras regiões:

(...) Naquela ocasião desencadeou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém. Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e de Samaria.⁵⁵

Inclusive, o próprio Tiago, irmão de Jesus, foi martirizado, embora sua morte não seja narrada nas Escrituras. Existem, contudo, duas fontes históricas que relatam esse acontecimento. Flávio Josefo, historiador judeu do século I, afirma que Tiago foi apedrejado.⁵⁶ Eusébio de Cesareia, em sua obra *História Eclesiástica*, complementa esse relato, descrevendo que Tiago foi inicialmente lançado do alto do templo, mas sobreviveu à queda, vindo a ser apedrejado posteriormente.⁵⁷

Além dessa ferrenha perseguição, o livro de Atos relata que um profeta chamado Ágabo, profetizou que haveria uma grande fome durante o reinado do imperador

⁵² Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 454.

⁵³ Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 454.

⁵⁴ Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 459.

⁵⁵ Bíblia Sagrada, Atos, 8, 1.

⁵⁶ **Antiguidades Judaicas**, XX, ix, 1.

⁵⁷ **História Eclesiástica**, II, xxiii, 11-18.

Cláudio.⁵⁸ Este foi imperador entre os anos de 41 d.C. até 54 d.C., exatamente a época que é estimado que Tiago escreveu sua carta.⁵⁹ Ou seja, além de ferrenha perseguição, a igreja de Jerusalém estava passando por um período de fome. Paulo em suas duas cartas aos coríntios, incentiva aos irmãos daquela cidade a fazerem doações para os cristãos de Jerusalém e da Judeia.⁶⁰ De fato, a época e o local, que Tiago viveu foi um tempo de severas dificuldades, tanto em perseguições, como financeiras. Isso torna mais claro o motivo dele ter exortado os irmãos a continuarem perseverantes em meio às provações logo no início da sua carta.⁶¹

Analisando todo esse contexto turbulento que Tiago estava inserido, é possível entender o motivo dele ressaltar a importância da prática das boas obras. Sua comunidade estava precisando de muita ajuda, e para ele verdadeiro cristianismo, se mostra quando ajudamos o próximo. Pode-se observar todo esse contexto analisando a seguinte perícopes:

“De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: "Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se", sem porém, lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta.”⁶²

A avaliação da genuinidade da fé de um indivíduo reside na análise de suas ações, uma ideia defendida por Tiago, cuja concepção de fé e obras é inseparável.⁶³ A fé verdadeira se manifesta através de boas obras, enquanto uma fé inerte é considerada ineficaz.⁶⁴ Essas noções refletem a mensagem de Jesus, que identifica os verdadeiros discípulos pelos frutos que produzem.⁶⁵ Henry⁶⁶ corrobora essa ideia ao destacar que a fé genuína resulta em ações frutíferas, sendo intrínseca ao caráter de Cristo. Além disso,

⁵⁸ Bíblia Sagrada, Atos 11:28.

⁵⁹ Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas; Morris, Leon. **Introdução Ao Novo Testamento**. p. 459.

⁶⁰ Bíblia Sagrada, I Coríntios 16:1-3. e Bíblia Sagrada, II Coríntios 8:4.

⁶¹ Bruno, Chris. **Paulo x Tiago** p.10.

⁶² Bíblia Sagrada, Tiago 2:14.

⁶³ Filho, Isaltino Gomes Coelho. **Tiago nosso contemporâneo**: Um estudo contextualizado da epístola de Tiago. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. p. 22.

⁶⁴ Lopes, Hernandes Dias. **Tiago**. p. 46.

⁶⁵ Bíblia Sagrada, Mateus 7:20.

⁶⁶ Henry, Matthew. **Comentário Bíblico Matthew Henry**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. v. 6.

Jesus adverte que nem todos que professam fé nele herdarão o Reino dos Céus, destacando que uma fé meramente intelectual não conduz à salvação.

Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres? Então eu lhes direi claramente: ‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal! Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha.’⁶⁷

Ademais, o apóstolo João em sua primeira carta também exorta a demonstrar amor, através de ações:

Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade. Assim saberemos que somos da verdade; e tranquilizaremos o nosso coração diante dele.⁶⁸

A ausência de obras associada à fé desvaloriza a graça divina, transformando-a em uma concessão desprovida de significado.⁶⁹ Tiago não advoga pela concepção de um cristão que busca adquirir a graça divina por meio de suas ações, mas sim enfatiza o compromisso do cristão que, tendo experimentado o amor de Deus, é compelido a auxiliar o próximo.⁷⁰

Todavia, alguns estudiosos afirmam que a carta de Tiago teria sido escrita com o propósito de contradizer a teologia de Paulo, como parte de um possível debate intelectual na igreja primitiva.⁷¹ Essa ideia é frequentemente associada a passagens como Efésios 2:8-9:

“Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie”.⁷²

No entanto, registros históricos indicam que Tiago foi martirizado antes ou em

⁶⁷ Bíblia Sagrada, Mateus 7:21-24.

⁶⁸ Bíblia Sagrada, I João 3:18-19.

⁶⁹ Filho, Isaltino Gomes Coelho. **Tiago nosso contemporâneo**.p. 23.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.13-14.

⁷² Bíblia Sagrada, Efésios 2:8-9.

um período muito próximo da redação da carta aos Efésios⁷³, o que torna improvável que ele tivesse conhecimento desse escrito paulino. Além disso, uma análise do versículo seguinte, Efésios 2:10, mostra que o próprio Paulo também reconhecia a importância das boas obras.

“Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que nós as praticássemos.”

À luz desse texto, fica evidente que o indivíduo regenerado é intrinsecamente destinado à prática de boas obras, sendo inerente à sua natureza como nova criatura. A ausência de tais ações compromete a autenticidade dessa regeneração. Quanto às aparentes discrepâncias entre Tiago e Paulo, estas não constituem divergências de opinião, mas sim distintas abordagens sobre o mesmo tema.⁷⁴

Paulo era um teólogo, Tiago um pastor. Paulo ensina Teologia, Tiago ensina ética.⁷⁵ Enquanto Paulo é reconhecido como um teólogo que articula os fundamentos da salvação na epístola aos Romanos, um verdadeiro tratado teológico, Tiago se destaca como um escritor com uma abordagem mais pastoral e ética. A Carta de Tiago, em vez de ser um compêndio doutrinário exaustivo, apresenta-se como um sermão que enfatiza os deveres práticos dos crentes. O próprio gênero literário da Carta de Tiago, descrito como didático-exortativo e homilético, com exortações que se sucedem sem um nexo aparente, mas ricas em comparações do cotidiano e exemplos do Antigo Testamento, aponta para esse estilo pastoral e prático.⁷⁶ O apóstolo Paulo explora uma teologia abstrata, Tiago, uma teologia prática.⁷⁷ Embora a Epístola de Tiago não contenha todos os ensinamentos doutrinários como as outras epístolas, ela fornece um resumo dos deveres dos crentes.

Barclay⁷⁸, Lopes⁷⁹, entre outros autores, defendem que a mensagem de Tiago e Paulo não são somente opostas, mas sim complementares. Barclay⁸⁰, aponta que a

⁷³ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.13-14.

⁷⁴ Lopes, Hernandes Dias. **Tiago**.p. 46.

⁷⁵ Filho, Isaltino Gomes Coelho. **Tiago nosso contemporâneo**. p.23.

⁷⁶ Foord, Martin. **Themelios**, v. 45, n. 2, p. 291-298.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.13-14.

⁷⁹ Lopes, Hernandes Dias. **Tiago**. p. 46.

⁸⁰ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.13-14.

diferença entre Tiago e Paulo é o ponto de partida. Paulo começa com o grande fato de que o perdão de Deus é um perdão que ninguém pode ganhar ou merecer. Por outro lado, Tiago defende que pensar em uma pessoa que afirma ser um Cristão e disse que se uma pessoa não provar que é cristã pelas suas próprias obras, ela não é cristã de forma alguma. A síntese comum é que a fé que salva sozinha, ou seja, é suficiente, ela nunca está sozinha.⁸¹

Embora a fé seja o único meio de salvação, nunca se manifesta de maneira isolada, estando sempre acompanhada de obras como evidência de sua autenticidade. Em consonância com isso, Lopes⁸², aponta brilhantemente que a pergunta de Paulo é:

Como a salvação é recebida? ” A resposta é: “Pela fé somente” e a pergunta de Tiago é “Como essa fé verdadeira é reconhecida? ” A resposta é: “Pelas obras!

Barclay, também revela que: “*Não somos salvos pelas obras, somos salvos para fazer obras.*”⁸³ A mensagem de Paulo recairia totalmente na primeira afirmação, enquanto a mensagem de Tiago na segunda. Dado o exposto, à luz do contexto e reflexão sistemática fica evidente que as mensagens de Paulo e Tiago não são opostas, mas sim complementares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, as controvérsias em torno da epístola de Tiago têm suscitado debates e questionamentos ao longo dos séculos. As incertezas sobre a autoria, juntamente com a hesitação inicial em relação à sua inclusão no cânon bíblico, contribuíram para a complexidade que envolve esse texto.

Acerca da autoria, evidências internas externas apontam para a autoria de Tiago, meio-irmão de Jesus. A carta de Tiago, apesar de ter enfrentado questionamentos e incertezas quanto à sua canonicidade e autoridade ao longo dos primeiros séculos da era cristã, acabou por ser reconhecida e aceita como parte das Escrituras Sagradas em todos os segmentos da igreja antiga. A hesitação inicial em relação à autoria e ao contexto prático e judaico da carta foi superada com o tempo, e figuras proeminentes como

⁸¹ Malzoni, Cláudio Vianney..” **Fronteiras**. p. 126-145.

⁸² Lopes, Hernandes Dias. **Tiago**. p. 36.

⁸³ Barclay, William. **As Cartas De Tiago E Pedro**. p.14.

Orígenes, Agostinho e Jerônimo contribuíram significativamente para sua aceitação entre os cristãos. Embora tenha enfrentado desafios e debates sobre sua inclusão no Novo Testamento, a gradual aceitação e reconhecimento da carta de Tiago atestam sua importância e autoridade dentro da tradição cristã.

Contudo, outro elemento que provocou discussão acerca da aceitação da Epístola de Tiago como um livro canônico e que realmente levanta algumas discussões interessantes, especialmente em relação à aparente contradição entre os escritos de Paulo e Tiago. A visão de Lutero sobre a carta de Tiago como uma "simples epístola de palha" e a ausência de referências explícitas a Jesus, sua ressurreição e seu messianismo na carta são pontos que geram debates significativos.

A explicação de que a Carta de Tiago poderia ser essencialmente um sermão pregado por Tiago e posteriormente registrado, traduzido para o grego, ampliado e adornado antes de ser divulgado para a Igreja em geral é uma perspectiva interessante, que poderia justificar a estrutura e o estilo da carta, bem como a falta de referências explícitas a Jesus.

Além disso, a aparente contradição na soteriologia entre os textos de Romanos enfatizando a justificação pela fé e Tiago falando da justificação pelas obras também é um ponto de tensão intelectual importante. As diferentes reações entre teólogos católicos-romanos e protestantes, assim como as tentativas de demonstrar harmonia entre Tiago e a doutrina protestante, mostram como essa questão foi debatida ao longo da história e também a sua dificuldade de aceitação no cânon bíblico.

No entanto, ao analisar as aparentes contradições entre os escritos de Tiago e Paulo, percebemos que, longe de representarem visões opostas, tais ensinamentos se complementam. Ambos os autores abordam a importância da fé e das obras na vida cristã, oferecendo perspectivas que se enriquecem mutuamente.

A questão central, não é se Tiago contradiz Paulo, mas como interpretar corretamente ambos os ensinamentos dentro de seus respectivos contextos. A aparente divergência entre fé e obras não implica necessariamente um erro bíblico, mas aponta para diferentes ênfases pastorais e teológicas. Enquanto Paulo combate o legalismo judaizante e defende a justificação pela fé como base da salvação, Tiago reage a uma fé

nominal e inoperante, enfatizando que a verdadeira fé sempre se manifesta em obras concretas. Assim, para compreender adequadamente o propósito da epístola atribuída ao meio-irmão de Jesus, é imprescindível considerar o contexto histórico, pastoral e teológico em que ela foi escrita

Portanto, é fundamental reconhecer a riqueza teológica e prática contida na epístola de Tiago, integrando-a plenamente no contexto do Novo Testamento. Entendendo que esta serve como complementação dos escritos paulinos.

É importante ressaltar que esta pesquisa foi realizada em um ambiente estrito, na Biblioteca Seminário do Sul, o que implicou em limitações de acesso a materiais específicos. A restrição ao acervo disponível pode ter influenciado na abrangência das fontes consultadas e, conseqüentemente, na profundidade da análise realizada. Além disso, devido à predominância da produção acadêmica na língua inglesa no campo teológico, a presente pesquisa se restringiu a obras disponíveis em português, o que pode ter limitado a amplitude das referências consultadas. Essas limitações destacam a necessidade de futuros estudos para enriquecer ainda mais o entendimento dessas questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. Santo André: Geográfica, 2020.
- BARCLAY, William. **As Cartas de Tiago e Pedro**. Tradução de Carlos Biagini. [S.l.]: [s.n.], 2009. 155 p. (O Novo Testamento Comentado por William Barclay, v. 14). Arquivo PDF.
- BRUNO, Chris. **Paulo x Tiago: Como conciliar suas (aparentes) diferenças no debate sobre fé e obras**. Tradução de Claudia Santana Martins. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2020.
- DAVIDSON, F. (Org.). **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.
- DIAS, Marcelo. **Questões Introdutórias de Tiago**. 2012. Disponível em: https://exegesent.files.wordpress.com/2013/11/questoes-introdutorias-de-tg-2_14-

19.pdf. Acesso em: 1 fev. 2025.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. 1. ed. São Paulo. Publicações Pão Diário, 2024.

FILHO, Isaltino Gomes Coelho. **Tiago nosso contemporâneo**: Um estudo contextualizado da epístola de Tiago. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

FOORD, Martin. The "Epistle of Straw": Reflections on Luther and the Epistle of James. **Themelios**, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 291-298, ago. 2020. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/the-epistle-of-straw-reflections-on-luther-and-the-epistle-of-james/> Acesso em: 20 abr. 2025.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Matthew Henry**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. v. 6.

JOSEFO, Flávio. **Antiguidades Judaicas**. 1. ed. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2022.

LOPES, Hernandes Dias. **Tiago**: Transformando Provas em triunfo. São Paulo: Hagnos, 2006.

MALZONI, Cláudio Vianney. "O lugar da Carta de Tiago no Cânon Bíblico."

Fronteiras: Revista de Teologia da UNICAP, vol. 6, no. 1, 2023, pp. 126-145.

PELIKAN, Jaroslav. **A Tradição Cristã**: Uma História do Desenvolvimento da Doutrina. São Paulo: Vida Nova, 2018. v. 4.

PFEIFFER, Charles.; HARRISON, Everett. **Comentário Bíblico Moody**. Tradução de vários. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2001. 5 v.

RIOS, César Motta. Richard Hooker e a Epístola de Tiago reconciliada com a justificação pela fé no século XVI. **Protestantismo em Revista**, 44(1), 223- 237, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>.

Acesso em: 1 fev. 2025.

O reino de Deus e o lar: o convívio do cristão em seu ambiente doméstico conforme as parábolas no evangelho de Lucas

The Kingdom of God and the Home: The Christian's Life in the Domestic Sphere According to the Parables in the Gospel of Luke

Roberto Júnior Ribeiro¹
Igor Alexandre²

RESUMO

O presente trabalho investiga a relevância do Reino de Deus como paradigma para a vivência cristã no ambiente doméstico, à luz das parábolas do Evangelho de Lucas, oferecendo um modelo de integridade espiritual cotidiana. A pesquisa parte do princípio de que o lar deve ser uma extensão coerente da identidade do cidadão do Reino, refletindo a cosmovisão cristã e os valores ensinados por Jesus. O estudo apresenta uma análise teológico-bíblica fundamentada na exegese e na teologia bíblica, dialogando com autores clássicos como George Eldon Ladd, Kenneth Bailey e N.T. Wright. A metodologia utilizada envolveu levantamento bibliográfico, análise temática das parábolas lucanas e sua aplicação prática à realidade da vida familiar cristã. A abordagem permitiu extrair parâmetros claros sobre comportamento, missão e identidade dos súditos do Reino de Deus. Entre os principais tópicos abordados, destacam-se: o conceito de cosmovisão e sua formação; a história do Reino de Deus desde o Antigo Testamento; o contraste entre o Reino de Deus e o reino humano; a identidade do cidadão do Reino; e o impacto dessa identidade na vivência no mundo e no lar. As parábolas estudadas revelam que o Reino se manifesta de forma invisível, porém prática, e demanda atitudes de amor, justiça e serviço, especialmente nas relações familiares. Foi evidenciado que o cristão deve viver integralmente sua fé dentro de casa, como testemunho visível de sua cidadania celestial, sendo coerente com os valores do Reino em todos os aspectos de sua vida.

Palavras-chaves: Reino de Deus, Cosmovisão, Cidadão.

ABSTRACT

This paper investigates the relevance of the Kingdom of God as a paradigm for Christian living in the home environment, in light of the parables of the Gospel of Luke, offering a model of daily spiritual integrity. The research is based on the principle that the home should be a coherent extension of the identity of the citizen of the Kingdom, reflecting the Christian worldview and the values taught by Jesus. The study presents a theological-biblical analysis based on biblical exegesis and theology, dialoguing with

¹ Graduando em Teologia – FABAT.

² Graduação em Teologia, pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (2019) e Pós-graduação em Pentateuco pela Faculdade Batista do Paraná (2024).

classic authors such as George Eldon Ladd, Kenneth Bailey and N.T. Wright. The methodology used involved a bibliographical survey, thematic analysis of Luke's parables and their practical application to the reality of Christian family life. The approach allowed us to extract clear parameters about the behavior, mission and identity of the subjects of the Kingdom of God. Among the main topics covered, the following stand out: the concept of worldview and its formation; the history of the Kingdom of God since the Old Testament; the contrast between the Kingdom of God and the human kingdom; the identity of the citizen of the Kingdom; and the impact of this identity on life in the world and at home. The parables studied reveal that the Kingdom manifests itself in an invisible but practical way, and demands attitudes of love, justice and service, especially in family relationships. It was shown that Christians must fully live their faith at home, as a visible testimony of their heavenly citizenship, being consistent with the values of the Kingdom in all aspects of their lives.

Keywords: Kingdom of God, Worldview, Citizen.

INTRODUÇÃO

No primeiro momento cumpre-nos entender que esse trabalho está apoiado na teologia exegética em seu ramo teologia bíblica, como tema central no Reino de Deus. O Reino de Deus é chamado de Reino dos Céus no evangelho sinótico de Mateus, contudo objeta o mesmo Reino sem distinção além de sua nomenclatura.

O termo reino não é muito comum em nosso tempo e região, porém o seu significado como forma de governo é adequado, onde o Rei exerce autoridade sobre o território onde tem domínio por direito hereditário legítimo. Os súditos vivem conforme a cultura e leis de seu reino, mesmo em outra localidade a sua cultura e valores são observados. Ou seja, os súditos mantêm sua identidade.

Viver no ambiente doméstico, conforme as parábolas do evangelho de Lucas, perpassa pelo conceito de Reino de Deus e das características dos súditos, conhecidos como filhos de Deus visto que são caracterizados pela maneira como fazem parte desse Reino. Os súditos são feitos filhos para expressar o sentido maior da redenção: refletir a imagem nítida daquele que os criou e agora são comprados como método de resgate para o seu Reino.³

Mas o que é uma parábola? “As parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir. Elas revelam a natureza

³ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Colossenses 1.13.

do reino de Deus e/ou indicam como um filho do reino deve agir”.⁴ De outra forma a parábola é um meio de dizer verdades morais e religiosas pela analogia com fatos da vida comum.⁵

O tema Reino de Deus tem visibilidade nos evangelhos sinóticos, sendo perceptível sua amplitude e sua relevância, uma vez que é seu assunto central. Entretanto, ao abordar o subtema em associação com o tema Reino de Deus, o emprego aplicável das características que formam a identidade do súdito, parecem não representar a realidade vivida pelos membros de igrejas evangélicas.⁶ Essa parece ser uma lacuna em temas já divulgados: Santificação e maturidade Cristã que devem progredir ao longo de toda a existência terrena do ser humano.

O cidadão do Reino o é em seus diferentes níveis de santificação e maturidade, ele possui cultura e valores próprios que o identificam como filho de Deus de maneira natural e espiritual. Como vencer o desafio de viver com integridade a identidade Cristã no ambiente seguro e informal do seu lar é o problema focal.

O propósito deste estudo é extrair parâmetros claros das parábolas no evangelho de Lucas sobre como é um cidadão do Reino, seu comportamento e sua mensagem intrínseca. Assim será identificado um modelo, através dessa tarefa que podemos chamar de prototipação. Com esse levantamento de requisitos para coletar valores, características, posturas e cultura que delimitam a identidade do cidadão do Reino. De tal forma estabelecido que pode ser um espelho onde de maneira estrita apresenta como deve ser o cidadão do Reino em seu ambiente doméstico.

O viver doméstico não deve ser diferente do convívio que existe na igreja ou no ambiente profissional, a integridade é uma marca que deverá ser provada como fundamental na manutenção da identidade do cidadão do Reino de Deus que não pode ser alterada pela proximidade com o mundo.⁷

1. COSMOVISÃO

⁴ BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. Vida Nova, 1980, pág. 14.

⁵ CHAMPLIN, Russell Norman. **Novo dicionário Bíblico Champlin**: Completo, prático, exegético e Indispensável. Hagnos, 2018. pág. 1298.

⁶ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Romanos 6.4.

⁷ *Ibid.*, Romanos 12.2.

Para compor este trabalho é necessário pensar sobre o que é uma cosmovisão e como ela influencia em nossa discussão. Inicialmente precisamos saber que todos temos uma cosmovisão e ela é a maneira como enxergamos e vivemos o mundo, mesmo que não estejamos cientes dela.⁸

Uma condição de visão de mundo bem delimitada é aquela anterior à queda da humanidade pelo pecado, os parâmetros de visão de mundo eram aqueles conhecidos da relação com Deus conforme aponta Oliveira.⁹ Desde então o ser humano e o estudo sobre cosmovisão evoluíram bastante, à medida que nos envolvemos socialmente e interagimos através de nossa psiquê com a comunidade em que estamos inseridos e no relacionamento espiritual com a divindade; que forma um segundo eixo definidor de nossa visão de mundo.

O primeiro a falar sobre o tema, ainda que de maneira simples em relação ao que hoje conhecemos, foi Immanuel Kant como nos afirma W. Sire¹⁰ A palavra em alemão é *Weltanschauung* que pode ser traduzida como visão de mundo, a percepção do mundo ao redor é a grande questão, como interpretamos e julgamos a realidade ? vários teóricos se debruçaram sobre essa questão Kok¹¹ cita:

Cosmovisão pode muito bem ser definida como a estrutura abrangente das crenças básicas de uma pessoa sobre as coisas, mas nosso discurso (crenças reconhecidas ou reivindicações cognitivas) é uma coisa e nossa conduta (crenças na prática) é outra, e muito mais importante. A cosmovisão vivida define as convicções básicas de uma pessoa; define aquilo pelo qual a pessoa está pronta a viver e morrer.

Também afirma em seu conceito que a visão é obtida a partir do lar ou da praça pública, essa assimilação individual com esforço ou através da jornada de socialização até que lhe seja algo óbvio.

Entendendo como uma evolução W.Sire¹² afirma que uma pessoa forma sua cosmovisão a depender de sua cosmovisão. A função da cosmovisão é mostrar como o indivíduo interpreta o mundo a sua volta, incluindo seu conceito teísta (crença em um

⁸ RYKEN, Philip Graham, *Cosmovisão Cristã*, Cultura Cristã, e-book, capítulo 1.

⁹ OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. *Dando nome ao elefante: Cosmovisão como um conceito*, Monergismo, 2015. E-Book, Prefácio à edição brasileira pág. 7-10.

¹⁰ W. SIRE, James. **Dando nome ao elefante: Cosmovisão como um conceito**, Monergismo, 2015. E-Book. pág. 38.

¹¹ KOK, John H. **Learning to Teach from Within a Christian Perspective**, Pro Rege, Junho de 2003, p. 12.

¹² W. SIRE, *loc. cit.*

ou mais deuses), deísta (crença em deus que não interage com sua criação, não se revela) ou ateuista(falta de crença ou nega a existência de deuses).

Não podemos classificar as cosmovisões como verdadeiras ou falsas são simplesmente a verdade percebida por uma comunidade e tão diversas quanto a população mundial.¹³ A semelhança do coração como centro da personalidade humana, conforme compreendiam os antigos hebreus e cristãos logo após Cristo, é percebida por Naugle¹⁴ “o elemento central e definidor da pessoa humana. Em suma, ele é visto como a sede da vida intelectual,... afetiva,...volitiva,...e religiosa de um ser humano” da mesma forma no novo testamento “o coração é o centro psíquico das afeições humanas,...a fonte da vida espiritual,... e a sede do intelecto e da vontade”.

Assim podemos falar de cosmovisão religiosa, mais especificamente cristã. Desde Adão e Eva que possuíam uma visão de mundo fortemente estabelecida em seu relacionamento com Deus e as coisas criadas, interagiam em seu mundo através dos seus corações, havia pressuposicionalismo.¹⁵

Temos perdido o entendimento do envolvimento do coração em seus termos bíblicos para a contextualização da visão de mundo cristã, a palavra Kardia do grego tem sua tradução na NTLH (novo testamento na linguagem de hoje) como “mente” enquanto na NVI (Nova versão internacional) é traduzida por “coração”.

A raiz da cosmovisão é pré-teórica, seria como dizer que é instintiva acessamos seu conteúdo de forma inconsciente conforme W. Sire¹⁶ ao afinar seu conceito o autor cita Herman Dooyeweerd¹⁷ quando diz:

toda pessoa faz e vive de um compromisso religioso. O caráter desse compromisso controla todo o caráter e direção da vida da pessoa.
Esse compromisso é geralmente subconsciente, mas pode se tornar consciente pela autorreflexão.

¹³ W. SIRE, James. **Dando nome ao elefante**: Cosmovisão como um conceito, Monergismo, 2015. E-Book. pág. 39 e 40.

¹⁴ NAUGLE, David, **Cosmovisão**: A História de um Conceito, Monergismo, 2002, p 268.

¹⁵ Os pressuposicionalistas alegam que a conquista do conhecimento exige um método confiável de análise, que permita deduzir informações necessariamente extraídas de premissas anteriores, o que só seria possível através do raciocínio sobre as declarações divinamente reveladas na Bíblia, e nunca das sensações ou da razão pura. Wikipédia acesso em 23/04/2025. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apol%C3%A9tica#:~:text=Os%20pressuposicionais%20a%20legam%20a%20que%20a%20das%20sensac%C3%A7%C3%B5es%20ou%20da%20raz%C3%A3o>

¹⁶ W. SIRE, James. **Dando nome ao elefante**: Cosmovisão como um conceito, Monergismo, 2015. E-Book. pág. 121.

¹⁷ W. SIRE, James, Apud Dooyeweerd, Herman, 1969, 1:128.

Esse compromisso identifica a maneira de viver da pessoa, conforme esta responde a sua realidade primordial que controla toda sua cosmovisão. Ainda com outras palavras “o grosso de nossa cosmovisão é completamente subconsciente. Nós pensamos com ela, não sobre ela”.¹⁸

2. OS REINOS

Um pouco distante de nós brasileiros o entendimento sobre reinado, pois já se vão longos anos desde que tivemos um rei. Nossa condição atual como participantes de um sistema presidencialista com voto livre nos deixa distantes do entendimento do reinado, entretanto podemos usar a evolução do povo hebreu para entender um pouco mais.

Na história do povo hebreu temos o livro dos Juízes, que está inserido após o fim da peregrinação no deserto e após a conquista parcial da terra prometida de Canaã. O povo hebreu, foi guiado pelo líder Josué até sua morte, no livro de Juízes encontramos o relato da condição desta nova nação que deveria ser governada diretamente por Deus, como seu Rei, “O Senhor reinará eternamente e para sempre”.¹⁹

Havia o objetivo da nação Israel ser vista pelos povos vizinhos, com o diferencial de ser cuidada por Deus²⁰

— Eis que eu lhes tenho ensinado estatutos e juízos, como o Senhor, meu Deus, me ordenou, para que vocês os cumpram na terra que passarão a possuir.

Portanto, guardem e cumpram essas leis, porque isto será a sabedoria e o entendimento de vocês aos olhos dos povos que, ouvindo todos esses estatutos, dirão: "De fato, este grande povo é gente sábia e inteligente."

Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos?

E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje eu lhes proponho?

A Característica desse reino é ser sacerdotal e santo, ou seja, deveriam oferecer os necessários sacrifícios pelo povo para manter a santidade diante de Deus²¹

Agora, pois, se ouvirem atentamente a minha voz e guardarem a minha aliança, vocês serão a minha propriedade peculiar dentre todos os povos. Porque toda a terra é minha, e vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa." São estas as palavras que você falará aos filhos de Israel.

¹⁸ W. SIRE, James, op. cit., pág. 127.

¹⁹ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Êxodo 15.18.

²⁰ *Ibid.*, Deuteronômio 4.5-8.

²¹ *Ibid.*, Êxodo 19.5-6.

Mas o livro de Juízes relata o fracasso do povo viver com Deus como Rei, ignorando por completo a instrução do passado dada por intermédio de Moisés e mesmo por Josué em seu célebre discurso.²²

“Mas, se vocês não quiserem servir o Senhor, escolham hoje a quem vão servir: se os deuses a quem os pais de vocês serviram do outro lado do Eufrates ou os deuses dos amorreus em cuja terra vocês estão morando. Eu e a minha casa serviremos o Senhor”.

E a rejeição a Deus começa a transparecer nos atos do povo que por sua falta de conhecimento do divino não conseguem ser o reino sacerdotal e santo.

O juiz Gideão em momento de lucidez e reconhecimento do seu soberano diz: “Porém Gideão lhes disse: — Não dominarei sobre vocês, nem tampouco meu filho dominará sobre vocês. O Senhor Deus dominará sobre vocês”.²³

Entretanto o afastamento continua até que fica nítido a falta de referência do governo de um rei; visto que o povo fazia cada um como achava mais certo, pois não havia rei em Israel, essa conclusão é a finalização do livro dos Juízes, o Reino de Deus não ia bem e seu reinado estava em queda.

Uma escolha foi tomada diante do último Juiz Samuel, o povo queria um rei humano, para ele isso foi perturbador, ele tinha um relacionamento próximo do Rei divino e conhecia sua lei e seus planos. Então recebe uma resposta contundente “E o Senhor disse a Samuel: — Atenda à voz do povo em tudo o que lhe pedem. Porque não foi a você que rejeitaram, mas a mim, para que eu não reine sobre eles”.²⁴

A escolha está disponível tanto ao povo Israelita como a nós, Josué²⁵ lembrou ao povo sobre essa questão crucial, estar no Reino de Deus onde ele reina diretamente era uma escolha e um privilégio, que estava disponível pela vontade divina que escolheu aquele povo para si²⁶ “ — Porque vocês são povo santo para o Senhor, seu Deus. O Senhor, seu Deus, os escolheu, para que, de todos os povos que há sobre a terra, vocês fossem o seu povo próprio.”

Tal proximidade do povo com seu soberano divino é possível, pois foram

²² **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Josué 24.15.

²³ *Ibid.*, Juízes 8.23.

²⁴ *Ibid.*, 1 Samuel 8:7.

²⁵ *Ibid.*, Josué 24.15.

²⁶ *Ibid.*, Deuteronômio 7.6.

escolhidos para serem uma nação de sacerdotes e santos. Escolher o rei é escolher o reino, pois esse terá as leis características definidas por seu monarca que determinam a forma de viver naquele território.²⁷

Os Israelitas escolheram ter um rei humano como acontece em todas as nações, para os governar²⁸, o seu referencial estava se afastando do ideal projetado para eles como povo escolhido por seu Rei divino, com o convívio entre os cananeus deixam de ser referência para os povos e começam a copiá-los. Uma involução começa, Saul é o típico rei humano apesar da confirmação divina²⁹

“Aconteceu que, no momento em que Saul se virou para se despedir de Samuel, Deus lhe mudou o coração. E todos esses sinais aconteceram naquele mesmo dia. Quando eles chegaram a Gibeá, eis que um grupo de profetas saiu ao encontro deles. O Espírito de Deus se apossou de Saul, e ele profetizou no meio deles.

As características do rei que apascentava jumentas³⁰ começam a se evidenciar: sua timidez associada com sua boa aparência denotam como o povo pôde ser agradado com esta escolha.³¹

Então perguntaram ao Senhor se aquele homem já havia chegado ali. E o Senhor respondeu: — Ele está aí escondido entre a bagagem. Então correram e o tiraram de lá. Ele ficou em pé no meio do povo, e era o mais alto de todos; dos ombros para cima, ele sobressaía a todo o povo. Então Samuel disse a todo o povo: — Vocês estão vendo quem o Senhor escolheu? Pois em todo o povo não há ninguém semelhante a ele. Então todo o povo começou a gritar:
— Viva o rei!

Em pouco tempo Saul demonstra não ser diferente dos juízes anteriores a Samuel, pois ele não conhece de fato o Rei divino que lhe concedeu o direito de governar,³²

“eu disse comigo: "Agora os filisteus virão contra mim em Gilgal, e ainda não busquei a face do Senhor." Assim, forçado pelas circunstâncias, ofereci holocaustos. Então Samuel disse a Saul:
— Você cometeu uma loucura, não guardando o mandamento que o Senhor, seu Deus, lhe ordenou. Pois o Senhor teria confirmado para sempre o seu reinado sobre Israel. Mas agora o seu reinado não subsistirá. O Senhor buscou para si um homem segundo o seu coração e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porque você não guardou o que o Senhor lhe

²⁷ Considero aqui a monarquia totalitária que melhor apresenta o contexto pretendido neste trabalho. veja as principais diferenças em Wikipédia acesso em 29/05/2025 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia>.

²⁸ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, 1 Samuel 8.5.

²⁹ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, 1 Samuel 10.9-10.

³⁰ *Ibid.*, 1 Samuel 9.3 “E desgarraram-se as jumentas de Quis, pai de Saul; pelo que disse Quis a Saul, seu filho: Toma agora contigo um dos moços, e levanta -te, vai, e busca as jumentas”.

³¹ *Ibid.*, 1 Samuel 10.22-24.

³² *Ibid.*, 1 Samuel 13.12-14.

ordenou”.

Este evento histórico aliado a escolha do próximo rei, Davi o homem segundo o coração de Deus deixa clara a mensagem: a vontade de Deus é melhor, as aparências enganam, o criador de mansas ovelhas não será tímido e terá melhores resultados do que o indômito criador de Jumentas em sua timidez e independência.

Davi recebe a promessa que haverá um descendente seu, cujo reino e trono serão firmados para sempre, cuja justiça e graça não se apartarão.³³ A restauração do reino de Deus foi assim proposta em Davi, o povo experimentou reis humanos por sua escolha, mas Deus mantém sua própria escolha “Pois o Senhor, por causa do seu grande nome, não abandonará o seu povo, porque o Senhor decidiu fazer de vocês o seu povo”.³⁴

Assim percorremos o exemplo do povo de Israel e um pouco de sua experiência entre o reinado rejeitado de Deus e os reis humanos, em Davi um rei humano diferente é anunciado como citado em salmos “Disse o Senhor ao meu senhor: Sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés”.³⁵ Jesus humano e divino é o rei anunciado, a perfeição entre as duas naturezas ele pode ser rei que entende sua criação e divino que pode reinar eternamente e oferecer o caminho da eternidade aos seus súditos.

Em todo contexto do antigo testamento é claro entender “O Reino de Deus é a restauração efetiva do governo de Deus em um mundo que se rebelou contra ele”.³⁶ Precisamos entender onde estão os limites desse reino, conforme descreve o salmista “Pois o Senhor Altíssimo é tremendo, é o grande rei de toda a terra”³⁷, os limites são toda terra.

Por mais que a essa seja originalmente a condição para toda terra e criação, não é assim que a história humana se forma, a Queda afastou a humanidade da vontade de Deus e da experiência de seu governo gracioso.³⁸ Nesse contexto surge o reino dos homens fortemente influenciado pelo reino de Satanás.

³³ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, 2 Samuel 7.12-16.

³⁴ *Ibid.*, 1 Samuel 12.22.

³⁵ *Ibid.*, Salmo 110.1.

³⁶ LADD, George. **Questões cruciais sobre o Reino de Deus**, Ebook Kindle, pág. 64.

³⁷ **Bíblia de estudo** NAA, op. cit., Salmo 47.2.

³⁸ LADD, op. cit., pág. 64.

Enquanto Deus é o Rei eterno³⁹ exercendo o pleno controle de todas as coisas, encontramos Satanás sendo chamado de “deus deste mundo”⁴⁰, governante deste mundo⁴¹

O mundo (kosmos) está afastado de Deus e jaz no poder do maligno (1 João 5.19). Uma vez que o teor geral desta era é de rebelião à vontade de Deus, seu caráter é descrito como um mal (Gálatas 1.4) do qual os homens precisam ser libertos e ao qual eles não devem se conformar (Romanos 12.2). Essa é a visão de uma sociedade mundial em rebelião contra Deus e subserviente a Satanás.⁴²

Para nosso conforto, “Satanás não pode exercer seu poder além da vontade permissiva do Deus soberano”⁴³ toda criação aguarda pelo reino de Deus,

Pois a criação está sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora.⁴⁴

O reino como poder salvífico ativo de Deus veio ao mundo na pessoa e atividade de Cristo para redimir os homens do reino de Satanás.⁴⁵ No evangelho de Marcos o primeiro relato de um milagre traz a curiosa aparição de um homem possesso de espírito imundo quando Jesus ensinava com notável autoridade na sinagoga⁴⁶

E logo apareceu na sinagoga um homem possuído de espírito imundo, o qual gritou: — O que você quer conosco, Jesus Nazareno? Você veio para nos destruir? Sei muito bem quem você é: o Santo de Deus! Mas Jesus o repreendeu, dizendo: — Cale-se e saia desse homem.

Ao que parece Jesus já estava incomodando o reino de Satanás, que reconheceu a chegada de seu opositor, antevendo sua conhecida destruição. O Reino de Deus tem por característica a liberação de pessoas presas para a liberdade do Reino divino: “Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado o Reino de Deus sobre vocês”⁴⁷ O comentarista bíblico revela sobre este texto “Jesus explica que expulsar os Demônios revela que é chegado o Reino de Deus, Jesus estava saqueando o

³⁹ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, 1 Timóteo 1.17.

⁴⁰ *Ibid.*, 2 Coríntios 4.4.

⁴¹ **Bíblia Online**, Bíblia NVT, João 12.31, [bibliaonline.com.br](https://www.bibliaonline.com.br/nvt/jo/12), 2025. disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvt/jo/12>. Acesso em 21/06/2025.

⁴² LADD, George. **Questões cruciais sobre o Reino de Deus**, Ebook Kindle, pág. 64.

⁴³ LADD, George., loc. cit.

⁴⁴ **Bíblia de estudo** NAA, loc. cit., Romanos 8.20-22.

⁴⁵ LADD, George.op. cit., pág 67.

⁴⁶ **Bíblia de estudo** NAA, loc. cit., Marcos 1.23-25.

⁴⁷ *Ibid.*, Lucas 11.20.

reino de Satanás ao transferir pessoas para o seu próprio novo Reino...”⁴⁸

Jesus relata que o Reino chegou até o povo Judeu⁴⁹

“O reino de Deus é a atividade real de Deus para a redenção do homem. O reino é futuro e escatológico, mas também está presente porque o reinado futuro se manifesta na era presente, e porque o reino de Deus se manifesta nas poderosas obras de Jesus”.

Contudo “O Reino que foi rejeitado pela nação Judaica foi inaugurado com sucesso e pode ser experimentado ainda hoje”.⁵⁰

3. O CIDADÃO DO REINO

O Reino de Deus está ativo entre os homens, mas Deus não os força a se curvar diante disso.⁵¹ Entretanto é preciso entender que o primeiro advento de Jesus nos liberta do poder das trevas e nos transporta para o Reino de Deus.⁵² Mas Ele não força ninguém a entrar em seu Reino, é uma escolha individual esta é uma característica do cidadão do Reino, que escolhe aceitar o Reino em sua vida, esse é um ato volitivo possível pois Deus fez esse caminho em Jesus.

Em análise do texto do evangelho de Marcos⁵³

Então se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo:

- Mestre, queremos que o senhor nos conceda o que vamos pedir. E Jesus lhes perguntou:
 - O que querem que eu lhes faça? Eles responderam:
 - Permite-nos que, na sua glória, nos assentemos um à sua direita e o outro à sua esquerda.
- Mas Jesus lhes disse:
- Vocês não sabem o que estão pedindo. Será que podem beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?
- Eles responderam:
- Podemos. Então Jesus lhes disse:
 - Vocês beberão o cálice que eu bebo e receberão o batismo com que eu sou batizado. Quanto a sentar à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo, pois é para aqueles a quem está preparado. Quando os outros dez discípulos ouviram isso, começaram a ficar indignados com Tiago e João. Mas Jesus, chamando todos para junto de si, disse:
 - Vocês sabem que os que são considerados governadores dos povos os

⁴⁸ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Lucas 11.20 comentário de rodapé, pág. 1861.

⁴⁹ LADD, George. **Questões cruciais sobre o Reino de Deus**, Ebook Kindle, pág. 30.

⁵⁰ *Ibid.*, pág. 47.

⁵¹ LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus**, pág. 58.

⁵² **Bíblia de estudo** NAA, op. cit., Colossenses 1.13.

⁵³ *Ibid.*, Marcos 10.35-45.

dominam e que os seus maiores exercem autoridade sobre eles. Mas entre vocês não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros; e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que seja servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

Wright conclui: “Os reis da terra exercem poder de determinada maneira, isso é, dominando os seus súditos, mas o seguidor de Jesus fará as coisas de outro jeito: o jeito do servo.”⁵⁴

A escolha é palavra chave nesse contexto, Jesus veio como descendente de Davi para o reinado eterno prometido.⁵⁵ Tiago e João ainda estavam apegados aos padrões do reino do mundo que é caracterizado pelo poder de império, o mais forte domina sobre o mais fraco, Jesus Rei dos Judeus se tornou uma zombaria, não aceito pelo povo e pelos principais sacerdotes⁵⁶

“E era a preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. E Pilatos disse aos judeus:

— Eis aqui o rei de vocês.

Eles, porém, clamavam:

— Fora! Fora! Crucifique-o! Então Pilatos perguntou:

— Devo crucificar o rei de vocês?

Os principais sacerdotes responderam:

— Não temos rei, senão César! “

Escolheram César, reiterando a rejeição a Deus e seu filho Jesus como Rei.⁵⁷ A invisibilidade é intrínseca ao Reino de Deus, ele não tem um território físico⁵⁸

— Indagado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus lhes respondeu: — O Reino de Deus não vem com visível aparência. Nem dirão: "Ele está aqui!" Ou: "Lá está ele!" Porque o Reino de Deus está entre vocês.

O cidadão do Reino, não vive em um território específico, mas onde estiver estará no Reino sendo seu embaixador⁵⁹ e dessa maneira o Reino é percebido através de seus súditos, que foram feitos a imagem de seu Criador desde Gênesis⁶⁰ “Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”

⁵⁴ WRIGHT, N. T. **Como Deus se tornou rei**. Tradução de Elissamai Bauleo, pág. 154.

⁵⁵ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, Salmos 89.3-4.

⁵⁶ *Ibid.*, João 19.14-15.

⁵⁷ *Ibid.*, 1 Samuel 8.5 e 20.

⁵⁸ *Ibid.*, Lucas 17.20-21.

⁵⁹ Wikipedia, Embaixador, wikipedia.org, 2025 disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Embaixador> Acesso em 07/06/2025. Embaixador (no feminino embaixadora, pois embaixatriz é a esposa de um embaixador), cujo título oficial completo é Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário, é o funcionário diplomático de mais alto nível acreditado junto a Estado estrangeiro[1] ou organização internacional, encarregado de chefiar a missão diplomática de seu país que ostente a classificação de embaixada ou delegação, ou seu equivalente. Detém plenos poderes para representar o seu país.

⁶⁰ **Bíblia de estudo** NAA, op. cit., Gênesis 1:27.

E agora tem a oportunidade de fato de expressar também sua semelhança.⁶¹

“E Deus disse: — Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra”.

Como fruto do relacionamento com Rei, Pai e Criador o ser humano cidadão do Reino conhece a vontade do seu soberano, ama-o e deseja ter o seu comportamento⁶², ele tem as leis do reino marcadas em seu coração.⁶³

Na parábola sobre o bom samaritano⁶⁴

E eis que certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o objetivo de pôr Jesus à prova e lhe perguntou:

— Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então Jesus lhe perguntou:

— O que está escrito na Lei? Como você a entende? A isto ele respondeu:

— "Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, com todas as suas forças e todo o seu entendimento." E: "Ame o seu próximo como você ama a si mesmo."

Então Jesus lhe disse:

— Você respondeu corretamente. Faça isto e você viverá. Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus:

— Quem é o meu próximo? Jesus prosseguiu, dizendo:

— Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de alguns ladrões. Estes, depois de lhe tirar a roupa e lhe causar muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Por casualidade, um sacerdote estava descendo por aquele mesmo caminho e, vendo aquele homem, passou de largo. De igual modo, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, passou de largo.

Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou perto do homem e, vendo-o, compadeceu-se dele.

E, aproximando-se, fez curativos nos ferimentos dele, aplicando-lhes óleo e vinho. Depois, colocou aquele homem sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele.

No dia seguinte, separou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: "Cuide deste homem. E, se você gastar algo a mais, farei o reembolso quando eu voltar." Então Jesus perguntou:

— Qual destes três lhe parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos ladrões?

O intérprete da Lei respondeu:

— O que usou de misericórdia para com ele. Então Jesus lhe disse:

Vá e faça o mesmo.

Jesus confirma a boa resposta daquele intérprete da lei, e esclarece a respeito de quem é o seu próximo: aquele a quem ele deve direcionar o amor como a ele mesmo.

⁶¹ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Gênesis 1:26.

⁶² *Ibid.*, Filipenses 2.13.

⁶³ *Ibid.*, Hebreus 8.10 e Jeremias 31.33.

⁶⁴ *Ibid.*, Lucas 10.25-37.

Aquele homem não consegue entender a dinâmica do amor no Reino ao levantar a dúvida capciosa sobre quem deve ser o objeto da sua bondade, Jesus vai usar a parábola para colocar em evidência seu próprio mundo com sua hipocrisia.

Quem é o próximo daquele homem injustiçado no texto? Jesus destaca que a bondade não é encontrada naqueles que deveriam expressá-la, começando pelo sacerdote, eles reconheciam que deveriam, conforme o Sanhedrin⁶⁵: socorrer um inocente sendo atacado por ladrões para não ser um expectador diante do sangue do próximo⁶⁶, mas quando o fato já aconteceu e ele tem diante de si um homem nu e não identificado que talvez esteja morto, ele se lembra da lei que diz que não deve se contaminar com um morto⁶⁷ e passa de largo.

De forma semelhante o levita, que também deveria estar voltando para casa em Jericó, após officiar por duas semanas no templo em Jerusalém⁶⁸, para aquele público que ouvia de Jesus sobre a parábola, o terceiro ator esperado seria um leigo Judeu, um tipo de oficial do templo. De forma surpreendente surge o samaritano, mau visto pelos judeus e até odiado⁶⁹, porém é ele que usa de bondade para com o ferido.

O Sacerdote e o Levita, “estão presos em um sistema ético/teológico que era um livro de regras tudo se resumia em faça ou não faça”.⁷⁰ Eles teriam que romper com os dogmas judaicos para ajudar aquele homem maltratado, fato semelhante é relatado no quarto evangelho: “Os pais dele disseram isso porque estavam com medo dos judeus, pois estes já tinham combinado que, se alguém confessasse que Jesus era o Cristo, seria expulso da sinagoga”.⁷¹

A explicação sobre quem é o próximo, respondeu ao intérprete da lei e a todos nós, o amor é superior, uma mensagem estava se tornando cada vez mais nítida, o Reino

⁶⁵ Wikipedia.org, Sanhedrin (Talmude), O tratado talmúdico denominado Sanhedrin (hebraico: סנהדרין ou "Sinédrio") é um dos dez tratados da Seder Nezikin ("Ordem de Danos", uma seção do Talmude Babilônico que trata de danos e procedimentos civis e criminais). Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sanhedrin_\(Talmude\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sanhedrin_(Talmude)). Acessado em 17/06/2025.

⁶⁶ Sefaria.org, Sanhedrin 73a "Você não ficará de braços cruzados diante do sangue de outro" (Levítico 19:16); em vez disso, você deve salvá-lo da morte, disponível em: <https://www.sefaria.org/Sanhedrin.73a.2?lang=bi&with=all&lang2=en>. Acesso em 17/06/2025.

⁶⁷ Bíblia de estudo NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, Levítico 21.1 e 11.

⁶⁸ BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. Vida Nova, pág. 88.

⁶⁹ Bíblia de estudo NAA, *op. cit.*, João 4.9.

⁷⁰ BAILEY, *op. cit.*, pág. 89.

⁷¹ Bíblia de estudo NAA, *op. cit.* João 9.22.

é criado pelo amor “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.⁷² Aqueles que ficam presos no Dogma não conseguem escolher o valor maior.

O cidadão do Reino está disposto a ser envergonhado por não cumprir o ritual, pois o amor ao próximo fala mais forte, “o seu valor está em buscar a justiça do Reino que não é mais pautada em obediência e conformidade a um código legal”.⁷³ A esperança cristã da justificação é mediante o Espírito pela fé.⁷⁴

A fé leva a crer para salvação, bênção futura e imediata, mas o Reino é presente e a fé é confiança naquele que a valida para superar as incertezas e dificuldades dessa intercessão de reinos. O mundo material nos faz confiar no que vemos, mas no Reino de Deus nos convida a fazer uso do invisível corrimão espiritual “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem”.⁷⁵

Ter como prioridade o Reino é percebido quando Jesus diz: “Busquem, antes de tudo, o seu Reino, e estas coisas lhes serão acrescentadas. — Não tenha medo, ó pequenino rebanho; porque o Pai de vocês se agradou em dar-lhes o seu Reino.”⁷⁶ e ainda quando Marta e Maria estão com Jesus “Mas o Senhor respondeu: — Marta! Marta! Você anda inquieta e se preocupa com muitas coisas, mas apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.”⁷⁷

A liberdade para escolher a vontade de Deus em seu Reino é fator basilar presente na mais importante das questões da vida do cidadão do Reino de Deus, a parábola da grande ceia ilustra tal liberdade.⁷⁸

4. O CIDADÃO NO MUNDO

Ser um cidadão do Reino é como ser um embaixador⁷⁹ em terra estranha, os parâmetros de convivência não podem ser seguidos como meras regras de conduta,

⁷² **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, João 3.16.

⁷³ LADD, George Eldon. **A mensagem do novo testamento**: seu padrão e sua verdade, Ebook Kindle, pág. 85.

⁷⁴ **Bíblia de estudo** NAA, op. cit. Gálatas 5.4-5.

⁷⁵ *Ibid.*, Hebreus 11.1.

⁷⁶ *Ibid.*, Lucas 12.31.

⁷⁷ *Ibid.*, Lucas 10.41-42.

⁷⁸ *Ibid.*, Lucas 14.15-24.

⁷⁹ *Ibid.*, 2 Coríntios 5.20.

entretanto elas estão bem registradas no coração⁸⁰ no mais íntimo do âmago do ser humano convertido a Jesus.

Os padrões do mundo são diferentes daqueles pertinentes ao Reino, todo cidadão do Reino vive no mundo e sobre isso Jesus esclarece em sua oração⁸¹:

“— É por eles que eu peço; não peço pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, enquanto eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um.

Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste; eu os protegi e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura.

Mas agora vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham a minha alegria completa em si mesmos. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.”

O objetivo do cidadão do Reino não é sair do mundo, mas viver nele e testemunhar a todos o seu viver cotidiano diferenciado.

Esse viver de testemunho é possível quando se entende o valor do Reino⁸² como ocorre na parábola do tesouro escondido, e contraste com o convite que recebeu o jovem rico⁸³ ele teve o coração sondado e diante do Rei constatou que suas riquezas eram mais valiosas que o Reino proposto “Este foi o pecado do jovem rico: não o fato de ser rico, mas que ele escolheu as riquezas do mundo ao invés do Reino de Deus”.⁸⁴

Os valores do mundo precisam ser perdidos. “O ganho do mundo inteiro pode significar a perda da verdadeira vida”⁸⁵, o coração do cidadão do Reino deve reconhecer e almejar viver no Reino agora e para sempre. Os valores do mundo devem ocupar o lugar devido, Ladd apresenta⁸⁶:

“O gozo das coisas do mundo não é mau em si; quando se tornam um objeto de afeição em vez do governo de Deus, então tornam-se pecaminosos. O pecado está nas afeições e corações humanos, não no mundo em si. As bênçãos da era futura são, com certeza, ainda invisíveis; mas elas se tornarão

⁸⁰ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Hebreus 10.16.

⁸¹ *Ibid.*, João 17.9-17.

⁸² *Ibid.*, Mateus 13.44.

⁸³ *Ibid.*, Lucas 18.18-23.

⁸⁴ LADD, George Eldon. **A mensagem do novo testamento**: seu padrão e sua verdade, Ebook Kindle, pág. 34.

⁸⁵ LADD, *loc. cit.*

⁸⁶ *Ibid.*, pág. 37.

visíveis na Parousia.”

O convite ao Reino continua, Jesus chama⁸⁷:

Jesus dizia a todos: — Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; e quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. De que adianta uma pessoa ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou causar dano a si mesma? Pois quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na glória do Pai e dos santos anjos. Em verdade lhes digo que alguns dos que aqui se encontram não passarão pela morte até que vejam o Reino de Deus.

A escolha está disponível para todos que vivem no mundo, o embaixador (cidadão do Reino) pode divulgar, demonstrar e esclarecer mantendo o testemunho ativo assim como fez Jesus ao orar pouco antes da crucificação, quando ele buscou a vontade de seu Pai em primeiro lugar e não a sua.⁸⁸

O aspecto atual do Reino de Deus como espiritual e pessoal, embora coletivo formando o corpo de Cristo, teve um humilde começo, com Jesus e os doze discípulos, mas a isso se refere a parábola do fermento “Disse mais: — A que compararei o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher pegou e misturou em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado”.⁸⁹

A mensagem do Reino é de esperança para uma criação que geme enquanto está sujeita ao erro do pecado, para que sejam libertos desse cativeiro do pecado, para a liberdade da glória dos Cidadãos do Reino, também conhecidos como filhos de Deus.⁹⁰

5. O CIDADÃO NO LAR

O ambiente íntimo que também podemos chamar de lugar seguro, é onde o ser humano pode transparecer o que está em seu coração, agindo de maneira natural sem os filtros da sociedade, e as imposições do fato social que é objeto da sociologia.

Conforme entende Émile Durkheim⁹¹ citado por Boechat fato social é definido como⁹²:

Toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, apresenta uma existência própria independente das manifestações individuais que possa ter. São padrões de comportamento,

⁸⁷ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, Lucas 9.23-27.

⁸⁸ *Ibid.*, Lucas 22.42.

⁸⁹ *Ibid.*, Lucas 13.20-21.

⁹⁰ *Ibid.*, Romanos 8.21 e João 1.12.

⁹¹ wikipedia.org, Émile Durkheim, wikipedia, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Durkheim. Acesso em 16/06/2025.

⁹² BOECHAT, João. **Apostila Sociologia**, Rio de Janeiro, FABAT. p. 81.

pensamento e sentimento com três características: Externo ao indivíduo, coletivo e coercitivo.

Dessa forma entendemos que o indivíduo é coagido a apresentar um padrão social mundano, em comportamento, pensamento e sentimento, pela simples realidade de fazer parte da sociedade.

O cidadão do Reino é advertido a não se amoldar a esta condição imposta pelo fato social. “E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.⁹³

A contaminação vem do interior, de dentro do coração, Jesus ao explicar sobre a preocupação com os ritos externos ele expõe: a raiz dos problemas está naquilo que entrou e preenche a vida das pessoas,⁹⁴

E dizia: — O que sai da pessoa, isso é o que a contamina. Porque de dentro, do coração das pessoas, é que procedem os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as maldades, o engano, a libertinagem, a inveja, a blasfêmia, o orgulho, a falta de juízo. Todos estes males vêm de dentro e contaminam a pessoa.

Aplicando a parábola do bom samaritano, no relacionamento íntimo, no lar do cristão ele deve expressar o que está em seu interior e se de fato tem vivido para o Reino ele não vai temer aplicar o seu amor incondicional aos seus familiares, pois assim foi recebido no Reino de Deus.

Não há imunidade de problemas, alguém disse parafraseando: “Deus livra dos leões, mas não da cova deles”⁹⁵, no lar existem conflitos de cosmovisões, mas a cosmovisão cristã do Reino precisa prevalecer. As inúmeras influências externas pressionam casamento e criação de filhos, mas a regra que trava os atores na parábola não impede o bom samaritano.

O próximo não é somente aquele no caminho de volta da igreja, mas está também em nossos lares em dias que não há culto público, a integridade do cidadão é uma expressão de sua transformação, que por sua vez é um processo contínuo; para

⁹³ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, Romanos 12.2.

⁹⁴ *Ibid.*, Marcos 7.20-23.

⁹⁵ *Ibid.*, Daniel 6.16-23.

Thiago e João muito mudou desde que quiseram destruir uma aldeia de samaritanos.⁹⁶

A destruição punitiva não é o propósito, mas resgatar, aplicar graça e amor, Thiago e João aprendem com o relacionamento com o Rei e depois com o Espírito Santo que os ensina.⁹⁷ No lar temos a oportunidade de permitir que o aprendizado das parábolas de Lucas nos mantenha no Reino.

A preciosidade aprendida com a parábola do tesouro escondido, deve dirigir nossas ações quando pensamos em sair do Reino por alguns instantes para aplicar uma punição ou mesmo enveredar por algum pecado, ainda arraigado no coração.

A atitude dos atores da parábola do filho perdido(pródigo), demonstra os vários lados da vida do cidadão do Reino em seu lar.⁹⁸ Quando o filho pede a herança é como dizer “já que está demorando sua morte pai”, o filho mais velho relata não ter recebido nada enquanto servia ao pai, quando de fato ele tinha tudo.

O pai é o verdadeiro sustento, demonstra como Deus nos recebe em sua Graça não importa se como filho mais novo o rejeitamos para buscar apenas os benefícios ou se como filho mais velho o ignoramos para cumprir os ritos e não buscamos o relacionamento. Relacionar como uma escolha, isso é o que Deus quer de seus filhos súditos.

Com o relacionamento com Deus Pai aprendemos a ser como ele é, dessa forma podemos ser vistos como semelhantes àquele que nos criou e agora nos restaura para vivermos em família de maneira integral, não apenas a natural que é imagem da celestial, mas para a unicidade “a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”.⁹⁹

Seja no lar, seja na igreja, seja no trabalho ou seja no caminho, o cidadão do Reino está no Reino, e lá ele é um com Jesus, fazendo parte da família celestial. Pela Graça que nos alcançou somos capacitados a perder a vida terrena e ganhar a vida Eterna.

⁹⁶ Bibliaonline.com.br, **Evangelho de Lucas 9.54-56**, Bíblia online ARC, 2025, disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/arc/lc/9>. Acesso em 19/06/2026.

⁹⁷ **Bíblia de estudo** NAA, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, João 14.26.

⁹⁸ *Ibid.*, Lucas 15.11-32.

⁹⁹ *Ibid.*, João 17.21.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos são significativos, pois foi observado a importância do Reino de Deus, como uma realidade presente e futura, espiritual mas natural. Viver no Reino é aplicar integridade independente de local físico, onde o cidadão estiver lá estará o Reino.

As diferentes cosmovisões podem prejudicar o entendimento para a vida plena no Reino de Deus, mas com uma aproximação da cosmovisão cristã fica perceptível a vontade do Criador: Ele quer ser o Rei de todos, e como na Parábola da grande ceia somos convidados, esta escolha nos é ofertada. Como embaixadores testemunhamos com autoridade sobre o amor desse Rei.

A Bíblia inteira é uma exposição da teologia de Deus, que vem ao homem na história para redimir o homem e a história.¹⁰⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LADD, George Eldon. **A mensagem do novo testamento: seu padrão e sua verdade**, Ebook Kindle, Base livros, 2023.
- DOOYEWEERD, Herman, **A New Critique of Theoretical Thought**, trad. David H. Freeman e William S. Young (s.l.: Presbyterian & Reformed, 1969), 1:128.
- BOECHAT, João, **Apostila Sociologia**, Rio de Janeiro, FABAT, disponível em <https://classroom.google.com/w/NTE0NDgxNjcxMzYz/t/all>, acesso em 19/06/2025.
- SIQUEIRA, Juan de Paula Santos. **Apostila Teologia Sistemática 2**. Rio de Janeiro, FABAT, <https://batistas.brightspace.com/d2l/le/lessons/22330/topics/206074>. Acesso em 20 novembro 2024.
- BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. Vida Nova, 1980.
- Bíblia de estudo NAA*, Barueri - SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- WRIGHT, N. T. **Como Deus se tornou rei**. Tradução de Elissamai Bauleo, Thomas Nelson Brasil, 2019.
- RYKEN, Philip Graham, **Cosmovisão Cristã**, São Paulo, Cultura Cristã, 2022, E-book.
- NAUGLE, David, **Cosmovisão: A História de um Conceito**, Monergismo, 2002.

¹⁰⁰ LADD, George Eldon. **A mensagem do novo testamento: seu padrão e sua verdade**, Ebook Kindle, pág. 102.

W. SIRE, James, **Dando nome ao elefante: Cosmovisão como um conceito**, Monergismo, 2015. E-Book Kindle.

KOK, John H., **Learning to Teach from Within a Christian Perspective**, Pro Rege, Junho de 2003, p. 12.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Novo dicionário Bíblico Champlin: Completo, prático, exegético e Indispensável**. Hagnos, 2018.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus**, Shedd publicações, São Paulo, 2008.

LADD, George Eldon. **Questões cruciais sobre o Reino de Deus**, Ebook Kindle, Base livros, 2024.

Jesus e as mulheres: o legado de Cristo na valorização do feminino a partir de João 4.4-42

Jesus and Women: Christ's Legacy in the Appreciation of the Feminine in John 4:4-42

Queila de Castro Martins Memoria¹
Mariane de Carvalho Godoi Lopes²

RESUMO

A presente pesquisa analisa a valorização do feminino a partir do contexto comunicativo de Jesus e a mulher samaritana, descrito em João 4.4- 42. A maneira peculiar como Jesus se relaciona com as mulheres de seu tempo revela uma postura contracultural, que confere dignidade, visibilidade e protagonismo ao público feminino, em um contexto marcado por estruturas sociais e religiosas opressoras. A narrativa apresenta um Mestre dialogando e enviando mulheres; contrariando padrões ortodoxos judaicos e promovendo um novo olhar sobre o papel da mulher na sociedade e na comunidade de fé. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica com abordagem fenomenológica, com a análise de textos acadêmicos sobre a mulher na história do cristianismo. A autora Lidice Meyer é referência central na construção da argumentação, em diálogo com outras contribuições teológicas da literatura. Conclui-se que o ministério de Jesus introduz uma perspectiva transformadora sobre o feminino, perpetuando uma reflexão acerca da atuação das mulheres na propagação do evangelho e na liderança da igreja primitiva.

Palavras-chaves: Jesus, Mulher, Evangelho, Valorização, Interação.

ABSTRACT

This research analyzes the appreciation of the feminine within the communicative context of Jesus and the Samaritan woman, as described in John 4:4-42. The peculiar way in which Jesus relates to the women of His time reveals a countercultural posture that grants dignity, visibility, and protagonism to women in a context marked by oppressive social and religious structures. The narrative presents a Teacher who dialogues with and sends women, breaking with Jewish orthodox patterns and promoting a new perspective on the role of women in society and within the faith community. The methodology used was a bibliographic review with a phenomenological approach, analyzing academic texts about women in the history of Christianity. The author Lidice Meyer serves as a central reference in constructing the

¹ Bacharelada em Teologia – FABAT; Mestre em Linguística - UERJ; Licenciatura em Letras: Português e Literaturas – UERJ.

² Mestranda em Ensino - UERJ; Pós graduação em Voz Profissional - UNYLEYA; Pós graduação em Gestão do Ministério de Adoração e Arte; Bacharelada em Teologia - FABAT; Licenciatura em Música - FABAT.

argument, in dialogue with other theological contributions from the literature. The conclusion is that the ministry of Jesus introduces a transformative perspective on the feminine, fostering ongoing reflection on the role of women in spreading the gospel and in the leadership of the early church.

Keywords: Jesus, Woman, Gospel, Appreciation, Interaction

INTRODUÇÃO

O papel feminino na igreja é um tema relevante e controverso, há muitas discussões e elucubrações acerca da atuação da mulher. Sobretudo ao se falar em relação à atribuição da mulher a cargos de liderança e posições de autoridade e de influência no contexto eclesial. Para tanto, faz-se necessário examinar a história da igreja, buscando compreender como se deu a construção do feminino no cristianismo ao longo do tempo.

Não cabendo a esta pesquisa a exaustão da temática, buscou-se, primariamente, apresentar um panorama da figura feminina nos tempos bíblicos e, posteriormente, analisar a narrativa do encontro entre Jesus e a mulher samaritana. Compreendendo Jesus como a figura de autoridade máxima da fé cristã, pretende-se refletir sobre a sua relação com a mulher e seu comportamento como padrão para os cristãos e quebra de paradigmas em sua época e ainda hoje. O objetivo deste trabalho é, então, analisar como o encontro entre Jesus e a mulher samaritana, na perícopa de João 4.4-42, revela um legado de valorização do feminino, propondo um modelo teológico para a atuação da mulher na igreja contemporânea.

A metodologia utilizada, na pesquisa, foi a revisão bibliográfica com abordagem fenomenológica, com a análise de textos acadêmicos sobre a mulher na história do cristianismo. A autora Lidice Meyer é referência central na construção da argumentação, em diálogo com outras contribuições teológicas da literatura. Com isso em questão, partiu-se para este olhar: da mulher nos tempos bíblicos do Antigo Testamento e, posteriormente, na época de Cristo.

Ao analisar, então, o contexto da mulher no Antigo Israel, revisitando a história do Antigo Testamento, tem-se uma mulher venerada, as questões da feminilidade geravam interesse e atenção. Segundo Lidice Meyer, figuras como de Débora e Jael do Antigo Testamento são homenageadas, de forma semelhante que as de Isabel e Maria no

Novo Testamento, Meyer³ destaca que foram “Duas mulheres e uma vitória que trouxe paz ao povo de Israel por 40 anos (Jz 5.32). Seu exemplo enfatiza como o poder e a sabedoria de uma mulher eram respeitados nos tempos do início do povo de Israel”. Ainda de acordo com.

Meyer⁴, no Antigo Israel, são encontradas mulheres veneradas, reconhecidas por seus dons de profecia e envolvimento com negócios de estado. No período bíblico, a mulher não era vista como inferior ao homem, ela era ouvida, respeitada e admirada. Marcos Nobre⁵ afirma que na vida pública, a mulher participava de festas e ocasiões sagradas, inclusive, em sua afirmação “Débora alcançou até mesmo uma posição política de destaque (cf. Jz 4). Outras mulheres tiveram uma influência considerável em âmbito social, tais como Sarah, Rebeca, Mico, Abigail e Jezabel”. Neste contexto, a mulher era respeitada e bem-vista, venerada por seus mistérios⁶ e considerada sagrada.

No pós-exílio, por volta do séc. VI a. C., a partir do final do período do Primeiro Templo, no entanto, observa-se uma mudança sobre a compreensão do feminino, passando a ser entendido como pecaminoso. Nesse viés, segundo Meyer⁷, a mulher passa a ser compreendida como um ser tentador e deve, portanto, ser controlada. No período pós cativo babilônico, também por volta do século VI a. C., o povo compreendeu que a culpa de seus erros recairia sobre a mulher, devido aos casamentos com mulheres de outras religiões.

Desde o século IV a.C., entretanto, o papel da mulher sofre diversas mudanças. Com influência da cultura helênica, a mulher passa a ter alguns direitos e conquistas. Para Meyer⁸, no século I, as mulheres vivenciam mais liberdade entre o que é público e o privado, devido, justamente, ao contato com a cultura greco-romana. Elas começaram a participar ativamente como artesãs e comerciantes, e tiveram a oportunidade de

³ MEYER, Lidice. **O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes?** AD AETERNUM – Revista de Teologia – Nº. 0 (2020), p.75.

⁴ MEYER, Lidice. **O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes?** AD AETERNUM – Revista de Teologia – Nº. 0 (2020), p.75.

⁵ NOBRE, Marcos. **Ministérios femininos no cristianismo dos três primeiros séculos**. Volume MI - Número 13 – 2013. p. 47.

⁶ A menstruação, a sexualidade e a gestação eram compreendidos como mistérios femininos.

⁷ MEYER, Lidice. **O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes?** AD AETERNUM – Revista de Teologia – Nº. 0 (2020), p.78.

⁸ MEYER, Lidice. **Cristianismo no feminino: a presença da mulher na vida da igreja** / Lidice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025, p. 19.

sustentar-se e a sua família, assim como adquirir propriedades. Nos tempos de Cristo, tem-se uma efervescência de movimentos, olhares e perspectivas sobre a figura feminina e seu papel na sociedade e na religião. Esta análise será de fundamental importância para compreensão do tema estudado em questão. A leitura dos próximos capítulos dará um norte ao entendimento da maneira como Cristo revoluciona a forma de tratamento da mulher e deixa um legado de valorização do feminino.

1. PANORAMA DA FIGURA FEMININA NOS TEMPOS DE CRISTO

1.1 A mulher no judaísmo do século I

No judaísmo da Judeia do século I, a comunidade estava confusa sobre como enxergar e entender o papel feminino: havia muitas correntes diferentes e cada uma delineava seu pensamento acerca da mulher, eram fariseus, saduceus, herodianos, batistas, zelotes e essênios. Segundo Meyer⁹, havia no primeiro século uma mescla de movimentos em ebulição quanto a maneira de se compreender o papel do feminino na sociedade, na cultura e, sobretudo, na religião. O tratamento que era dado às mulheres era diferenciado, dependendo do grupo e da perspectiva do olhar para a mulher. Comparada ao tratamento dado à mulher grega ou romana, a mulher judia ainda se via debaixo de regras rigorosas e penosas que adstravavam e limitavam sua participação na sociedade e na religião.

A professora¹⁰ afirma que, na época de Jesus, na Judeia e Samaria, havia inúmeros tipos de judaísmo, e cada grupo enxergava a mulher e seu papel de maneira particular. Enquanto os judeus helenizados concediam à mulher mais liberdade e participação ativa na sociedade, na cultura e na religião; os judeus ortodoxos, provenientes da visão subalterna dada à mulher no contexto pós- exílico, como visto anteriormente, mantinham-se rígidos no tratamento ao feminino, atribuindo culpa às mulheres pelos pecados do povo e pelas desgraças sofridas no exílio. Meyer¹¹ afirma que inúmeros textos e documentos surgiram para orientar em relação à atuação

⁹ MEYER, Lídice. **A pesquisa arqueológica e historiográfica tem nos mostrado uma realidade sociocultural da mulher bem diferente do que se supunha**. Disponível em: <https://comunhao.com.br/as-mulheres-e-a-sociedade-do-tempo-de-jesus/>. Acesso em: 9. Mar. 2025.p. 2.

¹⁰ MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja / Lídice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.p. 94.

¹¹ MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja / Lídice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.p. 18.

feminina, entre tantas leis, a da modéstia (*Tzeniut*) orientava e estabelecia regras como roupas que poderiam ser usadas, cabelos cobertos, mulheres longe do contato físico com os homens (a não ser o marido em contexto do lar), a presença delas na sinagoga era permitida, mas deveriam permanecer em silêncio e em um local apropriado separado para elas.

Apesar de conquistar maior liberdade no contexto helênico, como estava sob os regimentos do judaísmo, a atuação da mulher ainda era menor que a dos homens, sua presença era pouca e considerada inadequada, sempre sendo julgada como desocupada e à disposição sexualmente. “A presença de uma mulher num lugar público, seja a rua, mercado, ou em cultos religiosos era considerada uma ofensa à sua dignidade de mulher”.¹² Ainda, segundo Meyer, é compreensível, portanto, que Jesus tenha escandalizado tantos em sua época ao tratar a mulher com dignidade, respeito e valor, enxergando-a, dando voz a ela, escutando-a, tocando-a e por ela sendo tocado e enviando-a, segundo Souza¹³, como missionária e propagadora do evangelho (cf. João 20.17,18).

1.2 Cristo e as mulheres no Novo Testamento

Quando se observa a relação de Cristo com as mulheres, já no Novo Testamento, no início do primeiro século, encontra-se um Jesus que valoriza o papel feminino e considera a mulher como interlocutora ativa do discurso, participante, não apenas ouvinte passiva. Cristo é aquele que enxerga e vê a mulher, como o fez com a mulher encurvada (cf. Lucas 13.10-17), notando-a, chamando-a para frente da sinagoga e curando-a em um dia de sábado.¹⁴ Jesus é aquele que toca ou se permite ser tocado pela

¹² MEYER, Lidice. **O papel das mulheres na Bíblia**: protagonistas ou coadjuvantes? AD AETERNUM – Revista de Teologia – Nº. 0 (2020), p. 79.

¹³ SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo**: uma leitura do quarto evangelho. Orientador: Flávio Schmitt. São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 46.

¹⁴ A lei do sábado era observada com vários graus de rigor no judaísmo do primeiro século (Ex 20.8-11; Dt 5.12-15). O livro de Jubileus tem a lei do sábado como seu fundamento teológico e vê o sábado como um sinal especial dado a Israel (2.19). O Documento de Damasco 10.14-11.18 apresenta a mais rigorosa interpretação desta lei, mesmo ajudar um animal parir ou um animal caído numa cisterna e, da mesma forma, ajudar uma pessoa. A tradição farisaica e rabínica era menos rigorosa, mas estava também preocupada em delinear o que poderia ou não: trinta e nove tipos de trabalho, acompanhados cada um de uma multidão de tarefas acessórias, eram considerados contrários ao descanso sabático, o qual, junto com a circuncisão, constituía o preceito mais considerado pelo judaísmo tardio. A exata especificação de atividades que eram condenadas reflete a preocupação em evitar todas as possibilidades de transgredir a lei do sábado. Somente situações em que a vida estivesse ameaçada ou de necessidades pessoais

mulher, ainda que isso gere mal-estar diante dos líderes religiosos da época, permitindo-se tornar-se impuro, ao encontrar a mulher com fluxo de sangue (cf. Marcos 5:24–34; Lucas 8:43- 45).¹⁵ Jesus fala com as mulheres, dirigindo-se a Marta e Maria de Betânia e as ensina como discípulas suas (cf. Lucas 10:38-42). Cristo ainda escuta atentamente as palavras da mulher, ainda que esta seja samaritana e estigmatizada por sua sociedade da sua época (cf. João 4.3-42).

Por fim, João 20 narra o encontro de Jesus com Maria Madalena, após a ressurreição. Cristo estende o “ide” à mulher, permitindo a uma mulher ser a primeira a vê-lo ressurreto e enviando-a ao mundo com uma ordem básica e direta “Vá e diga” (cf. João 20.11-18). Neste contexto, Cristo envia Maria Madalena com um chamado poderoso e transformador, tornando Madalena sua primeira evangelista, com a missão de levar a mensagem da cruz e da ressurreição aos homens. O envio, o “ide”, de Maria Madalena não foi uma escolha aleatória, foi uma decisão divina que quebrou padrões sociais e religiosos da sua época.

2. O ENCONTRO DE JESUS COM A SAMARITANA: A PERÍCOPE DE JOÃO 4.4-42

2.1 Contextualização

O contexto comunicativo analisado neste capítulo será o de João 4.4-42. Neste texto, Jesus, o Messias, encontra-se com uma mulher de Samaria, que ao buscar água no poço, desenvolve com Jesus um diálogo profundo. Este contexto de interação entre Cristo e uma mulher levantará reflexões acerca do tratamento que o Messias deu às mulheres em sua época, momento em que, entre os judeus ortodoxos e líderes do povo,

calamitosas permitiriam não observar a lei do sábado. FILHO, José Adriano. **A cura de uma mulher enferma: um estudo de Lucas 13.10-17**. REVISTA TEOLOGIA E SOCIEDADE Vol. 1 nº 4, novembro de 2007, São Paulo, SP, p. 69.

¹⁵ “Em Israel, as regras estabelecidas quanto à menstruação e fluxo de sangue revelam o estado de impureza da mulher neste período, não podendo tocar em objetos sagrados ou adentrar no templo. Tudo que toca o lugar onde deita e senta se torna impuro. A ideia é isolar a mulher enquanto durar sua impureza.” QUEIROZ, Lauro José Coelho. **A CURA DA MULHER HEMORRÁGICA: UM DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA E A MEDICINA A PARTIR DE UMA LEITURA DE LUCAS 8.43-48**. Orientador: Verner Hoefelmann. São Leopoldo 2014, p. 56.

o papel feminino era relegado à submissão e à inferioridade.¹⁶ Sendo assim, o encontro entre Jesus e a mulher samaritana também escandaliza e é digno de uma análise apurada, que conduz à compreensão de como Jesus estabeleceu o contexto comunicativo sem ruídos e influências externas. O texto de João, apresentado a seguir, segue a versão Almeida Revista e Corrigida¹⁷:

E era-lhe necessário passar por Samaria. Foi, pois, a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José. E estava alia fonte de Jacó. Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isso quase à hora sexta. Veio uma mulher de Samaria tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Porque os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida. Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos)? Jesus respondeu e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá - me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado? Jesus respondeu e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tomará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede e não venha aqui tirá -la. Disse- lhe Jesus: Vai, chama o teu marido e vem cá. A mulher respondeu e disse: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: Não tenho marido, porque tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; isso disseste com verdade. Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. A mulher disse-lhe:

¹⁶ KOCHMANN, Rabina Sandra. **O Lugar da Mulher no Judaísmo**. Revista de Estudos da Religião. Nº 2 / 2005 / p. 37.

¹⁷ **Almeida Revista e Corrigida**. Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em: <https://www.sbb.org.br/biblia/ARC/JHN.4>. Acesso em 12. maio. 2025.

Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo. E nisso vieram os seus discípulos e maravilharam-se de que estivesse falando com *uma* mulher; todavia, nenhum *lhe* disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela? Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura, não é este o Cristo? Saíram, pois, da cidade e foram ter com ele. E, entretanto, os seus discípulos *lhe* rogaram, dizendo: Rabi, come. Porém ele *lhes* disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis. Então, os discípulos diziam uns aos outros: Trouxe-lhe, porventura, alguém de comer? Jesus disse-lhes: A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra. Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que eu vos digo: levantai os vossos olhos e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa. E o que ceifa recebe galardão e ajunta fruto para a vida eterna, para que, assim o que semeia como o que ceifa, ambos se regozijem. Porque nisso é verdadeiro o ditado: Um é o que semeia, e outro, o que ceifa. Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho. E muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele, pela palavra da mulher, que testemunhou: Disse-me tudo quanto tenho feito. Indo, pois, ter com ele os samaritanos, rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias. E muitos mais creram nele, por causa da sua palavra. E diziam à mulher: Já não é pelo que disseste que nós cremos, porque nós mesmos o temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo.

Junto ao poço de Jacó, por volta de meio-dia, Jesus desenvolveu sua conversa mais duradoura registrada nos evangelhos da Bíblia. Esta conversa não foi com um homem, com um mestre da lei, com um judeu, com um fariseu ou com um saduceu. Não foi sequer com um andarilho ou um discípulo seu, foi com uma mulher – uma samaritana. McLaughlin¹⁸ afirma que, naturalmente, a conversa mais longa de Jesus com uma mulher, teria sido com sua mãe, “em vez disso, a conversa particular mais longa de Jesus registrada nos Evangelhos é com uma mulher a quem os homens judeus teriam evitado a todo custo”.

O versículo 4 do quarto capítulo do Evangelho de João informa que era

¹⁸ MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023, p. 79.

necessário a Jesus passar por Samaria. No tempo de Jesus, as mulheres viviam uma condição de exclusão e de marginalização. No contexto judaico-cristão ortodoxo, segundo Pinto e Artuso¹⁹, “As mulheres, além de serem submissas aos homens, eram consideradas muito inferiores a eles. Tinham sido criadas por Deus com o propósito tão somente de procriar e servir ao homem.” Os autores esclarecem que as mulheres podiam estar presentes nas sinagogas, mas tinham espaços separados para elas; em ambientes domésticos, não se assentavam à mesa para as refeições, deveriam estar sempre prontas a servir e a ajudar nas tarefas de casa. Quase não saíam às ruas, e se saíssem, deveriam estar de véus para não serem expostas, em ambientes públicos, também, não era de bom tom falar com os homens, mesmo que fossem seus pais, esposos, irmãos, familiares. Ainda, Pinto e Artuso²⁰ declaram que, de acordo com os ensinamentos que eram transmitidos de geração em geração, “a mulher era vista como fonte sempre perigosa de tentação e pecado – foi ela que deu do fruto proibido ao homem causando-lhes a expulsão do paraíso. Os homens deviam aproximar-se dela com muita cautela”.

Para o judaísmo ortodoxo e a visão que os fariseus e saduceus tinham da mulher, era inconcebível Cristo aproximar-se e dar tanta atenção às mulheres. Junto ao poço de Jacó, Jesus rompe não apenas questões de gêneros, mas também sociais, culturais e religiosas.²¹ Jesus é um mestre, judeu, homem. Um judeu jamais se aproximaria de um samaritano, e Jesus aproxima-se intencionalmente de uma mulher samaritana. Ele dialoga com ela e revela-lhe verdades teológicas profundas. Jesus não conversa com ela apenas sobre temas considerados do contexto feminino, como procriação ou cuidados domésticos, mas revela-lhe quem Ele é.

¹⁹ PINTO, Sionite; ARTUSO, Vicente. **A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participante do Reino sob a perspectiva Joanina**. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 02 – 2013, p. 3.

²⁰ PINTO, Sionite; ARTUSO, Vicente. **A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participante do Reino sob a perspectiva Joanina**. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 02 – 2013, p. 3.

²¹ “O quarto evangelho é fruto da caminhada, da reflexão e do testemunho da comunidade do discípulo amado ou da discípula amada. [...] Enquanto nos sinóticos a mulher está sempre numa posição dependente, indefesa, precisando de ajuda, no quarto evangelho as mulheres são protagonistas, elas não só aparecem ajudadas por Jesus, mas elas se relacionam com ele de igual para igual, ajudando-o a descobrir e realizar sua missão e até apressar a sua hora”. In: SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma leitura do quarto evangelho**. Orientador: Flávio Schmitt. São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 13.

Neste ínterim, o esclarecimento de McLaughlin²² aborda a questão entre os judeus e samaritanos, ampliando a discussão sobre como Jesus teria rompido paradigmas para aproximar-se desta mulher. A partir da sua leitura, compreende-se quatro aspectos deste encontro entre Jesus e a samaritana: 1. o contexto da viagem; Jesus estava deixando a Judeia juntamente com seus discípulos, em direção a Galileia e, no caminho, decide passar por Samaria; 2. a relação entre judeus e samaritanos; o texto perpassa uma situação histórica, em que os judeus e samaritanos viviam uma causa de hostilidade antiga, uma inimizade que nasceu por volta de 722 a.C., quando os assírios levaram muitos israelitas cativos e trouxeram estrangeiros que moraram na região, esta mistura entre as raças, levando a casamentos, teria formado o povo samaritano, considerado traidor e impuro pelos judeus; 3. as diferenças religiosas; os samaritanos adoravam no templo no monte Gerizim, enquanto os judeus, permaneceram focados em seus ritos no templo de Jerusalém; e, 4. a atitude de Jesus; o Mestre poderia ter evitado passar por Samaria, mas fez questão de passar por ali e levar seus discípulos consigo.

2.2 A mulher samaritana

A mulher samaritana, diz Souza²³, era “uma mulher sem nome, sem prestígio social, sem marido, pois o que tinha não era seu, não era judia, considerada inimiga dos judeus, marginalizada pela sua própria condição de ser mulher e ser samaritana”. O encontro entre ela e Jesus era muito improvável e malvisto pelo povo judeu e pelo povo samaritano. Aquela era uma mulher anônima para os leitores do Evangelho de João, uma mulher estrangeira, desprezada e, provavelmente, jovem (já que a função de buscar

²² “Jesus e seus discípulos estão a caminho de volta da Judéia (no sul) para a Galileia (no norte) quando param junto a uma aldeia samaritana. A Samaria ficava bem a meio caminho entre a Judeia e a Galileia, mas os judeus frequentemente faziam uma rota tortuosa para evitá-la por causa da hostilidade entre judeus e samaritanos. Depois que os assírios conquistaram o reino do norte de Israel em 722 a.C., a maioria dos habitantes israelitas foi deportada. Alguns permaneceram e contraíram matrimônio com estrangeiros transferidos para lá de outras partes do Império Assírio (2Rs 17.24-41). Esses casamentos mistos produziram os samaritanos. Os judeus encaravam os samaritanos como contaminados tanto racial quanto religiosamente. Como os judeus, eles adoravam o Senhor, mas reconheciam apenas os cinco primeiros livros da Bíblia, e enquanto os judeus adoravam no templo de Jerusalém no monte Sião, os samaritanos construíram um outro templo no monte Gerizim. Os judeus destruíram esse templo samaritano em 128 a.C., cimentando a inimizade entre os dois grupos. Entretanto, em vez de conduzir seus discípulos para longe do território samaritano, Jesus os levou diretamente para ele”. In: MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin ; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023, p. 80.

²³ SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo**: uma leitura do quarto evangelho. Orientador: Flávio Schmitt. São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 42.

água na família cabia às mulheres mais jovens da casa) ou, segundo Meyer²⁴, fosse integrante de uma pequena família, em que não havia jovens para este serviço.

Aquela mulher estava sozinha e buscava água em um momento quente do dia, quando, normalmente, as mulheres costumavam ir acompanhadas ao poço e em períodos mais amenos. Segundo Ribeiro, Souza e Rohregger²⁵, as mulheres buscavam sua água pela manhã e pela tarde e sempre eram acompanhadas e andavam em grupos. Aquela mulher estar sozinha e ao meio-dia poderia indicar que fosse uma comunidade isolada socialmente, longínqua, reputada como indigna e insignificante; ou, ainda, aquela mulher buscara água sozinha e ao meio-dia para não encontrar outras pessoas. No entanto, a Bíblia ressalta que quanto a Jesus “era-lhe necessário passar por Samaria”, ou seja, Jesus agiu de forma intencional para encontrar não somente a mulher samaritana, mas toda a sua comunidade.

Aos olhos dela, no entanto, uma dúvida pairava: quem seria aquele homem? Um homem vindo ao seu encontro no poço de Jacó, senta-se ao seu lado, pede-lhe água. Cristo estabelece com aquela mulher uma situação comunicativa eficaz, em que há troca de informações e conhecimento profundo sobre teologia. Jesus a enxerga e a compreende como uma interlocutora ativa no discurso, pois não apenas lhe fala, mas permite-lhe falar. McLaughlin²⁶ apresenta como a samaritana compreendeu Jesus, por seus olhos e sua perspectiva, “Talvez ela se pergunte o que ele realmente quer. Mas Jesus não está lá por algo que deseje pegar. Ele está lá por algo que deseja dar”. A mulher samaritana estava diante de um homem, mestre, judeu, em um encontro improvável, que a valorizava e dignificava, independentemente de sua situação social, moral, cultural, financeira e religiosa. A maneira como Jesus lidou com esta mulher convida à reflexão sobre o papel da mulher na igreja hoje, postulando acerca de sua importância na proclamação do Evangelho e na manutenção da obra de Deus.

²⁴ RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **As mulheres anônimas na vida de Jesus**. Aula proferida no curso online Mulheres na vida de Jesus. Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 05 mar. 2022.

²⁵ RIBEIRO, Larissa de Moraes; SOUZA, Lidiane Ribeiro da Silva; ROHREGGER, Roberto. **Jesus e a samaritana**: Uma reflexão sobre a restauração da mulher em Cristo, p. 5.

²⁶ MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo: Mundo Cristão, 2023, p.81.

2.3 A postura de Jesus como quebra de paradigmas e modelo a ser seguido

A samaritana estava diante de alguém lhe dá voz e a escuta, revelando a ela verdades teológicas e conceituais, que, sequer Nicodemos (cf. João 3) conseguira compreender, ainda que fosse mestre judeu. Jesus considerou grandemente aquela mulher, Ele a enxergou como pessoa, interlocutora válida, com quem poderia manter um diálogo profundo, teológico e verdadeiro. Para Tournier²⁷, “Jesus levou a mulher muito a sério. Ele a considerou como pessoa, como um interlocutor válido, digno das confidências mais íntimas. [...] A atitude de Jesus em relação à mulher é absolutamente única.” Jesus não tem preconceito algum contra aquela mulher e sua comunidade, Ele a trata com respeito, Ele fala com ela, mulher, como fala respeitosamente com um homem, com a mesma confiança, com a mesma seriedade, com a mesma complexidade, as mesmas perspectivas e mesmas condições.

Ainda que desprezada, pelos judeus, por ser mulher, uma estrangeira, considerada impura e com má conduta, Jesus falou com a samaritana acreditando que ela seria capaz de compreender tudo o que lhe dissesse, Jesus trata a mulher como igual, pronta a aprender verdades teológicas e a ser enviada a propagar a mensagem do evangelho a todos. Além de revelar-se como o Messias, o Cristo, Jesus conversa com a samaritana sobre a fonte de água viva e sobre adoração.

Ao revelar-se como o Eu Sou, segundo McLaughlin²⁸, Jesus coloca-se pronto a escutá-la e a ouvi-la falar. Jesus não se apresenta como detentor de todo conhecimento, sabedoria e poder, apesar de ser. Jesus senta-se ao seu lado para fornecer a ela o privilégio da descoberta, de conhecê-lo, de reconhecê-lo, de relacionar-se com Cristo e de sanar suas dúvidas para que, então, possa vivenciar a verdade do evangelho salvífico.

Para McLaughlin²⁹, “Cada uma das declarações iniciadas por “Eu sou” de Jesus

²⁷ TOURNIER, P., **A Missão da mulher**. Tradução Renira Cirelli Appa. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 144. In: PINTO, Sionite; ARTUSO, Vicente. **A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participante do Reino sob a perspectiva Joanina**. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 02 – 2013, p. 6.

²⁸ MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023, p. 85.

²⁹ MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023, p. 85 e 86.

nos dá uma nova percepção de quem ele é”. Jesus apresenta-se àquela mulher e mostra quem Ele realmente é. Ele fornece informações sobre sua identidade humana e divina e a faz compreender quem Ele é: o Messias, o cumprimento da promessa divina ao homem. Ainda para McLaughlin³⁰, Jesus lida com uma mulher moralmente pecadora e desprezada, bastaria a ela entender que Ele era o Eu Sou, mas Jesus faz questão de dizer que “Eu o sou, eu que falo contigo” (cf. João 4.26), esclarecendo que Ele é o Cristo e fala com ela. Ele se revela e se manifesta àquela mulher no poço como o Jesus, completamente homem, completamente Deus. McLaughlin³¹ afirma que “quando vemos Jesus pelos olhos dessa mulher, nós o vemos como o Rei há muito prometido e Deus eterno, que escolhe conversar com ela”. Jesus mostra a ela que não há barreiras, sejam étnicas, sociais, econômicas, culturais, sociais, intelectuais, psicológicas, religiosas ou espirituais para Ele, quando deseja alcançar alguém. Aquele que desceu do céu para salvar o homem é o mesmo que se assenta ao lado dela no poço e lhe revela grandiosas verdades teológicas salvíficas.

Junto ao poço, Jesus mostra que aquela mulher, tão desprezada e desvalorizada pelos judeus, era capaz de compreender verdades sobre o Reino de Deus e, então, aborda assuntos teológicos. Para Canivete³²:

O diálogo é construído sobre dois grandes princípios teológicos: o Judaísmo com a natural inclusão do Antigo Testamento que encontrava a sua plenitude e complemento em Jesus, e a água utilizada para a purificação (Jo 2, 6; 3, 5), que adquire um novo sentido em Jesus, o único que pode dar a água viva, a salvação, o espírito (Jo 7, 37-39).

Os ensinamentos na conversa entre Jesus e a mulher samaritana comprovam a quão elevado era o nível de conhecimento teológico que Jesus compunha seu discurso com aquela mulher, tendo a certeza de que ela o compreenderia. Ele demonstra a grandiosidade de Cristo e o que o Messias faria com aqueles que cressem nele, muito

³⁰ MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023, p. 85 e 86.

³¹ MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023, p. 85 e 86.

³² CANIVETE, Abel Cesar. **Jesus e a samaritana**: contributo para uma teologia da reconciliação Dissertação Final sob orientação de: Prof. Doutor João Duarte Lourenço. UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA FACULDADE DE TEOLOGIA MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico), 2012. p. 26 e 27.

além do que Jacó fizera com o poço. Ao retirar água do poço, a sede seria saciada por um momento, mas ao beber da água viva, que é Cristo, ela jamais teria sede. Neste momento, Jesus se revela a ela, e apresenta ao mundo a perspectiva de salvação nele. Canivete³³ esclarece, dizendo que “Jesus decide oferecer o que é necessário para atingir o fim desejado que consiste na conversão dela e dos seus concidadãos à salvação. A mulher Samaritana torna-se fundamental para o êxito da missão”.

Souza³⁴ defende que o encontro que Jesus teve com a samaritana no poço foi revolucionário, quebrando tabus e rompendo barreiras que eram intransponíveis até o momento. Para Souza, Jesus, de certa forma, afronta a sociedade patriarcal judaizante de sua época, que “discriminava a mulher enquanto categoria social considerada inferior, e à religião judaica que com o seu legalismo radical penalizou a mulher com as regras de pureza e impureza”. Capossa³⁵ defende que Jesus fez o que nenhum outro líder em sua época faria: Cristo iniciou e desenvolveu um relacionamento com as mulheres, dando voz a elas, reconhecendo seu papel fundamental no desenvolvimento do cristianismo e seu papel de relevância no Corpo de Cristo, a Igreja. Jesus não apenas as cura e ajuda em suas necessidades, mas Ele as torna suas discípulas, reconhece sua fé, aceita sua amizade, aceita ser servido por elas, assenta às mesas juntamente com elas, deixa-se tocar, beijar e acariciar. Cristo é aquele que abençoa a mulher, torna-se seu Mestre (Raboni), conversa com elas em ambientes privados, não separa estrangeira e judia. Para Capossa, “Jesus descobre nelas o que muitos rabinos nunca descobriram: a fé, o amor e a gratuidade”.

O encontro entre Jesus e a mulher samaritana torna aquela mulher livre, saciada e a faz missionária. Para Canivete³⁶, a atitude da mulher, depois de toda aquela tarde

³³ CANIVETE, Abel Cesar. **Jesus e a samaritana**: contributo para uma teologia da reconciliação Dissertação Final sob orientação de: Prof. Doutor João Duarte Lourenço. UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA FACULDADE DE TEOLOGIA MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico), 2012. p. 34 e 35.

³⁴ SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo**: uma leitura do quarto evangelho. Orientador: Flávio Schmitt. São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 46 e 47.

³⁵ CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora, a partir de João 4.1-43, tendo em conta os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos**. Escola Superior de Teologia Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia. São Leopoldo – RS, Brasil Março de 2006, p. 28 e 29.

³⁶ CANIVETE, Abel Cesar. **Jesus e a samaritana**: contributo para uma teologia da reconciliação Dissertação Final sob orientação de: Prof. Doutor João Duarte Lourenço. UNIVERSIDADE CATÓLICA

teológica ao lado do Mestre Jesus, não poderia ser apenas de contemplação, mas de ação. A samaritana tem um propósito, chamado e missão claros a partir daquele momento, ela é convocada a ir. Sua ação em resposta aos ensinamentos do Mestre e ao apelo convidativo é missionária. Canivete³⁷ diz que “À partida, a sua reação revela-se profundamente missionária, porque soube escutar, interiorizar e, nesta experiência, partir de forma a dar a oportunidade de os samaritanos saborearem pela primeira vez a presença do Messias”. Seu testemunho vivo e eficaz demonstra uma postura autêntica e um modelo missionário que, diante de tantas rugas, decide escolher por aquele que lhe ofereceu salvação: Jesus, o Messias. “Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo? (cf. João 4.28,29).

3. O FEMININO NO CRISTIANISMO DE HOJE: COMO O EXEMPLO DE CRISTO INFLUENCIA A COMPREENSÃO QUE SE TEM DA MULHER NA IGREJA ATUAL

Ao aproximar-se da mulher no poço de Jacó, Jesus é intencional e pretendia revelar uma postura revolucionária para sua época, rompendo barreiras culturais, sociais e religiosas. A valorização que Deus dá à mulher não é episódica, mas intencional e teológica. Na história da samaritana, as Escrituras ensinam sobre como Cristo enxergava a mulher e convida a uma reflexão teológica sobre seu papel atuante na igreja desde seus primórdios até os dias de hoje.

3.1 Rompendo as barreiras de gênero

O encontro entre Cristo e a mulher samaritana é um marco histórico para o cristianismo e um convite real a pensar sobre o papel do feminino na construção da história da igreja ao longo dos tempos e sua atuação na congregação hoje. A mulher, como visto neste artigo, historicamente silenciada, é ouvida pelo Messias e recebe dele a anunciação salvífica sobre o cumprimento da profecia do Antigo Testamento.

PORTUGUESA FACULDADE DE TEOLOGIA MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico), 2012. p. 73.

³⁷ CANIVETE, Abel Cesar. **Jesus e a samaritana**: contributo para uma teologia da reconciliação Dissertação Final sob orientação de: Prof. Doutor João Duarte Lourenço. UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA FACULDADE DE TEOLOGIA MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico), 2012. p. 73.

Segundo Capossa³⁸, “No diálogo, Jesus e a mulher samaritana rompem as barreiras sexuais, étnicas e religiosas.” Entre tantas barreiras que se levantam contrárias ao ministério da mulher, está, efetivamente, a de gênero. Encontram-se, no entanto, na Bíblia, inúmeros exemplos da atuação feminina de maneira eficaz e eficiente, participando, falando, ensinando e anunciando a mensagem. Como afirma Keller³⁹:

Há vários exemplos no Novo Testamento de mulheres sendo elogiadas, e não condenadas, por falarem em público. [...] Também há no Antigo Testamento exemplos de mulheres líderes e profetas, como Miriã, Débora e Hulda. E, claro, às primeiras testemunhas da ressurreição, todas mulheres, foi dada a ordem pelo anjo na tumba para que fossem e dissessem “aos discípulos dele [Jesus]” (Marcos 16:7).

O movimento revolucionário de Cristo chama a atenção para a atuação da mulher na igreja contemporânea à luz das ações e do testemunho deixado por Jesus. A maneira como o Mestre concebe o papel feminino demonstra a valorização das mulheres na propagação e testemunho do Evangelho. Este exemplo de Cristo é um chamamento à mudança de perspectiva do feminino na igreja atual. Meyer⁴⁰ afirma que “Nos primórdios do cristianismo as mulheres tiveram um papel relevante nas primeiras igrejas.” Desde o início da igreja primitiva, a mulher se mostrou apta e participante do movimento de manutenção e evangelização.

Ainda para Meyer⁴¹, “As mulheres desde a antiguidade exerceram um papel de destaque na religião e nas sociedades. (...) A presença e atuação das mulheres na formação da igreja primitiva não deixa dúvida de seu papel de protagonismo.” E Meyer⁴² convida a enxergar a Bíblia e a história da igreja desprovido de quaisquer influências ou interferências misóginas e preconceituosas “Uma leitura da Bíblia sem preconceitos e sem direcionamentos ideológicos esclarece e desmente qualquer

³⁸ CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora, a partir de João 4.1-43, tendo em conta os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos**. Escola Superior de Teologia Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia. São Leopoldo – RS, Brasil Março de 2006, p. 80.

³⁹ KELLER, Kathy. **Jesus, justiça e papéis de gênero** [recurso eletrônico]: mulheres no ministério / Kathy Keller ; tradução de João Guilherme Anjos. – Rio de Janeiro : Thomas Nelson, 2019, s/p.

⁴⁰ MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja / Lídice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.p. 101.

⁴¹ MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja / Lídice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.p. 106.

⁴² MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja / Lídice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.p. 106.

acusação de misoginia e deve iluminar o debate sobre a mulher na igreja ontem e hoje”.

3.2 O “ide” também é para elas: a mulher evangelizadora e pregadora do Evangelho de Cristo

Como visto neste artigo, não há, no Reino de Deus, espaço para discriminação e segregação entre homens e mulheres. Para Meyer⁴³, “No Corpo de Cristo há interdependência, cooperação e dignidade para cada qual cumprir a função para que Deus o vocacionou.” Segundo Capossa⁴⁴, “A visão da mulher sobre a realidade pode perturbar o homem que não admite nem permite outras visões que não sejam a partir da sua perspectiva masculina.” Não se pode admitir posturas e ações de discriminação e segmentação da atuação feminina na igreja, o papel excludente em relação à mulher demonstra a negação de que o feminino seja importante como sujeito atuante na história e que interage e produz conhecimento espiritual e teológico. Souza⁴⁵ defende que o encontro que Jesus teve com a mulher samaritana naquela tarde, no poço, estabeleceu um padrão inovador, que envolve a mulher como propagadora da mensagem do Evangelho e a torna missionária. Souza⁴⁶ afirma que este lindo encontro “tem muita coisa a ensinar para nós mulheres e para os homens que sonham com novas possibilidades de convivência, com novas relações sociais, de gênero, de etnia, enfim, de igualdade na diversidade”.

Para Meyer⁴⁷, “O Espírito Santo é quem distribui os dons “como lhe apraz, a cada um, individualmente” (1 Co 12.11), tanto a homens como a mulheres, “visando a um fim proveitoso” (1Co 12.7). Diante disso, compreende-se que mulheres e homens foram incluídos no plano redentor de Deus: que envolve o testemunho e a pregação do Evangelho a toda criatura. Deus atuou na história, usando homens e mulheres para

⁴³ MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja / Lídice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.p. 114.

⁴⁴ CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora, a partir de João 4.1-43, tendo em conta os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos**. Escola Superior de Teologia Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia. São Leopoldo – RS, Brasil Março de 2006, p. 145.

⁴⁵ SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo**: uma leitura do quarto evangelho. Orientador: Flávio Schmitt. São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 46,47.

⁴⁶ SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo**: uma leitura do quarto evangelho. Orientador: Flávio Schmitt. São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 46,47.

⁴⁷ MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja / Lídice Meyer. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.p. 123.

cumprimento de sua vontade e, da mesma forma, atua hoje. Na igreja do século 21, é importante compreender o papel feminino à luz das Escrituras e dar à mulher a mesma atenção que o Messias deu: Ele falou com ela, mas Ele também a ouviu. Ou seja, Ele a permitiu falar, desejando ouvi-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salviano afirma que os principais personagens encontrados ao longo da história do cristianismo são os homens; eles têm proeminência e aparecem ocupando os maiores e mais importantes cargos de liderança, sejam bispos, papas, reformadores, entre outros. À mulher fica relegado o esquecimento; mas, sua participação foi ativa e atuante na disseminação do Evangelho de Cristo. Segundo a autora⁴⁸, “Desde o início, elas creram em sua mensagem e o seguiram e corajosamente estiveram com ele até a sua crucificação”. Enquanto alguns discípulos se escondiam e fugiam, temerosos, negando ou escondendo-se das possíveis consequências ao declarar sua fé no Messias, as mulheres permaneceram firmes, confiantes e resistentes em sua fé em Cristo.

Neste artigo, foi realizada a reflexão acerca da comunicação que Jesus manteve com a samaritana, mostrando como Cristo superou paradigmas de sua época, dando voz às mulheres. Esta análise revelou que, além de interagir com as mulheres, o Messias as tornou participantes ativas em sua obra, como agente ativa na propagação do Evangelho, no ensino e no discipulado na comunidade cristã que nascia. A pesquisa contribuiu para o estudo da teologia, ao observar e reafirmar a importância do olhar de Cristo para a mulher, tornando este um exemplo hermenêutico e pastoral para a igreja contemporânea. O exemplo deixado por Jesus é um grande desafio à igreja, pois convida, não somente à reflexão do papel do feminino na atuação da igreja, mas como exige uma postura prática acerca do tema, incluindo e oferecendo às mulheres papel de protagonismo na história de construção do cristianismo.

O tema, no entanto, apresenta-se ainda como complexo e sensível. Há a necessidade de perpetuar o estudo, incentivando a ampliação do debate acerca do aprofundamento teológico do papel e da importância da mulher na história da igreja e

⁴⁸ SALVIANO, Rute. **Vozes femininas no início do cristianismo** [recurso eletrônico]: Império romano, igreja cristã, perseguição e papel feminino. São Paulo, Ultinato, 2021. s/p.

nas congregações. Os próximos passos podem e devem ser dados em direção à maior compreensão e construção de um modelo profundo sobre o papel das mulheres ainda hoje. Espelhando-se em Cristo, a valorização da mulher no ministério hoje não é apenas uma questão de direitos humanos ou de gênero, mas de obediência ao ensino deixado por Jesus e serviço ao plano divino para o avanço do Evangelho. Por isso, que a igreja prossiga, compreendendo a orientação da Bíblia: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (cf. Gálatas 3.28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANIVETE, Abel Cesar. **Jesus e a samaritana**: contributo para uma teologia da reconciliação. 2012. 91 folhas. (Mestrado Integrado em Teologia. 1.º grau canónico) - UCP: Faculdade de Teologia, Lisboa, 2012.

CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora, a partir de João 4.1-43, tendo em conta os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos**. 2006. 162 folhas. (Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo – RS, Brasil, 2006.

KELLER, Kathy. **Jesus, justiça e papéis de gênero [recurso eletrônico]**: mulheres no ministério; tradução de João Guilherme Anjos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, s/p.

KOCHMANN, Rabina Sandra. **O Lugar da Mulher no Judaísmo**. Revista de Estudos da Religião, Nº 2, p. 35-45, 2005.

MCLAUGHLIN, Rebecca. **O Jesus que as mulheres viram**: como as primeiras discípulas nos ajuda a conhecer e amar o Senhor; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023.

MEYER, Lidice. **As mulheres e a sociedade do tempo de Jesus**. Disponível em: <<https://comunhao.com.br/as-mulheres-e-a-sociedade-do-tempo-de-jesus/>>. Acesso em: 9. Mar. 2025.

MEYER, Lidice. **Cristianismo no feminino**: a presença da mulher na vida da igreja. 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.

MEYER, Lidice. **O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes?**

AD AETERNUM – Revista de Teologia – Nº 0, p. 68-85, 2020.

NOBRE, Marcos. **Ministérios femininos no cristianismo dos três primeiros séculos.**

Volume VII, Nº 13, p. 43-68, 2013.

PINTO, Sionite; ARTUSO, Vicente. **A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participante do Reino sob a perspectiva Joanina.** RELEGENS

THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02 – Nº 02, p. 2-9, 2013.

RIBEIRO, Larissa; SOUZA, Lidiane; ROHREGGER, Roberto. **Jesus e a samaritana: Uma reflexão sobre a restauração da mulher em Cristo.** Faculdade Betânia, s/a.

Disponível em:

https://ftp.faculdebetania.com.br/revista/abril2019/jesus_e_a_samaritana_larissa_lidiane_e_roberto.pdf. Acesso em: 16. Jun. 2025.

RIBEIRO, Lidice. **As mulheres anônimas na vida de Jesus.** Aula proferida no curso on-line Mulheres na vida de Jesus. Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 05 mar. 2022.

SALVIANO, Rute. **Vozes femininas no início do cristianismo** [recurso eletrônico]: Império romano, igreja cristã, perseguição e papel feminino. São Paulo, Ultimato, 2021.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em: <https://www.sbb.org.br/biblia/ARC/JHN.4>. Acesso em 12. maio. 2025.

SOUZA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo:** uma leitura do quarto evangelho. 2012. 70 folhas. (Programa de pós-graduação em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

TOURNIER, P. **A Missão da mulher.** Tradução Renira Cirelli Appa. Viçosa: Ultimato, 2005.

“EU DECLARO”: a Teologia da Confissão Positiva e sua influência no discurso da música gospel contemporânea

"I DECLARE: The Theology of Positive Confession and Its Influence on the Discourse of Contemporary Gospel Music"

Mariane Godoi¹
Diogo Carvalho²

RESUMO

Este artigo investiga a origem e os contornos da Teologia da Confissão Positiva (CP) e sua influência no conteúdo de canções evangélicas. Tal teologia sugere que a simples declaração verbal do nome de Jesus teria poder transformador sobre vícios, enfermidades e outras condições adversas. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica em obras de teologia, incluindo teólogos da CP, artigos acadêmicos, com foco na reconstrução histórica e doutrinária da CP, suas principais referências bíblicas e intérpretes influentes. O estudo de caso da canção I Speak Jesus demonstrou que seus elementos podem ser facilmente replicados em outras composições atuais, revelando uma tendência teológica significativa. A análise conclui que, por se tratar de um veículo de propagação de valores e doutrinas, a música cristã deve ser teologicamente criteriosa, alinhando sua mensagem aos ensinamentos bíblicos. A ausência desse alinhamento pode levar à consolidação de crenças distorcidas, que, embora revestidas de linguagem bíblica, comprometem a integridade da fé cristã ao construir doutrinas frágeis e não fundamentadas plenamente na Escritura.

Palavras-chaves: Confissão Positiva, Música Gospel, I Speak Jesus.

ABSTRACT

This article investigates the Theology of Positive Confession (PC)'s origin and marks and its influence on the content of evangelical songs. This theology suggests that the mere declaration of Jesus' name has transformative power over addictions, illnesses, and other adverse conditions. The methodology adopted was bibliographic research, drawing on theological works, including those by PC theologians, and academic articles, with a focus on the historical and doctrinal development of PC, its main biblical references, and influential interpreters. The case study of I Speak Jesus demonstrated that its theological elements are easily replicable in other contemporary songs, revealing a significant theological trend. The analysis concludes that, as a vehicle for the dissemination of values and doctrines, Christian music must be theologically discerning,

¹ Mestranda em Ensino - UERJ; Pós-graduação em Voz Profissional - UNYLEYA; Pós-graduação em Gestão do Ministério de Adoração e Arte; Bacharel em Teologia e Licenciatura em Música – FABAT.

² Bacharel em Direito e Teologia. Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutorado em Teologia pela PUC-Rio.

aligning its message with biblical teachings. A lack of such alignment can lead to the establishment of distorted beliefs which, though clothed in biblical language, compromise the integrity of Christian faith by building fragile doctrines not fully grounded in Scripture.

Keywords: Positive Confession, Gospel Music, I Speak Jesus.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da reação a uma canção *gospel* que tem ganhado popularidade no contexto contemporâneo: *I Speak Jesus* (lançada originalmente pelo coletivo de adoração *Here Be Lions* em 2019), em sua versão em português: “Clamo Jesus”. Ao ouvir seu conteúdo, a canção despertou a atenção dos pesquisadores pela aparente referência à Teologia da Confissão Positiva. Suas afirmações a respeito da declaração do nome de Jesus sobre vícios e doenças pareciam sugerir que o fato de pronunciar “Jesus” sobre essas condições seria, por si só, instrumento de transformação das realidades não desejadas. O que antes era uma simples inquietação, tornou-se objeto de investigação e pesquisa a fim de observar como o discurso da Confissão Positiva (CP) foi, consciente ou inconscientemente, incorporado em canções *gospel*, e quais as implicações dessa incorporação para a Teologia Cristã. Os resultados preliminares apresentam-se neste artigo.

A metodologia utilizada é a pesquisa de revisão bibliográfica e o caminho trilhado será introduzir o histórico e conjunto de influências que deram à luz à Teologia da Confissão Positiva e seus propagadores de maior representatividade. Posteriormente, serão analisadas as referências bíblicas mais utilizadas para fundamentar o discurso da CP e suas interpretações. Por fim, o artigo também aborda como esse discurso ressoa em canções *gospel* da atualidade, trazendo como estudo de caso a canção *I Speak Jesus*.

1. RAÍZES DA CONFISSÃO POSITIVA

Verificam-se, na CP, traços do gnosticismo³, uma heresia datada dos séculos I e II. Entre outras características, o gnosticismo alegava a existência de uma verdade mais elevada, acessada apenas pelos escolhidos iluminados por um conhecimento especial. Porém, a gênese da CP, de modo específico, viria a datar do século XX, com o Movimento da Fé ou Movimento da Palavra da Fé, nos Estados Unidos.

³ ROMEIRO, Paulo. **Super crentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. 2. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 21.

Essa teologia, também conhecida como “teologia da fórmula da fé”, foi propagada por pastores e líderes evangélicos (alguns, televangelistas) a partir da liderança e inspiração de Essek William Kenyon^{4 5}. A Confissão Positiva decorre de influências do pensamento gnóstico e de equivocadas interpretações teológicas a respeito da fé, da cura física e da prosperidade financeira.

De acordo com Romeiro, essa corrente doutrinária defende que o verdadeiro cristão tem “plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material”⁶. Pobreza e doenças seriam marcas de insuficiência de fé ou de consequências de uma vida pecaminosa. Outras afirmações ainda menos ortodoxas também descendem da Confissão Positiva, como a crença de que os seres humanos possuem a natureza divina e que a soberania de Deus é limitada pela vontade humana⁷. De acordo com o *The New International Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements* (O Novo Dicionário Internacional de Movimentos Carismáticos Pentecostais), Confissão Positiva

se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com a nossa boca, visto que fé é uma confissão (daí o termo Palavra-Fé ou Palavra da Fé). Essa perspectiva, adotada por Kenyon e seus discípulos em sua ênfase bíblico-teológica relativamente nova, considerava o valor do poder da língua como uma chave para a teoria da confissão⁸.

O Movimento da Fé tem raízes que remontam ao misticismo americano, à metafísica do *New Thought* (Novo Pensamento) e à teologia de cura divina do século XIX. Para compreendê-lo, é necessário reconhecer os fios que o conectam tanto ao evangelicalismo carismático quanto às tradições esotéricas que influenciaram a religiosidade popular norte-americana. No final do século XIX, movimentos como o *New Thought*, *Christian Science* e *Unity School of Christianity* promoviam uma

⁴ BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. (Ed.). **The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 2342, EPUB1.

⁵ E. W. Kenyon (Estados Unidos, 24/04/1867-19/03/1948), foi pastor batista independente, professor de rádio e autor. Ele desenvolveu uma "mistura metafísica" de cura pela fé fundamentalista e cura pela mente transcendentalista. Os ensinamentos de Kenyon ajudaram os conceitos religiosos metafísicos a penetrar no cristianismo. Embora nunca tenha sido pentecostal, seus ensinamentos sobre a cura por meio da "confissão positiva" (afirmação) foram postumamente popularizados por avivalistas de cura americanos e por carismáticos independentes. As visões de Kenyon são agora promovidas por proponentes daquilo que tem sido chamado de evangelho da "saúde e riqueza" (por exemplo, Kenneth Hagin e Kenneth Copeland). SMITH, Kevin Scott. **Mind, might, and mastery: human potential in metaphysical religion** and E.W. Kenyon. Lynchburg, EUA: Liberty University Graduate School of Religion, 1995 - Dissertação de mestrado. p. 2.

⁶ ROMEIRO, Paulo. **Super crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade**. 2. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 19.

⁷ Idem, p. 19.

⁸ BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. (Ed.). **The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 2342-2343, livro digital.

espiritualidade onde mente e palavras moldam a realidade. O conceito de que a mente controla a matéria e que falar positivamente atrai saúde, prosperidade e bem-estar foi sendo adaptado para dentro de círculos cristãos carismáticos, principalmente por meio da ênfase na cura divina e nos dons espirituais.

Os precursores das doutrinas e práticas que mais tarde conformariam o *New Thought* emergem de um pequeno grupo de empreendedores, como os norte-americanos Phineas Quimby e Ralph Waldo Emerson, que, embora atuassem de forma independente, demonstraram o mesmo interesse pelas descobertas, ao final do século XVIII, da neurologia incipiente, do mesmerismo⁹ e da frenologia¹⁰. Esses iniciadores do movimento combinaram tais saberes emergentes com correntes como o espiritualismo, o transcendentalismo e o swedenborguismo¹¹, articulando-os a um cristianismo de orientação liberal — caracterizado por um distanciamento das normas institucionais e uma valorização da experiência individual do cristão, relativizando a autoridade bíblica tradicional.

Dessa síntese resultou uma proposta religiosa marcada por traços da classe média dos Estados Unidos, centrada na ideia de cura em seu sentido mais abrangente¹². Foi Phineas Quimby quem, segundo relatos, teria curado Mary Baker Patterson Eddy em 1862 — posteriormente conhecida como a fundadora da Ciência Cristã. Quimby

⁹ Mesmerismo, também conhecido como magnetismo animal, é uma prática terapêutica desenvolvida no século XVIII pelo médico alemão Franz Anton Mesmer, que propunha que um fluido magnético invisível percorria o corpo humano e era responsável pela saúde e doença. Mesmer acreditava que desequilíbrios nesse fluido poderiam causar enfermidades e que a manipulação desse fluido, através de passes magnéticos, poderia restaurar a harmonia e promover a cura. Disponível em : https://pt.wikipedia.org/wiki/Magnetismo_animal#:~:text=Mesmer%20acreditava%20que%20tal%20for%C3%A7a,in%C3%BAmbras%20vezes%20acusado%20de%20charlatanismo.

¹⁰ A frenologia, uma pseudociência desenvolvida por Franz Joseph Gall, propunha que as características mentais e traços de personalidade de uma pessoa poderiam ser determinados pela medição das protuberâncias e saliências no crânio. Essa teoria, que não tem base científica, afirmava que áreas específicas do cérebro eram responsáveis por diferentes funções mentais, e que a forma do crânio refletiria o desenvolvimento dessas áreas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Frenologia#:~:text=Frenologia%20\(em%20grego%20cl%C3%A1ssico:%20%CF%86%CF%81%CE%AE%CE%BD,cr%C3%A2nio%20para%20prever%20caracter%C3%ADsticas%20mentais.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frenologia#:~:text=Frenologia%20(em%20grego%20cl%C3%A1ssico:%20%CF%86%CF%81%CE%AE%CE%BD,cr%C3%A2nio%20para%20prever%20caracter%C3%ADsticas%20mentais.)

¹¹ O Swedenborgianismo, também conhecido como Nova Igreja, é uma religião cristã protestante que se baseia nas ideias e revelações de Emanuel Swedenborg, um cientista e teólogo sueco do século XVIII. A doutrina swedenborgiana enfatiza a unidade de Deus, a importância do livre-arbítrio e a vida espiritual após a morte. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Swedenborgianismo#:~:text=O%20swedenborgianismo%20ou%20Nova%20Igreja,que%20tem%20como%20fundamento%20a>

¹² DE SOUZA, Claiton Vicente Veiga. **O poder da mente**: religião, bem-estar e felicidade na produção literária e midiática de autoajuda de padre Lauro Trevisan (1980-2013) - Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017. p. 55.

buscava conferir legitimidade àquilo que outrora seria classificado como bruxaria, reinterpretando-o à luz da linguagem científica de seu tempo. Há indícios de que Eddy teria adotado o termo “Ciência Cristã” a partir da terminologia de Quimby, bem como incorporado elementos de sua estrutura teórica, os quais serviram de fundamento para a formulação do seu culto, conhecido como Ciência da Mente¹³.

Partindo da premissa de uma harmonia intrínseca entre o ser humano, Deus e a sociedade, os princípios centrais do Novo Pensamento passaram a infiltrar-se na cultura estadunidense, tendo como traços distintivos o individualismo, a confiança na capacidade pessoal e a ênfase na cura mental. Tal movimento resultou em uma síntese abrangente, que integrou filosofia, espiritualidade, idealismo, otimismo, transformação interior e ecletismo. Para os adeptos dessa corrente, o mundo mental é compreendido como a realidade última, enquanto o mundo físico é concebido como uma manifestação derivada da mente — este sendo o princípio fundamental do Novo Pensamento¹⁴.

No campo conceitual, as experiências e proposições de Kenyon podem ser vinculadas a sua exposição às ideias metafísicas elaboradas no Emerson College of Oratory, em Boston, instituição que funcionava como um importante núcleo de disseminação da filosofia do Novo Pensamento. Tais ideias constituíram o embrião do que mais tarde seria denominado “fé como força espiritual”, um princípio que sustenta a possibilidade de ativação da realidade espiritual por meio da fala — fundamento da chamada Confissão Positiva¹⁵.

Anos mais tarde, outro líder religioso viria a difundir ainda mais os valores da CP, sendo considerado o “pai” do Movimento da Fé. Este foi o pastor Kenneth Erwin Hagin (1917–2003), que afirmava ter vivido uma experiência de cura pelo poder da fé a partir de uma nova interpretação do texto bíblico de Marcos 11:23-24. Hagin defendia que a simples ação de confessar com a boca o que se crê com fé no coração, seria capaz de transformar a realidade¹⁶. Mais tarde, seu filho, Kenneth Hagin Jr, disse que só não

¹³ BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. (Ed.). **The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 2343, livro digital.

¹⁴ DE SOUZA, Claiton Vicente Veiga. **O poder da mente: religião, bem-estar e felicidade na produção literária e midiática de autoajuda de padre Lauro Trevisan (1980-2013)** - Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017. p. 55-56.

¹⁵ BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. (Ed.). **The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 2343, livro digital.

¹⁶ HAGIN, Kenneth E. **O Nome de Jesus**. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2007. p. 220. EPUB.

seria possível alcançar as bênçãos de Deus por meio da fé se a mesma não estivesse desenvolvida o suficiente para tal. Este era um de seus argumentos para aceitar o uso de medicamentos, por exemplo:

Não há qualquer coisa de errado com o remédio, se você precisar dele. Louvado seja Deus, tome-o até que você tenha fé o suficiente a ponto de não precisar usá-lo. [...] Se você estiver doente e não puder conseguir a sua cura, porque a sua fé não se desenvolveu o suficiente, eu mesmo vou levá-lo ao hospital, e o mantereí vivo até conseguir que tenha fé o suficiente em você para crer em Deus¹⁷.

Kenneth Hagin dizia ter recebido visões de Deus, as quais lhe habilitaram a conhecer novas realidades espirituais¹⁸. Ele fundou o *Rhema Bible Training Center*¹⁹ (Centro de Treinamento Bíblico Rhema) e sistematizou uma teologia baseada em quatro pilares: 1. A fé é uma força espiritual. 2. O ser humano é uma espécie de “pequeno deus” com autoridade espiritual. 3. A doença e a pobreza são obras do diabo. 4. Declarações verbais de fé ativam as promessas de Deus²⁰.

Esse quarto ponto indica que há um poder especial na mera articulação verbal do nome de Jesus, o que se sustenta pelo fato de Jesus ter dado aos seus seguidores o uso do seu nome como representação de sua autoridade²¹. Ao afirmar que o diabo tem medo do nome de Jesus, Hagin disse: “esse Nome é simplesmente tão poderoso quanto o próprio Jesus em pessoa. Ele sabe que Jesus disse: ‘Em Meu Nome, expulsarão

¹⁷ HAGIN JR., Kenneth. **Impossibilidade Humana - Possibilidade Divina**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001. p.58

¹⁸ ROMEIRO, Paulo. **Super crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin**, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. 1. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 1993. p. 10-14.

¹⁹ O termo Rhema é utilizado a partir da interpretação de Kenyon: A doutrina “rhema” é a chave primária para a teologia da Confissão Positiva. Rm 10:8 é sua passagem principal. Em seu uso grego clássico, a palavra rhema tem a ver com declarar algo especificamente. A premissa principal da doutrina rhema é que tudo o que é falado pela fé se torna imediatamente inspirado e portanto, dinâmico na situação ou evento particular ao qual é dirigido. Kenyon sustentava que existem dois tipos de conhecimento: o conhecimento da revelação ou fé e o conhecimento sensorial. O conhecimento da revelação é “o conhecimento que lida com coisas que os sentidos não podem descobrir ou conhecer sem a assistência do conhecimento da revelação”. O conhecimento da revelação, para Kenyon e os adeptos da Confissão Positiva, é o reino acima do conhecimento sensorial. O uso que Kenyon faz da categoria de conhecimento da revelação parece ser apologético e chama os não iniciados a um conhecimento verdadeiro e superior de Deus. BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. (Ed.). **The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 2344, livro digital.

²⁰ KINGSTON-SMITH, Andrew D. **In God Faith We Trust? A Critique of Kenneth Hagin's teachings on 'faith' and 'positive confession' in the context of the 'Word of Faith' Controversy**. A.D. Kingston-Smith, 2013. Disponível em <https://www.academia.edu/5387919/In_God_We_Trust_A_Critique_of_Kenneth_Hagin_s_teachings_on_faith_and_positive_confession_in_the_context_of_the_Word_of_Faith_Controversy>. Acesso em 21 de julho de 2025.

²¹ HAGIN, Kenneth E. **O Nome de Jesus**. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2007. p. 68. EPUB.

demônios’. (Isso significa que eles exercerão autoridade sobre o diabo e sobre os demônios)”²². Hagin também afirma que muitos cristãos vivem vidas de sofrimento e escassez porque creem que tudo o que têm após o novo nascimento é o perdão dos pecados e, assim, permanecem sob o domínio do diabo. Em vez disso, deveriam descobrir e se apossar do uso do nome de Jesus, pois este é o verdadeiro sentido da nova aliança²³.

1.1 Textos bíblicos comumente utilizados para embasar a Teologia da Confissão Positiva

Uma característica dos chamados teólogos da CP é a prática da eisegese²⁴, que é o ato de introduzir os próprios pressupostos, agendas ou preconceitos do leitor na interpretação do texto bíblico. Esse exercício difere da exegese²⁵, que se propõe a revelar o sentido do texto através de uma análise cuidadosa e detalhada, o que inclui examinar o vocabulário, a gramática, o contexto histórico e cultural do texto.

Diante disso, destacam-se alguns dos textos bíblicos mais comumente utilizados pelos teólogos da CP e suas interpretações em contraste com a análise exegetica dos textos. A versão utilizada para os textos bíblicos será a Nova Almeida Atualizada.

Marcos 11:23–24: 23Porque em verdade lhes digo que, se alguém disser a este monte: “Levante-se e jogue-se no mar”, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. 24Por isso digo a vocês que tudo o que pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim será com vocês.

A passagem fundamenta a compreensão de Hagin sobre o princípio da fé. Com base nesse texto, ele defende que há um processo para alcançar o que se deseja: (1) Não duvidar em seu coração, (2) dizer com sua boca e (3) assim se realizará²⁶. Ele afirma ter vivido uma experiência de cura física a partir desta compreensão dos citados versículos:

“Eu já estava lutando com este versículo de Marcos 11:24 por um bom tempo, mas não ficava nada melhor. Neste momento eu vi exatamente o que aquele versículo significava. Até então, ficara esperando até estar realmente

²² Idem, p. 85.

²³ Idem, p. 81 e 84.

²⁴ _____ Eisegese. **Dicio - dicionário online de Português**, 2025. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/eisegese/>>. Acesso em 21 de julho de 2025.

²⁵ _____ Exegese. **Dicio - dicionário online de Português**, 2025. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/exegese/>>. Acesso em 21 de julho de 2025.

²⁶ ROMEIRO, Paulo. **Super crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade**. 1. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 1993. p. 11.

curado. Olhava para o meu corpo e testava as batidas do coração para ver se eu já tinha sido curado. Mas percebi que o versículo afirma que é preciso crer quando oramos. O ter vem depois do crer. Eu estava invertendo. Tentava primeiro ter e então crer em segundo lugar. E isto é o que a maioria das pessoas fazem. Já sei, já sei, disse com alegria. Já sei o que eu tenho de fazer, Senhor. Tenho de crer que meu coração está bem enquanto ainda estou deitado aqui nesta cama e enquanto meu coração não está batendo direito. Tenho de crer que minha paralisia já se foi enquanto ainda estou deitado e incapacitado.”

Por uns dez minutos, Hagin louvou a Deus, levantando as mãos aos céus e agradecendo pela cura apesar de não haver qualquer evidência. Logo em seguida o Espírito Santo falou-lhe: "Você crê que está curado. Se você está curado, então deveria se levantar e sair da cama".²⁷

Hagin também afirma, apoiando-se em Marcos 11, que a chave para receber o que se crê é a “fé da possibilidade” – segundo ele, o mesmo tipo de fé que Deus tem. Ou seja, tudo o que Deus criou aconteceu porque Deus acreditou que aconteceria.

Cristão, desejo que você compreenda isso: você e eu nos tornamos filhos de Deus. Somos membros da família de Deus, e nos tornamos co-herdeiros com Jesus Cristo. Quero que compreenda o seguinte: depois de tornar-se membro da família de Deus, você foi adotado dentro da família através da salvação, e recebeu a mesma fé da possibilidade que Deus tem, porque Ele é o seu Pai. Você pode, então, falar e assim será! Glória a Deus. Quero que você compreenda que depende de você exercer sua fé da possibilidade para receber de Deus o que deseja.²⁸

Don Gossett, pregador, escritor e missionário televangelista, também influenciado pelos ensinamentos de Kenyon, afirma a respeito do mesmo texto bíblico, que receberemos de Deus o que declaramos porque “Deus honra a Sua Palavra - e Sua Palavra diz que ‘se alguém... crer que se fará o que diz, assim será com ele’”.²⁹ Nessa perspectiva, despreza-se o princípio da submissão ao poder soberano de Deus em função da vontade humana. De fato, de acordo com essa interpretação, já que alguém declara algo com fé, crendo em seu coração, Deus seria obrigado a realizar esse algo. Esses mesmos vieses de interpretação são utilizados para textos como João 15:7, Mateus 21:21-22, 2 Coríntios 4:13 e Provérbios 18:21.

No entanto, uma análise cuidadosa de Marcos 11:23-24 propõe uma compreensão diferente. Inicialmente, é necessário considerar a perícopa completa: Marcos 11:20-26. De acordo com o contexto imediato do texto, a fala de Jesus se

²⁷ ROMEIRO, Paulo. **Super crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade**. 1. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 1993. p. 12.

²⁸ HAGIN JR., Kenneth. **Impossibilidade Humana - Possibilidade Divina**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001. p.13.

²⁹ GOSSETT, Don. **Há poder em suas palavras**. São Paulo: Editora Vida, 1979. p.11-12.

encontra no dia seguinte à maldição da figueira (11:12-14) e após uma sequência de dois grandes atos simbólicos: a entrada triunfal em Jerusalém (11:1-11) e a expulsão dos vendilhões do templo (11:15-19). O contexto é, portanto, da afirmação da autoridade suprema do Cristo.

Hendriksen e Turlington destacam a forma hiperbólica e caracteristicamente judaica com que Jesus referiu-se à transposição do monte para dentro do mar: “As tarefas aparentemente impossíveis não são difíceis demais para Deus e para aqueles que confiam genuinamente nele”³⁰. Em outros termos, “nenhuma tarefa em harmonia com a vontade de Deus é impossível para aqueles que creem e não duvidam”³¹. Logo, a eficácia da oração, segundo Jesus, está condicionada a que esta esteja dentro da vontade do próprio Deus e, igualmente, esteja em harmonia com todo o ensino da Escritura. Desta forma, a oração será uma expressão genuína de:

Confiança humilde, como de uma criança; note "crendo que o receberam" e cf. Marcos 10.15; também Mateus 7.11; 18.3-4; Tiago 1.6. Coração e mente sinceros (Mc 12.40; cf. Mt 6.5). Vontade de perseverar (Mc 13.13b; cf. Mt 7.7; Lc 18.1-8). Amor para com todos (Mc 12.31,33; cf. Mt 5.43-48; Lc 6.32-36). Submissão à vontade soberana de Deus (Mc 14.36b; Mt 6.10b; 26.39). Isso também implica que tal oração é "em nome de Cristo", isto é, está em harmonia com tudo aquilo que Jesus revelou sobre si mesmo e se apoia em seus méritos (Mc 9.37,41; cf. Jo 15.16; 16.23-24; Ef 4.32; 5.20; Cl 3.17). A oração é eficiente e agrada a Deus quando é originada de um coração amoroso. Isso é enfatizado na passagem que conclui o parágrafo: 25 E quando estiverem de pé orando...³²

Diante disto, a interpretação que os proponentes da CP fazem de que todas as orações são respondidas simplesmente porque uma pessoa as proferiu com fé em seu coração é completamente isolada do contexto. Com efeito, até orações de grandes homens de fé e mesmo do próprio Jesus foram respondidas em contrário ao que foi pedido; e, quando isso aconteceu, não foi por insuficiência de fé, mas apenas porque prevaleceu o propósito maior de Deus para o cumprimento da sua obra (Marcos 14:35-36; 2 Coríntios 12.7-10).

João 14:13-14: 13E tudo o que vocês pedirem em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. 14Se me pedirem alguma coisa em meu nome, eu o

³⁰ TURLINGTON, Henry E. in ALLEN, C. (Ed. Geral). **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. Volume 8, p. 434.

³¹ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento - Marcos**. Tradução de Lucas Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 495.

³² HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento - Marcos**. Tradução de Lucas Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 496.

farei.

Um dos elementos centrais da teologia da CP é a maneira como se interpreta o "nome de Jesus". Conforme destacado, o nome de Jesus passa a ser utilizado como uma espécie de fórmula espiritual que garante ao crente o poder de realizar seus desejos, desde que ele os declare com convicção. A expressão “em meu nome” é tratada como um selo automático que obriga Deus a cumprir o que foi dito. Verbos como *exigir*, *declarar*, *decretar*, *determinar* e *reivindicar* são comuns no discurso, e frequentemente substituem os verbos *pedir*, *rogar*, *suplicar*, etc. Hagin, a respeito do texto de João 14, diz:

A palavra pedir, aqui, também significa exigir: tudo quanto exigirdes em Meu nome, isso (Jesus) farei. Um exemplo disso está registrado em Atos 3:6, com Pedro e João, à porta chamada Formosa. Já discutimos que Pedro sabia ter algo para dar quando disse ao paralisado: “Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou...”. Então, Pedro falou: “... em Nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!”. Ele pediu, exigiu, que o homem se levantasse e andasse no Nome de Jesus.³³

Hagin também defende que o nome de Jesus seria a chave para “destravar as portas e janelas do céu e garantir suprimento para todas as nossas necessidades”³⁴. De acordo com ele, o nome de Jesus carregaria todo o poder e autoridade do próprio Jesus, e os crentes têm o direito e o privilégio de usá-lo para também ter todo o poder que Jesus tem³⁵. Segundo Hagin, o crente possui um “poder de procuração” ou o direito legal para usar o Nome de Jesus³⁶. Contudo, nem sempre as orações feitas dessa maneira são respondidas conforme proferidas. Nesses casos, a explicação é que a “fé no

Nome é fraca”. A solução seria, então, ouvir mais sobre Jesus, visto que, conforme Romanos 10:17, a fé vem pelo ouvir. Quanto mais o cristão ouve sobre o nome de Jesus, ele alcançaria um nível mais alto de fé para realizar todos os milagres que Jesus e seus discípulos realizaram³⁷.

Na CP, o nome de Jesus ganha um simbolismo e força especiais. O batismo deve ser no Nome³⁸. As atividades ordinárias devem ser feitas no Nome³⁹. As ações de graças

³³ HAGIN, Kenneth E. **O Nome de Jesus**. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2007. p. 114. EPUB.

³⁴ Idem, p. 111.

³⁵ Idem, p. 115.

³⁶ Idem, p. 241.

³⁷ Idem, p. 117.

³⁸ Idem, p. 98.

³⁹ Idem, p. 119.

e a santificação são pelo Nome⁴⁰. A fé deve ser no Nome⁴¹. Os demônios têm que sair pelo comando no Nome⁴². A cura física vem pelo poder do Nome. Segundo Hagin, o poder para esta última se encontra na repreensão da doença pelo nome de Jesus:

Não estou dizendo que não devemos orar pelos enfermos, pois Tiago 5:14-15 fala acerca dessas orações. Mas não existe qualquer registro, no livro de Atos, de alguém orando pelos enfermos. (...) Em meu estudo do livro de Atos, encontrei discípulos impondo as mãos sobre os enfermos e ordenando ao diabo que saísse, ao paralítico que andasse e ao enfermo que fosse curado em Nome de Jesus. Os crentes podem fazer as mesmas coisas hoje. Podemos impor as mãos sobre os enfermos e dizer: “Doença, deixe este corpo em Nome de Jesus”.⁴³

Diversos outros textos bíblicos são utilizados para referendar a doutrina da CP sobre o nome de Jesus, a exemplo de João 16:23-24, Atos 4:12, Mateus 28:19, Atos 2:38, Marcos 16:17, Mateus 18:19-20, Atos 3:16 e Colossenses 3.17.

Entretanto, há um equívoco na interpretação de Hagin quanto ao vocábulo grego traduzido por *pedir*. Em João 14:13-14, o verbo é αἰτέω (*aiteó*), que tem por definições e recorrências: pedir (36), perguntou (16), perguntando (7), pede (7), implorar (1), chamado (1), fazendo um pedido (1), solicitando (1). No texto analisado, o sentido está em *pedir, rogar, suplicar, desejar, requerer*. As ocorrências de *exigir*, todavia, aparecem nos textos de Lucas 1:63; 1 Coríntios 1:22; Lucas 12:48; 1 Pedro 3:15, e em nenhum desses casos está relacionado à oração. Ainda, *aiteó* refere-se à busca do inferior ao superior e, portanto, difere de ἐρωτάω (*erótaó*), que foi assumido como implicando “uma certa igualdade ou familiaridade entre as partes”. De fato, αἰτέω significa pedir que algo seja feito, dando destaque à coisa solicitada em vez da autoridade do solicitante.⁴⁴

Percebe-se, portanto, que o alicerce hermenêutico da teologia da CP consiste na leitura seletiva e interpretação literalista de passagens bíblicas específicas. Textos como Marcos 11:23-24 e João 14:13-14 são frequentemente extraídos de seus contextos literários e teológicos para sustentar a ideia de que declarações verbais de fé têm, em si mesmas, o poder de ativar realidades espirituais e promover o recebimento de bênçãos, como cura física e prosperidade material.

⁴⁰ Idem, p. 121-122.

⁴¹ Idem, p. 125.

⁴² Idem, p. 128.

⁴³ Idem, p. 317, 319-320.

⁴⁴ Strong's 154. *aiteó*. **Bible Hub**, 2025. Disponível em: <<https://biblehub.com/strongs/greek/154.htm>>. Acesso em: 27 de junho de 2025.

Essas confusões teológicas trazidas pela CP, contudo, nem sempre são percebidas pelos cristãos em geral. Ao migrar do discurso teológico para a produção musical contemporânea, essa abordagem acaba por influenciar grande parte do repertório *gospel* atual, onde letras compostas por declarações repetitivas carregam a expectativa de produzir efeitos espirituais imediatos. Um exemplo emblemático dessa influência é a canção Clamo Jesus (versão em português de *I Speak Jesus*), cuja análise permite observar como os pressupostos da CP se manifestam liricamente, ainda que sem menção explícita aos seus autores ou às fontes doutrinárias, e quais as implicações que dela decorrem para a espiritualidade cristã. A seguir, propõe-se uma análise dessa composição, a fim de examinar como seus elementos lírico-teológicos dialogam, direta ou indiretamente, com os fundamentos da CP.

2. POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DA TEOLOGIA DA CONFISSÃO POSITIVA NA LETRA DA CANÇÃO “*I SPEAK JESUS*”

2.1 Origem e desdobramentos da canção

É necessário reconhecer que a linguagem poética, utilizada nas composições musicais, com frequência se vale de metáforas, figuras de linguagem, e expressões carregadas de intensa emocionalidade para explorar e apresentar o sentido da mensagem que se expressa. No entanto, o exame mais profundo da origem e do conteúdo da citada canção parece sugerir mais do que somente adaptações poéticas da mensagem central e, sim, uma forte influência da teologia da CP em sua composição.

A música *I Speak Jesus* foi lançada em 2019 pelo coletivo ministerial *Here Be Lions*, baseado em Nashville, Tennessee, fundado por Dustin Smith. Em coautoria deste com Abby Benton, Carlene Prince, Jesse Reeves, Kristen Dutton e Raina Pratt, a canção tem sua versão de maior destaque em língua inglesa na gravação de 2021 de Charity Gayle em parceria com Steven Musso⁴⁵. Conforme entrevista concedida por Smith ao portal on-line da gravadora *Integrity Music*, que detém o selo da produção, a composição nasceu a partir de uma oração de Reeves, que dizia literalmente: “Eu só quero pronunciar o nome de Jesus sobre essas pessoas”⁴⁶. Ao definir a canção, Smith

⁴⁵ HENRY, Jason. **I SPEAK JESUS – Charity Gayle, Here Be Lions. Will It Worship?**, 26 de outubro de 2023. Disponível em: <https://willitworship.com/2023/10/26/i-speak-jesus-charity-gayle-here-be-lions/?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

⁴⁶ _____ **Here Be Lions Releases Sophomore Project – I Speak Jesus EP – Available Now.** Integrity Music, 23 de setembro de 2019. Disponível em:

expressou:

Às vezes, a melhor coisa que podemos fazer é dizer o Seu nome e sermos capturados novamente pela maravilha de quem Ele é. Essas músicas são verdades simples que se tornaram declarações poderosas. Simplesmente pronunciar o nome de Jesus sobre nossas famílias, nossas comunidades e nossas situações é a coisa mais eficaz que podemos fazer.⁴⁷

A partir deste extrato, já é possível inferir uma conexão direta com os pressupostos da CP. De fato, a escolha de palavras de Smith – “simplesmente pronunciar o nome de Jesus...” – ecoa a teologia da CP, ao sugerir que a simples verbalização do nome de Jesus sobre pessoas, coisas ou circunstâncias possui, em si, poder para alterar a realidade. Essa conclusão se alinha à fala de Reeves, registrada mais adiante na entrevista: “Tudo o que precisávamos era de uma melodia, porque já tínhamos a palavra mais poderosa... Jesus. Há um poder imenso no nome de Jesus”⁴⁸.

Cabe salientar, ainda, que a letra da canção nasce de uma experiência e interpretação pessoais sobre Jesus, seu nome e seu poder. Não há, na entrevista, menção a algum texto bíblico-base ou doutrina cristã que direcione o conteúdo. O que é possível depreender é que houve uma intencionalidade em compartilhar a crença de que pronunciar o nome de Jesus é uma ação poderosa sobre vícios, doenças e demais situações da vida. Essa crença, por sua vez, deriva da teologia da CP com clara visibilidade. Essa correlação se corrobora pelos princípios que regem o coletivo dos quais os autores da canção fazem parte. O *Here Be Lions* se identifica como um grupo de pessoas que se recusam a ser passivas em sua atuação no mundo, e entendem que essa atuação é por meio da ação de Deus através deles. Para o grupo, a ação de Deus está relacionada a governo e poder. Nas palavras de autodescrição do grupo: “Estamos cansados de ser governados por tudo sem governar nada. Vencedores não vivem vidas derrotadas. Eles curam os doentes, restauram os quebrantados, lutam uns pelos outros e ressuscitam os mortos”⁴⁹. Considerando tais afirmações relacionadas à recusa do sofrimento, conquistas, curas e milagres, novamente encontramos correspondências,

<<https://www.integritymusic.com/news/2019/9/23/here-be-lions-releases-sophomore-project-i-speak-jesus-ep-available-now>>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ _____ **Here Be Lions Releases Sophomore Project – I Speak Jesus EP – Available Now.** Integrity Music, 23 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.integritymusic.com/news/2019/9/23/here-be-lions-releases-sophomore-project-i-speak-jesus-ep-available-now>>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

⁴⁹ _____ **About:** we are a band...we're also a ministry... Here Be Lions, 2023. Disponível em: <<https://herebelions.org/>>. Acesso em: 14 de julho de 2025.

mesmo que indiretas, com a teologia da CP. Ou seja, ainda que os autores da canção não sejam proponentes diretos dessa teologia, é possível identificar traços desta em sua maneira de pensar teologicamente e, conseqüentemente, de compor a letra da música.

2.2 Uma breve análise da letra de I Speak à luz da teologia da CP

No Brasil, a canção ganhou diferentes versões, sendo a de maior popularidade a dos cantores Paulo César Baruk e Marsena, datada de agosto de 2023, cujo título é Clamo Jesus. A seguir, tem-se um quadro comparativo com a letra da canção original, sua tradução literal para o português e a letra da versão em português:

I Speak Jesus (Here Be Lions, 2019)	Eu falo Jesus (tradução literal)	Clamo Jesus (Paulo César Baruk, Marsena, 2023)
I just want to speak the Name of Jesus Over ev'ry heart and ev'ry mind 'Cause I know there is peace within Your presence I speak Jesus	Eu só quero falar o Nome de Jesus Sobre cada coração e cada mente Porque eu sei que há paz em Tua presença Eu falo Jesus	Jesus, quero declarar Teu nome Sobre toda mente e coração Pois sei que existe paz em Tua presença Clamo: Jesus
I just want to speak the Name of Jesus 'Til ev'ry dark addiction starts to break Declaring there is hope and there is freedom I speak Jesus	Eu só quero falar o Nome de Jesus Até que todo vício sombrio comece a se quebrar Declarando que há esperança e liberdade Eu falo Jesus	Jesus, quero declarar Teu nome Quebrando os vícios dessa geração Declaro que há esperança e liberdade Clamo: Jesus
'Cause Your Name is power Your Name is healing Your Name is life Break ev'ry stronghold Shine through the shadows Burn like a fire	Porque Teu Nome é poder Teu Nome é cura Teu Nome é vida Quebra toda fortaleza Brilha através das sombras Queima como fogo	Teu nome é cura É poderoso Teu nome é vida Destroi cadeias Dissipa as trevas Vem incendiar
I just want to speak the Name of Jesus Over fear and all anxiety To ev'ry soul held captive by depression I speak Jesus	Eu só quero falar o Nome de Jesus Sobre o medo e toda ansiedade Para cada alma mantida cativa pela depressão Eu falo Jesus	Jesus, quero declarar Teu nome Sobre toda alma em depressão Ansiedade e medo saiam agora Clamo: Jesus
Shout Jesus from the mountains And Jesus in the streets	Grite Jesus das montanhas E Jesus nas ruas	Declare pelas ruas O nome de Jesus Sobre a escuridão, Ele vai trazer Sua luz

Jesus in the darkness over ev'ry enemy Jesus for my family I speak the holy Name Jesus	Jesus na escuridão sobre todo inimigo Jesus para minha família Eu falo o santo Nome Jesus	Sobre sua família Clame o santo nome Jesus
---	--	---

A canção começa com uma declaração: “I just want to speak the Name of Jesus over ev’ry heart and ev’ry mind”. A maneira como a frase foi escrita coloca o simples ato de falar o Nome de Jesus no centro da motivação autoral. A escolha do verbo “to speak” (literalmente “falar”, isto é, “dizer palavras” ou “usar a voz”) denota a importância que se dá à articulação do vocábulo, no caso, o Nome de Jesus. A construção “to speak over” transmite à ideia de que essa articulação se faz “sobre” algo. Esse algo, no caso “ev’ry heart and ev’ry mind”, sofre, assim, os efeitos que operam (de cima para baixo) do poder emanado da palavra proferida. Nas estrofes seguintes, esses objetos compreendem “fear and all anxiety to ev’ry soul held captive by depression” e “ev’ry Enemy”. A fórmula “to speak the Name of Jesus” se repete sete vezes na música, revelando a grande ênfase que os compositores dão ao ato de dizer o Nome de Jesus e os efeitos por este produzidos sobre coisas e circunstâncias.

A versão em língua portuguesa abrandava essa ênfase ao traduzir o referido verbo ora por “declarar”, ora por “clamar”. Alguém poderia objetar que, nessa versão, “declarar” tem o sentido de evangelizar e “clamar”, de suplicar em oração. Contudo, a construção “declarar sobre”, que aparece duas vezes, transparece a mesma ideia encontrada na letra original, de produzir efeitos espirituais sobre algo ou alguém pelo simples ato de pronunciar a palavra desejada. Mesmo no caso do verbo “clamar”, utiliza-se a frase “clamar sobre”, que, no mínimo, favorece um sentido dubio entre interceder e declarar sobre, esta última mais coerente com a composição original.

Ademais, a alegação de que, na música em Português, “declarar” tem o sentido de evangelizar (isto é, anunciar, pregar ou proclamar o nome de Jesus), não se sustenta plenamente. Além de pesar contra tal alegação a letra original, a ênfase da canção está nas situações sobre as quais a palavra articulada deve produzir efeitos, sem qualquer menção à ideia de conversão. De fato, apesar da alusão à paz proporcionada pela presença de Jesus na primeira estrofe, nota-se que o ato de falar o Nome se dirige mais a coisas do que a pessoas, a exemplo de “dark addition” e “fear and all anxiety”. As exceções são “ev’ry soul held captive by depression” e “ev’ry enemy”. Porém, se a

intenção dos autores fosse encorajar a evangelização, não faria sentido colocar ambos os grupos (“pessoas mantidas cativas pela depressão” e “todo inimigo”) como alvos da mensagem salvadora. Em vez disso, o sentido geral do texto favorece a interpretação de que os compositores acreditam que a pronúncia do Nome de Jesus surte um duplo e respectivo efeito: para os cativos pela depressão, debelá-la; para os inimigos, derrotá-los. Tudo isso pelo simples ato de falar “Jesus”. Assim, não se trata de um incentivo à evangelização, mas da crença de que o simples gesto de cantar essa canção produzirá esses esperados efeitos, uma vez que ela carrega, em si, a declaração verbal e poderosa do Nome de Jesus.

O refrão apresenta a justificativa para tal crença, baseada no fato de que o Nome de Jesus é poder, cura e vida. Nada haveria que se questionar quanto a essas declarações não fosse o fato de que, ao que tudo indica, os autores não estejam utilizando o “Nome de Jesus” como referência à sua Pessoa, mas à palavra que lhe dá nome. A nuance é sutil, mas faz toda a diferença. Relembre-se que Hagin, defensor da teologia da CP, acreditava que o Nome de Jesus é tão poderoso quanto o próprio Jesus em pessoa. Ou seja, para ele é possível usar o Nome separadamente da sua Pessoa, visto que o Nome, enquanto palavra em si, ostenta o poder de produzir efeitos espirituais.

É bem verdade que a cultura hebraica atribui grande valor e significado ao nome. Para o hebreu:

o nome (*shēm*) não é um ente vazio; é algo de peso; torna a própria pessoa presente (1Sm 25,25). Conhecer o nome de alguém é ter poder sobre ele; por isso, os deuses pagãos mantêm seu nome em segredo (Gn 32,30; Jz 13,6). Pronunciar o nome de alguém sobre um objeto é entregá-lo em seu poder (2Sm 12,28). As mulheres em Is 4,1 querem “usar o nome” de um homem, desejam tê-lo como amo. Quem escreve o nome de YHWH em sua mão torna-se seu servo (Is 44,5). Trocar o nome é mudar de personalidade (2Rs 23,34; 24,17). O sacerdote põe o nome de YHWH sobre o povo, e YHWH o protege e abençoa (Nm 6,27). O nome de YHWH é proteção e refúgio (Pr 18,10). Exorcismos são praticados em seu nome (At 19,13; Lc 9,49). A invocação do nome de YHWH, porém, não tem em Israel nenhum sentido mágico, como se alguém pudesse obrigar YHWH (Jó 23,13 afirma o contrário, e era geral a consciência de radical dependência; cf. Gn 18,27. Tal uso “ímpio” do nome era severamente punido; Ex 20,7; Dt 5,11)⁵⁰

O Novo Testamento dá continuidade a essa compreensão a respeito do “nome”. O nome de Jesus expressa sua essência, exprime sua missão e seus poderes⁵¹. Crer no nome de Jesus significa receber Jesus e se tornar filho de Deus (Jo 1:12). Invoca-se o

⁵⁰ BAUER, J. B., **Dicionário Bíblico Teológico**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 285.

⁵¹ Idem, p. 286.

nome de Jesus (At 9:13; 10,14; 2 Co 12:8). Porém, Biber alerta que essa invocação em nada tem a ver com um “esforço religioso, que consiste em se munir de nomes influentes para exercer pressão sobre a divindade”⁵². Movido pelo Espírito Santo, confessa-se este nome (1 Co 12:3). Ademais, toda a vida dos cristãos deve ser colocada em submissão a este nome, por isso utiliza-se com frequência as expressões "em nome de Jesus", “pelo nome de Jesus”, "por causa de seu nome". A compreensão do uso do nome significa reconhecimento do senhorio de Cristo sobre o crente, pois ele foi liberto dos poderes do pecado, perdoado (At 10:43; 1 Jo 2:12), lavado, santificado e justificado (1 Co 6:11) por este nome, ou seja, por aquele que responde fielmente a este nome⁵³.

Ao descrever tudo o que se pode realizar em nome de Jesus sendo seu discípulo, Biber também conclui que toda a autoridade conferida à utilização do nome descende do poder do Cristo e na total submissão, “na livre obrigação de Cristo”, o que pode igualmente implicar em sofrer em nome de Cristo e por amor ao anúncio do Evangelho: “a boa nova do nome de Jesus (At 8,12) e para a perseverança na fé: conservar seu nome (Ap 2,13)”⁵⁴. Assim, ao contrário do que a CP sugere, não há dissociação da pessoa de Jesus de seu nome, tampouco a possibilidade de atribuir a esse nome a característica de amuleto mágico do qual se pode assenhorar e utilizar conforme as próprias vontades.

Outrossim, o texto de Mateus 7:21-23 narra que o próprio Jesus, alertando para o perigo de falsos profetas, afirma que nem todos os que dizem profetizar, curar e realizar milagres em seu nome de fato são seus discípulos, mas sim aqueles que obedecem a vontade do Pai. Relembre-se, igualmente, o episódio narrado em Atos 19:13-17, no qual os filhos de Ceva tentaram expulsar demônios pela simples invocação do nome de Jesus e saíram dali envergonhados.

Portanto, no refrão da música em questão, a dúvida quanto à real intenção dos autores pende para o provável uso do Nome de Jesus como elemento vernacular ao qual se atribui o poder de, uma vez acionado por sua simples vocalização (inclusive aos gritos), tem o efeito de mudar as realidades adversas ali mencionadas.

2.3 Uma proposta de análise de I Speak Jesus à luz dos textos bíblicos

⁵² BIBER in VON ALLMEN, J. J. **Vocabulário bíblico**. São Paulo: ASTE, 2001. p. 378.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem, p. 379.

indicados como referência

Apesar de a entrevista supracitada não mencionar textos bíblicos possivelmente utilizados na composição da canção, de acordo com o site *Integrity Worship*, um portal da *Integrity Music* que promove serviços de apoio a ministérios de música (letras de música, cifras, recursos de multitracks, acesso a comunidades por assinatura e outros), os textos bíblicos de referência para a composição são: Atos 19:5, Hebreus 13:15, Salmos 118:26 e Romanos 8:10⁵⁵. Observando os textos, tem-se o seguinte:

Atos 19:5: Eles, tendo ouvido isto, foram batizados no nome do Senhor Jesus.

Este versículo descreve a resposta de um grupo de discípulos à explicação de Paulo sobre Jesus, que os leva a receber o batismo em nome de Jesus em contraste ao batismo de João Batista (pelo qual já haviam passado). A atitude dos discípulos pode ser compreendida como resposta à fé genuína em Cristo e compreensão da sua obra. Ser batizado em nome de Jesus está relacionado a ouvir, acolher a mensagem de Jesus e se comprometer completamente com ela⁵⁶. Conforme já apontado, a expressão “em nome de Jesus” refere-se à autoridade da pessoa de Jesus e ao compromisso dos discípulos com a missão dele. Embora o texto mencione o “nome de Jesus”, ele o faz no contexto do batismo como sinal de conversão, e não como uma declaração verbal com poder performativo. Diante disso, a relação entre a letra da música e este sentido do texto bíblico destacado não se confirma, pois a expressão “nome de Jesus”, na canção, está desconectada de um discurso que remete à conversão a Cristo.

Hebreus 13:15: Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.

O autor de Hebreus descreve a adoração cristã como uma oferta contínua de louvor, destacando que ela é possível por meio de Jesus, substituindo a necessidade de oferecer sacrifícios a Deus. A ênfase está em uma vida de adoração que parte da mediação sacerdotal de Cristo e se expressa na confissão de fé, algo coletivo e contínuo. De acordo com Kistemaker,

a frase *confessam o seu nome* pode ser retomada da tradução da Septuaginta do Salmo 54.6, “Eu louvarei [confessarei] teu nome, ó Senhor”. Deus revela -

⁵⁵ **I Speak Jesus.** Integrity Worship, 2025. Disponível em: <<https://integrityworship.com/songs/i-speak-jesus-3296/#lyrics>>. Acesso em 14 de julho de 2025.

⁵⁶ KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento - Atos**, Volume 2. Tradução de Ézia Mullis e Neuza Batista da Silva. 2ª ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2016. p. 238.

se em seu nome e, portanto, seu nome é revelação. O salmista toma a revelação de Deus conhecida do povo. De modo semelhante, o autor de Hebreus diz que uma vida de louvor deveria ser uma confissão contínua do nome de Deus.⁵⁷

Enquanto Kistemaker defende que a ênfase do texto de Hebreus é a mediação sacerdotal de Jesus, a adoração coletiva e a confissão do nome como forma de tornar conhecida a revelação de Jesus, a música parece apoiar-se neste texto simplesmente para fundamentar a confissão do nome de Jesus com os lábios. Ainda, a canção parece interpretar o “falar o nome” como um instrumento de intervenção em situações difíceis, por exemplo: “Eu só quero falar o Nome de Jesus/ Sobre o medo e toda ansiedade/ Para cada alma mantida cativa pela depressão/ Eu falo Jesus”. A versão em português adapta algumas sentenças (provavelmente por questões de métrica musical). Ao fazer isso nesta estrofe, percebe-se (mesmo que não intencionalmente) um reforço da declaração do nome de Jesus como essa espécie de instrumento revestido de autoridade sobre o qual o crente pode se utilizar e comandar circunstâncias: “Jesus, quero declarar Teu nome/ Sobre toda alma em depressão/ Ansiedade e medo saiam agora/ Clamo: Jesus”.

Como visto, ao interpretar a autoridade no nome de Jesus, teólogos da CP defendem que as declarações em nome de Jesus representam o exercício e eficácia dessa autoridade. Hagin afirma que, ao se declarar a Palavra, faz-se o que nem Deus poderia fazer por nós. Tomar atitudes em relação aos problemas, segundo Hagin, é dever do indivíduo e a atitude a ser tomada significa declarar o nome de Jesus sobre os problemas:

Sempre orava: “Deus, salva-o!” Tinha até mesmo jejuado. Estava propenso a voltar ao meu habitual modo de orar, mas depois que o Senhor me desafiou a fazer alguma coisa a respeito - depois de me ter dito que eu tinha autoridade - eu disse: “Em Nome de Jesus, desfaço o poder do diabo na vida de meu irmão e clamo por sua salvação!” Ordenei. Não fiquei repetindo a mesma coisa ou orando e orando. Quando um rei dá uma ordem, ele sabe que vai ser cumprida.⁵⁸

Tal sistema de pensamento encontra maior espaço entre os movimentos neopentecostais, posteriores e dissidentes do pentecostalismo. Mendonça, *apud* Pinezi e Anelli, destaca que estes movimentos “representam uma ruptura final com o protestantismo” e que o interesse e protagonismo da interpretação diligente do texto

⁵⁷ KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento - Hebreus**. Tradução de Marcelo Tolentino e Paulo Arantes. 2ª ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 584.

⁵⁸ HAGIN, Kenneth E. **A autoridade do crente**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002. p. 22-23. EPUB.

bíblico dá lugar ao uso mágico da mesma⁵⁹. Embora esse discurso seja comum no neopentecostalismo, é possível perceber que ele também influencia o protestantismo clássico. Parte dessa influência tem como seu maior propulsor as músicas *gospel*.

Salmos 118:26: Bendito o que vem em nome do Senhor. Da Casa do Senhor, nós os abençoamos.

Este texto faz parte do “*halel*, conjunto composto pelos salmos 113-118 que era cantado pelos judeus na época das principais festas religiosas (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos)”. Foi compreendido como um salmo messiânico por celebrar aquele que vem em nome de Deus, com forte conexão com as promessas messiânicas e com a liturgia do templo⁶⁰. É um versículo que enfatiza a bênção e a consagração da vinda do Messias e foi citado no Novo Testamento no evento da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mateus 21:9; Marcos 11:9; Lucas 19:38; João 12:13) e no discurso de Jesus condenando a hipocrisia dos mestres da lei e fariseus (Mateus 23:39). Não há, no Salmo 118:26, inferência de que “o que vem em nome do Senhor” seja algum crente que fale em nome de Deus, mas sim trata-se de um texto messiânico e que pela própria boca de Jesus, adquire posteriormente caráter escatológico⁶¹.

Romanos 8:10: Se, porém, Cristo está em vocês, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o Espírito é vida, por causa da justiça.

Na carta aos Romanos, Paulo desenvolve uma teologia sobre a regeneração: ainda que o corpo esteja sujeito à morte por causa do pecado, o Espírito Santo dá vida ao crente, por causa da justiça de Deus. O foco é a obra interior do Espírito e a vivificação espiritual. Embora o tema da vida esteja presente na música com a frase “*Your name is life*”, o referido texto remete à obra da graça e regeneração, um processo espiritual operado pelo Espírito Santo, contrapondo à morte física pela qual o ser humano está sujeito em consequência do pecado. A respeito deste texto, John Stott afirma: “Mesmo que nossos corpos tendam para a morte, sendo mortais, nossos espíritos

⁵⁹ PINEZI, Ana Keila; ROMANELLI, Geraldo. **O Mal Exorcizado**: cura divina entre os neopentecostais da Igreja Internacional da Graça de Deus. Impulso, v. 14, n. 34, 2003. p. 68.

⁶⁰ AQUINO, João Paulo Thomaz de. **Hosana!** Logos, 2016. Disponível em: <[⁶¹ GOURGUES, Michel. **Os salmos de Jesus**: Jesus e os salmos. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 69.](https://portugues.logos.com/2016/11/10/hosana/#:~:text=A%20vers%C3%A3o%20hebraica%20da%20palavra,do%20Messias%20(salmo%20messi%C3%A2nico).&text=Todas%20as%20vezes%20que%20a,para%20salvar%20o%20seu%20povo.&text=%5B1%5D%20Swanson%2C%20James%2C,%2C%20Mich:,%20Erdmans%2C%201964.> Acesso em 18 de julho de 2025.</p></div><div data-bbox=)

vivem, porque o Espírito Santo lhes deu a vida. A consequência do pecado de Adão nos faz morrer fisicamente; pela justiça de Cristo vivemos espiritualmente”⁶². O objetivo da passagem não é cura física, de vícios ou doenças mentais. Embora Deus possa curar esse tipo de problema, o objetivo de Romanos 8:10 é desenvolver o conceito da regeneração espiritual por meio da obra do Espírito Santo no crente.

Após breve observação dos textos indicados como referência para a música, não se encontra real paralelo entre o seu sentido teológico e a temática da canção. Ainda, alguns versos da música não possuem relação nenhuma com as referências apontadas ou mesmo textos bíblicos que abordam literalmente tais expressões. Por exemplo: “*Break ev'ry stronghold/ Shine through the shadows/ Burn like a fire*” (Quebra toda fortaleza/ Brilha através das sombras/ Queima como fogo) se referindo ao poder do nome de Jesus, ou “*Shout Jesus from the mountains/ And Jesus in the streets/ Jesus in the darkness over ev'ry enemy/ Jesus for my family*” (Grite Jesus das montanhas/ E Jesus nas ruas/ Jesus na escuridão sobre todo inimigo/ Jesus para família).

3. BREVE REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DA CONFISSÃO POSITIVA NO DISCURSO DAS CANÇÕES *GOSPEL*

A esta altura, *I Speak Jesus* se destaca pela projeção e ampla aceitação que recebeu do público evangélico, mas é apenas uma de inúmeras outras canções com discursos similares. Ao se observar tal fenômeno e apropriação indiscriminada de canções como essa no repertório das reuniões cristãs, o que entra em discussão é: qual o desdobramento da pregação dessa mensagem para a fé cristã?

A resposta, registrada por Romeiro, vem do reverendo Ove Lackell, formado no *Rhema Biblical Training Center* (escola de Kenneth Hagin nos Estados Unidos), e que, após sair do movimento se tornou um missionário evangélico no Brasil:

Depois de me formar e de pastorear minha primeira igreja, percebi mais e mais que havia uma ênfase muito forte em apenas alguns textos da Bíblia. Creio hoje, onze anos depois de minha formatura, que a escola Rhema ensina heresia. Heresia é tomar qualquer verdade da Bíblia fora de seu contexto e enfatizá-la tanto ao ponto de negligenciar outras.

O ensino da Rhema é desequilibrado e está com suas prioridades erradas. Há pouca ênfase sobre ganhar almas e ajudar os necessitados do mundo. Nos dois anos que passei ali, nunca vi uma oferta ser levantada para os perdidos e famintos do mundo, mas, sim, para manter o projeto de construção em

⁶² STOTT, John R.W. **A mensagem de Romanos 5-8**. São Paulo: ABU Editora, 1988. p. 82.

andamento.

A soberania de Deus é deixada de lado. A maior parte do ensino é direcionada a "como desenvolver sua fé", a fim de que você possa receber sua herança de Deus. "Você tem direitos legais como um filho de Deus; reclame esses direitos."

Grande parte do ensino é sobre direitos, e muita culpa está envolvida nisso. Se uma pessoa não tiver fé suficiente, ela não receberá. Precisamos de fé e confiança em Deus. Mas o que mais agrada a Deus é quando descansamos nos braços de um Pai amoroso, e não quando confessamos as Escrituras com base no "você pode fazer isto acontecer". Creio que o Movimento da Fé exalta mais o homem do que o Senhor Jesus Cristo, construindo mais o reino de homens do que o reino de Deus. Há um espírito de orgulho do "que eu posso fazer em nome de Jesus"

O aspecto do sofrimento é deixado de lado. "Jesus sofreu por nós, assim não precisamos sofrer mais." Mas Jesus disse a respeito de Paulo: "... pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome" (At 9:16). É deixado de lado, também, o fato de que o sofrimento pode ter um propósito no plano de Deus. Naturalmente, não é o sofrimento em si que tem valor, mas, sim, como reagimos em relação a ele.

A Palavra da Fé começou bem, mas acabou abandonando as fronteiras do verdadeiro cristianismo, glorificando mais aos homens do que a Deus.⁶³

Fonseca, por sua vez, argumenta que "ao cantar, declara-se o que se crê"⁶⁴. Se a canção cristã não reflete conceitos e princípios coerentes com a fé bíblica em sua totalidade, alguma outra teologia certamente está sendo propagada travestida de discurso cristão. Nas palavras desta autora: "Se as convicções teológicas dos cristãos estão abaladas, produzindo cristãos inconstantes e desorientados em relação à sua fé, parte da responsabilidade disso é porque a teologia do culto que esses cristãos frequentam é fraca e, igualmente, as músicas do culto são fracas e distantes dos ensinamentos bíblicos"⁶⁵.

Não se trata de promover uma "caça às bruxas", tampouco difamar as pessoas envolvidas com a produção dessas canções, sejam autores, tradutores ou intérpretes. Trata-se de chamar a atenção para a necessidade de um crivo teológico mais depurado na escolha dos temas e da maneira de desenvolvê-los. Os teólogos precisam participar mais desse processo criativo, e os músicos precisam contar mais com estes, na qualidade de aliados e não de adversários ou atrapalhadores. A adoração da igreja é assunto de interesse tanto de ministros de música quanto de pastores, tanto de músicos quanto de teólogos. Urge que se abandone a recorrente postura de antagonismo entre

⁶³ ROMEIRO, Paulo. **Super crentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. 2. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 99-100.

⁶⁴ FONSECA, Elildes Junio Macharete. **Liturgia Cristã**. Fonte Editorial LTDA.: São Paulo, 2018. p. 96.

⁶⁵ GODOI, Mariane. **Música e Igreja**: uma análise de hinos do Novo Testamento e a música gospel contemporânea. São Paulo: Fonte Editorial, 2023. p. 60.

essas duas áreas ministeriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto não se propõe a esgotar o tão vasto tema da Teologia da CP. Buscou-se desenvolver um histórico que permitisse compreender as bases desse sistema de pensamentos, textos bíblicos e pregadores de maior destaque em sua propagação. Cabe destacar que no Brasil também é possível identificar pregadores da CP de grande destaque e alcance, sobre os quais este trabalho decidiu não se debruçar por questões de delimitação da pesquisa.

O artigo também apresentou como a influência da CP pode ser identificada no discurso de músicas *gospel*. Optou-se por tomar a canção *I Speak Jesus* como objeto de análise, e as correlações feitas servem facilmente para inúmeras outras canções *gospel* da atualidade. A partir de tal análise, refletiu-se sobre qual a mensagem central da canção e como ela impacta a fé cristã.

Concluiu-se que, sendo a música um instrumento de propagação de sistemas de crenças e valores, faz-se necessário que as canções cristãs revelem seus pressupostos de forma coerente com os ensinamentos apresentados na Bíblia, como texto considerado normativo e formativo para a comunidade de fé. Quando a avaliação das canções não é submetida à uma interpretação teológica fundamentada no texto bíblico, incorre-se no erro de reproduzir crenças aparentemente bíblicas, mas que não alcançam o sentido bíblico em sua totalidade e aos poucos tomam espaço e constroem dogmas que não deveriam subsistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **About: we are a band...we're also a ministry...** Here Be Lions, 2023. Disponível em: <<https://herebelions.org/>>.

_____. **Eisegese.** Dicio - dicionário online de Português, 2025. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/eisegese/>>.

_____. **Exegese.** Dicio - dicionário online de Português, 2025. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/exegese/>>.

_____. **Here Be Lions Releases Sophomore Project – I Speak Jesus EP – Available Now.** Integrity Music, 23 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.integritymusic.com/news/2019/9/23/here-be-lions-releases-sophomore->

[project-i-speak-jesus-ep-available-now>](#).

_____**Strong's 154. aitéo.** Bible Hub, 2025. Disponível em: <https://biblehub.com/strongs/greek/154.htm>.

AQUINO, João Paulo Thomaz de. **Hosana!** Logos, 2016. Disponível em: [BAUER, J. B. **Dicionário Bíblico Teológico**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.](https://portugues.logos.com/2016/11/10/hosana/#:~:text=A%20vers%C3%A3o%20hebraica%20da%20palavra,do%20Messias%20(salmo%20messi%C3%A2nico).&text=To das%20as%20vezes%20que%20a,para%20salvar%20o%20seu%20povo.&text=%5B1%5D%20Swanson%2C%20James%2C,%2C%20Mich:%20Eerdmans%2C%201964>.</p></div><div data-bbox=)

BIBER in VON ALLMEN, J. J. **Vocabulário bíblico**. São Paulo: ASTE, 2001.

BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. (Ed.). **The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. EPUB.

DE SOUZA, Claiton Vicente Veiga. **O poder da mente: religião, bem-estar e felicidade na produção literária e midiática de autoajuda de padre Lauro Trevisan (1980-2013)** - Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.

FONSECA, Elildes Junio Macharete. **Liturgia Cristã**. Fonte Editorial LTDA.: São Paulo, 2018.

GODOI, Mariane. **Música e Igreja: uma análise de hinos do Novo Testamento e a música gospel contemporânea**. São Paulo: Fonte Editorial, 2023.

GOSSETT, Don. **Há poder em suas palavras**. São Paulo: Editora Vida, 1979.

GOURGUES, Michel. **Os salmos de Jesus: Jesus e os salmos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

HAGIN, Kenneth E. **A autoridade do crente**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002. EPUB.

HAGIN, Kenneth E. **O Nome de Jesus**. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2007. EPUB.

HAGIN JR., Kenneth. **Impossibilidade Humana - Possibilidade Divina**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento - Marcos**. Tradução de Lucas Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

HENRY, Jason. **I SPEAK JESUS – Charity Gayle, Here Be Lions**. Will It Worship?, 26 de outubro de 2023. Disponível em: [147](https://willitworship.com/2023/10/26/i-speak-</p></div><div data-bbox=)

jesus-charity-gayle-here-be-lions/?utm_source=chatgpt.com>.

KINGSTON-SMITH, Andrew D. **In God Faith We Trust? A Critique of Kenneth Hagin's teachings on 'faith' and 'positive confession' in the context of the 'Word of Faith' Controversy.** A.D. Kingston-Smith, 2013. Disponível em <[https://www.academia.edu/5387919/In God We Trust A Critique of Kenneth Hagin s teachings on faith and positive confession in the context of the Word of Faith Controversy](https://www.academia.edu/5387919/In_God_We_Trust_A_Critique_of_Kenneth_Hagin_s_teachings_on_faith_and_positive_confession_in_the_context_of_the_Word_of_Faith_Controversy)>.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento - Atos, Volume 2.** Tradução de Ézia Mullis e Neuza Batista da Silva. 2ª ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento - Hebreus.** Tradução de Marcelo Tolentino e Paulo Arantes. 2ª ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

PINEZI, Ana Keila; ROMANELLI, Geraldo. **O Mal Exorcizado: cura divina entre os neopentecostais da Igreja Internacional da Graça de Deus.** Impulso, v. 14, n. 34, 2003.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento.** 2ª ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

ROMEIRO, Paulo. **Super crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade.** 1. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

ROMEIRO, Paulo. **Super crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade.** 2. ed. rev. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SMITH, Kevin Scott. **Mind, might, and mastery: human potential in metaphysical religion and E.W. Kenyon.** Lynchburg, EUA: Liberty University Graduate School of Religion, 1995 - Dissertação de mestrado.

STOTT, John R.W. **A mensagem de Romanos 5-8.** São Paulo: ABU Editora, 1988.

TURLINGTON, Henry E. in ALLEN, C. (Ed. Geral). **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento.** Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. Volume 8.

Entre a perfeição divina e a limitação humana: uma análise crítica da doutrina da inerrância bíblica

Between Divine Perfection and Human Limitation: A Critical Analysis of the Doctrine of Biblical Inerrancy

Dyego Constante Hespanhol¹
Isabela Amorim da Silva²

RESUMO

O artigo analisa o impacto do ceticismo moderno e da polarização sobre a percepção das verdades contidas na Escritura. Especialmente na Igreja cristã, tem crescido uma visão que desacredita de muitas verdades contidas no livro sagrado. O presente texto busca mostrar aos leitores que a inerrância bíblica está diretamente ligada à natureza divina. Se Deus é inerrante, verdadeiro e íntegro, isto é, inteiro, então o livro que o mesmo inspirou por completo não pode conter erros ou mentiras. Além disso, o artigo tem como objetivo mostrar que, na história da Igreja, sempre houve o conceito, embora talvez não o mesmo atual, de que a Bíblia não pode errar sobre qual assunto que seja.

Palavras-chaves: Inerrância bíblica, natureza divina, autoridade das Escrituras, revelação especial.

ABSTRACT

The article analyzes the impact of modern skepticism and polarization on the perception of the truths contained in Scripture. Especially in the Christian church, a view that discredits many truths contained in the sacred book has been growing. The present text seeks to show readers that biblical inerrancy is directly connected to the divine nature. If God is inerrant, true and integral, that is, whole, then the book which He fully inspired cannot contain errors or lies. In addition, the article aims to show that, in the history of the church, there has always been the concept, although perhaps not the same as the current one, that the Bible cannot be wrong about any subject whatsoever.

Keywords: Biblical inerrancy, divine nature, authority of Scripture, special revelation.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o excesso de informações nas redes sociais cria um cenário desafiador na sociedade, onde há uma separação de dois grupos de pessoas: Os que

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Batista no Rio de Janeiro (FABAT).

² Graduanda em Teologia pela Faculdade Batista no Rio de Janeiro (FABAT).

creem, sem questionamento, em absolutamente qualquer assunto referente às pautas política, social e religiosa, que lhes seja apresentado; e há os que, de maneira cética, suspeitam de toda e qualquer notícia veiculada nas plataformas. Essa polarização tem se infiltrado em muitos ambientes cristãos, e temos visto uma presença significativa do segundo grupo. Partindo dessa perspectiva, percebe-se que muitos cristãos, com essa visão cética generalizada, não conseguem enxergar a verdade absoluta nas Escrituras. Essa desconfiança da Bíblia não é novidade no cenário cristão, conforme afirma Norman Geisler:

Sempre houve uma batalha pela Bíblia. A história da Igreja foi atormentada por perspectivas divergentes e errôneas sobre o assunto. Orígenes (185-254 d.C.) negou a historicidade de partes de Gênesis e alegorizar outras passagens também. [...] Durante a Reforma, Calvino acusou Serveto (1511-1553) de negar a inerrância factual de partes da Bíblia. Até os tempos modernos, no entanto, nenhuma das visões divergentes e errôneas das Escrituras se tornou a posição central. [...] Na verdade, foi somente no início do século XX que perspectivas não ortodoxas das Escrituras se tornaram amplamente aceitas nas Igrejas de linhas denominacionais tradicionais.³

Durante as duas décadas entre as guerras mundiais do século XX, na Inglaterra, o cristianismo estava sendo fortemente bombardeado pelo Liberalismo. Conforme afirma John Henry Newman:

O liberalismo na religião é a doutrina de que não há verdade concreta na religião, mas que uma crença é tão boa quanto outra [...]. É inconsistente com qualquer reconhecimento de qualquer religião como verdadeira. Ensina que todas as crenças devem ser toleradas, pois todas são uma questão de opinião.⁴

Aqueles que defendiam fortemente os princípios ortodoxos, oriundos da Reforma protestante, estavam sendo bombardeados, enquanto na América do Norte, os que sustentavam os principais fundamentos cristãos, como a autoridade divina da Bíblia, recebiam o nome de “Fundamentalistas”. Nota-se que a História possui um perfil cíclico e através dela podemos compreender como esses homens responderam aos ataques dessa onda cética em relação à verdade absoluta divina.

Diante desse novo cenário, é necessário refletir sobre a natureza perfeita divina que decidiu se revelar à sua criação através das Escrituras. Esse pressuposto levanta uma dúvida: É possível um Deus infalível revelar-se por intermédio de um livro escrito por homens falhos? A resposta para essa pergunta nos conduz à discussão e ao

³ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração**. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p.23.

⁴ NEWMAN, John Henry. **Sayings of John Henry Newman**. London: Burnas and Oates, [s.d].,p. 18.

conhecimento sobre a doutrina da inerrância divina. O questionamento pós-moderno não se limita apenas à veracidade nos textos em suas interpretações ou aplicações, mas aprofunda-se sobre a relativização da própria verdade.

O presente artigo tem como objetivo apresentar que a natureza divina está relacionada com a confiabilidade e infalibilidade das Escrituras. Desse modo, serão abordados os seguintes aspectos: (1) A relação da revelação divina e a Bíblia; (2) A doutrina da inerrância bíblica; (3) Testemunhos históricos da Inerrância: Agostinho, Calvino e Lutero; (4) Críticas contemporâneas à inerrância; e, por fim, (5) A Natureza de Deus como fundamento da verdade bíblica.

1. A RELAÇÃO DA REVELAÇÃO DE DEUS E A BÍBLIA

Compreende-se como Teologia a ciência cujo objeto de estudo é Deus, de acordo com sua revelação. De acordo com Erickson⁵, a revelação de Deus acontece de maneira geral, observável na natureza, na história e na humanidade, e de forma especial, onde Deus se revelou a pessoas específicas em momentos e locais determinados. Por meio da revelação geral, o ser humano pode conhecer e reconhecer a natureza grandiosa e gloriosa de Deus, uma vez que Ele colocou no coração humano a lei moral, permitindo assim que todos tenham uma noção de bem e mal, certo e errado, buscando por um significado maior na vida, mostrando-se acessível a todos e em todas as épocas e sua mensagem é menos específica e detalhada em comparação à revelação especial.

Partindo desse pressuposto, surge a seguinte questão: É possível desenvolver uma teologia sustentada na compreensão de Deus apenas com base na sua revelação geral? A teologia natural, conforme apresentado por Erickson⁶, é uma abordagem que busca conhecer a Deus através da razão e da observação do mundo natural, independente da revelação especial, ou seja, uma teologia desenvolvida sem a Bíblia. Essa abordagem argumenta que a existência de Deus e certas verdades teológicas podem ser discernidas por meio da razão humana, sem a necessidade dos textos sagrados, onde pode-se compreender quem Deus é através da observância da criação, partindo do princípio que a criação, intacta, não sofreu os impactos da queda. Conforme

⁵ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 140.

⁶ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 148.

afirma Erickson:

O cerne da teologia natural é a ideia de que é possível chegar a um conhecimento verdadeiro de Deus com base apenas na razão, sem um compromisso prévio de fé com as crenças do cristianismo e sem depender de alguma autoridade especial, como uma instituição (a Igreja) ou um documento (a Bíblia).⁷

Karl Barth contesta tanto essa abordagem quanto a revelação geral, defendendo que a revelação de Deus se encontra em Jesus e sem ele, é ineficaz, em resposta ao liberalismo no século XX. Para ele, um dos textos usados para respaldar a teologia natural (Romanos 1.18-32), não é suficiente para trazer à união com Deus o conhecimento sobre Ele. Para ele, sem a encarnação de Cristo, não é possível ter a revelação divina. Erickson pontua:

Barth é bem cético quanto à visão de que os seres humanos são capazes de conhecer Deus sem a revelação em Cristo. Isso significa que eles poderiam conhecer a existência, o ser de Deus, sem conhecer algo sobre sua graça e misericórdia. Tal tese ofenderia a unidade de Deus [...] ⁸

As duas concepções apresentam falhas em suas definições, uma vez que o homem natural, permeado pelo pecado, é limitado em sua natureza para compreender plenamente a dimensão da revelação geral de Deus - ainda que esta esteja presente de maneira objetiva, evidente e válida no âmbito da natureza, história e humanidade. Devido a queda, a visão do homem ficou distorcida, impossibilitando-o de interpretar de maneira correta a revelação geral de Deus. A razão, como um fio condutor para essa interpretação, também é limitada e a teologia natural, embora consiga afirmar a existência de uma divindade, não tem base que comprove a existência de um Deus cristão. A ideia de que não existe revelação geral, e de que a revelação divina se dá exclusivamente em Cristo, acaba por retirar a autoridade divina da Bíblia, uma vez que esse livro deixaria de ser a Palavra de Deus para ser apenas um registro de relatos sobre o Logos, Jesus Cristo.

Embora Jesus Cristo seja a revelação suprema do plano salvífico de Deus, a Bíblia é o documento basilar para a revelação especial de Deus. É por intermédio dela que a mensagem salvadora, os desígnios e a História de Deus na humanidade é conhecida, fundamentada e transmitida. Através dos escritos dos profetas no Antigo Testamento, que o mistério de Deus foi anunciado, e posteriormente, cumprido: Deus

⁷ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 148.

⁸ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 151.

vindo em pessoa, na figura de Jesus Cristo, para a salvação da humanidade.

Depois da Queda, a revelação especial foi o meio pelo qual Deus revelou seus planos para homens, em momentos e lugares específicos, para que o seu relacionamento com a humanidade fosse restaurado. Erickson afirma que “observa-se que o objetivo da revelação especial era relacional.”⁹ Dessa forma, é correto afirmar que Deus escolheu se revelar de maneira direta, por meio de escritos, para que não somente alguns homens o conhecessem, mas toda a humanidade pudesse conhecer sua natureza e seu plano. A Bíblia é a autorrevelação de Deus, escrita, inspirada pelo Espírito Santo de Deus.

Sem ela, o conhecimento sobre Deus seria moldado subjetivamente pela razão humana, gerando concepções variadas e incongruentes. A Bíblia, embora escrita por mais de quarenta autores, em épocas distintas, contextos sociais e culturais diversos, apresenta uma mensagem coesa, unificada e coerente que ecoa até os dias atuais. É o testemunho de Deus sobre si mesmo, em linguagem humana.

2. A DOUTRINA DA INERRÂNCIA BÍBLICA

Para que o texto fique claro e didático é preciso inserir definições de termos para não confundir o leitor, pois quando se fala de inerrância não é incomum o leitor confundir com outros termos conhecidos, como infalibilidade e inspiração. A definição de inerrância defendida neste artigo é a mesma defendida na Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica:

A Escritura, sendo a palavra de Deus escrita, é isenta de erro em tudo o que afirma; e, portanto, deve ser crida, como instrução de Deus, em tudo o que ensina; obedecida, como mandamento de Deus, em tudo o que requer; e aceita, como garantia de Deus, em tudo o que promete.¹⁰

Em 1978, em Chicago, Hyatt Regency O'Hare produziu essa declaração juntamente com vários líderes cristãos evangélicos sobre a inerrância bíblica, assinada por Boice, Norman L. Geisler, John Gerstner, Carl F. H. Henry, Kenneth Kantzer, Harold Lindsell, John Warwick Montgomery, Roger Nicole, J.I. Packer, Robert Preus, Earl Radmacher, Francis Schaeffer, R.C. Sproul e John Wenham. Essa reunião foi

⁹ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 164.

¹⁰ **DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA**. Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025

denominada de Conselho Internacional de Inerrância Bíblica (ICBI- International Council on Biblical Inerrancy). O documento foi dividido em três partes: (1) Uma declaração sobre o documento; (2) Artigos de afirmações e negações sobre inerrância e, por fim, (3) Uma explanação. Conforme descrito na introdução do documento:

Deus, sendo Ele Próprio a Verdade e falando somente a verdade, inspirou as Sagradas Escrituras a fim de, desse modo, revelar-Se à humanidade perdida, através de Jesus Cristo, como Criador e Senhor, Redentor e Juiz. As Escrituras Sagradas são o testemunho de Deus sobre Si mesmo.¹¹

Infalibilidade é a doutrina que afirma que a Bíblia é confiável e não conduz seus leitores ao erro ou ao engano. Ou seja, a Bíblia é infalível, não possui falhas. O conceito de inspiração consiste na ideia de que tudo aquilo que foi registrado pelos escritores bíblicos foi soprado por Deus, pelo seu Espírito, aos escritores, utilizando linguagem humana. Durante o início da Igreja, pouco se falava a respeito deste conceito, visto que o mesmo precisou ser desenvolvido com a chegada do iluminismo. Entretanto, é perceptível como durante a história essa definição precisou ser formulada para então ser defendida.

Nota-se que de uma certa forma todos esses pontos estão interligados. Uma vez que a Bíblia em sua completude foi inspirada por Deus, com caráter inerrante, por conseguinte, conduz seus leitores à verdade, pois seu escritor, Deus a ninguém engana.

3. TESTEMUNHOS HISTÓRICOS DA INERRÂNCIA: AGOSTINHO, CALVINO E LUTERO

Antes que houvesse uma formulação sobre a doutrina da inerrância, observa-se que a crença de que a Bíblia não continha erros e era verdade de Deus já era presente na história da Igreja. A primeira afirmação que possuímos na História é do próprio Agostinho de Hipona (354-430) em sua carta:

Aprendi a devotar respeito e honra somente aos livros canônicos das Escrituras; creio com toda firmeza que apenas com relação a eles os autores estavam completamente isentos de erro. E se nesses textos me sinto perplexo por alguma coisa que me pareça contrária à verdade, não vacilo em pressupor

¹¹ **DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA.** Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025.

que ou o manuscrito apresenta problemas, ou o tradutor não captou o sentido do que foi dito, ou eu mesmo não consegui compreender.¹²

Após essa declaração e no decorrer do tempo, tivemos mais dois personagens importantes na história da Igreja que parecem entender a Bíblia de forma inerrante: João Calvino e Martinho Lutero. João Calvino afirma:

Podemos perceber quão necessária era essa prova escrita da doutrina celestial, que não deveria perecer pelo esquecimento, nem desaparecer por causa do erro e nem ser corrompida pela audácia dos homens. [...] Pois os erros nunca podem ser erradicados do coração humano até que o verdadeiro conhecimento de Deus seja estabelecido neles.¹³

Lutero, por sua vez, afirmava: “Quando, porém, o coração se apegar à Palavra de Deus, ele pode dizer sem vacilar: esta é a Palavra de Deus, que não pode mentir nem errar, disso estou certo.”¹⁴ É perceptível que as afirmações não deixam claro se Agostinho, Lutero e Calvino tinham em mente a mesma definição de inerrância que os inerrantistas posteriores tiveram, porém percebe-se que, para eles, a ideia de que as Escrituras não continham erros e era a Palavra de Deus está diretamente ligada à natureza divina.

4. FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS DA INERRÂNCIA

Havia no meio acadêmico, especialmente no século XIX, quando os textos sagrados passaram a ser questionados e negados por acadêmicos, que a pessoa que acreditasse na infalibilidade bíblica era denominada fundamentalista que, conseqüentemente, não estudava a Bíblia corretamente, pois, após anos de estudos e análises, encontraram centenas de “contradições” ou “erros”. E sim, a inerrância sofreu um ataque quando esses assuntos surgiram, apresentando dificuldades em interpretações de alguns textos narrativos e normativos. Todavia, este tópico tem como objetivo apresentar aquilo que a Bíblia fala a respeito dela mesma. Para isso, dois textos são usados para validar tal afirmação.

¹² AGOSTINHO, Carta 82.3.

¹³ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Livro 1, cap. 6, 3.

¹⁴ LUTERO, Martin. **Eighth Sunday after Trinity, third sermon**: Matt. 7.15-33, instruction concerning false prophets, 42, in: *Sermons of Martin Luther*, editado por John Nicholas Lenker, Grand Rapids: Baker, 1988, v. 4, p. 28.

O primeiro encontra-se em 2 Timóteo 3:16 “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”.¹⁵ É importante salientar que quando Paulo afirma que “Toda a Escritura é inspirada por Deus”, especificamente, às Escrituras que estavam disponíveis à época, ao que hoje conhecemos como Antigo Testamento, reconhecido pelos cristãos primitivos como autoridade divina. Segundo o estudioso D.A Carson:

O v. 16 apresenta uma forte declaração sobre a natureza da Escritura e sua utilidade. Mas o significado preciso foi muito disputado. Alguns questionaram se a palavra gr. Grafe necessariamente referem-se às Escrituras. Isso pode significar qualquer escrito. Mas a utilização do termo no NT indica que a escritura está bem estabelecida. No entanto, você está se referindo a toda a Escritura ou apenas uma parte? A utilização da palavra tudo é crucial. Se tudo aqui significa "tudo" seria entendido como diferentes partes das Escrituras. Mas os usos paralelos no NT sugerem que "tudo" é a tradução correta. Assim, Paulo está assumindo que toda a Escritura é inspirada por Deus.¹⁶

Ademais, o leitor pode olhar para o texto e entender que embora o apóstolo refere-se ao texto do Antigo testamento, isso não implica o Novo Testamento, visto que os próprios não tinham em mente que estavam redigindo um texto que seria colecionado posteriormente. Através dos estudos realizados por teólogos sistemáticos, chega-se à conclusão que os apóstolos conheciam os textos que rondavam as Igrejas na época e dialogavam com eles, tendo ciência de que eram leituras inspiradas. Em 2 Pedro 3:15-16 está escrito:

“E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles”.¹⁷

A palavra “demais” sugere que o apóstolo Pedro estava equiparando as cartas de Paulo às Escrituras hebraicas reconhecidas pelos judeus. Ou seja, a partir desta análise, é possível que os escritores do Novo Testamento reconheçam os próprios escritos como inspirados por Deus e, por isso, repletos de autoridade. Logo, uma vez que os apóstolos foram chamados por Jesus para fundar a sua igreja, os escritos dos mesmos se tornaram o alicerce, a base para a crença cristã a respeito de Jesus. Para que o ser humano creia

¹⁵ **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.

¹⁶ CARSON, D.A. **Comentário bíblico** Vida nova, 2009, p. 1591.

¹⁷ **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.

em algo a respeito de Jesus, é preciso se achegar aos escritos na Bíblia que relatam sobre sua história. Esses argumentos fazem sentido, se a autoridade e a inerrância dos escritos forem levados em conta.

5. CRÍTICAS CONTEMPORÂNEAS À INERRÂNCIA

Neste artigo, lidaremos com apenas duas críticas à inerrância, pois percebemos que na atualidade são críticas recorrentes e devido ao limite de linhas aqui, pretendemos lidar com essas duas de forma mais exaustiva: (1) A Bíblia possui erros científicos e (2) Objeção à inerrância.

Como já vimos até aqui, o tema inerrância das Escrituras se tornou discutível a partir da modernidade e com isso diversas críticas foram feitas ao texto bíblico com o intuito de considerá-lo um texto errante e infundamentável. O teólogo Karl Barth certa vez disse:

A Bíblia provou e provará ser um instrumento verdadeiro e adequado para apontar o homem a Deus, à sua obra e às suas palavras, a Deus, o único infalível. Sendo a Bíblia um instrumento e documento humano, limitado e condicionado pelas visões temporais da natureza, da história, das ideias e dos valores, ela, nessa medida, não é isenta de pecado, como o próprio Jesus Cristo, e, portanto, não é infalível, como Deus.¹⁸

Existem teólogos que não acreditam na Bíblia devido a “erros” científicos a respeito de informações históricas e improbabilidades, como no caso da famosa história de Josué, onde o autor afirma que o “sol parou”. Deve-se ter em mente, entretanto, duas coisas. Primeiro, a Bíblia nunca se propôs a ser um livro científico e exatamente histórico. O autor bíblico estava lidando com questões da época e não estava preocupado em contar todos os detalhes com o intuito de convencer as mentes modernas sobre sua veracidade. Certamente Moisés, que é visto tradicionalmente como o autor de Gênesis, não estava preocupado em explicar cientificamente todos os pormenores da criação. Claro, há teólogos que defendem a literalidade da criação de Gênesis, outros entendem como uma alegoria ou apenas como uma forma do autor narrar a criação de uma forma em que os leitores pudessem entender. Se Moisés tivesse narrado toda a história do big bang, falasse sobre partículas, micro e macroevolução, seus leitores não entenderiam nada. Não faria sentido para eles, muitas avaliações modernas da Escritura

¹⁸ MORRISON, S. D. **The Bible is not sinless**: Karl Barth – Barth in Conversation. Disponível em: <https://www.sdmorrison.org/the-bible-is-not-sinless-karl-barth-barth-in-conversation/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

são anacrônicas.

Ou seja, são aplicados conceitos com suas definições modernas ao texto bíblico cuja distância temporal é grande. Segundo, há possíveis soluções para os atritos entre textos bíblicos e fatos verídicos que são facilmente descartados pela modernidade quando utiliza sua regra para julgar o texto bíblico. Adauto Lourenço por um lado, acredita que cada relato do texto bíblico é altamente preciso e aconteceu exatamente como narrado. Ele afirma: “A história nela escrita é autêntica e verdadeira, não possuindo o menor traço de distorção. O que foi relatado na Bíblia é exatamente o que aconteceu.”¹⁹

É importante ressaltar que a posição acadêmica favorável não corresponde à visão de muitos famosos fundamentalistas. A maioria dos teólogos acredita que sim, tudo que está na Escritura é verdade, porém deve se levar em conta sempre o que o autor quis dizer em sua época, quais circunstâncias o mesmo estava submetido e qual era sua pretensão ao trazer certo dado ou afirmação.

É um erro de muitos fundamentalistas pegar um texto, como por exemplo Salmo 104.5, um texto poético, para basear o terraplanismo e fazer parecer que os autores bíblicos estavam preocupados em informar a forma geográfica da terra. É preciso entender o tema de cada livro/carta, gênero literário e a intenção de cada autor para assim se definir o que cada texto quer dizer. Paulo Won afirma: “A Bíblia é uma diversidade de escritos pertencentes aos mais variados gêneros literários que apresentam, tal qual um teatro, uma única e coerente história.”²⁰

6. A NATUREZA DE DEUS COMO FUNDAMENTO DA VERDADE E AUTORIDADE BÍBLICA

A Natureza divina é um dos fatores mais importantes estudados pela Teologia. Compreender seus atributos, caráter e sua revelação auxilia na defesa da autoridade da Bíblia como verdade de Deus. A visão que o ser humano possui de Deus e o valor que a Ele atribui, estão intrinsecamente ligados à importância que dão aos escritos sagrados. Como crer em um livro Divino se a visão do Divino é distorcida ou inexistente? Conforme afirma Geisler:

¹⁹ LOURENÇO, Adauto. **Gênesis 1 & 2: A Mão de Deus na Criação**. Editora Fiel, 2018. p. 8.

²⁰ WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à Bíblia. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 52.

Obviamente, acreditar que a Bíblia é a inerrante Palavra de Deus não é possível para quem nem mesmo acredita no Deus teísta da Bíblia. Da mesma forma, uma vez que a visão histórica sobre as Escrituras serem a inspirada Palavra de Deus é baseada em uma visão clássica de Deus, é compreensível porque teístas abertos, como Clark Pinnock (v.cap.4), que rejeitam a visão clássica de Deus negarão a visão de inerrância que acompanha essa visão teísta clássica.²¹

É a partir da doutrina de Deus que todos os demais assuntos da Teologia se sustentam. Concepções rasas de quem Deus é e como ele agiu e age na humanidade contribuem para uma descrença generalizada ou falácias acerca de Deus e de sua Escrituras. Todos possuem uma ideia formada de quem Deus é - até aqueles que não acreditam em sua existência. Erickson afirma que dois problemas são perceptíveis em relação à visão sobre Deus. A primeira é de um Deus carrasco, que a qualquer erro que o ser humano cometa ele tem uma punitiva severa para ofertar. A segunda é de um Deus tão gracioso e amoroso que não se opõe à alegria e prazer dos seres humanos.²²

Essas visões errôneas e exageradas não são vistas apenas no meio secular, mas dentro do contexto eclesial também. Todos possuem uma visão de Deus, mas é apenas a Bíblia que consegue centrar e equilibrar, de maneira correta, como Deus quis se revelar ao ser humano.

Para desacreditar a Bíblia como verdade de Deus é necessário, primeiramente, desacreditar em quem Deus é ou como ele atuou e atua na História. O teísmo clássico, conforme apresentado por Geisler²³, baseia-se em princípios em um Deus que está em todos os lugares (onipresente), imutável, onisciente, detentor de todo poder, eterno, infinito e moralmente perfeito. Crer que esse mesmo Deus é o autor da Bíblia é atribuir aos escritos um caráter de inerrância, pois um Deus que não possui erros não seria capaz de produzir escritos que os contivessem. Alegar que a Bíblia contém erros é afirmar que (1) Deus é capaz de errar, (2) Ela não é a palavra de Deus ou ambas afirmações.

Thomas Paine, um deísta²⁴ que surgiu no final do século XVIII, cria que havia um Deus e nada mais. Sua concepção divina tinha conceitos em comum com os teístas,

²¹ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras**: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p. 279.

²² ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 254.

²³ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras**: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p. 280.

²⁴ Deísmo é uma corrente filosófica e religiosa que crê na criação do universo por uma força sobrenatural, elevada, podendo ser Deus ou não, que permite o curso natural dos acontecimentos na criação, sem sua interferência direta.

mas a divergência era encontrada em relação à revelação divina. Para Paine, era incognoscível que Deus houvesse se revelado por linguagem humana, pois nenhuma palavra conseguiria ser um veículo das verdades divinas, conforme Geisler apresenta.²⁵ Para os deístas, a palavra revelada se encontra na criação, pois não está passível de alterações.

Todas essas implicações teológicas acerca da inerrância partem da compreensão que possuem sobre a Natureza de Deus. Crer em um Deus verdadeiro, único, imutável, bom e que com sua pessoalidade atribui à Bíblia (o escrito que revela de forma clara esses atributos e características) confiabilidade e autoridade.

Porém a autoridade Bíblica parte de uma esfera espiritual, chamada iluminação. Há quem acredite que a autoridade divina pode ser estendida e delegada a pessoas, como o Papa, ou a instituições, como a Igreja Católica. A partir dessas discussões, é importante introduzir a Bíblia como fonte autoritativa, normativa e histórica da vontade e dos feitos divinos. Por meio da Bíblia, compreende-se, em linguagem humana, aquilo que Deus quer para a humanidade. Embora a Igreja Católica defenda que ela detém a autoridade dada por Deus para ser a representante terrena de Deus, o que foi revelado, inspirado pelo Espírito e escrito, encontra-se registrado na Bíblia. Assim como um livro escrito possui a mesma autoridade verídica de uma palestra ou aula proferida por quem

o escreveu, da mesma maneira é a autoridade divina confiada à Bíblia. Contudo, há um fator externo importante que valida e ratifica a autoridade divina da Bíblia: o Espírito Santo. De acordo com a Declaração de Chicago sobre inerrância bíblica em seu Artigo VIII:

Afirmamos que a inspiração foi a obra em que Deus, por Seu Espírito, através de escritores humanos, nos deu Sua palavra. A origem das Escrituras é divina. O modo como se deu a inspiração permanece em grande parte um mistério para nós. Negamos que se possa reduzir a inspiração à capacidade intuitiva do homem, ou a qualquer tipo de níveis superiores de consciência.²⁶

Mesmo que sejam apresentados vários argumentos racionais sobre a autoridade divina, normativa e histórica da Bíblia, o homem caído ainda não consegue reconhecê-la sem a ação do Espírito Santo. Esse processo é chamado de iluminação. Erickson afirma:

²⁵ GEISLER, Norman L. **A inerrância das escrituras**: confirmando a exatidão das escrituras para uma nova geração. Guarulhos, SP: Editora Vida, 2022, p. 285.

²⁶ **DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA**. Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025.

“Há várias razões que tornam necessária a iluminação ou o testemunho do Espírito Santo para que os seres humanos entendam o sentido da Bíblia e tenham certeza de sua verdade.”²⁷

As razões para a ação do Espírito Santo estão na diferença ontológica e na natureza entre Deus e o homem, sendo Deus um ser infinito e transcendente, que não pode ser compreendido em sua plenitude pelo homem. Além disso, o pecado cauterizou a capacidade intelectual do homem. O último fator é que a Bíblia nos dá certeza sobre questões eternas, que o homem, apenas com sua razão, não poderia compreender e resolver sem a ação do Espírito. Sendo assim, ao iluminar o ser humano sobre as verdades divinas, o Espírito Santo o transforma.

No entanto, é preciso ter cuidado sobre a dualidade entre a leitura da Palavra e a iluminação pelo Espírito Santo. Há quem acredite que o ato de ler a Palavra, por si só, possui uma ação poderosa, normativa e sacramental, transformando a Bíblia em um amuleto e desconsiderando a ação do Espírito Santo. Contudo, o oposto também ocorre quando a experiência com o Espírito se torna o único canal de relacionamento e revelação de Deus, o que pode levar à criação de novas doutrinas sem base bíblica. As ações devem ocorrer de forma conjunta: leitura bíblica iluminada pelo Espírito Santo e experiências fundamentadas nas Escrituras. Conforme Erickson diz:

A palavra escrita, corretamente interpretada, é a base objetiva da autoridade. A dimensão subjetiva está na obra de convencimento e de iluminação do Espírito Santo. Essa dupla dimensão evita, por um lado, uma verdade estéril, fria e seca, e, por outro, um fervor impetuoso e imprudente. Juntos, os dois produzem a maturidade necessária na vida cristã — uma cabeça serena e um coração aquecido (não um coração frio e uma cabeça quente). Como disse um pastor, de forma simples e direta: “A Bíblia sem o Espírito, e você murcha; o Espírito sem a Bíblia, e você surta.. A Bíblia e o Espírito juntos, e você cresce”.²⁸

Diante da exposição acima, é perceptível que a compreensão da natureza de Deus é o fator essencial para afirmar a verdade e autoridade bíblica. A forma como Deus é compreendido pelo ser humano influencia diretamente a credibilidade que os escritos sagrados recebem como revelação divina. A autoridade bíblica é dada por Deus, não fundamentada em argumentos científicos, históricos, arqueológicos ou doutrinários, porém continua sendo testificada pelo Santo Espírito de Deus. Negar esse fundamento

²⁷ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 236-237

²⁸ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 241.

divino estremece toda a estrutura da fé cristã. O reconhecimento da Bíblia como palavra de Deus não é resultado de uma leitura intelectualizada, mas é fruto de uma ação sobrenatural, a iluminação do Espírito Santo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da história da igreja, a doutrina da inerrância bíblica foi compreendida à luz da natureza divina e de sua revelação especial, não partindo de uma análise isolada. Deus, sendo perfeito, verdadeiro e infalível, nos entregou uma Palavra que emana perfeição, verdade e infalibilidade, refletindo sua vontade e caráter.

A pós-modernidade e a relativização da verdade, acompanhadas pelo ceticismo, que bebe da fonte do liberalismo teológico do século XIX e XX, têm buscado, continuamente, enfraquecer a confiança nas Escrituras, o que tem afetado nossas Igrejas. Faz-se necessário um retorno urgente às Escrituras Sagradas, para que a chama do Espírito Santo não se extinga no meio eclesástico. A infalibilidade e autoridade bíblica não sustentam apenas argumentos racionais, mas validam a ação do Espírito Santo no entendimento humano para o discernimento das verdades espirituais. Uma Igreja que não tem como base a verdade bíblica está suscetível a ter uma compreensão de Deus rasa, que parta do senso comum, e com sua força enfraquecida contra possíveis ataques malignos.

Jesus, os apóstolos, Agostinho de Hipona, Calvino, Lutero, os fundamentalistas, teólogos reunidos em Chicago e outros se propuseram a contra-argumentar ataques nocivos à autoridade da Bíblia como palavra revelada de Deus, enfrentando duras críticas e lançando as bases para que, hoje, possamos responder aos conflitos e questionamentos da sociedade pós-moderna.

Desse modo, aprender sobre a doutrina da inerrância bíblica não é apenas uma manutenção da ortodoxia nos nossos tempos, mas é uma expressão de fé e coragem, que perpetuam os ensinamentos bíblicos que chegaram até nós. Negar a verdade bíblica é destruir com força e de maneira irreversível, em alguns casos, a fé cristã em muitas vidas. Por isso, os cristãos atuais devem buscar viver a palavra da verdade, com temor, lutando contra o relativismo moral e ideologias humanas que se opõem ao caráter de Deus expresso no texto sagrado.

Conclui-se, que a perfeição divina resplandece nas escrituras, fazendo com que a Igreja de Cristo Jesus permaneça saudável, atuante, irrepreensível, comunicando da natureza divina por intermédio do seu atributo, sua vontade e caráter para o mundo perdido no pecado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Carta 82.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã.** ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Livro 1, cap. 6, 3.

CARSON, D.A. **Comentário bíblico.** São Paulo : Vida nova, 2009.

DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA.

Monergismo. Disponível em:

https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm. Acesso em: 17 jun. 2025

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

EVARISTO, Cleub. **O Espírito Santo e a suficiência.** *Vox Faifae*, v. 11, n. 1. Disponível em:

<http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/158/170>. Acesso em: 22 abr. 2025.

GEISLER, Norman; ROACH, William C. **A inerrância das Escrituras:** confirmando a exatidão das Escrituras para uma nova geração. São Paulo: Editora Vida, 2024.

LOURENÇO, Adauto. **Gênesis 1 & 2:** A Mão de Deus na Criação. Editora Fiel, 2018.

LUTERO, Martin. **Eighth Sunday after Trinity, third sermon:** Matt. 7.15-33, instruction concerning false prophets, 42, in: Sermons of Martin Luther, editado por John Nicholas Lenker, Grand Rapids: Baker, 1988, v. 4, p. 28

MORRISON, S. D. **The Bible is not sinless:** Karl Barth – Barth in Conversation.

Disponível em: <https://www.sdmorrison.org/the-bible-is-not-sinless-karl-barth-barth-in-conversation/>. Acesso em: 17 jun. 2025

NEWMAN, John Henry. **Sayings of John Henry Newman.** London: Burnas and Oates, [s.d].

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à Bíblia. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

O conhecimento e a prática da palavra de Deus: A importância de consolidar a fé do pré-adolescente cristão

The Knowledge and Practice of the Word of God: The Importance of Consolidating the Faith of the Christian Pre-Adolescent

Gislene Bertacchini Amancio¹
Anderson Silva de Araujo²

RESUMO

A pré-adolescência, também chamada de fase de transição entre infância e adolescência, é uma das fases do desenvolvimento humano. Esta, quando bem compreendida e estimulada, pode ser uma boa formadora de memórias para a vida de um indivíduo. Este artigo pretende trazer informações de como o conhecer e o praticar a Palavra de Deus, podem gerar memórias significativas para o desenvolvimento e a consolidação da fé do pré-adolescente cristão. Autores como Fowler³, Cosenza et al⁴ e Shedd⁵ foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. Através da análise das informações, busca-se incentivar pais, responsáveis e instituições religiosas, a desenvolverem práticas que proporcionem memórias que ajudem na consolidação da fé do pré-adolescente cristão.

Palavras-chaves: Pré-adolescente cristão, Fé, Consolidação, Memória, Palavra de Deus.

ABSTRACT

Pre-adolescence, also known as the transitional phase between childhood and adolescence, is one of the phases of human development. When properly understood and stimulated, pre-adolescence can be a good way to create memories for an individual's life. This article aims to provide information on how knowing and practicing the Word of God can generate significant memories for the development and consolidation of the faith of Christian pre-adolescents. Authors such as Fowler, Cosenza et al and Shedd were essential for the development of the research. Through the analysis of the information, we seek to encourage parents, guardians and religious institutions to develop practices that provide memories that help to consolidate the faith of Christian pre-adolescents.

¹ Graduanda em Teologia (FABAT), graduada em Pedagogia (Estácio) e pós-graduada em Neurociências e Psicologia Aplicada (Mackenzie).

² Doutorando em Informação e Comunicação FIOCRUZ; Mestre em Informação e Comunicação FIOCRUZ; Especialização em Informação e Comunicação FIOCRUZ; Bacharel em Biblioteconomia UNIRIO; Bacharel em Letras (Português/Grego) UERJ e Bacharel em Teologia pelo STBSB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5905-8213>.

³ FOWLER, James W. **Estágios da Fé: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

⁴ COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e Educação: Como o Cérebro Aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

⁵ SHEDD, Russell. **O líder que Deus usa: Resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio**. São Paulo: Vida Nova. 2015.

Keywords: Christian pre-teen, Faith, Consolidation, Memory, God's Word.

INTRODUÇÃO

A vida com Deus é um processo de aprendizagem e o conhecimento da palavra de Deus é essencial para a vida do cristão. Conhecer quem Deus é, seus atributos, os exemplos deixados em sua Palavra, através da pessoa de Cristo, todo contexto histórico, tudo é um ensino a ser aplicada na vida de quem deseja obedecer ao Senhor. Spurgeon⁶ diz que “tudo ficará bem se imitarmos os modos e métodos de nosso Mestre glorificado, e aprendermos aos seus pés a arte de ganhar almas”. Conhecer a Palavra e aplicar, como o Senhor ensina, ajudará o cristão a viver o propósito para qual foi chamado.

Quando buscamos o conhecimento da Palavra de Deus, estamos aprendendo e descobrindo novas coisas sobre Ele. Quando aplicamos esse conhecimento, estamos reforçando esse aprendizado. Cyrulnik⁷ associa que o processo de desenvolvimento espiritual ocorre da mesma maneira que o de aprendizado de outro idioma pois é necessária uma transmissão intensa e afetiva para que haja aprendizado. Aprender e praticar vai desenvolver habilidades, proporcionar novas experiências e consequentemente novas memórias. Associar novas informações a informações já conhecidas é fundamental para a consolidação da memória⁸, portanto desenvolver memórias significadas com Deus, constantemente, é essencial para a vida do cristão.

A pré-adolescência, classificada como fase de transição, é tão merecedora de atenção como as demais fases. Fowler traz uma observação, sobre a transição entre infância e adolescência, que leva a reflexão de como deveria ser a perspectiva sobre essa fase.

É importante reconhecer que, embora a transição dos padrões de pensamento que amadurecem no final da infância para os da adolescência produza efetivamente desequilíbrio e ruptura, as novas estruturas cognitivas em surgimento oferecem capacidade, flexibilidade e estabilidade marcadamente maiores.⁹

Portanto, se olharmos para o pré-adolescente como um indivíduo com capacidade

⁶ SPURGEON, Charles H. **Pescadores de Crianças: Orientação Prática para Falar de Jesus às Crianças**. Shedd Publicações, 2016, p.144.

⁷ CYRULNIK, Boris. **Psicoterapia de Deus**. Editora Vozes, 2019, p. 27 (Kindle Edition).

⁸ STERNBERG, Karin; STERNBERG, Robert. **Psicologia Cognitiva**. Cengage, 2017, p.197.

⁹ FOWLER, James W. **Estágios da Fé: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido**. Sinodal, 1992, p.67.

cognitiva e disposto a experienciar novas coisas, será muito mais útil do que apenas rotulá-lo como um “mal-humorado”.

No caso do pré-adolescente cristão, percebe-se que poucos são os projetos desenvolvidos para a faixa etária destes meninos e meninas que, “não se encaixam”, entre as crianças e os adolescentes. Não é raro perceber o desânimo nas práticas de fé e em ir à igreja, entre os 10 e 14 anos, no entanto, como ainda dependem de seus pais, estão na igreja ou até participam de atividades. A problemática desse desânimo pode vir na fase posterior, a adolescência, por esse motivo faz-se necessário a percepção de que uma fase se interliga a outra e todas devem ser bem desenvolvidas no indivíduo.

É útil observar um fenômeno que ocorre, de alguma forma, em cada uma das transições principais. As operações constitutivas do estágio anterior, tornam-se, até certo ponto, os objetos de reflexão para o próximo estágio. Em outras palavras: as operações do estágio anterior se tornam parte da “teoria” do estágio seguinte.¹⁰

Pensando nisso, este artigo tem como objetivo apresentar informações bibliográficas sobre o processo de transição do pré-adolescente, a influência que família e Igreja exercem sobre a sua vida, além da apresentação de dados obtidos através de um questionário respondido, voluntariamente, por pais de pré-adolescentes cristãos (ver Apêndice A) e informações coletadas através de observação em campo.

Desta maneira, entende-se que, seja dentro da igreja, no contexto familiar ou na sociedade, é importante gerar o sentimento de pertencimento ao corpo de Cristo, desenvolvendo e consolidando, assim, a fé do pré-adolescente cristão.

1. O CRISTÃO E A PALAVRA DE DEUS

Para compreender a necessidade do cristão em conhecer a Palavra de Deus, primeiramente, tem-se que entender quem é o cristão e sua relação com as Escrituras.

Seria mais simples definir o cristão apenas como uma pessoa que segue a Cristo, mas ser cristão é muito mais do que isso. A vida do cristão começa pela fé em Cristo Jesus, no reconhecimento da graça imerecida e na consciência do pecado. Jesus é muito mais do que uma religião, ele é o Filho de Deus e decidir segui-lo, ser seu discípulo, é renunciar a si mesmo

¹⁰ FOWLER, James W. Estágios da Fé: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido. Sinodal, 1992, p.67

e viver uma vida de dedicação para expansão do Reino de Deus.

Por pura graça generosa, ele decidiu acertar nossa situação com ele. Um presente do céu! Ele nos retirou da confusão em que estávamos e nos restaurou, para fazer de nós o que ele sempre quis que fôssemos. E ele o fez por meio de Jesus Cristo. Deus sacrificou Jesus no altar do mundo para purificar o mundo do pecado. A fé nele nos deixa limpos. Deus decidiu, sob o olhar de todos, deixar o mundo numa situação aceitável diante dele por meio do sacrifício de Jesus, finalmente cuidando dos pecados que ele havia suportado com tanta paciência. Isso não só está claro, mas acontece agora — é história atual! Deus consertou a situação e também agora permite que vivamos em sua justiça.¹¹

A Bíblia ensina que não há justificação pela lei e sim pela fé em Cristo Jesus, no entanto, a lei nos leva a consciência do pecado¹², isso porque, através do conhecimento da Palavra de Deus a “mente aprende sobre o pecado e vê os males que ele produz” e essa consciência leva o cristão verdadeiro ao arrependimento, buscando transformação de vida já que este entende que o “evangelho é a sua única solução.”¹³

Deus se comunica de maneira clara, através da sua Palavra, e o cristão deseja agradar a Deus obedecendo-a. Um momento muito didático entre o Senhor e Josué é relatado na Bíblia, quando o Senhor fala “- Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito...”, ele estava dando uma instrução de vida. Falar, meditar e cumprir (praticar) para que “seus caminhos prosperem e você seja bem-sucedido”¹⁴, esta é uma orientação clara e direta do que fazer para que se tenha uma vida bem-sucedida e, obedecer a essa orientação é, até hoje, essencial para aqueles que reconhecem que Deus é a autoridade sobre suas vidas.

A autoridade das Escrituras significa que todas as palavras nas escrituras são palavras de Deus, de modo que não crer em alguma palavra da Bíblia ou desobedecer a ela é não crer em Deus ou desobedecer a ele.¹⁵

Essa autoridade também está ligada ao entendimento de que Deus decidiu se revelar, através da Palavra, e Ele inspirou homens a escreverem suas palavras para que isso aconteça.

¹¹ BÍBLIA. A Mensagem. Rm 3:24-26. <https://biblia-a-mensagem.com/romanos/3>.

¹² BÍBLIA NVI. **Bíblia de Estudo para Pequenos Grupos**. Brasília: Palavra. 2011. Rm 3:20.

¹³ MACARTHUR, John. **Evangelismo**: Como compartilhar o evangelho de modo eficaz e fiel. Thomas Nelson, 2017, p. 28 e 206.

¹⁴ BÍBLIA NVI, op. cit., Js 1:8.

¹⁵ GRUDEN, Wayne. **Teologia Sistemática**: atual e exhaustiva, Vida Nova, 2015, p.44.

O objetivo das Escrituras está em apontar para Jesus, para que pela fé, cristãos, depositem a confiança plena nele, conhecendo e aprendendo através dos seus testemunhos. A Palavra de Deus ensina, adverte e instrui para tornar “apto e plenamente preparado para boa obra”¹⁶ aqueles que amam a Deus

A fé em Cristo produz no cristão o desejo que outras pessoas sejam alcançadas e vivam plenamente uma vida com Deus, nesse sentido, tentam compartilhar aquilo que se tornou mais significativo para suas vidas, não por imposição, mas por amor. Lidório traz uma reflexão sobre o desejo do cristão após uma convicção de fé:

Todo cristão sincero e convicto de sua fé tem ou deveria ter o desejo de compartilhar aquilo que tem de mais precioso em seu ser e sua cultura, qual seja, sua fé e as verdades do Evangelho, uma baseada na outra e uma construtora da outra.¹⁷

Não se trata apenas de conhecer a Palavra, mas meditar, absorver, viver e compartilhar, para que cada cristão viva o propósito que Deus tem para sua vida. Meditar nas Escrituras torna o cristão sábio¹⁸ e estudá-las, de acordo com Gorman¹⁹, traz transformação que vem a partir da incorporação e aplicação do texto.

Existe então uma relação de fé, convicção, gratidão, respeito, autoridade, dedicação, propósito, ensino e transformação entre o cristão e a Palavra de Deus. Entender essa relação nos leva a perceber que isso independe da faixa etária, pois Deus quer se relacionar com todos que o buscam e isso é também para o pré-adolescente cristão.

2. UM INDIVÍDUO EM TRANSFORMAÇÃO

A pré-adolescência é uma fase que transiciona entre a infância e a adolescência. De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde) a pré- adolescência está entre os 10 e 14 anos²⁰, portanto não é possível falar de pré- adolescência sem falar da infância e da adolescência, afinal uma fase está interligada a outra.

Um dos caminhos para entender o pré-adolescente cristão é saber que ele está vivendo um momento de mudanças em seu corpo, seu cérebro e suas emoções, logo, sua fé também

¹⁶ BÍBLIA NVI. op. cit., 2 Tm 3:16-17.

¹⁷ LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.145.

¹⁸ BÍBLIA NVI. op. cit., Sl 119:97-98.

¹⁹ GORMAN, Michael J. **Introdução à Exegese Bíblica**. Thomas Nelson Brasil, 2017, p.40

²⁰ **World Health Organization Adolescent Health: Overview**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1

está passando por um processo. Ter a empatia, a compreensão e dar o devido valor a esse momento é relevante para o processo de desenvolvimento da fé desse pré-adolescente.

Imagine que, entre os 11 e 12 anos, muitas conexões neurais estão atingindo seu pico, fazendo com que o cérebro desse pré-adolescente trabalhe muito²¹ e então, quando chegar na adolescência, começará uma “poda seletiva”²² de neurônios e suas conexões não utilizados, exatamente isso, o que não foi utilizado será podado e perdido! Siegel²³ complementa dizendo que o que estava sendo usado permanecerá, mas o que o cérebro entender que não precisa, eliminará.

Dentro desta transição entre infância e adolescência, Siegel²⁴ observa que devido as mudanças cerebrais nos primeiros anos da adolescência, a mente, apresenta quatro qualidades, sendo elas a busca por novidade, o engajamento social, o aumento da intensidade emocional e a exploração criativa. Portanto, se essas qualidades, forem bem desenvolvidas e direcionadas para uma vida com propósito diante de Deus, poderá ajudar o pré-adolescente em sua caminhada de fé. Afinal, é possível viver uma vida plena e cheia de novidade com o Criador, gerar laços de amizade e engajamento social dentro do ambiente religioso e familiar, ter uma identidade bem definida que ajuda na percepção de suas emoções e reconhecimento de quem é diante de Deus e por fim encontrar propósito e ter sua criatividade desenvolvida no Reino de Deus fortalecendo seu senso de pertencimento.

Pensando nessa fase tão especial, que é a pré-adolescência, um questionário foi formulado com 10 perguntas (ver Apêndice A). Houve a participação de 44 pais de pré-adolescentes cristãos que, voluntariamente, responderam às perguntas. Esse questionário demonstrou que 90,9% dos filhos pré-adolescentes nasceram em um lar cristão. Baseando-se nesse dado, conclui-se que, de alguma maneira, esses pré-adolescentes já ouviram a Palavra de Deus, durante a sua infância, e já estão em um processo de desenvolvimento da fé.

O autor Fowler²⁵, descreve os estágios de desenvolvimento da fé e faz uma correlação com os estágios psicossociais sugeridos por Levinson e Erikson, como é possível ver na tabela

²¹ TÓFOLI, Daniela. **Pré-Adolescente**: Um guia para entender o seu filho. 1ªed. São Paulo: Principium, 2018, p. 13.

²² MYERS, David; DEWALL, C. Nathan. **Psicologia**. 11ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020, p.168.

²³ SIEGEL, Daniel J. **Cérebro Adolescente**: O grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. 1ªed. 10ª reimpressão. São Paulo: nVersos, 2024, p. 82.

²⁴ *Ibid.*, p. 12-14.

²⁵ FOWLER, James W. **Estágios da fé**: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p.100, 129, 130 e 142.

abaixo. Em sua abordagem o pré-adolescente está transitando entre as fases chamadas “fé mítico-literal”, cujo indivíduo começa a “assumir para si as histórias, crenças e observâncias” se colocando “dentro do fluxo da experiência”, e a “fé sintético-convencional” que apresenta um indivíduo capaz de observar e examinar como um todo, além de procurar estabelecer o senso de comunidade. É nessa fase que Fowler acredita que o indivíduo amplia sua rede de relacionamento, saindo para além do ambiente familiar, portanto os amigos também se tornarão importantes.

1. Tabela: Paralelos Ideais

Tabela 3.3 — Paralelos Ideais entre os Estágios Psicossociais e os da Fé	
<i>Eras de Levinson e Estágios Psicossociais de Erikson</i>	<i>Estágios de Fé de Fowler</i>
<i>Era da Lactância, Infância e Adolescência</i>	
Confiança versus Desconfiança	Fé Indiferenciada (Lactância)
Autonomia versus Vergonha e Dúvida	1. Fé Intuitivo-Projetiva (Primeira Infância)
Iniciativa versus Culpa	2. Fé Mítico-Literal (Anos Escolares)
Indústria versus Inferioridade	3. Fé Sintético-Convencional (Adolescência)
Identidade versus Confusão de Papéis	
<i>Primeira Era Adulta</i>	
Intimidade versus Isolamento	4. Fé Individuativo-Reflexiva (Início da Fase Adulta)
<i>Era Adulta Média</i>	
Geratividade versus Estagnação	5. Fé Conjuntiva (Meia-Idade e depois)
<i>Era Adulta Tardia</i>	
Integridade versus Desespero	6. Fé Universalizante

Extraído de FOWLER, James W.

Percebe-se, a partir dessas informações, que a fé passa por um processo e a cada estágio, ela precisa ser bem desenvolvida na vida de um indivíduo. Fazendo uma relação com a Palavra de Deus, pode-se entender que, quando uma criança aprende uma história Bíblica, ela imagina de forma literal aquela situação e se coloca nela, porém quando estiver na fase de transição passará a refletir sobre a história Bíblica como um todo, questionando para entender e formar opinião. Tem muita coisa em transformação e é preciso ter a sensibilidade para essas mudanças que estão acontecendo, inclusive no cérebro.

2.1 O cérebro do pré-adolescente

O cérebro faz parte do nosso sistema nervoso e é capaz de fazer diversas conexões, é

responsável por nossas funções vitais, memória, atenção e raciocínio. Tudo acontece a partir das informações que são passadas de um neurônio para o outro. Já foi dito que no cérebro do pré-adolescente muitas conexões neurais estão acontecendo com intensidade, ou

seja, muita informação está sendo recebida e se preparando para a próxima etapa, a poda neural, e se o cérebro entender que algo não tem tanta importância, ele eliminará. Outra coisa que começa acontecer no cérebro é a produção de mielina e esse revestimento ajudará na rapidez e sincronização das informações. Essas duas alterações básicas no cérebro “contribuem para a melhora da capacidade de julgar e discernir, com base no contexto maior e não apenas nos detalhes.”²⁶ É no cérebro que acontece a aquisição de novos comportamentos,

através de um processo de ensino-aprendizagem. Quando isso acontece, “aliado as experiências de vida às quais o indivíduo é exposto”²⁷, será capaz de modificar a estrutura cerebral de quem está aprendendo, aparecendo assim, um novo comportamento.

Clear²⁸ diz que hábitos são comportamentos que fazemos repetidas vezes tornando-os automáticos, fazendo com que ações úteis sejam reforçadas e as inúteis descartadas. Os hábitos são aprendidos através das experiências e podem ser capazes de moldar nossa identidade. Clear sugere que os hábitos passam por 4 estágios, sendo eles, o estímulo, desejo, resposta e recompensa. É importante lembrar que tudo está acontecendo durante o processo de desenvolvimento do indivíduo, quanto mais tarde esses processos de aprendizagem forem estimulados mais difíceis será, pois dependerá de mais esforço.

Mesmo que o pré-adolescente cristão já possua alguns hábitos de leitura da Bíblia e oração, que vieram de sua infância, ele poderá desenvolver novos hábitos, aperfeiçoar os antigos ou mudar outros que não queira mais, pois o seu cérebro está trabalhando muito e pronto para aprender novas informações e habilidades, desde que seja estimulado.

Spurgeon²⁹, em seu tempo, já tinha o entendimento sobre a importância de fortalecer a fé durante a infância pois, para ele, quando a fé em Jesus é bem desenvolvida nessa fase, quando o indivíduo for jovem ele terá aprendido, com a ajuda de Cristo, “hábitos santos” que

²⁶ SIEGEL, Daniel J. **Cérebro Adolescente**: O grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. 1ª ed. 10ª reimpressão. São Paulo: nVersos, 2024, p. 83.

²⁷ COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**: Como o Cérebro Aprende. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 141.

²⁸ CLEAR, James. **Hábitos Atômicos**: Um método Fácil e Comprovado de Criar Bons Hábitos e Se Livrar dos Maus. Alta Life, 1ª ed. Rio de Janeiro: Alta Life, 2019, p. 44-47.

²⁹ SPURGEON, C.H. **Pescadores de Crianças**: orientação prática para falar de Jesus às crianças. São Paulo: Shedd, 2016, p. 117.

o ajudarão a se proteger de “hábitos contrários”, pois quando hábitos são bem fortalecidos se tornam parte de sua natureza (identidade). O autor já percebia que formar hábitos na infância era importante, já que na fase adulta seria mais difícil.

Os dados da pesquisa apresentaram que, 60,5% dos pais têm o hábito de ler a Bíblia todos os dias, 50% têm o hábito de ler a Bíblia com o pré-adolescente e a família e 70,5% têm o hábito de discutir temas Bíblicos em casa. Esses hábitos, para o cristão, são reforços para a produção de memória e, para o pré-adolescente, será enriquecedor, tanto no sentido de aprendizado da palavra quanto na formação de memória com a família.

Memória é a “retenção de uma informação aprendida”, consolidação da memória é “o processo pelo qual algumas experiências...são armazenadas permanentemente na memória de longa duração.”³⁰

Uma informação relevante deve passar pelo filtro da atenção e em seguida por um processo de codificação quando a experiência vivenciada ou a informação recebida provoca a ativação de neurônios, caracterizando a memória operacional... Dependendo da relevância da experiência ou da informação, poderão ocorrer alterações estruturais em circuitos nervosos específicos cujas sinapses se tornarão mais eficientes, permitindo o aparecimento de um registro... Para uma informação se formar definitiva no cérebro passa pelos processos de repetição, elaboração e consolidação.³¹

Esse processo de repetição, elaboração e consolidação é abordado de uma maneira lúdica, no filme *Divertidamente*³², quando Riley vive as experiências e as bolinhas coloridas e brilhantes são formadas. Algumas são armazenadas e continuam brilhando conforme ela acessa, algumas são tão fortes que se tornam memórias base, que fazem parte de sua identidade e tem aquelas memórias não acessadas que ficam cinzas e são retiradas.

O cérebro aprende pela observação, por estímulo e por experiências, desta maneira entende-se que o pré-adolescente cristão precisa viver intensamente uma vida com Deus. A Bíblia diz “como pode o jovem manter pura a sua conduta? Vivendo de acordo com a tua

³⁰ BEAR, Mark F; CONNORS, Barry; PARADISO, Michael. **Neurociências**: Desvendando o Sistema Nervoso. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. p. 824 e 867.

³¹ COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**: Como o Cérebro Aprende. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 62.

³² *Divertidamente* é um filme de animação lançado em 2015 por Walt Disney Pictures.

palavra.”³³ Aprender e viver a palavra de Deus, desde a infância, ajudará o futuro adulto a ter valores fortes.

As modificações que ocorrem na adolescência preparam o indivíduo para a vida adulta. O aumento da conectividade entre as células corticais é progressivo durante a infância, declina na adolescência até atingir o padrão adulto, o que reflete, provavelmente, uma otimização do potencial de aprendizagem. Nessa fase da vida diminui a taxa de aprendizagem de novas informações, mas aumenta a capacidade de usar e elaborar o que já foi aprendido.³⁴

Ensinar hábitos desde a infância, reforçar e ajustar comportamento significativos durante a pré-adolescência será fundamental, para a elaboração das informações nas fases de vida seguintes.

2.1.1 Um pré-adolescente chamado Jesus

No capítulo 2 de Lucas³⁵, entre os versos 42 e 52, um momento da vida de Jesus é descrito. Na época, um jovem que acabara de completar 12 anos, some da vista de seus pais sem que eles percebam. Não se sabe exatamente como esse distanciamento aconteceu, mas sabemos que, depois de 3 dias os pais encontraram Jesus, no templo, sentando ouvindo e fazendo perguntas aos mestres. Sabemos que “Jesus foi plenamente Deus e plenamente homem em uma só pessoa e assim será para sempre.”³⁶ Em sua humanidade, Jesus seguia os princípios e valores judaicos, teve sua educação baseado na lei e cresceu aprendendo sobre o assunto. Agora, aos 12 anos, tornava-se “diretamente responsável pela obediência à lei”.³⁷ É claro que nenhum pré-adolescente se compara a Jesus, mas como já foi dito, os testemunhos de Jesus ensinam a todo tempo. Jesus demonstra que suas bases são firmes e consolidadas, ele tem conhecimento da lei, tem uma identidade bem definida, sabia a sua missão e tinha a convicção que era o filho do próprio Deus. Seu diálogo com os mestres não foi raso, mas causou admiração entre todos. Jesus nos ensina que um pré-adolescente pode ser instrumento nas mãos de Deus, praticar a Palavra, dar bom testemunho e desenvolver suas habilidades entre os adultos. Percebemos também que um adolescente pode ter uma base familiar que o

³³ BÍBLIA NVI. *op. cit.*, Sl 119:9.

³⁴ COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**: Como o Cérebro Aprende. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 36.

³⁵ BÍBLIA NVI. *op. cit.*, Lc 2:42-52.

³⁶ GRUDEN, Wayne. **Teologia Sistemática**: atual e exaustiva, São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 435.

³⁷ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo a versículo. Vol. 2: Lucas, João. São Paulo: Hagnos, 2014, p.48.

prepara para viver tudo isso e fortalecer sua fé. Jesus teve seus pais, José e Maria, direcionando-o para cumprir seu propósito, percebemos isso quando as escrituras relatam que eles o levaram até Jerusalém para a festa da Páscoa, como faziam todos os anos, demonstrando que eles tinham hábitos e valores fortalecidos.

Investir no desenvolvimento da fé desses meninos e meninas, que sim, estão vivendo uma transformação que vai além do que os olhos conseguem ver, é essencial e, viver esse processo de maneira saudável, dentro do ambiente familiar é ainda melhor.

2.2 A cultura familiar na vida do pré-adolescente cristão

Os dados da pesquisa apresentaram que 50% dos pais fazem a leitura com o pré-adolescente e em família, 25% disseram que não costumam ler com o pré-adolescente, mas estimulam a leitura, 18,2% disseram que esporadicamente leem com o pré-adolescente e 6,8% responderam que não leem junto com pré-adolescente e nem cobra a leitura. Pode-se perceber que o hábito da leitura em famílias cristãs, apesar de ser feito por metade dos participantes, ainda não é uma constância com os filhos, como a Bíblia ensina.

O papel dos pais cristãos é amar a Deus acima de tudo, vivendo de acordo com a Palavra de Deus e transmitir aos filhos para que eles vivam da mesma maneira.

Amem o Eterno, o seu Deus, de todo o coração. Amem o Eterno com tudo que há em vocês e com tudo que vocês são! Escrevam no coração os mandamentos que estou transmitindo a vocês. Apropriem-se deles e levem seus filhos a se apropriar deles. Que eles sejam o assunto de sua conversa, onde quer que vocês estiverem — sentados em casa ou andando pela rua. Que eles sejam repetidos desde a hora em que vocês se levantam, de manhã, até a hora de cair na cama, à noite. Que eles estejam amarrados na mão e na testa de vocês, como lembretes, e até escritos no batente da porta das casas e nas portas das suas cidades.³⁸

Como pais cristãos, ter o conhecimento da Palavra de Deus, uma vida de oração e intimidade com Ele é essencial para ensinar e instruir os filhos. É muito difícil falar sobre algo que desconhece e não vive. Russel Shedd disse:

Um seguidor de Cristo não deve tentar dirigir as vidas dos outros sem primeiro ser

³⁸ BÍBLIA. A mensagem. Dt. 6:5-9. <https://biblia-a-mensagem.com/deuteronomio/6>.

treinado... o treinamento inclui a instrução verbal e a prática em ações.³⁹

Pais precisam viver uma vida com Cristo para poder falar sobre ela, eles são a maior influência para seus filhos, que aprendem por observação, “sem a experiência direta, mas observando e imitando os demais”.⁴⁰

Os filhos foram entregues a cada um de seus pais e “o gesto mais amoroso que os pais podem ter para com seus filhos é ensinar o evangelho da Bíblia em casa”.⁴¹ Ensinar é um ato de amor, não é simplesmente passar uma informação, mas é orientar, instruir, capacitar, trocar, compartilhar e caminhar lado a lado. Macedo⁴² afirma que uma comunicação familiar saudável, durante a transição para a adolescência, é o caminho para uma boa qualidade do relacionamento. Quando há comunicação, entre pais e filhos, com empatia, alegria, compreensão, amor e acima de tudo com a presença de Deus, o processo de ensino-aprendizagem se torna leve.

Um aprendizado acontece quando adquirimos novas habilidade e novos conhecimentos⁴³, pais tem a responsabilidade de mediar essas novas habilidade e esses novos conhecimentos na vida de seus filhos, e isso inclui a Palavra de Deus. Esse processo não acontece do dia para noite, é uma construção.

Aprendizagem é fenômeno do dia a dia que ocorre desde o início da vida. A aprendizagem é um processo fundamental, pois todo indivíduo aprende e, por meio deste aprendizado, desenvolve comportamentos que possibilitam viver.⁴⁴

Voltando ao exemplo de Jesus, percebe-se que ele foi preparado para estar entre os mestres, ele teve base, Ele era Deus, mas também era um menino que “crescia em graça, estatura e sabedoria, diante dos homens”⁴⁵, que estava tendo a oportunidade de colocar em prática o que aprendia dentro de sua casa.

³⁹ SHEDD, Russell. **O líder que Deus usa**: Resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio. Vida Nova. 2015, p. 57.

⁴⁰ MYERS, David; DEWALL, C. Nathan. **Psicologia**. 11ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020, p. 255.

⁴¹ THOMPSON, Tad. **Pais Discipuladores**: Um guia para o discipulado em família. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 33

⁴² MACEDO, Lidia Suzana R. **Conversações sobre experiências envolvendo emoções no contexto familiar e o desenvolvimento de pré-adolescentes**. Lume. 2011, p.33. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/60713> . Acesso: 29/05/2025.

⁴³ BEAR, Mark F; CONNORS, Barry; PARADISO, Michael. **Neurociências**: Desvendando o Sistema Nervoso. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2017, p. 824.

⁴⁴ PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2006, p 42.

⁴⁵ BÍBLIA NVI. op. cit., Lc 2: 52.

O reconhecimento da responsabilidade de transmitir os valores de Cristo é o passo inicial, dos pais cristãos, para o desenvolvimento da fé do pré-adolescente e Erikson apud Myers⁴⁶, notou isso ao dizer que “adolescente forjam suas identidades mais cedo, simplesmente assumindo os valores e as expectativas dos pais”, isso porque filhos admiram e se espelham em seus pais. O livro de Mateus nos mostra as palavras de Jesus deixando claro que, quando o cristão entende a sua necessidade de não apenas ser um ouvinte, mas viver em Cristo e por Cristo, tendo a Palavra enraizada de tal maneira que suas ações reflitam a Ele, será mais forte.

As palavras que digo não são meros adendos ao seu estilo de vida, como a reforma de uma casa, que resulta em melhora de padrão. Elas são o próprio alicerce, a base de sua vida. Se vocês puserem essas palavras em prática, serão como pedreiros competentes, que constroem sua casa sobre a solidez da rocha. A chuva cai, o rio avança e o vento sopra forte, mas nada derruba aquela construção. Ela está fundamentada na rocha.⁴⁷

O livro de Tiago também compartilha a importância de praticar a palavra para não esquecer.

Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência.⁴⁸

Essa prática da palavra são as experiências e os comportamentos que já foram citados, anteriormente. À medida que eles são reforçados, se tornam mais fortes e consolidados. Imagine uma oração feita em família, o pai compartilha sua dor e recebe a oração de seu filho, que linda memória será gerada para ambos! Ensinar na prática.

Dados da pesquisa trouxeram outra informação. Ao serem questionados se entendiam que, servir ao próximo, na comunidade etc. eram maneiras de praticar a Palavra de Deus, 43,18% dos pais, disseram que sim e costumam se envolver com frequência nessas ações. Dos filhos dos pais que se envolvem “servindo”, 52,63%, encontram como uma de suas motivações, em ir à igreja, servir também. Outra constatação foi que, quando questionados sobre que nota dariam, entre 0 e 10, para a motivação de seus filhos em irem à igreja, 89,47%

⁴⁶ MYERS, David; DEWALL, C. Nathan. **Psicologia**. 11ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020, p. 172.

⁴⁷ BÍBLIA. A Mensagem. Mateus 7:24-25. <https://biblia-a-mensagem.com/mateus/7>.

⁴⁸ BÍBLIA NVI. op. cit. Tg 1:22-24.

desses mesmos pais, responderam que seus filhos têm uma motivação igual ou superior a 7, mostrando a influência, dos pais, tanto na motivação quanto no desejo em servir.

Mais um dado chamou a atenção, dentre todos os 44 voluntários, 46,42% apresentaram 4 respostas padrão, sendo elas: leitura da Bíblia diária; leitura da Bíblia com o pré-adolescente e em família; alta frequência em discutir temas Bíblicos em casa e, nota 9 ou 10 para o nível de motivação do pré-adolescente em ir para a igreja. Fazendo uma análise geral, pode-se perceber que pais engajados formam filhos engajados. Por outro lado, dentre os pais que responderam que seus filhos têm uma motivação igual ou inferior a 6, percebeu-se que 66,66% deles, possuem 3 comportamentos semelhantes, sendo eles: pouca frequência em discutir temas bíblicos em casa; pouco envolvimento nas práticas de servir a comunidade e, não leem a Bíblia com o pré-adolescente.

Esses dados traz a reflexão sobre o papel da família na vida dos filhos, tanto no ambiente familiar como no ambiente religioso.

2.3 A relação do pré-adolescente cristão e o corpo de Cristo

A Bíblia descreve o Corpo de Cristo, como aquele que é formado por vários membros, formando um só corpo, pois, aqueles que se arrependem de seus pecados e reconhecem Jesus como Salvador, são batizados em um único Espírito⁴⁹, isso quer dizer que, independentemente da idade, uma pessoa decidida por Jesus se torna também parte do Corpo de Cristo e isso inclui os pré-adolescentes, portanto, compreender que eles fazem parte do corpo é essencial para o bom funcionamento da Igreja e do Corpo de Cristo.

Paes⁵⁰ afirma que a igreja, como instituição, não pode perder sua essência de proclamar a verdadeira missão deixada para ela nas escrituras, a de fazer discípulos de Jesus. Além disso, para que haja crescimento da igreja é necessário que pessoas se tornem discípulas e isso acontece através do evangelismo, do cuidado e do discipulado de um para com o outro, assim, mutuamente se tornarão influência neste mundo e cumprirão o propósito para qual foram chamados. Fazer com que o pré-adolescente se sinta parte do Corpo e desenvolva suas habilidades é papel daqueles que estão um passo à frente dele, em seu estágio de fé. A Bíblia ensina que existe uma responsabilidade de uma geração contar e transmitir para a outra

⁴⁹ BÍBLIA NVI. op. cit., 1Co 12:12-13.

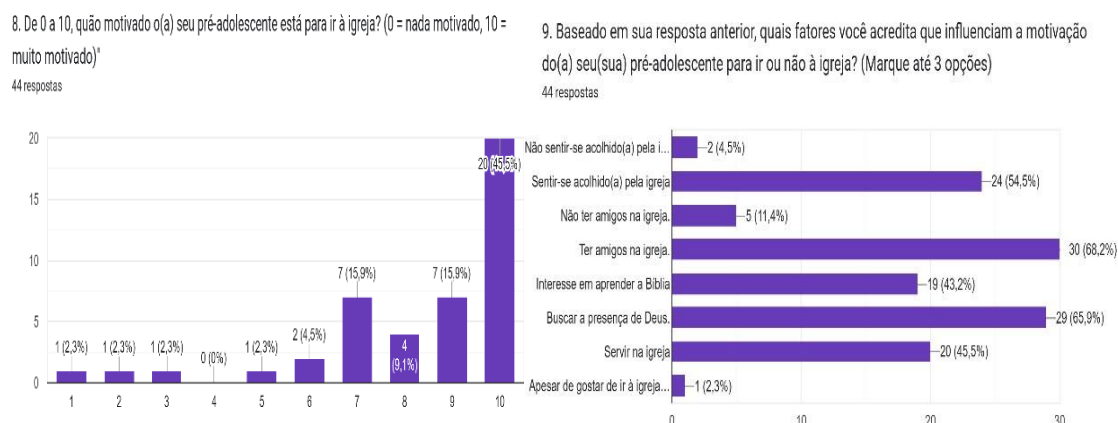
⁵⁰ PAES, Carlito. **Uma Igreja Família**: Biblicamente apostólica, profética e pastoral. 1ªed. São José dos Campos: Inspire, 2019, p.34 e 35.

geração todas as obras de Deus.⁵¹ Intergeracionalidade, ou seja, várias gerações trabalhando juntas para um único propósito, ser discípulo de Jesus e fazer discípulos de Jesus. Stott⁵² diz que “o Espírito Santo é de fato nosso professor, mas ele também nos ensina indiretamente, por intermédio de outros, não apenas diretamente, em nossa própria mente”, ou seja, precisamos nos desenvolver mutuamente e isso é enriquecedor pois a unidade permite utilizar dons, dar e receber ajuda.⁵³

Lembrando que os pré-adolescentes estão passando por uma transição e sua fé passando por estágios, a responsabilidade em contribuir na consolidação da fé deles não pode ser negligenciada e como Igreja, é preciso buscar inspiração constante, em Cristo, para alcançar seus corações, sempre com amor, paciência e compreensão.

Abaixo estão dois gráficos que apresentam dados sobre a pesquisa realizada. As duas perguntas se referem ao nível de motivação (0 a 10) e ao que os pais atribuem como motivadores, respectivamente, para que o pré- adolescente deseje ou não ir à igreja.

GRÁFICO 1 – Dados da Pesquisa



Elaborado pela autora

Os gráficos demonstram que 45,5% dos pais entendem que seus filhos estão muito motivados em ir à igreja (10) e que os 3 maiores motivadores são: ter amigos na Igreja (68,2%), buscar a presença de Deus (65,9%) e sentir-se acolhido pela Igreja (54,5%).

Como já foi mencionado, nessa transição entre infância e adolescência, o indivíduo

⁵¹ BÍBLIA NVI, *op. cit.*, Sl 145:4.

⁵² STOTT, John. **Para entender a Bíblia**, Ultimato, 2014, p.184

⁵³ SHEDD, Russell. **O líder que Deus usa**: Resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio. Vida Nova. 2015, p.76.

começa a ampliar os seus grupos relacionais e as novas amizades começam a surgir e a exercer influência sobre esses meninos e meninas. A informação que a pesquisa nos traz sobre ter amigos na igreja, reforça que nessa fase estão criando vínculos e se forem construídos no ambiente religioso será motivador para o pré-adolescente ir à Igreja.

Mais ou menos na época da adolescência a pessoa começou a relacionar-se com um conjunto ampliado de ambientes. Além da esfera da família, há agora, esferas de influência representadas por pares, pela escola ou trabalho, pelos meios de comunicação e pela cultura popular, e talvez por uma comunidade religiosa.⁵⁴

Construir amizades saudáveis, dentro da comunidade religiosa, nessa faixa etária, pode ajudar o pré-adolescente cristão a desenvolver suas habilidades junto com outras pessoas que estão em busca dos mesmos objetivos.

As amizades de crianças mais velhas e adolescentes incluem lealdade, confiança e intimidade, requerem interesses comuns e comprometimento, tanto para manter os amigos como para formar novas amizades”⁵⁵

A segunda motivação mais votada foi buscar a presença de Deus. Como Igreja, também é possível proporcionar experiências significativas para a vida do pré-adolescente cristão com Deus.

...a maioria dos comportamentos motivados, direcionados para um objetivo, é aprendida... nossas motivações nos levam a repetir as ações que foram capazes de obter recompensa no passado ou a procurar situações similares, que tenham chance de proporcionar uma satisfação desejada no futuro. Portanto, ela é muito importante para a aprendizagem no geral.⁵⁶

Em um estudo realizado por Dodds⁵⁷, sobre o poder do Espírito Santo no crescimento e na mudança de personalidade, foi identificado que o que difere um “crente maduro” de um “crente comum” está na busca por Deus, em conhecê-lo como pessoa, assim valorizando mais a própria vida e a dos outros. Um pré-adolescente que procura fortalecer suas

⁵⁴ FOWLER, James W. **Estágios da fé: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p.132.

⁵⁵ BUKOWSKI, Hartup *apud* Souza. **Relacionamentos pessoais e sociais: amizades em adultos**. 2008. Minas Gerais. <https://www.scielo.br/j/pe/a/fcvqh9ZLPbtvPH59Rtm8qjy/>.

⁵⁶ COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: Como o Cérebro Aprende**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.81

⁵⁷ DODDS, L. A. (1999). **The role of the Holy Spirit in personality growth and change**. Journal of Psychology and Christianity, 18(2), 129–139 *apud* Journal of psychology and christianity. <https://psycnet.apa.org/record/1999-03204-002//>.

experiências com Deus, gerando memórias consolidadas poderá se tornar um jovem saudável e maduro.

Como Igreja, existe um chamado para desenvolver ambientes de pastoreio, cuidado, que possam atender necessidades para “edificar famílias”⁵⁸, um ambiente acolhedor que deseja cuidar de vidas. Nesse sentido, percebe-se a terceira motivação mais votada, sentir-se acolhido pela igreja.

Em um processo de aprendizado e maturidade de fé, vemos os estágios acontecendo na vida dos pré-adolescentes cristãos, através do olhar dos pais. Os dados apontam que servir também é um motivador, ele vem logo após o acolhimento. O incentivo de servir e praticar a palavra de Deus é uma maneira que a Igreja e os pais ajudarão o pré-adolescente cristão a desenvolver e a consolidar a sua fé. Veja o que Fowler diz sobre o aprendizado, da criança, ao cooperar.

Ao tornar-se uma “trabalhadora”, a pessoa em crescimento deve aprender a contribuir como uma unidade produtiva em empreendimentos cooperativos. Isto implica, além do desenvolvimento de aptidões cognitivos e físicas especiais, o aprendizado das disciplinas da vida em grupo e a expressão e integração de emoções.”⁵⁹

Essa colaboração e contribuição que a Palavra de Deus também nos ensina é muito além de nós mesmo, é a vida em comunidade e o servir ao próximo. Gerar esse sentimento de pertencimento ao pré-adolescente cristão será maravilhoso para a caminhada com Cristo.

Shedd⁶⁰ diz que todo cristão tem um chamado de tempo integral e, quando colocam o Reino de Deus em primeiro lugar não fazem diferença entre o ambiente religioso e o ambiente secular, pois a sua vida é totalmente dedicada a Deus. Um pré-adolescente cristão, conhecedor e praticante da Palavra, compreendendo seu papel, sua missão, saberá que não é apenas na Igreja que ele é discípulo de Jesus, mas em todo lugar que pisar.

2.3.1 Um exemplo na prática

Durante quatro domingos e um sábado, foi realizada observação na Igreja Batista do

⁵⁸ PAES, Carlito. **Uma Igreja Família**: Biblicamente apostólica, profética e pastoral. 1ªed. São José dos Campos: Inspire, 2019, p. 211.

⁵⁹ FOWLER, James W. **Estágios da fé**: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p 65.

⁶⁰ SHEDD, Russell. **O líder que Deus usa**: Resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio. Vida Nova. 2015, p.107.

Povo Vila Mariana, pois eles possuem um trabalho específico para os pré-adolescentes. O projeto, denominado Interteen, tem “como propósito acolher os pré-adolescentes (de 11 a 13 anos) para ensiná-los a viver como discípulos de Jesus.”⁶¹ Abaixo algumas observações.

- Há um líder, jovem, que também é seminarista para os pré-adolescentes e ele tem auxiliares jovens e adolescentes.
- Existe uma dinâmica de pequenos grupos que são liderados por jovens e adolescentes que falam uma linguagem muito próxima do pré-adolescente.
- O líder tem um casal que o auxilia nos cultos e na comunicação com os pais. Esse casal, junto com a liderança de adolescentes, realiza uma reunião mensal com os pais, para abordar temas voltados para a faixa etária. A reunião observada foi em um sábado e houve baixa presença dos pais.
- O culto teve início com interação entre os pré-adolescentes, com jogos e atividades, louvor (com banda composta, em sua maioria, por pré-adolescentes), ministração da Palavra de Deus, oração e reunião em pequenos grupos para pensarem na aplicação da Palavra.
- A dinâmica dos cultos é alternada, sempre com ministração da Palavra de Deus e louvor, mas às vezes acontece competições entre os grupos, com muitos jogos, dinâmicas e com grande envolvimento dos pré-adolescentes. Durante os quatro domingos notou-se presença constante, da maioria dos pré-adolescentes.

Pode-se perceber o olhar da Igreja para a intergeracionalidade, o respeito com a faixa etária ao propor brincadeiras, o estímulo para servir, para orar uns pelos outros, a intenção de envolver os pais, o dinamismo e o incentivo para estreitar laços de amizade tudo intencionalmente preparado para o pré-adolescente cristão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou trazer a reflexão sobre a necessidade de o pré-adolescente cristão conhecer e praticar a Palavra de Deus. Em um processo tão lindo, ao mesmo tempo conflitante e de transformação, esses meninos e meninas precisam formar memórias significativas com Deus.

⁶¹ POVO, Igreja Batista do. **Batista do Povo: Interteen.** Disponível em: <https://batistadopovo.org.br/pagina/22393/interteen>. Acesso em 10/06/2025.

Disponível em:

Ao apresentar a relação entre o cristão e Palavra de Deus, foi com a intenção de trazer o sentido da autoridade, respeito e amor que existe entre Deus e seus filhos.

Descrever alguns processos que estão acontecendo com o pré-adolescente e como essa transição afeta seu corpo, sua mente e sua forma de ver as coisas, fez-se necessário para a compreensão, em amor, de proporcionar ambientes saudáveis e acolhedores para o pré-adolescente.

A pesquisa realizada reforçou a importância entre interação família- igreja, em que juntas, podem contribuir para que os pré-adolescentes cristãos conheçam e pratiquem a Palavra, além de proporcionarem ferramentas que possibilitem experiências significativas em suas vidas com Jesus.

A observação feita na Igreja, apresentou que é possível ser intencional com essa faixa etária, sem fugir da missão principal da Igreja que é pregar o Evangelho e fazer discípulos de Jesus.

Portanto, trazer essas informações fez-se necessário para que todos, como Corpo de Cristo, tenham o olhar para todas as fases de um indivíduo, neste caso o pré-adolescente, percebendo que conhecer e praticar a Palavra de Deus poderá gerar experiências marcantes e duradouras na vida deste.

REFERÊNCIAS

- BEAR, Mark F; CONNORS, Barry; PARADISO, Michael. **Neurociências**: Desvendando o Sistema Nervoso. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- BÍBLIA NVI. **Bíblia de Estudo para Pequenos Grupos**. Brasília: Palavra. 2011. BÍBLIA. **A Mensagem**. Disponível em: <https://biblia-a-mensagem.com/> CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo a versículo. Vol. 2: Lucas, João. São Paulo: Hagnos, 2014.
- CLEAR, James. **Hábitos Atômicos**: Um método Fácil e Comprovado de Criar Bons Hábitos e Se Livrar dos Maus. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alta Life, 2019.
- COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**: Como o Cérebro Aprende. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CYRULNIK, Boris. **Psicoterapia de Deus**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019 FOWLER, James W. **Estágios da Fé**: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido. São

Leopoldo: Sinodal, 1992.

GORMAN, Michael J. **Introdução à Exegese Bíblica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à Antropologia Missionária**. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MACARTHUR, John. **Evangelismo: Como Compartilhar o Evangelho de Modo Eficaz e Fiel**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

MYERS, David; Dewall, C. Nathan. **Psicologia**. 11ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020.

PAES, Carlito. **Uma Igreja Família: Biblicamente apostólica, profética e pastoral**. 1ªed. São José dos Campos: Inspire, 2019.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2006. POVO, Igreja Batista do. **Batista do Povo: Interteen**. Disponível em:

<https://batistadopovo.org.br/pagina/22393/interteen>. Acesso em 10/06/2025

SHEDD, Russell P. **O Líder que Deus Usa: Resgatando a Liderança Bíblica para a Igreja no Novo Milênio**. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SIEGEL, Daniel J. **Cérebro Adolescente: O grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos**. 1ªed. 10ª reimpressão. São Paulo: nVersos, 2024.

SMITH, Adriana K. **Amizade, trabalho e bem-estar subjetivo**. Researchgate, 2012.p200. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/284551950_Amizade_trabalho_e_bem-estarsubjetivo. Acesso: 29/05/2025.

SOUZA, Luciana. **Relacionamentos pessoais e sociais: amizades em adultos**.2008. Minas Gerais. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/fcvqh9ZLPbtvPH59Rtm8qjy/>. Acesso em: 02/06/2025

SPURGEON, C.H. **Pescadores de Crianças: orientação prática para falar de Jesus às crianças**. São Paulo: Shedd, 2016.

STERNBERG, Karin; STERNBERG, Robert. **Psicologia Cognitiva**.2ªed. São Paulo: Cengage, 2017.

STOTT, John. **Para Entender a Bíblia**. 1ª ed. Viçosa: Ultimato, 2014. THOMPSON, Tad.

Pais Discipuladores: Um guia para o discipulado em família. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

TÓFOLI, Daniela. **Pré-Adolescente:** Um guia para entender o seu filho. 1ª ed. São Paulo: Principium, 2018.

World Health Organization. **Adolescent Health:** Overview. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1. Acesso em: 24/05/2025.

Substituição penal e Christus Victor: uma análise comparativa

Penal Substitution and Christus Victor: A Comparative Analysis

Ismael Pereira Lourenço¹

Lucas Mourão²

Danilo Aguiar³

RESUMO

A doutrina da expiação ocupa lugar central na fé cristã e tem sido objeto de intensos debates teológicos ao longo da história. Este trabalho propõe uma análise comparativa entre duas das principais teorias expiatórias: a Substituição Penal e o modelo Christus Victor. A relevância do tema reside no fato de que essas concepções moldam não apenas a compreensão doutrinária da salvação, mas também o modo como o evangelho é anunciado e vivido nas comunidades cristãs. Por meio de uma revisão bibliográfica, este estudo examina autores como Gustaf Aulén, N.T. Wright, David Allen, William Lane Craig, Jürgen Moltmann e outros, destacando os fundamentos históricos, bíblicos e teológicos de cada teoria. A pesquisa mostra que, enquanto a Substituição Penal enfatiza o aspecto jurídico da cruz, Cristo sofrendo a penalidade pelos pecados da humanidade, o modelo Christus Victor sublinha a vitória cósmica de Cristo sobre o mal, o pecado e a morte. A análise aponta que ambas as perspectivas oferecem contribuições valiosas, mas também apresentam limitações quando consideradas isoladamente. Conclui-se que uma abordagem equilibrada da expiação precisa levar em conta sua dimensão escatológica, relacional e transformadora. A metodologia adotada baseia-se em análise qualitativa de textos clássicos e contemporâneos da teologia sistemática, com ênfase na interpretação narrativa e metafórica das Escrituras. Este trabalho visa oferecer uma compreensão mais ampla da obra redentora de Cristo, resgatando a centralidade da cruz como evento de reconciliação, libertação e restauração da vocação humana.

Palavras-chaves: Expiação, Substituição Penal, Christus Victor.

ABSTRACT

The doctrine of atonement occupies a central place in the Christian faith and has been the subject of intense theological debate throughout history. This paper presents a comparative analysis between two of the main atonement theories: Penal Substitution and Christus Victor. The relevance of this topic lies in how these conceptions shape not only doctrinal understanding of salvation but also how the gospel is preached and lived

¹ Graduando em Teologia – FABAT.

² Bacharel em Teologia pela FABAT e Mestre em Estudos Teológicos pela Lucent University (EUA).

³ Formado em teologia pelo STBG, em Letras (português e grego), pela UFF. Mestre em grego, pela UFRJ e doutorando em grego, pela UFRJ.

out in Christian communities. Through a bibliographic review, this study examines authors such as Gustaf Aulén, N.T. Wright, David Allen, William Lane Craig, Jürgen Moltmann, among others, highlighting the historical, biblical, and theological foundations of each theory. The research demonstrates that while Penal Substitution emphasizes the legal aspect of the cross — Christ bearing the penalty for humanity's sins — the Christus Victor model emphasizes Christ's cosmic victory over evil, sin, and death. The analysis reveals that both perspectives offer valuable contributions but also present limitations when considered in isolation. It concludes that a balanced approach to atonement must consider its eschatological, relational, and transformative dimensions. The methodology employed consists of a qualitative analysis of classical and contemporary systematic theology texts, with an emphasis on narrative and metaphorical interpretation of Scripture. This work aims to provide a broader understanding of Christ's redemptive work, recovering the centrality of the cross as an event of reconciliation, liberation, and restoration of human vocation.

Keywords: Atonement, Penal Substitution, Christus Victor.

INTRODUÇÃO

A expiação ocupa lugar central nas Escrituras: os evangelistas dedicam entre 25% e 42 % de suas narrativas aos últimos momentos de Jesus e à sua crucificação (Allen, 2019, p. 2).⁴ Contudo, há quem defenda que a expiação não se limita à morte de Cristo, mas engloba todo o seu ministério, da encarnação à ressurreição, como um único e abrangente ato redentor.

Para os autores do Novo Testamento, a obra de Jesus, verdadeiramente, tem caráter sacrificial, remetendo-se, inclusive, ao cordeiro pascal, referência clara à linguagem sacrificial utilizada no contexto do culto de Israel.⁵

No Antigo Testamento, a noção de “sacrifício” não recebe uma definição formal, mas está presente de modo contínuo tanto na narrativa bíblica, quanto na tradição judaico-cristã, funcionando como o meio simbólico de reconhecimento e cobertura do pecado.⁶ Razão pela qual surgem múltiplas possibilidades interpretativas ao longo da história do pensamento teológico. Na tradição reformada e patrística, autores como Anselmo de Cantuária e João Calvino enfatizam o aspecto de satisfação da justiça divina. Já a vertente relacional ou “subjettiva” encontra em Pedro Abelardo e em

⁴ ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025. p. 2.

⁵ ALLEN, David. *Op.cit.* p. 24.

⁶ ALLEN, David. *Op.cit.* p. 29.

teólogos liberais posteriores a ênfase no caráter de reconciliação íntima entre Deus e o crente, destacando o poder transformador do amor divino na consciência humana. Por fim, a perspectiva *Christus Victor*, articulada por Irineu e reavivada por Gustaf Aulén, destaca a vitória de Cristo sobre as forças do mal como dimensão central da expiação. Essa diversidade de opiniões revela a natureza multifacetada do tema e mantém o debate aberto a novas reflexões.

Tal diversidade histórica deu origem a múltiplas teorias de expiação ao longo da vida da Igreja. Mesmo quando algumas delas carecem de apoio direto em textos bíblicos, elas trazem recortes que, de alguma forma, iluminam aspectos verdadeiros da expiação, ainda que não ofereçam explicações totalmente convincentes acerca do seu funcionamento na salvação.⁷

A metáfora, figura de linguagem que estabelece uma comparação implícita entre realidades distintas, é um recurso recorrente dos autores bíblicos para transmitir a natureza da expiação. Allen⁸ identifica quatro metáforas principais nas Escrituras: a do templo, que enfatiza o lugar e o rito da reconciliação; a do campo de batalha, que destaca a vitória sobre o mal; a do comércio, que ilustra a ideia de pagamento ou resgate; e a da linguagem judicial, que apresenta a justiça divina em ação. O autor sugere que existem 3 motivos para Paulo fazer uso de tantas ilustrações para explicar a expiação: 1) A linguagem da expiação é metafórica; 2) A expiação é pastoral; 3) A linguagem da expiação precisa considerar uma gama variada de considerações culturais.⁹

Ainda que existam discordâncias entre os teólogos sobre a doutrina da expiação, todos abordam pontos comuns, como os apresentados por Geisler¹⁰: 1) Cristo morreu “por nossos pecados” e que; 2) Cristo se entregou em expiação pelos nossos pecados. David Allen¹¹ acredita que nenhum modelo ou teoria de Expiação apresenta uma descrição definitiva de como o sacrifício vicário de Cristo funciona.

⁷ Allen, *Op.cit.* p. 177.

⁸ Allen, *Op.cit.* p. 9.

⁹ Allen, *Op.cit.* p. 74.

¹⁰ GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 177.

¹¹ ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025. p. 10.

Diante da variedade de interpretações, este estudo propõe-se a examinar, de modo seletivo e não exaustivo, duas das concepções expiatórias mais influentes na tradição cristã: a Substituição Penal e o modelo Christus Victor. Para tanto, será realizada uma revisão bibliográfica de autores relevantes nesse debate, como Gustaf Aulén, N. T. Wright, Willian Lane Craig, David Allen e Jurgen Moltmann. Em um primeiro momento, apresentaremos cada uma dessas teorias; em seguida faremos uma análise crítica dos pontos fortes e das limitações inerentes a ambas.

O propósito deste trabalho é enriquecer a reflexão teológica acerca da expiação, oferecendo uma perspectiva mais ampla sobre esses dois paradigmas e aprofundando nossa compreensão da obra redentora de Cristo em nossas vidas. A relevância deste artigo reside no fato de que, muitas vezes, aceitamos o mistério da salvação como dado adquirido, sem questionar seus fundamentos, nem as consequências das interpretações adotadas, seja no discurso popular, nos encontros dominicais ou nas práticas cotidianas de nossas comunidades de fé.

1. A SUBSTITUIÇÃO PENAL

Ainda que tenha sido desenvolvida pelos reformadores no século XVI, os pressupostos da Teoria da Substituição Penal remontam à idade média. Mais especificamente, nas ideias de Anselmo de Cantuária (c. 1033-1109) em seu livro *Cur Deus Homo*?¹² A respeito do motivo da entrega sacrificial de Jesus na cruz em relação ao pecado, Anselmo acreditava que a reconciliação entre Deus e a humanidade estava enraizada na necessidade da “satisfação” da Lei e da ira divina. E, ao desenvolver a Teoria da Satisfação, o Arcebispo afirmou que os pecados da humanidade ferem a honra de Deus, e que apenas uma punição sofrida por Cristo poderia satisfaze-la.¹³

Anselmo acreditava que “Deus não pode simplesmente perdoar pecados, pois, nesse caso, a misericórdia cancelaria a Justiça”¹⁴ Entendendo que o perdão de pecados ocorreria apenas mediante o pagamento de um preço, a cruz seria, portanto, um

¹² GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186.

¹³ ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025. p. 25.

¹⁴ Allen, *Op.cit.* p. 25.

dispositivo que protege a honra divina para que a relação entre Deus e a humanidade seja reatada. Por isso, esse modelo também recebeu o nome de “Teoria Comercial da expiação”¹⁵

Assim como foram inspirados por Anselmo, os reformadores também foram influenciados por uma vertente da Teoria da Satisfação, desenvolvida por Tomás de Aquino, que, ao contrário da satisfação *absoluta*, acreditava na satisfação *opcional*.¹⁶ Aquino afirmava 3 pontos sobre a necessidade da expiação: 1) Deus fica satisfeito com o sacrifício de Jesus na cruz; 2) A morte de Cristo não é imprescindível para o perdão de Pecados; 3) O sacrifício de Jesus era a melhor maneira para que isso fosse alcançado.¹⁷ Ainda, de acordo com essa teoria, Jesus seria o sacrifício perfeito por conta da sua união hipostática, como explica Calvino:

Era de grande importância para os nossos interesses que aquele que havia de ser nosso Mediador fosse tanto verdadeiro Deus quanto verdadeiro homem. Se for feita uma indagação sobre a necessidade disso, não se tratava, de fato, de uma necessidade simples, ou, como costumamos dizer, uma necessidade absoluta, mas de uma necessidade que provinha do decreto celestial, do qual dependia a salvação dos homens. Mas nosso Pai misericordioso determinou aquilo que era o melhor para nós.¹⁸

Os reformadores tinham por objetivo confrontar as doutrinas vigentes na Igreja Católica medieval, que imputavam a necessidade de um duplo apaziguamento da ira divina para seus fiéis: na imanência, através da missa, e na transcendência, através do purgatório. Contrapondo isto, os reformadores declararam que a ira de Deus exigia ser pacificada apenas uma vez, e que esse propósito havia sido alcançado na Cruz. Sugerir o contrário seria alegar que o sacrifício de Cristo seria ineficaz.¹⁹

¹⁵ GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 181.

¹⁶ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** / Louis Berkhof; trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. p. 362

¹⁷ GEISLER, *Op.cit.* p. 179.

¹⁸ CALVIN, John. **Institutes of the Christian Religion**. Translated from the Latin and collated with the author's last edition in French by John Allen. 7th American ed., revised and corrected. Vol. I. Philadelphia: Presbyterian Board of Christian Education, 1936. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.1057/page/n75/mode/2up>. Acesso em: 22 jun. 2025. Livro II, cap. 12, §1. Tradução nossa.

¹⁹ WRIGHT, N.T. **The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion**. New York: HarperOne, 2016. p. 40.

No que tange o objeto da ofensa contra Deus, Calvino acreditava que, ao invés da honra divina - posição defendida por Anselmo -, a justiça de Deus, no caso, a sua santidade, havia sido ferida.²⁰ Razão por que para Calvino, Deus tem a intenção de perdoar pecados, mas essa obra só será viável se a punição tiver o mesmo valor da ofensa, como pode se observar:

Cristo interveio como intercessor; ele tomou sobre si e sofreu a punição que, pelo justo juízo de Deus, recaía sobre todos os pecadores; com seu sangue ele expiou os crimes que os tornavam odiosos a Deus; por essa expiação, Deus Pai foi satisfeito e devidamente aplacado; por meio desse intercessor, sua ira foi apaziguada; e essa é a base da paz entre Deus e os homens.²¹

A justiça retributiva é o que define a natureza divina.²² Posto isto, o que os reformadores propuseram foi uma extensão da Teoria da Satisfação, empregando semântica forense e jurídica. A expiação, portanto, começou a ser entendida em aspectos de satisfação e substituição penal.²³

A Substituição Penal pode ser definida como “o inocente tomando o lugar do culpado, em nome e por causa do culpado, sob o machado da retribuição judicial de Deus”²⁴ Essa perspectiva se sustenta nas ideias de João Calvino, que afirmava que “Cristo sofre a vingança de Deus a tal ponto que experimenta a realidade do próprio inferno”²⁵ Considerado um dos principais defensores contemporâneos da Teoria da

²⁰ GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186.

²¹ CALVIN, John. **Institutes of the Christian Religion**. Translated from the Latin and collated with the author's last edition in French by John Allen. 7th American ed., revised and corrected. Vol. I. Philadelphia: Presbyterian Board of Christian Education, 1936. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.1057/page/n75/mode/2up>. Acesso em: 22 jun. 2025. Livro II, cap. 12, §1. Tradução nossa.

²² ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025. p. 255.

²³ GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 186 e ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025. p. 252.

²⁴ PACKER, J.I. **Knowing God**. Reprint ed. InterVarsity Press, 1993. p. 186.

²⁵ BUTLER, G. **Appeasement of a monster God? A historical and biblical analysis of Penal Substitutionary atonement**. Themelios, v. 46, i. 1, 2021. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/appeasement-of-a-monster-god-a-historical-and-biblical-analysis-of-penal-substitutionary-atonement/>. p. 136.

Substituição Penal, William Lane Craig²⁶ argumenta: “Deus impôs a Cristo o sofrimento que nós merecíamos como punição por nossos pecados, como resultado do qual já não merecemos punição”.

O texto chave para a compreensão da Substituição Penal se encontra em Romanos 3:21-26. Esse texto também é considerado por muitos autores como o núcleo das escrituras sagradas.²⁷

Mas, agora, sem lei, a justiça de Deus se manifestou, sendo testemunhada pela Lei e pelos Profetas. É a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem. Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus apresentou como propiciação, no seu sangue, mediante a fé. Deus fez isso para manifestar a sua justiça, por ter ele, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos, tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, a fim de que o próprio Deus seja justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. (Rm 3:21-26, NAA)

Allen²⁸ acredita que, dos versos 22 ao 24, Paulo conecta a justiça de Deus com a justificação através do Cristo como propiciação. Para o autor, outros textos também apontam para a natureza substitutiva do sacrifício de Jesus: Mateus 20:28, 25:28; Romanos 3:24-25; Efésios 1:7; Colossenses 1:20; Hebreus 2:17; 1 Pedro 3:18; e 1 João 2:2. Assim, observa-se que a Substituição Penal consiste em entender o sacrifício de Cristo como o ato pelo qual ele assume, em nosso lugar, a penalidade que nos era devida, cumprindo a justiça de Deus e garantindo a justificação dos crentes. Nesse modelo, a propiciação operada em Cristo funciona como o meio pelo qual a ira divina é aplacada e o perdão é concedido, de modo que todos os que se unem a ele passam de condenados a justos diante de Deus.

2. CHRISTUS VICTOR

²⁶ CRAIG, William Lane. **Is Penal Substitution Unjust?** *International Journal for Philosophy of Religion*, v. 83, p. 231, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11153-017-9654-x> p. 231.

²⁷ ALLEN, *Op.cit.* p. 266. BIRD, Michael F. **Romans, The Story of God Bible Commentary** [Grand Rapids: Zondervan, 2016]. p. 116. E MORRIS, L. **The Epistle to the Romans** [Grand Rapids: Eerdmans, 1988]. p. 173.

²⁸ ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025. p. 188.

Assim como a Substituição Penal, a perspectiva *Christus Victor* apresenta raízes patrísticas anteriores à sua formulação moderna, emergindo da Teoria da Recapitulação de Irineu de Lião (c. 125–c. 202) e reavivada em tempos modernos por Gustaf Aulén.²⁹ Denominada também “teoria do mérito” ou “teoria dramática”, a Recapitulação é historicamente a primeira formulação teológica da expiação, tendo em Romanos 5:19, a analogia entre os primeiro e o segundo Adão, sua chave hermenêutica³⁰:

Portanto, assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os seres humanos para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. A lei veio para que aumentasse a ofensa. Mas onde aumentou o pecado, aumentou muito mais ainda a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também a graça reinasse pela justiça que conduz à vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. (Rm 5:18-21 NAA)

A Teoria da Recapitulação desenvolve-se a partir da convicção de que Cristo, ao encarnar-se, experimentou integralmente a condição humana, passando pela tentação, pelo sofrimento e pela morte, para, então, ressurgir vitorioso sobre o diabo e o mal. Nesse processo, todos os que “participam” dele recebem as bênçãos de sua vitória; assim, a expiação abrange não apenas o ato sacrificial na cruz, mas toda a trajetória de Jesus como ser humano, assegurando salvação e libertação.³¹

Irineu de Lião fundamenta sua formulação em Romanos 5:18–21 ao mostrar o paralelo entre Adão e Cristo: assim como, por meio de um homem, o pecado e a morte entraram no mundo, por outro homem, o “novo Adão”, a redenção se realiza, destruindo o poder do pecado e vivificando a humanidade. A recapitulação, portanto, não é uma mera repetição da queda; é a reinterpretação e restauração de toda a experiência humana em Cristo, que, concebido “pela virgem” em oposição ao Adão feito do “barro virgem”, restitui ao homem sua vocação original.³²

Para Irineu, a encarnação é o núcleo da obra redentora de Cristo, inseparável da

²⁹ GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 179.

³⁰ RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oito expressões dos quatros tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista**. Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156>. p. 131.

³¹ GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 177–178.

³² GEISLER, *op.cit.* p. 178.

crucificação; ambas são dimensões interdependentes da mesma ação salvadora.³³ Antes de empregar termos como “sacrifício” ou “substituição”, ele falava em “obediência” para caracterizar essa obra.³⁴ A encarnação viabiliza a expiação e, reciprocamente, a expiação consoma a encarnação, completando o propósito divino.³⁵

Na Teoria da Recapitulação de Irineu, aqueles que participam do sacrifício de Jesus recebem a oferta de vida eterna, inaugurando um processo de santificação que se manifesta na transformação ética e moral da conduta humana no mundo.³⁶ Assim, na visão irineana da obra de Cristo, a morte, o pecado e o diabo são vencidos, resultando na libertação definitiva da humanidade.³⁷ Para Irineu, a recapitulação não se encerra com a vitória de Cristo sobre as forças do mal, mas prossegue através da ação do Espírito Santo na Igreja.³⁸

Gustaf Aulén sistematiza essa tradição sob o nome *Christus Victor*, definindo-a como um drama cósmico em que Cristo redime todas as coisas criadas ao triunfar sobre os poderes “tiranos” que oprimem a criação.³⁹ A ênfase, então, desloca-se do sacrifício voltado a Deus ou ao homem para a derrota de Satanás: “a expiação é uma vitória divina que subjuga os poderes destrutivos do inferno e da morte, tornando o amor reconciliador de Deus visível e disponível”.⁴⁰

As bases bíblicas dessa perspectiva incluem João 12:31; Hebreus 2:14–18; 1 João 3:8; e Apocalipse 12:7–12, que retratam Cristo vencendo as hostes demoníacas por

³³ AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement**. 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/1723013>. Acesso em: 30 de abr. 2025. p. 20.

³⁴ RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oito expressões dos quatro tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista**. Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156>. p. 131.

³⁵ AULÉN, *op.cit.* p. 151.

³⁶ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** / Louis Berkhof; trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. p. 378.

³⁷ AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement**. 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/1723013>. Acesso em: 30 de abr. 2025. p. 20.

³⁸ AULÉN, *op.cit.* p. 22.

³⁹ RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oito expressões dos quatro tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista**. Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156>. p. 137. E AULÉN, *op.cit.* p. ix.

⁴⁰ GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010. p. 186. p. 180.

meio da cruz e da ressurreição.⁴¹

Aulén⁴² também destaca três aspectos fundamentais da expiação: 1) ela é, em primeiro lugar, iniciativa de Deus em favor da humanidade, e não resultado de nossos esforços; 2) Deus se humilha ao encarnar-se para conquistar a vitória sobre as forças do mal, da morte e do pecado, por meio de sua entrega sacrificial; e 3) somente quando se crê nesses fundamentos e se proclama essa vitória sobre os poderes deste mundo é que a verdade do evangelho ganha força para penetrar na cultura e promover a transformação do mundo.

Martinho Lutero, segundo Aulén, restituiu o sentido dramático da salvação inerente à perspectiva *Christus Victor*. Em sua teologia, a justificação humana não se baseia somente na satisfação da justiça divina, mas na vitória de Cristo sobre a morte, o pecado e o diabo.⁴³ Lutero critica a redução da expiação a termos de satisfação, pois, para ele, Cristo não apenas sofreu em nosso lugar, mas, ao triunfar sobre o mal e o poder do inferno, inaugurou para nós um reino eterno de graça e garantiu o perdão contínuo dos pecados. Nessa ótica, Cristo torna-se não apenas o meio da expiação, mas fonte perene de redenção e santificação.⁴⁴

Embora *Christus Victor* fosse considerada uma “baixa teologia” por não possuir formulação sistemática comparável à Teoria da Satisfação, Martinho Lutero a resgatou com vigor. Contudo, mesmo após esse breve renascimento, a ênfase na vitória de Cristo foi progressivamente abandonada na teologia do protestantismo ortodoxo posterior, em favor da teoria da satisfação.⁴⁵ A perspectiva clássica da expiação, seja na Teoria da Recapitulação ou em sua formulação como *Christus Victor*, foi amplamente rejeitada por teólogos, em grande parte pela simplicidade conceitual que lhe conferia o rótulo de “baixa teologia”. Além disso, *Christus Victor* sofreu o impacto de um paradigma dominante que privilegiava categorias racionalistas e filosóficas no discurso cristão, o

⁴¹ ALLEN, *Op.cit.* p. 266. BIRD, Michael F. **Romans, The Story of God Bible Commentary** [Grand Rapids: Zondervan, 2016]. p. 116. E MORRIS, L. **The Epistle to the Romans** [Grand Rapids: Eerdmans, 1988]. p. 265-266.

⁴² AULÉN, *op.cit.* p. 158-159.

⁴³ AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement**. 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/1723013>. Acesso em: 30 de abr. 2025. p. 107.

⁴⁴ AULÉN, *op.cit.* p. 253.

⁴⁵ AULÉN, *op.cit.* p. 245.

que contribuiu decisivamente para sua desvalorização e marginalização no cenário teológico.⁴⁶

3. TENSÕES E CONVERGÊNCIAS

Em *The Atonement* (2018), Willian Lane Craig defende de maneira contundente a Substituição Penal, sustentando que não há como qualquer teoria expiatória ser bíblica ou coerente sem que a satisfação penal constitua seu núcleo primordial. Segundo o autor, esse modelo é imprescindível para uma interpretação consistente de textos bíblicos como Isaías 53 e seu desdobramento no Novo Testamento: sem ele, torna-se impossível apreender adequadamente as dimensões do sofrimento vicário e da reparação exigidos nas Escrituras.⁴⁷

Além disso, Craig⁴⁸ sustenta que a Substituição Penal transcende a esfera de uma mera doutrina teológica. Para o apologeta, se for demonstrada como verdadeira, ela passa a servir como alicerce para variados conceitos fundamentais à fé cristã, tais como o resgate da humanidade do pecado, a satisfação da justiça divina e a influência moral exemplar de Cristo.

Em outras palavras, esse modelo torna-se a coluna de sustentação de grande parte da teologia apologética, pois a coerência interna da mensagem cristã repousa sobre a eficácia do sacrifício vicário de Cristo.

Ademais, Craig argumenta que o sofrimento que a humanidade merecia foi voluntariamente assumido por Cristo. Segundo ele, a morte de Cristo expia efetivamente a ira divina e livra-nos da condição de culpados diante de Deus. Dessa forma, nossos pecados foram imputados a Cristo, por meio do sacrifício vicário, e, simultaneamente, a retidão de Cristo é imputada a nós pela fé n'Ele, tornando possível desfrutarmos da reconciliação com o Pai.⁴⁹ Esse duplo movimento de imputação, tanto do pecado quanto da justiça, caracteriza a centralidade da Substituição Penal na teologia proposta por Craig. Embora Craig advogue a favor da Substituição Penal, ele adota uma

⁴⁶ AULÉN, *op.cit.* p. 9.

⁴⁷ CRAIG, William Lane. **The Atonement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. ISBN 978-1-108-45740-8. p. 53-54.

⁴⁸ CRAIG, *op.cit.* p. 54.

⁴⁹ CRAIG, *op.cit.* p. 38.

linguagem cuidadosa, evitando afirmar explicitamente que Cristo foi “punido” diretamente pelo Pai para remissão dos nossos pecados. Ainda assim, reconhece que essa interpretação pode ser feita a partir da premissa básica da Doutrina, a saber, que “Deus impôs a Cristo o sofrimento que nós merecíamos como punição pelos nossos pecados, em consequência do qual já não merecemos mais punição.”⁵⁰

Em resumo, Craig⁵¹ defende que: 1) a substituição penal é essencial e central para qualquer teoria de expiação que queira ser fiel ao texto bíblico; 2) sem ela, não é possível explicar adequadamente passagens-chave como Isaías 53; 3) essa doutrina serve de alicerce para a redenção, a satisfação da justiça divina e a influência moral de Cristo; e 4) enfatiza que Cristo recebeu voluntariamente o castigo que nós merecíamos, propiciando a reconciliação entre Deus e a humanidade.

Allen, em seu livro *The atonement* (2019), acredita que a essência da divergências entre as teorias expiatórias está em quanto elas focam nos resultados da expiação ou em seu mecanismo. Na sua opinião, a Substituição Penal tem a sua ênfase nos mecanismos da redenção, enquanto o modelo *Cristus Victor* enfatiza seus resultados.⁵² Existe também a discussão em torno do beneficiário do Sacrifício de Jesus, já que seu sangue é o pagamento pelo resgate da humanidade. Allen⁵³ entende que o novo testamento escolhe silenciar-se sobre quem usufrui desse soldo santo.

Ao defender a Substituição penal, autor também enfatiza a dimensão forense e a linguagem jurídica ao afirmar que “Deus não pode salvar as pessoas unicamente por um ato de Sua vontade (voluntarismo)”⁵⁴ Para ele, a remissão dos pecados só é possível quando o justo requerimento da Lei divina é satisfeito. Nesse sentido, na cruz, Jesus remove as “barreiras legais” que impediam Deus de oferecer perdão à humanidade de maneira justa.

Gustaf Aulén distingue três modelos principais de expiação, em *Christus Victor* (2003). O primeiro é o tipo clássico, já formulado por Irineu, recuperado por Lutero e

⁵⁰ CRAIG, William Lane. **The Atonement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. ISBN 978-1-108-45740-8. p. 53. Tradução nossa.

⁵¹ CRAIG, *op.cit.* p. 53-54;58.

⁵² ALLEN, David. *The atonement*. 2019, B&H Academic. [edition unavailable] Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025. p. 11.

⁵³ ALLEN, *Op.cit.* p. 24.

⁵⁴ ALLEN, *Op.cit.* p. 16.

retomado por Aulén como *Christus Victor*. Esse modelo, que enfatiza a recapitulação de Cristo como vencedor do pecado e do mal, acabou sendo gradualmente suplantado pelos demais. O segundo é o tipo latino (ou “objetivo”), que dominou a tradição católica e enfatiza a satisfação da honra ou da justiça divina. Anselmo de Cantuária figura como seu principal expoente, pois centra-se na ideia de que Cristo paga o preço devido pelo pecado, restaurando a honra de Deus. Finalmente, o terceiro é o tipo subjetivo (ou “humanista”), relacionado ao Pietismo e às correntes *schleiermacheriana* e *ritschliana*; esse modelo enfatiza o efeito da cruz sobre a consciência humana. Inicialmente desenvolvido por Abelardo, ele foi adotado e defendido por teólogos liberais, os quais o valorizam como estímulo ético para a fé.⁵⁵

A Substituição Penal, muitas vezes associada ao tipo latino, representa a via objetiva da expiação em contraste com o enfoque subjetivo. Contudo, Aulén defende que o tipo clássico integra, de maneira superior, tanto as dimensões objetivas quanto subjetivas da salvação, alcançando, assim, um pleno equilíbrio entre justiça e transformação interior.⁵⁶ Dessa forma, a recapitulação de Cristo não se limita a reparar o estrago causado pelo pecado, mas engloba também a renovação interna do crente, mostrando a eficácia e a abrangência do modelo clássico.

David Bentley Hart⁵⁷ também expressa ressalvas quanto à incapacidade de modelos expiatórios puramente transacionais, no sentido legal e jurídico, de abordarem com impacto os aspectos da realidade que vão além de uma mera compensação de penas. Ele observa que esses modelos não abarcam a dimensão relacional do perdão, a vivência de comunhão entre Deus e a humanidade, nem a libertação abrangente da criação, todos esses elementos centrais na narrativa bíblica da expiação. Como o autor aponta:

Para os primeiros cristãos, a história da salvação era inteiramente um relato de resgate em sua totalidade: a epopeia de Deus descendo às profundezas do afastamento humano para libertar suas criaturas do cativeiro da morte, penetrando até o coração do Hades para pôr em liberdade os cativos, chamar de volta seus filhos pródigos e restaurar uma criação quebrada. O sacrifício

⁵⁵ RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oito expressões dos quatro tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista.** Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156>. p. 125–126.

⁵⁶ RENDERS, *op.cit.* p. 137.

⁵⁷ HART, David Bentley. **That All Shall Be Saved: Heaven, Hell, and Universal Salvation.** New Haven: Yale University Press, 2019. p. 24-27.

de Cristo não foi um “resgate” pago ao Pai, mas sim o “preço de alforria” (ἀντίλυτρον, λύτρον) oferecido para comprar a liberdade dos escravos retidos em cativo na casa da morte.⁵⁸

Segundo Hart⁵⁹, Gregório de Nissa entende que a humanidade alcançará sua plenitude concreta apenas ao final do longo processo temporal (“*akolouthia*”), isto é, quando o tempo histórico atingir seu propósito. Só então toda a humanidade plenamente redimida será recapitulada em Cristo. Hart⁶⁰ reforça que, nesse processo, Cristo assume a finitude e a história humana, reorientando-as ao seu propósito original e restaurando, por meio de sua encarnação, morte e ressurreição, toda a humanidade como uma unidade viva.

A teologia patrística, especialmente representada pela tipologia clássica da expiação, não se restringe aos paradigmas tradicionais da retribuição divina ou à moralidade individual. Ela não deve ser compreendida exclusivamente por categorias religiosas ou morais, como ocorre na teologia liberal. Em vez disso, esse modelo enxerga o dilema humano fundamental como uma forma de sujeição a poderes opressivos, sejam eles políticos ou econômicos. Assim, a teoria clássica não se enquadra inteiramente nas categorias de expiação puramente objetiva ou subjetiva; propõe também uma abordagem intersubjetiva e social, com implicações concretas para a libertação coletiva e para o engajamento crítico com as estruturas deste mundo.⁶¹

4 UMA PROPOSTA PARA ENTENDER A EXPIAÇÃO

A razão fundamental para a limitação dos modelos expiatórios dominantes reside no fato de que os pais reformadores não consideraram a expiação em seu contexto escatológico, isto é, em relação ao destino que Deus reservou aos destinatários dessa obra redentora. O propósito da salvação está intrinsecamente vinculado à forma pela qual ela se efetiva.⁶² Esse fato contribui, em parte, para que, ao tratarmos de escatologia,

⁵⁸ HART, David Bentley. **That All Shall Be Saved: Heaven, Hell, and Universal Salvation**. New Haven: Yale University Press, 2019. p. 25-26. Tradução nossa.

⁵⁹ HART, *op.cit.* p. 140.

⁶⁰ HART, *op.cit.* p. 141.

⁶¹ KOTSKO, A. **The Persistence of the Ransom Theory of the Atonement**. In: JOHNSON, A. J. (ed.). *T&T Clark Companion to Atonement*. London, Oxford, New York, New Delhi, Sydney: 2017. p. 278.

⁶² WRIGHT, N.T. *The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion*. New York: HarperOne, 2016. p. 28. E BARTH, Karl. **Church Dogmatics: The Doctrine of**

concentremos nossa atenção sobretudo no destino sobrenatural da existência, notadamente céu e inferno, em vez de enfatizarmos a realidade da nova criação que se inaugura pela vida e obra de Cristo.⁶³

Jurgen Moltmann alerta sobre os perigos dessa inversão de valores em *The Crucified God* (1993). Nessa obra, ele discute a importância de integrar a cruz e a ressurreição de Cristo dentro de uma perspectiva escatológica ampla — ou seja, como o início de uma nova realidade para toda a criação. Moltmann adverte que, se a cruz for interpretada apenas como um sacrifício expiatório restitutivo, ela corre o risco de se tornar um ato voltado para restaurar uma ordem jurídica passada (restituição), em vez de um evento que inaugura uma nova realidade de vida e libertação.⁶⁴

Segundo o autor, tais teorias abstratas de expiação fazem manutenção do código penal do Antigo Testamento, pois se limitam a reparar o pecado individual sem promover uma nova vida ou uma transformação concreta do mundo. Para Moltmann, a ressurreição de Cristo não apenas confirma a vitória sobre o pecado; ela transforma a realidade, estabelecendo o início do Reino de Deus aqui e agora. Reduzir a obra de Cristo a uma transação jurídica nega, portanto, sua dimensão escatológica e impede que a cruz atue como critério crítico da realidade injusta do mundo, assim como em ponto de partida para a transformação concreta dessa realidade. Dessa forma, a morte e a ressurreição de Cristo são inseparáveis: juntas, elas representam o começo da nova criação. Ignorar essa dimensão escatológica, ou seja, tratar a cruz apenas como “salvação individual”, é perder a força transformadora que o evento traz para a sociedade e para a história.

A missão de Jesus, sua pregação, e sua vivência como ser humano eram intrinsecamente escatológicas. Em outras palavras, a escatologia neotestamentária não se trata apenas de algo que ainda está por vir, mas de algo que se inaugura em Jesus de

Reconciliation. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0. p. 105–106.

⁶³ WRIGHT, *op.cit.* p. 29.

⁶⁴ MOLTSMANN, J. **The crucified God: the cross of Christ as the foundation and criticism of Christian theology** [Der gekreuzigte Gott]. 1st Fortress Press ed. Traduzido por R. A. Wilson and John Bowden. Minneapolis: Fortress Press, 1993. p. 182-187.

Nazaré.⁶⁵ Esse aspecto é fundamental para compreendermos a totalidade da ação redentora de Cristo, pois estabelece que já agora, por meio dele, a restauração da criação e a libertação humana começam a acontecer. Isso se torna evidente na proclamação do Reino de Deus, “o tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1.14–15), e na afirmação programática de que as bênçãos esperadas “na idade vindoura já estavam sendo realizadas na missão de Jesus”⁶⁶

N. T. Wright reflete sobre essa mesma dimensão em *The Day the Revolution Began* (2016). Wright critica os modelos dominantes de expiação por serem reducionistas, especialmente o modelo do “contrato de obras”, que entende a cruz como pagamento de uma dívida legal exigida por um Deus irado. Para ele, essa estrutura teológica compromete a beleza do evangelho e desvia a atenção da verdadeira vocação do ser humano. Em vez disso, o autor propõe que a cruz deve ser compreendida dentro de uma “aliança de vocação”, na qual o chamado original da humanidade é restaurado. Wright esclarece que o foco da cruz não está nas “obras”, sejam as humanas ou as de Cristo, mas na restauração da vocação humana, que consiste em adorar a Deus e refletir sua imagem no mundo. Assim, a expiação não é uma simples solução para o problema do pecado; ela é o meio pelo qual os seres humanos são reconciliados com sua missão original.⁶⁷

Para Wright, a morte de Jesus não se reduz a um evento religioso, mas constitui um acontecimento revolucionário que transforma a realidade do mundo. Ele destaca que, já ao final daquela sexta-feira da Paixão, o mundo havia mudado para os discípulos de Jesus, pois uma nova ordem havia sido instaurada. A cruz representa o início de uma nova era, marcada pela subversão dos poderes do mal e pelo surgimento de um novo tipo de realeza e poder (Wright, 2016, p. 8).⁶⁸ Em vez de tratar a cruz como teoria

⁶⁵ DUNN, James D.G. **Teologia do Novo Testamento: uma introdução**. Tradução de Karen Clavery Macedo e Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 147–148.

⁶⁶ DUNN, *op.cit.* p. 148.

⁶⁷ WRIGHT, N.T. *The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus’s Crucifixion*. New York: HarperOne, 2016. p. 28. E BARTH, Karl. **Church Dogmatics: The Doctrine of Reconciliation**. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0. p. 330.

⁶⁸ WRIGHT, N.T. *The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus’s Crucifixion*. New York: HarperOne, 2016. p. 28. E BARTH, Karl. **Church Dogmatics: The Doctrine of Reconciliation**. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0. p. 8.

abstrata, Wright propõe que os evangelhos apresentam uma narrativa viva e concreta: a cruz é explicada por meio de uma história encarnada, por gestos como a refeição e pelo serviço humilde. Ela não é um mecanismo espiritual de punição, mas o clímax de uma história sobre o amor de Deus sendo encarnado e vitorioso no mundo (Wright, 2016, p. 336).⁶⁹

A cruz, portanto, é a vitória de Jesus sobre os poderes antagônicos a Deus e à criação, poderes que assumiram autoridade indevida por meio da idolatria e da injustiça humanas. A vitória de Cristo não é apenas espiritual; ela é real e abrangente, convocando os redimidos a participarem dessa transformação histórica. A expiação, nesse sentido, assume a forma de libertação ativa, que se manifesta de modo concreto na história (Wright, 2016, p. 336).⁷⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a obra redentora de Cristo vai além do perdão individual e abrange a derrota das forças da idolatria, do mal e da injustiça, que distorcem a vocação humana. Em Romanos, Paulo apresenta o pecado não apenas como erro moral, mas como expressão de adoração desviada, revelando uma falha de natureza doxológica. Assim, a expiação não deve ser vista apenas como um ato na cruz, mas como um processo que envolve encarnação, morte, ressurreição e ascensão, apontando para o Cordeiro imolado antes da fundação do mundo.

A partir da perspectiva do modelo clássico, *Christus Victor*, a expiação comunica não só vitória cósmica sobre o mal, mas também a mobilização dos redimidos como participantes ativos no Reino de Deus. Textos como Apocalipse 1:5-6 e 2 Coríntios 5-6 mostram que a obra de Cristo concede ao seu povo uma nova identidade coletiva: o sacerdócio real. Trata-se de uma vocação restaurada, que inaugura uma nova humanidade comprometida com a reconciliação e com a missão do Reino.

Contudo, mesmo com a ênfase escatológica presente em autores como Wright (2016) e Moltmann (1993), nota-se que, na prática pastoral, a ressurreição é

⁶⁹ WRIGHT, *op.cit.* p. 336.

⁷⁰ WRIGHT, *op.cit.* p. 336.

frequentemente negligenciada em favor de uma centralidade quase exclusiva na morte de Cristo. Isso empobrece a compreensão da expiação como inauguração de uma nova criação. A cruz inicia o processo; a ressurreição o confirma e o impulsiona. Juntas, essas dimensões são inseparáveis e formam a resposta completa de Deus ao problema do mal.

No Novo Testamento, a salvação é comunicada por meio de metáforas variadas e, às vezes, tensionadas entre si. Como adverte Dunn (2021), o risco de sistematizar rigidamente essas imagens, transformando poesia em prosa, é trair a intenção original dos autores bíblicos. As metáforas bíblicas visavam comunicar a realidade vivencial da salvação e não estabelecer doutrinas fechadas sobre seu funcionamento.

Além disso, diante da crescente sensibilidade da sociedade contemporânea à linguagem violenta e punitiva, é necessária atenção ao modo como comunicamos a cruz. Quando a substituição penal é mal explicada, pode reforçar a ideia de um Deus tirano, cujo amor precisa ser “comprado” com sofrimento. Wright (2016) adverte que, mesmo pregadores bem-intencionados, muitas vezes, sem perceber, reforçam essa imagem na forma como falam de Deus e da cruz. Isso não apenas obscurece a beleza do evangelho, mas compromete sua recepção entre os ouvintes.

Este estudo limitou-se à análise de duas teorias principais. Uma investigação mais abrangente poderia incluir a Teoria Moral (Abelardo) ou abordagens narrativas contemporâneas que ampliem o alcance simbólico e litúrgico da expiação. Além disso, estudos interdisciplinares entre teologia e ciências sociais poderiam aprofundar o impacto ético e político das concepções expiatórias, especialmente no enfrentamento das estruturas de opressão e injustiça em contextos atuais.

Em última análise, há um consenso fundamental entre os diversos modelos apresentados: Deus agiu em Cristo por amor. É esse amor que deve moldar nossa teologia, nossa pregação e nosso modo de viver. A fidelidade ao evangelho não exige apenas precisão doutrinária, mas também sensibilidade pastoral e compromisso com a missão de reconciliar todas as coisas em Cristo.

REFERÊNCIAS

ALLEN, David. **The atonement**. 2019, B&H Academic. [edition unavailable]

Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2694976>. Acesso em: 11 de mar. 2025.

AULÉN, Gustaf. **Christus Victor: an historical study of the three main types of the idea of atonement**. 3. ed. Tradução de A. G. Herbert. [S.l.]: Wipf and Stock Publishers, 2003. 182 p. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/1723013>. Acesso em: 30 de abr. 2025.

BARTH, Karl. **Church Dogmatics: The Doctrine of Reconciliation**. Vol. IV, §§ 57–59. Tradução de G. W. Bromiley. Londres; Nova York: T&T Clark, 2009. ISBN 978-0-5674-0662-0.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** / Louis Berkhof; trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

BIRD, Michael F. **Romans, The Story of God Bible Commentary** [Grand Rapids: Zondervan, 2016].

BUTLER, G. **Appeasement of a monster God? A historical and biblical analysis of Penal Substitutionary atonement**. *Themelios*, v. 46, i. 1, 2021. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/appeasement-of-a-monster-god-a-historical-and-biblical-analysis-of-penal-substitutionary-atonement/>

CALVIN, John. **Institutes of the Christian Religion**. Translated from the Latin and collated with the author's last edition in French by John Allen. 7th American ed., revised and corrected. Vol. I. Philadelphia: Presbyterian Board of Christian Education, 1936. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.1057/page/n75/mode/2up>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CRAIG, William Lane. **The Atonement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. ISBN 978-1-108-45740-8.

CRAIG, William Lane. **Is Penal Substitution Unjust?** *International Journal for Philosophy of Religion*, v. 83, p. 231, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11153-017-9654-x>.

DUNN, James D.G. **Teologia do Novo Testamento: uma introdução**. Tradução de Karen Clavery Macedo e Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

GEISLER, Norman. **Systematic Theology**. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. 1st Edition. ed. [S.l.]: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, v. One and Two, 2010.

HART, David Bentley. **That All Shall Be Saved: Heaven, Hell, and Universal Salvation**. New Haven: Yale University Press, 2019.

KOTSKO, A. **The Persistence of the Ransom Theory of the Atonement**. In: JOHNSON, A. J. (ed.). *T&T Clark Companion to Atonement*. London, Oxford, New York, New Delhi, Sydney: 2017. p. 277-294.

MOLTMANN, J. **The crucified God: the cross of Christ as the foundation and criticism of Christian theology** [Der gekreuzigte Gott]. 1st Fortress Press ed. Traduzido por R. A. Wilson and John Bowden. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

Moo, D. **Romans**. [edition unavailable]. Zondervan Academic. 2009. Disponível em:

<https://www.perlego.com/book/561327>. Acesso em 11 Mar. 2025.

MORRIS, L. **The Epistle to the Romans** [Grand Rapids: Eerdmans, 1988]. PACKER, J.I. **Knowing God**. Reprint ed. InterVarsity Press, 1993.

RENDERS, H.; SANTOS, V. C. **As oito expressões dos quatro tipos principais da teoria da expiação: as teologias da cruz em uma perspectiva metodista**. Estudos de Religião, v. 36, n. 3, p. 121-156, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n3p121-156>.

SMEDES, Lewis B. **The Incarnation: Trends in Modern Anglican Thought** (Kampen, Netherlands: J. H. Kok, 1953).

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Petrópolis, RJ: Editora Ultimato, 2007. 522 p. ISBN 09788570550248.

WALTON, John H. **The Lost World of Genesis One**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009. ISBN 978-0-8308-3704-5.

WRIGHT, N.T. **The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion**. New York: HarperOne, 2016.